Digitized by the Internet Archive
in 2016 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/colleccaodememor00mach

SUBSÍDIOS PARA A HISTORIA DA ARTE PORTUGUESA

V

COLLECÇÃO DE MEMORIAS

RELATIVAS ÁS VIDAS DOS PINTORES,
E ESCULTORES, ARCHITETOS, E GRAVADORES
PORTUGUESES,
E DOS ESTRANGEIROS,
QUE ESTIVERÃO EM PORTUGAL

RECOLHIDAS E ORDENADAS

POR

CYRILLO VOLKMAR MACHADO

SEGUIDAS DE NOTAS

PELOS

Dr. J. M. Teixeira de Carvalho

E

Dr. Vergilio Correia

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1922

COLLECÇÃO DE MEMORIAS

SUBSÍDIOS
PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

I — VERGÍLIO CORREIA — Um túmulo Renascença. A sepultura de D. Luís da Silveira em Gois. — Com um prefácio do Dr. Teixeira de Carvalho. — 1 vol. broch. 3$00.

II — D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS — Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal. — Edição refundida e ilustrada. — 1 vol. broch. 5$00.

III — Index da Fazenda do mosteiro de Celas. Manuscrito de Fr. Bernardo d'Assunção, publicado e revisto pelo Dr. Teixeira de Carvalho. — 1 vol. broch. 4$00.

IV — JOSÉ DA CUNHA TABORDA — Regras da arte da pintura, com breves reflexões críticas sôbre os caracteres distintivos das suas escolas, vidas e quadros dos seus mais célebres professores. Escritas na língua italiana por Michael Angelo Prunetti e acrescida duma Memória dos mais famosos pintores portugueses e dos melhores quadros seus. — 1 vol. broch. Tiragem especial — 10$00. Em papel de algodão — 5$00.

V — CYRILLO VOLKMAR MACHADO — Collecção de Memorias, relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes, e estrangeiros, que estiverão em Portugal. Revista e anotada pelos Drs. Teixeira de Carvalho e Vergílio Correia.

A sair:

PEDRO FERNANDES TOMÁS — Canções da Beira. 2.ª edição, refundida e revista pelo autor.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO — Opúsculos.

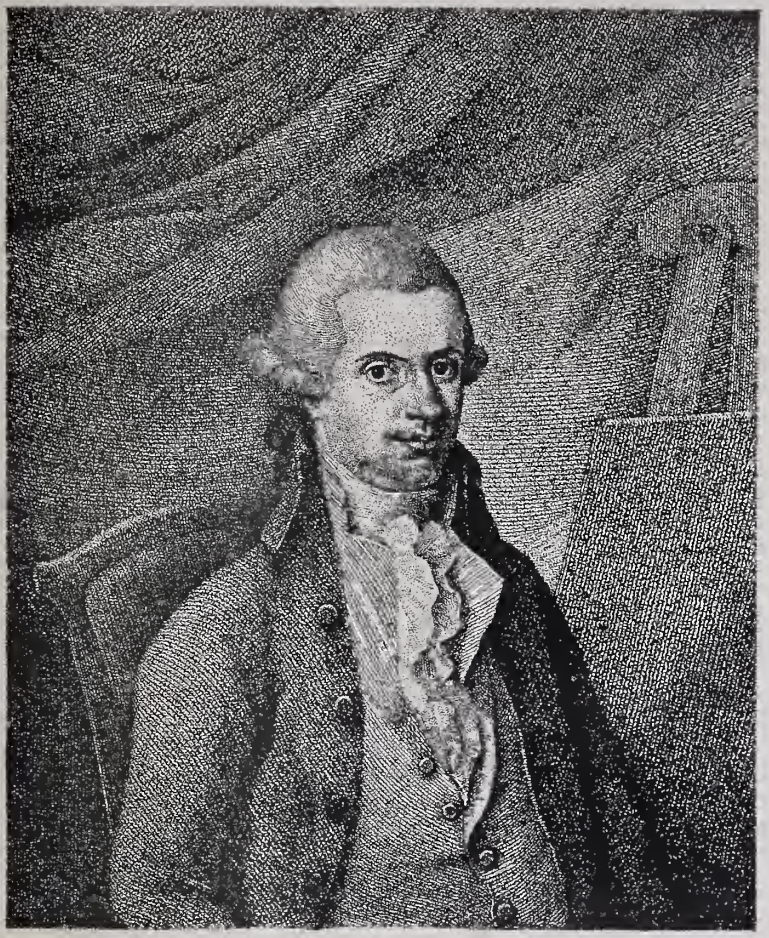
D. JOSÉ PESSANHA — Subsídios para a História das artes industriais em Portugal

D. JOÃO IV — Defensa de la musica moderna contra la errada opinion del obispo Cyrillo Franco.

J. C. RODRIGUES DA COSTA — João Baptista, Gravador Português do século XVII. (1628-1680) — Contribuição para a História da Gravura em Portugal.

VERGÍLIO CORREIA:
Artistas de Lamego.
Santa Cruz de Coimbra. — Artistas e obras de arte.
Artistas portugueses em Itália.

ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES — Estatuária lapidar no Museu Machado de Castro de Coimbra. Com ilustrações.



EIS O EXIMIO PINTOR, DOUTO CYRILLO;
TÃO GRANDE NA LIÇÃO, COMO NO ESTILLO.

M. Servam Pintou em 1791 *Queiroz G. de S. Mag. Fidel. sculp em 1823*

Reprodução do retrato que acompanha a 1.ª edição

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

V

COLLECÇÃO DE MEMORIAS

RELATIVAS ÁS VIDAS DOS PINTORES,
E ESCULTORES, ARCHITETOS, E GRAVADORES
PORTUGUEZES,
E DOS ESTRANGEIROS,
QUE ESTIVERÃO EM PORTUGAL

RECOLHIDAS E ORDENADAS

POR

CYRILLO VOLKMAR MACHADO

SEGUIDAS DE NOTAS

PELOS

Dr. J. M. Teixeira de Carvalho

E

Dr. Vergílio Correia

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1922

Desta edição fez-se uma tiragem especial
de 100 exemplares,
numerados e rubricados

N.º 13

Dr. Joaquim de Carvalho

COLLECÇÃO DE MEMORIAS,

RELATIVAS

A'S VIDAS DOS PINTORES, E ESCULTORES, ARCHITETOS, E GRAVADORES PORTUGUEZES,

E dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas, e ordenadas

POR

CYRILLO VOLKMAR MACHADO,

Pintor ao Serviço de S. Magestade.

O SENHOR D. JOÃO VI.

LISBOA,

NA IMP. DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.

ANNO DE 1823.

Calçada do Collegio N.º 6.

Reprodução do Frontispício da 1.ª edição

AVISO DO EDITOR.

Publicão-se as Memorias, que á cerca dos Pintores, Escultores, Architectos, e Gravadores Portuguezes, e dos Estrangeiros que estiverão em Portugal; forão escritas por Cyrillo Volkmar Machado, a quem a natureza dotou de hum talento raro para exercitar a nobre Arte da Pintura, e por onde veio a conseguir aquelles fins, a que huma irresistivel inclinação chama muitas vezes os talentos extraordinarios a seguirem as applicações para que forão destinados. Julgamos fazer á Patria, e á Gloria Nacional algum serviço publicando estas Memorias, que seu Author recolheo com summo trabalho, e que a sua modestia, e natural encolhimento não ousou publicar em sua vida. Ninguem poderá duvidar, que são entre nós mui escassas, e até eneditas as noticias de todos aquelles Artistas, que ennobrecêrão a Nação por meio de suas Obras, e quando os Vasaris, Rafaeis Sopranes, Rossis, Leonardos d'Vinci, e Palominos se occupárão em deixarem á posteridade hum monumento precioso, e duravel de todos aquelles homens,

que honrárão as Artes; tem havido entre nós o mais ingrato silencio, não perpetuando a memoria de muitos Portuguezes nellas insignes. Não alteramos em nada a substancia, e a ordem destas Memorias, á excepção de algumas pequenas observações á vida do Author, escrita por elle mesmo. Os Sabios Artistas, os homens de gosto, e amadores das bellas Artes não poderão deixar de ter em grande conta huma obra que pelo seu objecto, e novidade se faz merecedora da acceitação publica.

PREFACIO.

A estimação que as gentes polidas, e de gosto delicado tem feito sempre das boas pinturas, e d'outros objectos da Arte, conduz naturalmente ao desejo de conhecer os seus authores, e para os fazer conhecidos, e celebrados, tem-se posto em uso todos os meios possiveis, sem exceptuar as apotheoses. Elles tem sido louvados em verso, e em prosa, e incensados com os epítetos de divinos; tem-se-lhes levantado estatuas, e multiplicado retratos em estampas, medalhas, pinturas, e esculturas; tem-se-lhes prodigalisado habitos, commendas, titulos, magistraturas, e cargos os mais honorificos; ricas prebendas, rendas avultadissimas, e toda a sorte de premios. Os homens mais doutos, e ás vezes os mais eminentes em dignidades, tem composto em seu louvor disticos, epitafios, elogios, e orações funebres: os funeraes de alguns tiverão singular pompa e magnificencia, e os mausoléos de muitos excedem em riqueza, e primor de desenho os dos das maiores personagens.

Mas persuadidos os seus admiradores de que tantas honras não compensarião bem a que delles recebião; e querendo talvez evitar para o futuro contendas, como as

que tiverão os Gregos sobre a verdadeira patria de Homero, costumárão-se a trocar seus proprios appelidos pelos das suas patrias, chamando-lhes Rafael d'Urbino, Ticiano de Cador, Paulo Veronez, o Corregio, Pedro de Cortona, Vasco de Viseu; Vieira Lusitano, &c. &c.

Não contentes ainda com estes, que a muitos parecêrão excessos, quizerão tambem primeiro reconhecer, e depois indicar os caminhos por onde elles havião subido ao templo da Immortalidade; a fim de que os vindouros pudessem chegar com mais facilidade ao cume daquelle monte, ou ao menos aproximarem-se muito a elle; e para esse fim escrevêrão as suas vidas, e descrevêrão as suas obras.

Muitos forão os antigos que nisto se occupárão: Parrhasio, Antigono, Senocrates, Pomponio Attico, Varrão, Juba 2.º Plinio, Plutarco, Laercio, Philostrato, Aristodemo de Caria, Callicrates, e outros.

Paulo Jovio foi hum dos primeiros entre os modernos que intentou metter mão ao mesmo trabalho, e para o fazer com acerto tinha dois grandes requesitos; muita elequencia, e muita sabedoria; mas como lhe faltava o mais indispensavel, isto he, a prática da Arte, de que era preciso fallar com critica, magisterio, e linguagem particular, desistio da empreza, e reconheceo que Jorge Vasari, como bom artista, ainda que menos litterato, era mais capaz de que elle para aquelle desempenho.

Com effeito Vasari escreveo as vidas dos mais notaveis pintores, escultores, e architetos que florecêrão desde o meado do 13.º século até o anno 1567, e publicou as suas memorias em Florença em 3 volumes de 4.º com retratos. Esta obra, apezar de alguns defeitos, teve logo, e tem tido

sempre grande acceitação; e foi continuada por João Pedro Bellori, Octavio Leoni, Leão Pascoli, e alguns mais.

Filippe Baldinucci, Florentino, tambem escreveo as vidas dos pintores, e gravadores até 1670. Carlos Cesar Malvasia, Antonio Lambertini, José Guiduloti, João Pedro Zanoti, e outros, escrevêrão dos pintores Bolonhezes, e fizerão estampar os seus retratos. Rafael Soprani, e Carlos José Ratti tratárão dos artistas Genovezes; Bernardo Dominice dos Napolitanos; Santagostini dos Milaneses. Redolfi dos Venezianos.

Nem sómente cada nação, mas cada cidade da Italia quiz prezar-se de ter visto nascer no seu seio alguns artistas famosos; e Luiz Vedriani escreveo dos Modenezes, José Montani dos de Pesaro, e Urbino; Leão Pascoli dos Peruginos; Maffei, e Bartholomeo del Pozzo dos de Verona; Agostinho Superbi dos Ferrarezes; sem fallar d'outros muitos por não abusar da paciencia dos Leitores.

He muito para notar que só a Italia, ainda que circunscripta por limites bastantes estreitos, tem creado mais, e melhores artistas que todo o resto do mundo; e os authores que tem dado o nome de escollas aos modos de pintar das diversas nações, reconhecem fóra da Italia só quatro escollas, que são a Alemã, a Flamenga, a Hollandeza, e a Franceza; e dentro della seis: a Romana, a Florentina, a Veneziana, a Lombarda, a Genoveza, e a Napolitana. Elles unem a Hespanhola com a de Napoles, e a Ingleza com a de Flandes.

Cada huma destas escollas tem certos signaes caracteristicos: a Romana, que reconhece por chefe a Rafael, e em cujo territorio se conservão ainda os soberbos, e bellis-

simos restos da grandeza Romana, e da sciencia dos Gregos, destingue-se pela elevação, e nobreza das idéas, magnificas composições, grandioso, elegante, e correto desenho. Florença, que foi o berço da arte na sua segunda infancia, e que deo o ser a tantos homens famosos, e ao Bonarota; que vale por muitos, tambem se distingue na magestade das suas invenções, e na regularidade, e sciencia do desenho. A escola Veneziana, que reconhece por seu mestre o Ticiano, tem-se como elle, singularisado pela belleza do colorido; engenhosas invenções, e toque espirituoso. A Lombarda, bafejada sempre pela graça do Corregio, he estimada pelos contornos correntes, e elegantes; pela sciencia do claro-escuro; bello colorido; nobre expressão; e tem sido a mais fecunda em grandes homens. Os Pintores Genovezes, e Napolitanos, variavão muito os seus estilos, seguindo cada hum aquella escolla que melhor lhe parecia.

Lucas Cambiaso, e o Baccici fazem muita honra a Genova, assim como Salvador Rosa, Lucas Jordão, Solemena, e Conca dão muito credito a Napoles.

Em quanto ás escolas d'aquem dos montes, o signal caracteristico da Alemã, fundada por Alberto Durer, he a imitação da natureza, tal como ella se appresenta á nossa vista, sem fazer escolha do que he mais digno de ser pintado. A Escola Flamenga, que se jacta de ter visto florecer hum Rubens, e hum Vandyk, he forte no colorido, na sciencia do claro-escuro, n'hum pincel pastoso, e suave; mas copiando tambem o natural do seu paiz sem a melhor escolha. A Hollandeza destingue-se mais pelo asseio, e excessiva paciencia, que pela nobreza, e dignidade dos assumptos; mas o collorido de Rembrandt acredita muito

esta escola. A Ingleza he tão pequena, principalmente em Pintores do grande genero, que á maior parte dos Biografos esqueceo de a nomear: o seu forte são os retratos; e Reynolds, e Owest. são os seus Pintores mais acreditados. A Escola Franceza póde-se vangloriar de haver creado hum Poussin, e hum LeBrun; assim como a Hespanha hum Valasques, e hum Murillo. Sandrart, Vander-Meulen, Descamps, Houbraken, Wauwermans, S. Palmer, Malone, e outros, escrevêrão as vidas dos Pintores do Norte: Felibien d'Argenville, De Pilles, etc. as dos Francezes; Palomino, Ponz, Bermudez, as dos Hespanhoes.

Temos dado huma breve noticia das diversas Escolas, e dos Authores, que escrevêrão as vidas dos seus allumnos; mas nenhum escriptor tem fallado atégora da Escola Portugueza. Este vácuo que se acha na historia geral da Arte, pareceo mal ao Arcebispo d'Evora D. Fr. Manoel do Cenaculo, e parece segundo o seu modo de se exprimir em algumas das suas obras, que de boa vontade o encheria senão se achasse embaraçado nas mesmas difficuldades, que servirão de obstaculo a Paulo Jovio.

Outro sabio, o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, Bibliothecario Regio na Livraria Pública, animado pelo mesmo espirito, recolheo as memorias que pôde encontrar dos nossos Artistas; e no fim do ultimo seculo, sabendo que nós faziamos as mesmas diligencias, nos mandou generosamente offerecer a sua collecção.

He tambem muito digno dos nossos elogios outro Varão tão conhecido dos sabios, como presado dos Artistas: O Thesoureiro Mór da Insigne e Real Collegiada de Santarem, Luiz Duarte Villela da Silva, tem feito resurgir dos

Cartorios do Reino muitas memorias sobre esta materia, que alli jazião como sepultadas.

Hum Artista bem conhecido, José da Cunha Taborda, Pintor ao Real Serviço de Sua Magestade, tambem fez grande sacrificio de tempo precioso, penosos trabalhos, e consideraveis despezas para dar ao prelo as Memorias que publicou em 1815.

Ha 30 ou mais annos que, desejando nós satisfazer a propria curiosidade, e tambem a dos estimadores da Arte, que nos consultavão sobre esta materia, começamos a entrar nestas indagações; e já em 1794 tinhamos hum Cathalogo sufficiente para que hum sabio, e grande da Côrte, nos persuadisse a que o mandassemos imprimir: Fazendo depois novas acquisições, e tendo amontuado hum certo volume de materiaes, que dispersos, e perdidos, não se tornarião facilmente a reunir, tomámos a resolução, (pelo amor que professamos á Arte, e á Patria) de os publicar na melhor ordem possivel, para que no tempo futuro possão servir de guia a algum Artista mais aballisado, que intente aperfeiçoar este trabalho.

Parece-nos justo indicar as fontes d'onde derivárão estas noticias: Alem de Palomino, Bermudes, Abecedario pictorico, e outros livros que todos conhecem, consultamos alguns M. S. menos conhecidos; e vem a ser: Antiguidade e nobreza da Pintura por Felix da Costa 1696. O Tratado da Pintura de Francisco d'Hollanda. Relação dos Pintores e Escultores que florecêrão no seculo de 1700, de que ha obras publicas, escripta por Pedro Alexandrino de Carvalho. Este cathalogo foi solicitado por D. José Cornide, da Real Academia da Historia de Madrid; e pelos DD. Nar-

ciso Heredea, e D. Manoel Carrilho, que nos fins do seculo viajárão em Portugal por ordem da Corte de Hespanha, para recolher memorias de Artistas, e de obras notaveis das boas artes. Sylva laudatoria da Pintura, em que Francisco Xavier Lobo elogia os bons Pintores, Escultores, e Architetos do seculo 18. Noticia de todos os Pintores, etc., que com Protecção Regia forão estudar em Roma, por intervenção do Intendente Geral da Policia, Diogo Ignacio de Pina Manique nos fins do século 18, escrita por José da Cunha Taborda. Outra noticia sobre a mesma materia, dada pelo Cavalheiro Arcangelo Fosquini. Memorias de muitos pintores, cujos nomes se achão nos livros da Irmandade de S. Lucas, com as datas do tempo em que assentárão por Irmãos, em que servírão em meza, e ás vezes do em que fallecêrão; começando em 1607, e acabando em 1794. Por estes livros verificámos os verdadeiros nomes de algnns que andavão errados na tradição, e os tempos em que quasi todos florecêrão.

Além das noticias escriptas tivemos outras, que nos derão de viva voz os Pintores antigos, como José Carvalho Rosa, Jeronymo de Andrade, Simão Caetano, Pedro Alexandrino, José Antonio Narciso, Francisco Gomes, e outros. Joaquim Carneiro deo-nos todas as noções relativas á instituição das aulas do desenho, e gravura que elle dirigio. João Paulo fez-nos scientes do que tocava á aula dos estuques. Antonio Joaquim de Figueiredo, do que pertencia á aula do desenho, e gravura do Arsenal Real do Exercito. Antonio Fernandes Rodrigues da aula do desenho do Castello; Joaquim Marques, e Luiz Antonio da escola da fábrica das caixas. Alexandre Giusti, Alexandre Gomes,

o cavalleiro Barros, Braz Toscano, e Joaquim Antonio de Macedo derão-nos noticias das aulas de desenho e escultura, estabelecidas em Mafra, e em Lisboa; nem ha Artista que não tenha alguma parte nesta pequena obra, porque todos nos derão de muito bom grado as informações que estavão ao seu alcance, sobre esta materia de que se trata.

Esta obra será dividida em 3 partes. Na 1.ª trataremos dos Pintores propriamente ditos. Na 2.ª faremos menção dos Architectos, e Pintores de arquitetura, e ornatos, de paizagens etc. Na 3.ª fallaremos dos Escultores, e Gravadores, etc.

PARTE PRIMEIRA.

Das Vidas dos Pintores.

Esta divisão pareceo-nos commoda, e natural, e por isso a seguimos; e nem se entenda que damos preferencia aos que vão na 1.ª parte sobre os da 2.ª ou 3.ª A Arte he similhante a huma frondosa arvore, tem tronco, e tem ramos mais, e menos elevados, e vemos ás vezes dos menos altos sahirem dos ramos mais rasteiros fructos preciosos. Hum Bacarelli, hum Lourenço da Cunha, hum Pillement que collocamos na 2.ª parte. Manoel Pereira, José de Almeida, Joaquim Carneiro, e Bartolozzi que vão na 3.ª, são mui superiores em merecimento a Francisco Pinto, José Caetano, Francisco de Setubal, e muitos outros que acharão lugar na 1.ª parte.

Brevissimas observações sobre a origem e progressos da Pintura.

Os Historiadores não concordão sobre o tempo em que a pintura fôra inventada; mas podemos suppôr que no estado de grande imperfeição nunca deixou de existir. Bem

sabem todos que os viajantes modernos a tem achado entre os mesmos povos brutos, e salvagens.

Os Egypcios, desde os tempos mais remotos fizerão uso da Arte; e ainda se encontrão naquelles paizes, columnas, paredes, e mumias ornadas com pinturas, e doiraduras, conservando-se as tintas frescas, e brilhantes. Elles conhecião seis côres; branca, azul, amarella, preta, encarnada, e verde, perfilavão com preto sobre apparelho branco, e usavão as tintas inteiras.

No Palacio d'Osimandias estava pintada a sua expedição contra os Bactrianos, e outros combates, e triunfos.

Tambem fallão os Authores em paineis esmaltados, que Simiramis mandára pintar nos muros de Babilonia.

Nas ruinas de Ispahan ainda se via, ha poucos tempos, hum moisaico com 18 ou 19 figuras, de que temos o desenho, representando a marcha para hum sacrificio.

Cleantho, e Aristides de Corintho, e Thelefano de Sicyonia, que vivião antes da guerra de Troya, forão talvez os primeiros Pintores Gregos de que as historias fazem menção; mas Pintores taes, que sem hum letreiro nimguem adevinharia se a figura pintada por elles era de homem ou de mulher. De tão baixos principios foi a Arte subindo pouco a pouco até a 94.ª Olimpiada; tempo em que Apolodoro abrio a porta aos belos dias da Pintura, excedendo muito os seus antecessores; e o que mais he, louvando sem inveja, e sem ciume Zeuis, seu rival, que o excedia. Depois delle florecêrão os mais raros Pintores que vio o Universo; Thimantes estabeleceo a perfeita Symmetria, e deu mais vida e acção ás figuras; Parrhasio animou as expressões; Zeuis excedeo a todos no colorido; Pamphilio

na composição; Eufranor no caracter competente a cada personagem; Aristides nas paixões d'alma; Necophanes na sábia destribuição da scena do quadro; e Apelles na reunião de todas as bellezas combinadas com a graça. Este homem unico confessava ingenuamente, que muitos dos seus competidores o excedião em alguma parte essencial da Arte; mas nenhum possuio tantas em gráo tão superior como elle.

Os progressos das sciencias fazem-se por degráos despostos em linha circular: quando se chega ao mais alto todos os outros passos tendem para a decadencia; e assim aconteceo aos successores de Apelles, que querendo passar adiante introduzirão brilhantes falsos, e novidades inuteis; e quanto derão ao superfluo tirárão ao essencial.

Na Grecia porêm, apezar da declinação, conservou-se a Arte bastante tempo com muito esplendor, e communicou as suas luzes ao Imperio Romano, á Asia, e ao Egypto.

Seguio-se depois o dominio das Nações Barbaras, que sendo feridas de cegueira pela mais crassa ignorancia; parece que lhes faltou a visão intencional, como falta aos brutos; de sorte que a pericia na Arte chegou a perder-se de todo: bem se entende que esta perda não procedeo tanto da inercia dos artifices, como da estupidez do vulgo a quem elles precisavão agradar para subsistir. Quando o publico he illustrado, cada hum trabalha para ser o mais sábio; mas quando o não he, estuda cada qual o modo de ser o melhor impostor.

A restauração da Arte começou pelo mesmo tempo em que principiou a Monarchia Portugueza; e os nossos Historiadores fazem menção não só de algumas illuminações,

e retratos do tempo de D. Affonso I., mas tambem de hum painel da tomada de Lisboa, que se conservou na Igreja dos Martyres até o tempo do terremoto.

A Pintura, mesmo na Italia aonde renasceo, hia fazendo vagarosos progressos. João Cimabue pelo meado do seculo 13.º excedeo alguma cousa os seus ignorantissimos Mestres, que de Constantinopla tinhão sido chamados a Florença; e teve a fortuna de achar hum efficaz protector na pessoa de Carlos d'Anjou Rei de Napoles, o qual se dignou de ir a sua casa vêr o quadro de Nossa Senhora, que elle estava pintando para a Igreja de Santa Maria a Nova; para onde o fez conduzir em pompa triumfal que acompanhou, com todo o povo, ao som de bellicos instrumentos: e a esta honra, dizem os Escriptores, deveo a Pintura boa parte da estimação que depois teve; e por consequencia dos progressos que fez.

Giotto, seu discipulo, pintou bem os retratos, e deitando as roupas nas figuras com melhor gosto, lhe deo tal, ou qual movimento proprio das acções que devião representar.

Estevão de Florença, e Pedro Laurati fizerão menção das fórmas do nú debaixo dos vestidos: Thaddeo Gadi colorio melhor, e exprimio as paixões d'alma.

Massolino deo ás suas figuras mais graça, vida, e expressão; e Massaccio, seu escolar, no século 15.º fez sahir a arte da infancia em que tinha estado, e inventou hum estilo novo; tanto pela escolha das attitudes, verdade, e poucas dobras nos pannos, como pela sciencia, e elegancia do desenho, e correcção dos escorços: sendo o primeiro que plantou bem as figuras, escorçando os pés, para que assentassem no chão. Fez pouco apreço de si em quanto

viveo; mas depois de morto, Annibal Caro, e Fabio Segni lhe compuzerão lisongeiros epitafios; dizendo o primeiro — a Bonarota que ensinasse embora a todos os mais, mas que aprendêsse delle: e o segundo reprehendendo a Parca, porque cortando a vida daquelle Pintor tirava o ser a muitos Apelles, e apagando aquella luminaria extinguia a luz de todos os outros.

Entretanto tinhão os Florentinos eregido huma Confraria, que era juntamente Academia; novidade que foi mal imitada pelos artifices Francezes em 1391 (dizemos artifices porque não havia alli naquelle tempo professor algum de desenho, que merecesse ser chamado Artista.) Elles se encorporárão debaixo de huma bandeira, e depois obtiverão grandes privilegios de Carlos 7.º, e Henrique 3.º

João de Bruges, Pintor Flamengo, e Conselheiro do Duque de Borgonha, pelos fins do Século XIV. achou o modo de pintar a oleo; e esta invenção foi huma das mais vantajosas para a Arte.

Em quanto a Pintura se divulgava pela Europa, tambem hia fazendo algum progresso em Portugal; e Fr. Luiz de Souza falla de huma adoração dos Reis mandada fazer por ElRei D. Diniz para o Convento de S. Domingos de Lisboa. Ao retrato de D. Affonso 4.º disse Faria e Sousa, que se devia dar credito, porque elle mesmo se havia mandado retratar ao natural, com os seus Antecessores. Estes e outros retratos dos nossos Monarcas passárão para a Hespanha no tempo dos Filippes.

A Bandeira de Lisboa no Reinado de D. João 1.º tinha huma pintura de S. Vicente, Protector da nossa Capital; e consta que esta Bandeira fôra arvorada por João Vas-

ques de Almada no Castello de Ceuta, quando o mesmo Rei tomou aquella Cidade. O Infante D. Henrique mandou retratar D. Fernando o Santo, seu Irmão, no retabulo da sua Capella na Batalha. No Convento de S. Eloy em Lisboa esteve muitos annos hum retrato pintado em taboa, da Infanta D. Catharina filha de ElRei D. Duarte, que fallecêra em 1436, mandado pôr alli sobre o seu tumulo, pelo Cardeal d'Alpedrinha de que fôra Discipula, e Confessada.

Nuno Gonçalves, ainda que em tempo mui barbaro, diz Francisco d'Hollanda, pintou com louvavel diligencia o altar de S. Vicente na Sé de Lisboa, e hum Senhor atado á columna na Trindade. Hum certo João Annes, teve Carta de Pintor do Rei D. Affonso 5.º em 1454. Gonçallo Gomes, Braz d'Avelar N. Danzilha, André Gonçalves, e outros servírão D. Manoel, e D. João 3.º Antonio Maciel Pintor de Vianna, retratou em 1590. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; mas se he seu, como se diz, o retrato daquelle Prelado, que está na Portaria de S. Domingos, era muito máo Pintor.

Tambem fazem menção os Historiadores de dous Portuguezes illustres que por curiosidade se dedicárão com feliz exito á nossa Arte, naquellas eras: forão estes Garcia de Resendo moço da Camara de D. João 2.º, que foi bom desenhador; e Braz Pereira filho de Fernando Brandão, Guardaroupa do Infante D. Fernando.

Por aquelles mesmos tempos se illuminárão na Italia huns livros, que ElRei D. Manoel deo aos Padres de Bellem.

Na Italia continuavão os rapidos progressos. Domingos Ghirlandaro, Florentino achou os principios da boa dispo-

sição, e do desenho mais correcto. O colorido hia melhorando muito na Lombardia, e em Veneza, por meio dos Bellini, e do Mantenha, o Perugino tinha graça, e facilidade: só faltava passar da natureza vulgar á sublime, e Miguel Angelo estudando algumas obras dos antigos, ousou arvorar o estandarte para conduzir os Artistas por aquelle magestoso caminho. Quiz a boa sorte, que os talentos mais raros encontrassem os Principes mais magnificos, e illustrados para os empregarem em obras de grande sciencia, e vastidão.

Rafael, na Escola de Athenas reunio quasi todas as perfeições, que ainda se podião ajuntar á Arte; e se algumas lhe faltárão forão postas em uso pelo Ticiano, e pelo Corregio: de sorte que desde o melhor século dos Gregos, que foi o de Alexandre, nunca a sciencia do Pintor tinha subido a hum gráo tão eminente; mas conservou-se pouco tempo naquella ellevação; e teria cahido de todo, se os Caraches lhe não dessem a mão para a sustentar. Como a imitação daquelles grandes homens, era a mais bella, e mais nobre que a realidade, começárão os seus discipulos a estudallos tanto, que se apartárão muito da imitação da Natureza, e vierão a cahir em maneiras affectadas: os sequazes de Miguel Angelo imitárão apenas a arrogancia do seu estilo; e cada hum dos discipulos de Rafael, se o igualou em alguma parte, ficou-lhe inferior em muitas outras.

Naquella época introduzírão tambem o estilo grandioso Affonso Berrugheto na Hespanha, e Antonio Campêlo em Portugal; porque o Vasco, ainda que grande no saber, sempre usou o estilo sêco, e mesquinho dos Goticos. Começavamos a florecer muito quando aconteceo a perda

desgraçada de ElRei D. Sebastião, a que se seguio o captiveiro de 60 annos, e as guerras obstinadas da Restauração que nos reduzírão a maior indigencia. Os Francezes entretanto fundárão a sua famosa Academia de Pintura, para evitar a perseguição dos pertendidos artistas, successores daquelles que se havião embandeirado em 1391; os quaes, em virtude dos seus privilegios, pertendião que LeBrun, e os outros grandes homens, ou não usassem, ou se encorporassem com elles.

Na mesma era deitava Murilho os fundamentos da Academia de Sevilha, bastante fertil em genios felices; mas os tristes Portuguezes tinhão de ir buscar fortuna na Côrte de Hespanha, e talvez não teriamos noticia delles se Palomino, e outros Biografos Castelhanos não no-los dessem a conhecer. Os que cá ficárão erigírão a Irmandade de S. Lucas na Annunciada aonde vivia Soror Margarida de S. Paulo, famosa em virtudes, letras, e bellas Artes. Simão Rodrigues, Luiz Alvares de Andrade, Fernão Gomes, Domingos Vieira, e outros, que erão Juiz, Mordomos, e Irmãos do dito Santo, (de que se collige que havia já huma especie de Confraria), comprárão ás Religiosas daquelle Convento huma Capella por 400$ réis, de que ha escriptura feita pelo Tabellião Marcos de Oliveira. Fez-se o Compromisso em 26 Capitulos, que foi assignado por Gregorio Antunes, Luiz Alves de Andrade, Antonio Soares, e Antonio Simões de Solis; e approvado pelo Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, em 6 de Outubro de 1609.

No Capitulo 1.º mandava-se acceitar por irmãos Pintores, Escultores, Architetos, e Desenhadores, sendo pessoas de bom comportamento. O 2.º e os quatro seguintes tra-

tavão de devoções e regimen. O 7.º mandava apaziguar contendas, e evitar demandas entre os irmãos, condemnando os obstinados em alguns arrateis de cêra. O 9.º e o 10.º indicavão os meios para haver dinheiro, e o modo de o bem guardar. O 11.º mandava que se visitassem os enfermos para os exortar a que se confessassem, e soccorrêlos se fossem pobres. Pelo 12.º se mandava pagar até 12 cruzados, se algum irmão, pelos dever, estivesse prezo. O 13.º ordenava que se soccoressem as viuvas, e casassem as orfãs, dando-lhes a Meza 10 cruzados, e cada irmão hum cruzado. O 14.º e seguintes tratavão de suffragios: Os 17–22 erão relativos ao regimen da Irmandade. O 23.º ordena a festa da Senhora do Populo. O 24.º e 25.º tratavão de covaes; e o ultimo condemnava o procurador a pagar a metade das dividas, que por sua omissão senão cobrassem. Não tratavão de Academia nem de melhoramento da Arte; e esta he a maior prova do abatimento em que ella se achava.

A guerra da successão seguio de perto a da independencia, e só depois da paz de Utreck em 1715 he que se pôde cuidar em sciencias, e bellas artes; e com effeito estabelecêrão-se no Reino algumas Academias de Historia, Poesia, e Geometria. A pintura não esqueceo, e ElRei mandou a Roma alguns estudantes; outros forão á sua custa, ou encostados a grandes personagens.

Faltava porêm huma Academia da Arte em Lisboa, e ouvimos dizer que Francisco Vieira, e André Golçalves quizerão dar principio a ella; mas o povo rustico sabendo que se havia de expôr alli hum homem nú para ser copiado, apedrejou as janellas da casa, e foi preciso ceder.

Pelos annos 1780, tendo nós desejado ter em Lisboa hum estudo do nú como tinhamos visto em Sevilha, e Roma, pedimos, e obtivemos algumas sálas do Palacio de Gregorio de Barros e Vasconcellos, junto á Igreja de S. José, e as mobiliamos com quanto era necessario para o intento; e convidámos os mais Sabios Artistas para dirigirem os estudos, e a todos os outros mais para se aproveitarem delles. Achar hum homem que se quizesse despir para estar a modêlo foi empreza difficultosa: fallámos nisso a muitos, mas como o convite lhes parecia huma affronta, as respostas erão não só negativas, mas tambem insolentes. Com maneiras estudadas, e offertas liberaes se ajustou hum homem de ganhar, o qual cumprio tres ou quatro noites; mas quando os seus camaradas o souberão, derão-lhe taes vaias, e tratárão-no tão mal, que o pobre homem desappareceo; mas achou-se outro, e o estudo proseguio sem interrupção. O novo estabelecimento foi muito applaudido de huns, e perseguido por outros, como tem acontecido em toda a parte. O Duque de Lafões mandou alli o Abbade Corrêa, e seu irmão Joaquim José Corrêa (1), a offerecer a sua alta protecção, e tudo quanto estivesse em seu poder, a fim de cimentar, e conservar aquella Academia. Iguaes offertas fez tambem Joaquim Leonardo da Rocha, da parte do Marquez d'Alorna: em geral, toda a Côrte se mostrou propicia ao melhoramento da Arte.

A abertura da dita fez-se no dia 16 de Maio de 1780, e

---

(1) Era Desenhador, Arquitecto Civil e Militar, pelos annos 1700 foi para o Brazil com patente de Major de Engenharia, e lá morreo sendo ainda moço.

nessa occasião repetio o Erector hum breve discurso exhortatorio, em que dizia em substancia aos seus Collegas «Se nós, que professamos e amamos estas bellas Artes, não as socorrermos, e exaltarmos quem devemos esperar que o faça? os que as ignorão, ou as desestimão? — Somos poucos, e debeis, mas se começarmos a vencer os obstaculos, o partido que vence sempre acha sequazes, e protectores, e em pouco tempo as veremos triumfar. — Se formos tão felices que o consigamos, a Patria nos reconhecerá por seus filhos benemeritos; a honra, e o interesse Nacional nos ficará em grande obrigação; e a Historia celebrará com applauso, e com justiça os nossos nomes; os vindouros nos serão devedores dos progressos que bem lhes podemos prognosticar, supposto o grande talento natural que ha nos portuguezes.

Tudo se nos facilita, e nos enche das mais bem fundadas esperanças: hum Fidalgo generoso, e sabio lhes abre as portas para as receber em sua casa; os Grandes lhes offerecem protecção, e subsidios; a Nossa Soberana, e suas Augustas Irmãs, se entretem tanto com ellas como se as professassem: e poderiamos nós desejar mais felices auspicios, mais ditosos presagios? — Se fizermos progressos, se nos conduzirmos com zêlo, e patriotismo, havemos de achar muito favor em Sua Magestade. &c. &c.

Achárão-se na Academia Joaquim Manoel da Rocha, Joaquim Carneiro da Silva, Joaquim Machado de Castro, e muitos outros Professores e Alumnos das tres Artes, e tambem alguns Amadores, entre os quaes Thimotheo Verdier, Sábio em Arquitectura, Guilherme Hudson, e outros Inglezes, e Francezes: o número total foi de 51 pessoas.

Joaquim Carneiro, por insinuação do Padre Mestre Fr. José da Rocha, Dominico, que tinha toda a influencia na Meza Censoria, traçava então, como depois soubemos, hum plano para a Aula do Desenho, que veio a abrir-se no anno seguinte: contava elle já com Joaquim Manoel da Rocha, para occupar a cadeira da Figura, e por esse motivo recebeo mal o convite que lhe fizemos para entrar em a nova Academia, e até parece que não fôra a ella senão a fim de a derrubar; porque pouco tempo depois da abertura, alegando pretextos mui frivolos, declarou aos seus amigos, e discipulos, que não tornaria mais áquella casa, e todos elles o imitárão; e como as despezas das luzes, e salario do modêlo, erão feitas á custa dos que frequentavão, contribuindo cada hum com 300 rs. mensaes; faltando as contribuições acabava-se a Academia.

Tinha-se determinado que os mezes de Julho, e Agosto fossem de ferias; e ainda que o Erector na sua tentativa não tivesse em vista mais que o estabelecimento de hum estudo bom, e necessario, agora achava tambem a sua honra compromettida naquella desordem: Huma Academia fallecida em tão tenra idade, deveria parecer hum aborto; e para conservar-lhe a vida resolveo-se a acceitar os donativos que os Fidalgos, e as pessoas ricas, e generosas tinhão offerecido, e abrio a subscripção; declarando porêm que senão acceitaria a cada assignante mais dos 3600 rs. annuaes, que pagavão os Artistas. Assignárão Manoel de Lorena, o Conde de Villa Nova, o Marquez d'Alorna, o Conde de Assumar, o Marquez de Gouvêa, o Conde d'Atalaya, o Principal Miranda, o Conde, e a Condeça de Vimieiro, Agostinho Francisco de Larre, Anselmo

José da Cruz, Guilherme Hudson, e assignarião todos, porque todos querião concorrer para aquelle público bem, mas Pedro Alexandrino fallou com energia contra esta medida, dizendo ser cousa vergonhosa para os Artistas não se atreverem elles a fazer huma despeza tão limitada, e ser para isso necessario incommodar os Grandes da Côrte; que se escolhessem tantos Professores quantos fossem os mezes de estudo annual, e cada hum delles governasse, e fizesse a despeza no seu mez.

Este parecer foi desapprovado pelo maior número, e tivemos de proseguir nas assignaturas; porêm espalhou-se o boato de que os administradores da Academia poderião utilizar-se de algum dinheiro, foi então que o Erector fez proposito de não acceitar nada a ninguem, e de sustentar a Academia á sua custa em quanto pudesse: com effeito fez a nova abertura no dia 18 de Setembro, e a ella assistírão Francisco Vieira Lusitano, e Ignacio de Oliveira Bernardes, como Directores do desenho, e estudos do nú, e Simão Caetano Nunes como Director da Perspectiva, Geometria, e Arquitectura: preparou-se tambem huma sála para nella se desenharem gêços, e estampas de figura, e ornato.

Os estudos sendo então mais amplos, e mais variados concorrião a elles não só Pintores, Escultores, Arquitectos, e Abridores; mas tambem Entalhadores, Ourives, Mestres d'obras. &c. &c..

O Padre João Chrisostomo desapprovou hum procedimento que tornava particular, e de hum só, huma Academia que devia ser, e chamar-se de todos; e offereceo-se ao Erector para associar com elle: o mesmo fizerão Simão

Caetano Nunes, e o Fidalgo dono da casa. Como se hia seguir, pouco mais ou menos, o systema proposto por Pedro Alexandrino, pareceo justo convidallo de novo para a sociedade, porêm elle receando ficar mal com o partido da opposição, não quiz acceitar.

O Erector, com approvação dos seus Socios, convidou tambem Francisco José de Setubal, e Jeronimo de Barros: ambos acceitárão; mas não forão uteis á sociedade, o primeiro contribuio com a sua quota parte; mas sendo amigo de intrigas usou dellas com ambos os partidos, e retirou-se intempestivamente, o segundo tratou a cousa com muito pouca seriedade. Esta associação começou em 23 de Outubro, e durou hum anno.

A Academia era cada vez mais frequentada, e mais applaudida, porêm no melhor tempo, morrendo Gregorio de Barros, faltou a casa, e foi preciso suspender os estudos.

Antes do nosso estabelecimento parecia aquella empreza a huns impossivel, e a outros difficultosa; mas depois facilitou-se tanto, que se fez o estudo nú, tambem em Mafra, na Fabrica das caixas, em casa do Intendente aos Anjos, e ultimamente na rua dos Camillos.

Diogo Ignacio de Pina Manique tinha fundado, com Beneplacito Regio, a Casa Pia do Castello, aonde entre outros estudos teve lugar o Desenho, e escolheo para Professor delle Antonio Fernandes Rodrigues, o qual no dia 23 de Abril de 1781, dia da abertura da sua Aula, recitou huma Oração Academica.

Nella felicitava a Nação Portugueza, e os Alumnos da Aula; aquella, porque entre os tumultos da guerra em que se achavão envolvidas outras Nações, gosava as vantagens

de huma tranquilla paz; e estes porque felizmente vivião á sombra de tão boa protecção. Dava-lhes depois huma idéa da Arte, e trazia á memoria alguns dos muitos que por ella havião subido a grandes honras e felicidades. »A' vista pois destes exemplos concluia elle, enchei-vos de esperanças. Tendes Mecenas, tendes Mãe Protectora, compassiva e liberal, de quem deveis esperar todo o favor, se fizerdes na Arte aquelles progressos que anciosamente vos desejo.»

Tentou depois o mesmo Magistrado, o restabelecimento da Academia do nú; e para a direcção della foi elle mesmo pessoalmente convidar os Lentes do Desenho das Aulas Regias, que erão Joaquim Manoel da Rocha, Joaquim Machado de Castro, e Joaquim Carneiro da Silva. Tambem convidou o da Aula do Castello; e recebendo algum tempo de visita a Pedro Alexandrino, lhe fez o mesmo convite.

Abrio-se pois a Academia pela terceira vez em casa do mesmo Intendente, aos Anjos, em a noute da Segunda Feira 17 de Outubro de 1785, e alli se fez huma especie de ensaio por duas semanas, em quanto se preparava na Rua dos Camillos o sallão que tinha servido de livraria aos ditos Padres.

No espolio de Joaquim Carneiro, achou-se hum manuscrito feito por elle, com duas datas differentes, que parecem suppostas. O seu titulo he »Estatutos da Regia Academia Ulyssiponense de Pintura, Esculptura, e Architectura, debaixo do Patrocinio do Evangelista S. Lucas» Julgamos terem sido feitos para esta Escola, tanto mais, quanto haviamos ouvido dizer a Antonio Fernandes alguma cousa a esse respeito.

Por aquelle tempo chegou de Roma Eleuterio Manoel

de Barros, conduzindo o grande painel de Battoni, e entrou tambem no corpo da Direcção. Em tanto falleceo Joaquim Manoel da Rocha em Dezembro de 1786, e juntando-se os Directores, por convite do Intendente para lhe darem hum successor, votarão no Author destas memorias. Na mesma conferencia propoz Pedro Alexandrino, que se repartisse o trabalho da Direcção por mais alguns, e lembrou o Padre João Chrysostomo para Director em Escultura, e Joaquim José de Barros, então principiante, mas já bom Escultor, para substituto. Joaquim Machado de Castro tambem propoz Francisco de Setubal para Director, e Faustino José seu Discipulo para Substituto.

Estas eleições forão noticiadas aos eleitos por huma circular datada de 19 de Dezembro de 1787, pela qual José Rodrigues Lisboa, Administrador da Casa Pia os convidava em nome de Intendente, no caso de acceitarem, para assistirem á Secção Academica, que no dia 24 se havia de celebrar na mesma Casa diante da Nobreza, e Côrte. Todos acceitárão, á excepção do Padre João Chrysostomo, o qual para se escuzar allegou razões que derão motivos ao Discurso Apologetico, escripto, e espalhado por hum Anonimo, em que affirmava que sendo o Padre prudente, e discreto não podia ser author daquella escusa, que algum genio maligno calumniosamente lhe queria imputar. O Padre deo a esta satyra huma resposta tambem satyrica. Fez-se a Secção Academica no Castello, aonde Joaquim Machado pronunciou de tarde o Discurso sobre as utilidades do Desenho, que corre impresso, e á noute poz o grupo, que foi desenhado tambem por alguns Fidalgos.

Como o Intendente quizesse crear na Casa Pia não só

Manufactores mais tambem Sabios e Artistas, mandou a Roma em 1785 José Alves de Oliveira, Joaquim Fortunato de Novaes, e João José de Aguiar, para alli se instruirem, o 1.º na Pintura, o 2.º na Arquitectura. Entretanto chegou á noticia de Joaquim Carneiro, que Francisco de Setubal intrigava com Antonio Fernandes, e Nicoláo Preto (1) para refutarem o novo Regulamento da Academia, que (talvez por isso) ficou sem effeito: por esse motivo compoz hum discurso allegorico intutulado. »O dia, o crepusculo, e a noute, ao mesmo tempo, phenomeno rarissimo visto em Lisboa por Joaquim Carneiro da Silva» Jazião, dizia elle em substancia, em confuso cháos as Artes liberaes em Portugal, quando hum Zeloso Magistrado as quiz tirar daquella escuridão, e convidou para isso Professores benemeritos; entre estes aparecerão o dia, o crepusculo, e a noute; oh que triste aspecto! que infausto agouro! Mordidos pela inveja, movidos pela ignorancia, e fustigados pela furia da discordia conspirárão contra o novo estabelecimento »seguia-se aqui huma interlocução cujo resultado foi formarem elles hum triunvirato em que cada hum prometia de sacrificar o seu amigo ao odio do companheiro. »Conseguirão em fim estes malevolos, proseguia elle, cortar em flor a arvore que se cultivava para dar fructos proveitosos; varios Professores, e Exercitantes deixárão de frequentar huma Aula aonde mais se detrahe que se desenha. Hum digno Professor (falla aqui do Padre João Chrysostomo) sendo nomeado para ser hum dos Directores della, em huma

---

(1) Este foi Porteiro da Aula pouco tempo.

carta, que dirigio aos mais Directores, entre outras razões com que se escusou, disse »que sabia ser tal a desunião, e murmurio, que ainda os mesmos Directores, principalmente aquelles a quem a mocidade Portugueza deve as maiores luzes, não escapavão não só de huma continua critica, mas tambem de rigorosas e crueis satyras — A' carta do Professor, que se escusou se respondeo com outra picante, e teve igual resposta — sahio certo o funesto presagio — » Não sabemos se Joaquim Carneiro estava bem informado; mas he certo que pouco tempo depois via-se a Aula do nú abandonada aos rapazes que hião, em vez de desenhar, atirar com ballas de papel huns aos outros.

Muitos estudantes d'outras escolas se recommendavão á protecção do Intendente, e Senhores da Côrte para irem tambem a Roma; forão enviados em 87, 88, e nos annos seguintes até o de 95 huns 18 ou 20; e alli estiverão quasi todos até o tempo em que os Francezes invadírão os Estados da Igreja.

A antiga Irmandade de S. Lucas continuou a festejar este Santo Evangelista até o anno 1755; mas sobrevindo o terremoto, e cahindo parte da Igreja, ficou seu culto interrompido. Salvarão-se porêm algumas cousas. A Estatua do Santo esteve depositada em casa de Gregorio Madeira: a alampada, e o painel da Capella ficárão em poder das Religiosas, que os transportárão depois para Santa Joanna; o resto da prata, e as joias ficárão na mão de Bento de Sousa, d'onde passarão para a de Jeronymo Gomes, e depois para as de Manoel Gonçalves Vital, e de Pedro Alexandrino.

Em 1777 juntárão-se alguns Irmãos, fizerão nova meza,

e elegerão por Juiz Simão Caetano Nunes: collocou-se a Estatua do Santo em Santa Justa, a tempo, que o Inspector da nova Igreja dos Martyres offerecia aos Pintores huma das suas Capellas. Pedro Alexandrino queria, que se acceitasse a offerta, outros impugnárão, alienárão-se os espiritos, a Irmandade ficou outra vez desorganisada, e Manoel Gonçalves Vital, que tinha em seu poder as joias avaliadas em 79$780 morreo entre tanto sem as poder entregar.

A Irmandade tinha dado a jùro certa quantia de dinheiro sobre a hypotheca de humas casas, e os bens de hum abonado fiador: as casas tinhão cahido pelo terremoto; e Jeronyno Gomes, que era o Procurador da Confraria solocitou muito o seu restabelecimento para obrigar o fiador a pagar a divida; mas só conseguio, que o Santo passasse de Santa Justa para Santa Joanna aonde foi festejado em 1789, e no anno seguinte. Em 91 dicidio-se a votos que se restabelecesse alli outra ves a Irmandade, e as Religiosas reconhecerão os Pintores por Senhores da Capella, alampada, e painel de S. Lucas, e derão-lhe faculdade para que aos lados da dita Capella podessem collocar bustos, retratos, e epitafios dos seus Artistas mais illustres, e isto por escriptura de 23 de Julho de 1793 lançada nas notas do Tabellião Francisco Xavier de Sousa Henriques; cuja copia está no Compromisso. Festejou a nova Confraria o Santo com muita solemnidade nos annos 1791, 92, e 93, sendo Juiz Pedro Alexandrino, Cyrillo, e Manoel Caetano de Sousa.

Como o antigo Compromisso parecesse pouco adaptado ao tempo presente, tratou-se de fazer outro melhor, e nós requeremos, que nelle, depois dos objectos de devoção, e

caridade se tratasse tambem de estudos, e interesses da Arte, dispondo as cousas de modo, que para o futuro podessemos ter huma boa, e verdadeira Academia, cujo corpo de Directores tivesse voto juntamente com o dos Mesarios no governó da Confraria; sendo preciso desde logo nomear hum Director Geral. Este parecer foi admittido em 16 de Outubro de 1791; e todos votárão em Pedro Alexandrino para Director Geral. Em outra Assembléa do anno seguinte se elegerão a votos os Deputados para a composição do Compromisso, e forão eleitos, Pedro Alexandrino, Domingos da Costa Barreto, Gaspar, Jeronymo d'Andrade, Jeronymo Gomes, Felisberto, Manoel da Costa, José Antonio Narciso, José Francisco del Cuveo, e Cyrillo. Este ultimo foi tambem Secretario desta Deputação, e do futuro Corpo de direcção, e em sua casa, na Rua da Fé se fazião as conferencias. Derão os seus pareceres por escripto Pedro Alexandrino, José Antonio Narciso, e Manoel da Costa; os outros disserão de viva voz o que melhor lhes parecia, e recolhendo-se de huns, e outros o que mais contentava a todos, se foi proseguindo vagarosamente a obra.

A principal recommendação do maior numero era hum remedio contra o abuso de se incumbirem das obras de Pintura aquelles que nunca professarão a Arte; visto que as outras profissões nobres, como a Advocacia, Medicina, e Musica, tem privilegios que excluem os intrusos. Acabou-se em fim a nossa tarefa em 16 de Fevereiro de 1794, e a primeira leitura della foi feita em 9 de Março diante de 26 pessoas, que todas applaudirão, e assignarão.

Este novo Compromisso examinava primeiramente quaes erão os abusos, e demonstrava pela experiencia de todas

as Nações civilisadas que só a Academia seria capaz de os combater, e affastar. Dizia depois, que qualquer individuo poderia pintar o que quizesse, bem ou mal, de graça ou por dinheiro, inda que nunca aprendesse; mas as grandes obras, feitas por muitos, os que as houvessem de dirigir, e ajudar a fazer, deverião ser habeis naquelles generos, e agregados á Academia; porque ella seria obrigada a reconhecer como Directores ou Ajudantes, todos aquelles, que não sendo incorporados em alhêas profissões, vivessem actualmente do producto da pintura.

Todos os que pertendessem a direcção de obras, que lhes não competissem, serião admoestados pela Academia; se desprezassem a admoestação, o dono da obra seria advertido daquella fraude; se o dono insistisse, o intruso poderia fazer a obra; mas sería prohibido a todos os Artistas, o poderem-no ajudar, sobpena de serem excluidos das obras dirigidas pelos legitimos Professores, e de darem alguma cêra para a Capella do Santo. O resto do Compromisso tratava do regimen da Irmandade, e da Academia.

Entretanto hum bom número de intrusos se encarregavão das decorações das casas, e convidavão para lhas fazerem, Pintores menos acreditados, pagando-lhes com bastante liberalidade. Estes a quem o abuso vinha a ser util, começárão a espalhar boatos, que ainda que falsos, e absurdos, forão cridos, não só pelos que não tinhão ainda ouvido lêr o Compromisso; mas tambem por alguns dos que já o havião assignado, chegando a parecer pelas sandices que fizerão, que tinhão perdido o uso da razão.

Assim as debeis tentativas que se fazião em Lisboa para melhorar a Arte, ficárão todas sem effeito.

Jeronymo Gomes havia entregado em Meza no dia 26 de Dezembro de 1792, a prata que tinha em seu poder, pezando 22 marcos, a qual se metteo no cofre que ficou em casa de Pedro Alexandrino até o dia 28 de Janeiro de 1808. Nesta época, achando-se a Irmandade quasi extincta, e receando os Irmãos que os Francezes intrusos então no Reino, tendo noticia della, a pedissem, como pedírão a da alampada que estava em Santa Joanna, requerêrão a Pedro Alexandrino que deixasse abrir o cofre, e repartisse pelos Irmãos que existião a quantia que se achasse dentro; o que elle fez sem a menor repugnancia. Erão ainda bastantes os Confrades, e tocou a cada hum o que havia dado pela sua patente, e desde então ficou a Irmandade totalmente anniquilada.

*

Antes que passemos a fallar das pessoas que fizerão profissão pública da Arte, e se houverão com ella, parece justo elogiar aquellas que a tem honrado muito com o seu exercicio, e protecção.

ElRei o Senhor D. João VI. tem-se dignado de conceder ás bellas Artes, o que ellas exigem, e requerem dos Monarchas, que he Real Munificencia, e Protecção. Nenhum Monarcha dispende talvez com ellas tanto como o nosso.

He bem sabido de todos o rarissimo talento que tem a Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina, para as sciencias, e bellas Artes. Com poucas lições fez grandes progressos no desenho, e pintura de oleo, e de pastel, e senão executou muitas obras desta natureza, foi porque empregava o tempo ainda melhor na excellente educação que soube dar

ás suas Augustas Filhas, que tambem aprendêrão a desenhar; e a Senhora Princeza D. Maria Thereza recortava optimamente á thesoura sem aprender.

Tambem nos consta que a Senhora Archiduqueza, e Princeza Real conta esta entre as muitas prendas de que he dotada. A Senhora Princeza do Brazil fez da pintura o seu mais delicioso recreio, e entretinimento, em quanto não sentio o golpe da Viuvez. Nas mesmas jornadas sempre a acompanhavão as côres, e os pinceis. Empregou em quadros escolhidos somas muito avultadas. Pintou para a Real Basilica do Coração de Jesus, o devotissimo painel do Coração de Maria. Inventou outras composições, todas mysticas, que forão gravadas pelos melhores Abridores. Tem feito gloria de proteger, e honrar os sábios, e os Artistas.

Da Senhora D. Marianna, Infanta, temos os paineis das Capellas no seu Convento do Desagravo, e alguns objectos de devoção gravados por Carmona, e por Carneiro da Silva.

A Senhora Rainha D. Maria I. tambem foi muito affeiçoada á Arte da Pintura, protegeo-a, e recreava-se com o seu exercicio.

A Senhora Rainha D. Marianna de Austria bordava, dizem, com tanta perfeição que as suas obras parecião pintadas; e bordou as cortinas do Sacrario para Igreja do seu Hospicio de S. João Nepomuceno. A Infanta D. Filippa filha do Infante D. Pedro Duque de Coimbra, e Regente do Reino, traduzio do latim hum livro de Homilias, e Evangelhos para todo o anno ornado com as imagens dos Santos, e figuras dos Mysterios de que fallava o texto,

tudo debuxado á penna com grande primôr da Arte, segundo o século em que foi feito. Conservou-se com muita veneração no Mosteiro de Odivelas aonde a sua Authora viveo 17 annos como Religiosa observante, ainda que não fosse ligada a algum voto.

Nas Côrtes de Lisboa, e do Rio de Janeiro existe actualmente grande número de Senhoras, e Fidalgos com genio não vulgar para as bellas Artes.

A Senhora Marqueza de Bellas, D. Maria Rita de Castello-branco, ainda que exercesse praticamente a pintura tinha hum gosto tão delicado para as composições, enfeites, e decorações, que as Senhoras da Côrte a tomárão por modêlo, e os Artistas achavão-se muito bem com os seus conselhos. Alguns dos mais felices pensamentos, attribuidos ao Author destas memorias, forão-lhe sugeridos por aquella Senhora, nem he a unica pessoa da sua Illustre Familia, que seja dotada de hum genio feliz para as Artes de imitação.

A Senhora Duqueza de Lafões, e o Duque quizerão honrar a nossa Irmandade, escrevendo os seus Nomes no livro dos Irmãos, em 15 de Maio de 1792.

Tambem se achão no antigo livro os nomes de D. Marianna Isabel das Montanhas, Soares, e de D. Luiza Joaquina, Lucas de Menezes, que assignárão em 21 de Outubro de 1753.

D. Maria de Guadalupe Alencastre e Cardenas, Duqueza de Aveiro &c., ornou muitas Igrejas com paineis que pintou; e os nossos Pintores a elegêrão para Juiz da Meza de S. Lucas em 1659.

D. Margarida de Noronha, ou Soror Margarida de

S. Paulo, Filha dos Condes de Linhares, deo o risco para a Igreja da Annunciada, fundada, ou restaurada por seu Avô, Fernão Alves de Andrade. Tambem era Pintora, e atrahio para aquelle Convento, em que foi muitas vezes Prelada, a Irmandade de S. Lucas. Confirmada em 1609.

D. Leonor de Menezes Condessa de Orêm e d'Atouguia, pelo meado do século 17, tendo apenas 14 annos, desenhava, e escrevia perfeitamente.

D. Maria Magdalena de Castro filha do Correio Mór de Reino, floreceo no mesmo século, e he contada pelos Authores, entre o número das Pintoras illustres.

D. Isabel de Castro, Condessa d'Assumar, filha de D. João Mascarenhas Marquez de Fronteira, foi huma das Damas mais celebradas na Côrte, teve grande talento para a Pintura, e faleceo em 1724.

D. Maria Magdalena Eufemia da Gloria, filha de D. Elena de Tavora, professou no Convento da Esperança em 1690, e alli pintou varios paineis para huma capella sua, publicou tambem algumas obras litteratas, debaixo do nome supposto de Leonarda Gil da Gama.

D. Anna de Lorena Camareira Mór das Rainhas D. Marianna de Austria, e D. Marianna Victoria, retratava bem, e pintou com perfeição varios paineis para a sua Ermida de S. Joaquim ao Calvario. Tambem dizem ser seu hum bom painel de S. Vicente de Paulo que está na Igreja dos Padres de Rilhafoles. Vieira, no seu *Pintor Insigne* a compara á Serani, e a Rosalba, famosas Pintoras Italianas; e José Gomes da Cruz, na Carta Apologetica chama-lhe »Sábia Professora desta grande sciencia.

Ao Senhor José Viale somos devedores da nota, e conhe-

cimentos, que a Excellentissima Senhora Condessa d'Alva possue nas bellas Artes, e esta noticia a publicamos da mesma sorte que sahio da habil penna do mesmo Senhor Viale.»

Mas não podemos de sorte nenhuma deixar em silencio a Excellentissima Senhora Condessa d'Alva, a qual, tomando o exemplo que por alguns seculos lhe hão dado seus nobilissimos Progenitores, proteje da maneira a mais distincta as bellas Artes. Hum Pintor, hum Escultor, hum Arquitecto, diante desta Heroina, imagina estar no Templo da Gloria. Esta Senhora pintou, e pinta a oleo, e em miniatura, de figura, de paizes, e de flores, com muita intelligencia, e magisterio: a sua conversação sobre as bellas Artes he interessantissima, e alêm de mostrar o seu innato talento, dá tambem a conhecer que este he acompanhado de profunda lição litteraria. Devo dizer que esta Senhora pensa como pensárão e escrevêrão em suas obras immortaes, os bem conhecidos Escriptores, Bellori, e o Abbade Lanzi; e vem a ser, que para sahir hum mediano Pintor requer-se maior talento, que para sahir hum famoso Escriptor: e baste esta por muitas Ill.mas Senhoras que por brevidade omittimos.»

Se podessemos estender os limites desta pequena obra, fariamos tambem menção de alguns Fidalgos, que como os Senhores Marquezes de Marialva, de Borba, e de Bellas &c., se applicárão com proveito ao desenho, ou á pintura.

Muitas pessoas Religiosas de ambos os sexos, se distinguírão tambem pelos preciosos livros que illuminárão, ou pelas agradaveis pinturas que fizerão.

D. Heliodoro de Paiva, Conego Regrante em Santa Cruz

de Coimbra, foi famoso em Sciencias, e bellas Artes, e muito acreditado na da Pintura. Regeitou Mitras, e faleceo em 1552.

O Padre Manoel Alves, Jesuita, pintou alguns quadros para o Collegio de Coimbra, aonde entrou em 1549.

Fr. Bento Contreiras Religioso Carmelita, illuminou os livros do Côro para o Carmo de Lisboa pelos annos 1517.

Fr. Carlos, de Nação Flamengo, foi Monge de S. Jeronymo no Convento do Espinheiro, aonde professou em 1517, sendo primeiramente leigo, e depois Sacerdote. Naquelle Convento junto a Evora, existem, e estimão-se ainda muito, quatro paineis seus representando passagens da vida do seu Santo Doutor Maximo.

Fr. Henrique Religioso Dominico em Evora pintou o quadro da Transfiguração, que está sobre a porta da Igreja do seu Convento: o Senhor com a canna verde na casa do Capitulo, e outros.

Fr. Domingos Rodrigues, Religioso calçado de Santo Agostinho, ainda que Portuguez, foi conventual em Salamanca pelos annos 1680, aonde pintou alguns paineis que ornão o Claustro do seu Convento.

Fr. Simão de S. José Religioso Paulista, illuminou o livro da Armaria para a Torre do Tombo.

Fr. Luiz de Bastos, se dermos crédito ao que nos diz a chronica dos Carmelitas Calçados, foi o Pintor mais insigne do Reino no seu tempo; mas hum bom Chronista não he sempre hum bom conhecedor desta sorte de curiosidades. Este Padre entrou na Irmandade de S. Lucas em 29 de Janeiro de 1718.

Fr. Filippe das Chagas sendo já avançado em idade pro-

fessou no Convento de S. Domingos de Lisboa em 1591. Era sábio, e muito curioso de Pinturas, e illuminações, de que escreveo hum livrinho, que corre impresso com o titulo de — Arte de Pintura — Por Filippe Nunes, natural de Villa Real.

Fr. Eusebio de Mattos Jesuita, natural da Bahia, passou em 1677 para a Religião do Carmo Calçado: foi grande litterato, optimo Arithmetico, e bom Desenhador, morreo em 1692 de 63 annos.

Fr. José de Santa Maria, Padre Thomarista, chamado no século José de Oliveira, foi Irmão de Ignacio de Oliveira, e discipulo de seu Pae Antonio de Oliveira Bernardes: ainda era secular em 21 de Outubro de 1731, quando entrou na Irmandade de S. Lucas. Vimos ha poucos annos em casa de seu sobrinho João Pedro, dous quadros seus, Nossa Senhora do Carmo, e da Soledade, morreo em 22 de Fevereiro de 1781, com 81 annos.

Os Conegos seculares de S. João Evangelista tiverão dous Artistas muito bons. O Padre Manoel da Purificação, que illuminou, e escreveo perfeitamente livros de Côro, e de Armaria, no principio do seculo 17, e o Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, que esculpio em barro estatuas de grandeza natural, cujos pannos erão excellentes, principalmente os bureis. Compoz o livro intitulado »Artefactos Symetriacos, e Geometricos que publicou em 1732.

Estevão Gonçalves Neto, Conego na Sé de Viseu, illuminou hum precioso Missal que se guarda na livraria do Convento de Jesus: floreceo por 1622.

O Padre Francisco Lino de Mattos Gastão, natural de Porto de Mós aonde vio a luz em 24 de Outubro de 1739,

conta entre os seus parentes muitos homens Doutorados. Seu tio Padre Theatino, de quem elle dependia, e de cujo Breviario tirou hum registo de S. Caetano para o copiar a furto, vio com admiração o grande genio que tinha para a Arte. Proseguindo os seus estudos litterarios, hia tambem fazendo progressos no desenho. Vindo para Lisboa teve lições do Josepino; applicou-se á miniatura, e tinha vista agudissima, e paciencia para acabar as cousas mais miudas e delicadas: quasi toda a Côrte tem obras suas. Fez o retrato do Principe D. Antonio que foi remettido, e cercado de brilhantes, á Rainha de Hespanha. Miniou tambem o da Marqueza de Pombal, retratando-a em muitas Côrtes, e teve hum premio de 68 peças: a mesma Senhora, tambem lhe offereceo a Parochia das Mercês, que elle não acceitou. He Capellão das Religiosas de Santa Joanna.

O Beneficiado José Pereira Soares La Rocha, natural de Lisboa, applicou-se ao estudo das linguas sábias, e vulgares, e tambem ao Desen' o e Pintura. Em Roma fez boas cópias de Rafael &c. Havia pinturas suas nas Collecções de Seabra, Angeja, e Borba. Faleceo em Lisboa a 16 de Novembro de 1818, contando de idade 62 annos 9 mezes e 4 dias. Existe o seu retrato grandemente pintado por Pellegrini.

Soror Maria da Cruz, Religiosa no Convento das Chagas em Lamego, pintou dous quadros de Nossa Senhora e S. José para huma Capella sua. Era tida por Santa quando faleceo em 1619.

Soror Maria dos Anjos, Religiosa Dominicana em Evora, pintou muitas imagens devotas, que forão applaudidas.

Os Historiadores, e a fama pública tambem celebrão

algumas damas seculares, que usárão felizmente da Pintura.

Umbelina Joanna Mendes de Tavora, foi sábia em letras humanas e sagradas, em Mathematica, e Arquitectura: morreo de hum accidente na idade de 30 annos em 1677.

Rita Joanna de Souza, na curta idade de 23 annos que teve de vida, fez tão grandes progressos na Pintura como na Filosofia: foi natural d'Olinda, e falleceo em 1719.

Thomazia Nunes natural da Cidade da Guarda, soube escrever com acerto, e pintar com perfeição. Florecia no principio do século 17.

Joaquina Volkmar nasceo em Lisboa, com genio decidido para o Desenho, e Pintura, a que se applicou por intervallos; ha muitas obras suas em varios Gabinetes, e Collecções, e hum painel público na Igreja do Coração de Maria no Campo grande, collocado em 1787: representa elle Nossa Senhora com o Menino Jesus, e Santa Isabel, e S. Francisco que os adorão. As figuras são de grandeza natural. Cinco annos depois tambem fez em grandes quadros a historia de Isaac, para o Oratorio de José Francisco Preńé, Capitão de Mar e Guerra.

PINTORES.

O Grão Vasco de Viseu.

As memorias que nos restão deste antigo, e famoso Pintor, são ás vezes incertas, ás vezes contraditorias, e só concordão em que existia em 1480, pois que naquella época comprára huns moinhos em hum lugar visinho á Cidade de Viseu que se chamou o lugar do Pintor, por elle ter alli nascido, (dizem alguns), sendo filho de hum Lavrador abastado.

Alguns pertendem que fosse discipulo de Pedro Perugino, ou de Rafael, o que no 1.º caso he pouco verosimil, e no 2.º impossivel; pois que Rafael nasceo em 1483. Póde ser que fosse condiscipulo do seu Coevo Pedro Perugino na escóla d'André Verrochio, Florentino, que tambem foi Mestre de Leonardo de Vinci, e era muito habil na Pintura, Architectura, e Perspectiva, cousas todas em que o nosso Vasco foi excellente.

Lê-se mais nas ditas tradições, que ElRei D. Manoel o mandára estudar a Roma; e aqui ha duas incoherencias: a 1.ª, que a Escóla Romana he mais moderna que o nosso Pintor, porque foi fundada pelo grande Rafael: 2.ª que se

o Vasco fosse mandado á Italia por algum dos nossos Reis, deveria ser por D. Affonso 5.º, visto que já elle era bom Pintor em 1481, quando D. João 2.º começou a reinar.

He certo porêm, que se Vasco estudou na Italia como parece pelas suas cabeças das Virgens, que não cedem ás do Perugino, e mesmo ás dos primeiros tempos de Rafael; he verdade tambem que nas roupas, e nos Corpos nús, principalmente de mininos, seguio como bem notou Bermudes, a maneira assás gothica dos Alemães.

Este estilo misto, entre Italiano, e Tudesco parece que sessou naquelle tempo em grande parte da Hespanha, pois sabemos que Fernão Galhegos de Salamanca, pintava muitas cousas no gosto d'Alberto Durer, e que João Nunes em Sevilha fazia paineis, com bellos pannos, e colorido vivissimo; bordaduras delicadas, e carnes, ainda que gothicas, tão estimaveis pelo bem acabado, como as de Alberto. Pareceo-nos quando lemos estas particularidades, que estavamos vendo as pinturas do Grão Vasco.

São tambem incertas as noticias que temos sobre o lugar da sua sepultura. »*Em Thomar,* dizem algumas Pessoas, *passado o 1.º Claustro, junto á Sacristia, está a sepultura do Grão Vasco, que foi feito Commendador da Ordem de Christo por ElRei D. Manoel*» *Está enterrado no Convento de Thomar;* dizem outras, *com letreiro já muito gasto; mas ainda se devisa a Cruz da Ordem de Christo, em que foi professo, gravada na mesma pedra.*» Porêm mandando nós alli saber se se verificava alguma destas tradições, tivemos em resposta: »*Neste Convento de Thomar não ha noticia de que nelle esteja enterrado o grande Pintor Vasco.*»

Em quanto ás suas pinturas, consta que ornára com ellas muitas Igrejas, Mosteiros, e Palacios Reaes, e que entre os seus quadros mais famosos entravão os da Sé de Viseu, e os de Thomar: os primeiros não sabemos se existem: os segundos, como estiverão expostos na invasão de 1811 á brutalidade dos Soldados de Massena, he de crêr que pelo menos ficassem mui deteriorados. He fama, que Ignacio de Oliveira, tendo-os visto, confessava ser a cousa melhor daquelle genero, em que havia posto os olhos.

Eis-aqui a informação que delles nos mandou hum Padre Thomarista. »*Na Igreja deste Convento se achão muitas pinturas de Vasco: primeiramente doze paineis que terão 20 palmos de alto, e dez de largo, e representão o Baptismo de Jesu Christo; a Sinagoga; a Ressurreição de Lazaro; o Triunfo de Jerusalem; a Prizão; a Ressurreição; a Descida aos Infernos; a Ascenção; a Soledade de Nossa Senhora; os Apostolos no Cenaculo; o Juizo final; e a SS. Trindade. Ha outros mais pequenos que ornão os altares collateraes, e vem a ser: S. Gregorio Magno celebrando Pontifical; Santa Maria Magdalena, (pintura insigne); S. Sebastião; S. Bernardo, e a Conquista de Santarem; o Senhor morto. Na Capella da Senhora da Graça estão os do Baptista, e Evangelista, o de Santo Antão, e o de S. Jeronymo.*

Na Igreja de S. João Baptista, ha quatro pinturas suas, e na da Misericordia a de Santo Antonio prégando aos peixes, e a do Descimento da Cruz.» Alguns destes paineis forão retocados em 1802, por João Jorge Estucador, o qual nos disse que erão pintados em taboas, e a oleo; mas aperalhados a tempera, e dourados.

No Beato Antonio tivemos o gosto de vêr 11 ou 12 ta-

boas, na cella do Geral, superiormente pintadas com o seu estilo, e continhão: a Fugida para o Egypto, os Reis Magos, a Annunciação, o Nascimento, a Circumcisão, e outros assumptos, todos sacros.

Na Igreja de S. Bento estão outras quatro pinturas, que dizem ser deste mesmo Author, representão ellas a Annunciação, os Reis, a Apresentação, e o Menino entre os Doutores.

Em Evora ha grande número de Pinturas da escóla do Grão Vasco, e muitas do seu punho. No Convento de S. Francisco, he muito venerada huma Senhora da Conceição, com belissimos grupos de Anjos tocando, e cantando. No Dormitorio está o Juizo de Salomão; cuja cabeça se conhece ser o retrato de ElRei D. Manoel.

Na Sacristia o Transito de Nossa Senhora, e nas Capellas colateraes S. Jeronymo, Santo Antonio, S. Francisco, e outro Santo Eremita.

No Convento do Espinheiro he famosa a taboa da Assumpção de Nossa Senhora. Ha mais hum Presepio, hum Calvario, e huma Ressurreição de Jesus Christo. Tambem se crê serem de Vasco o Senhor Ressuscitado, e a Invenção da Santa Cruz, que estão na Sé na casa aonde se revestem os Conegos; como tambem o Baptista penitente na Sacristia das Bernardas. Tambem fazem menção de alguns paineis delle, que se achão nas Collecções de Valença, Borba, e Penalva.

Pelo grande número de quadros que se espalhárão com maneira dirivada da sua, podemos conjecturar que teve muitos discipulos imitadores. Indicaremos alguns dos que se achão pelas Igrejas, e Palacios de Lisboa. Na Igreja do

Paraiso estão 8 da vida de Nossa Senhora, que poderião ser do seu punho; mas como estão repintados, não o podemos affirmar. No interior do Convento da SS. Trindade, tambem ha oito taboas grandes dos mesmos assumptos. Na Sacristia da Madre de Deos sobre os caixões, estão duas taboinhas preciosas feitas naquelles tempos. Na Ermida dos Remedios debaixo do Côro temos outras duas taboas muito boas, com meios Corpos de Santas, etc. Na Capella Mór de Odivellas estão quatro taboas com corpos inteiros de Santas. Ha tambem huma Adoração dos Magos no antigo Côro da Luz, que ora serve de Sacristia. Na do Beato Antonio estavão quatro da vida de S. João Evangelista, e S. Francisco recebendo as Chagas.

No melhor estilo daquelle século são pintadas as famosas taboas da casa dos Condes da Figueira aos Paulistas, e a da Sacristia da Bemposta. Esta representa Nossa Senhora com o Menino Jesus, e muitas Virgens. Ouvimos dizer que as cabeças erão ratratos da familia de Thomaz Moro, pintados por Holbein: observamos porêm na dita obra huma particularidade, que se encontra nas do Pinturrichio; isto he, os ornatos dos vestidos de relevo; mas seja de quem fôr, he optimo quadro na sua maneira.

Acabaremos o elogio do Grão Vasco, dizendo com hum bom Artista dos nossos dias, que elle pintou com verdade, e sciencia, principalmente cabeças, pannos, arquitectura, e paizagens, e acabou tudo com huma delicadeza incomparavel.

Duarte D'Armas.

Foi Creado debuxador de ElRei D. Manoel, e por elle mandou este Monarcha desenhar a estatua equestre de marmore, que foi achada na Ilha do Corvo, ou do Marco, quando a descobrimos: estava ella no cume da serra que serve de marco, ou baliza aos navegantes; e era hum homem acavallo, e moço, coberto com huma sorte de capa, com a cabeça descoberta, tendo huma das mãos na coma do cavallo, e com a outra, que era a direita, apontava para o poente: hum braço do cavallo estava dobrado, e outro levantado. Parece por esta descripção, que a estatua teria notada alguma similhança com a de Marco Aurelio; ainda que devemos suppôr que em perfeição lhe seria muito inferior. Vendo ElRei o debuxo, mandou hum Engenheiro do Porto com apparelhos, e tudo o mais que era necessario para a apear, e trazer; porêm elle quebrou-a, e só trouxe alguns pedaços, que se perdêrão. Damião de Goes falla deste Pintor na Chronica de ElRei D. Manoel, e na do Principe D. João.

Antonio Campelo.

Temos visto qual fosse a superioridade de genio do nosso Grão Vasco; mas se Campêlo não o excedeo nessa parte, teve ao menos a fortuna de alcançar hum século muito mais illustrado. O estilo do 1.º, que era o de todos

daquelle tempo, ainda tinha muito do gothico; quero dizer, sêco, magro, mesquinho, chato, carregado de ornamentos, e de trabalho superfluo, tanto nos Corpos avançados como nos remotos; mas a maneira do 2.º era nobre, e grandiosa: ex-aqui como se explica Felix da Costa: »*Entre os Pintores que merecêrão grandes premios, (não fallando nos que seguírão a maneira gothica), forão notaveis os seguintes:* 1.º *Antonio Campelo — seguia elle o estilo de Miguel Angelo na força do desenho, e com mais intelligencia de colorido. — Ha obras suas no Claustro de Belem, e hum precioso painel do Senhor com a Cruz ás Costas, que merecia outro trato, e outro lugar. Ha varias outras pinturas suas pelas Igrejas — Floreceo no tempo de D. João* 3.º

Reflexões sobre esta Memoria.

No Reinado de D. João 3.º teve Portugal muito bons Pintores; mas parece que entre todos se dava a este a primazia. D. Francisco Manoel de Mello, fallando dos mais illustres Portuguezes em diversas prerogativas, dá a palma a Camões entre os Poetas, a Vieira entre os Prégadores, ao nosso Thaumaturgo entre os Santos, e a Campêlo entre os Pintores; de que se infere, que essa era a opinião geral. Sobre esta bem fundada conjectura temos as suas obras, que plenamente nos convencem. A Rua da Amargura, que está na escada de Belêm, não obstante ter sido muitas vezes retocada, e mal, depõe ainda a favor da sua primazia, principalmente na opinião daquelles, que como nós, chegárão a vêr aquelle painel em muito melhor estado.

Em quanto aos do Claustro, o nosso Author não diz

quaes sejão os seus; mas dizendo que seguia a maneira de Miguel Angelo com melhor colorido, quem não vê que hão de ser os da Coroação de espinhos, e do Senhor Resuscitado? Lembramo-nos de ter visto este ultimo painel muito bem conservado, á excepção da taboa, que começava em parte a apodrecer. O Corpo do Senhor era bellissimo, com a cintura larguinha segundo o costume de Bonarota; e senão parecia obra do seu punho, era por ser mais delicada do que elle a teria feito.

Luiz Carache chamava ao Tibaldi o seu Miguel Angelo reformado, porque soubera moderar a fereza do desenho deste grande Mestre, e tornallo mais agradavel, sem prejudicar a sublimidade da sua maneira. Parece que este mesmo elogio se deve applicar ao nosso Campêlo: ambos o melhorárão em parte, ficando com tudo inferiores no todo ao seu incomparavel modêlo.

Gaspar Dias.

»*Floreceo este famoso Pintor* (diz Felix da Costa) *pelo mesmo tempo de Campelo. Foi genio admiravel, imitava muito a Rafael, e a Parmezão. Aprendeo na Italia, e foi nas proporções mais delicado que Campelo. Tinha espirito superior, as suas figuras parecião respirar, e muitas se assemelhão ás de Rafael. Entre outros, pintou o painel da Capella de S. Roque na Casa professa da Companhia de Jesus,* (hoje Misericordia), *em Lisboa.*» Pedro Guarenti faz menção de outro painel seu da vinda do Espirito Santo

pintado em 1534, que estava na boca da tribuna da Antiga Misericordia.

Reflexões sobre as pinturas de Gaspar Dias.

Sendo deste Artista o painel de S. Roque, que felizmente existe, por elle se vê, que era hum Pintor de muito talento; inda que, apezar de toda a delicadeza, que lhe attribue o nosso Author, não mostra igualar o mencionado Campêlo. Se no Claustro de Belém ha pintura delle, como he fama, parece que deve ser a do Senhor no Horto, cujo Anjo tem muita analogia em desenho, caracter, e colorido com o Anjo do painel de S. Roque.

Gregorio Lopes.

Teve carta de Pintor d'ElRei D. João 3.º passada em 1522, o seu epitafio na Igreja antiga de S. Domingos estava na nave esquerda defronte da pia, e dizia «*Aqui jaz Gregorio Lopes Cavalleiro do Habito de S. Tiago: Pintor d'ElRei Nosso Senhor, e de seus herdeiros.*» Alvaro Pires, e Gaspar Cam servirão tambem os Reis de Portugal, como Pintores. Ao primeiro, que falleceo em 1539, succedeo o segundo que era seu filho. Serião talvez Pintores da Casa das Obras; emprego, que se poderia exercer sem grande pericia, e comprova esta conjectura o uso de ser como hereditario, passando de paes a filhos.

Vanegas.

»*Foi Pintor espirituoso,* diz Feliz da Costa, *elevado nas suas idéas, e mui correcto no desenho. Era Castelhano, mas viveo sempre em Lisboa: foi primeiramente Ourives, porem como era bom debuxante poude passar facilmente á Pintura. Dadmelo debuxador, (dizia elle) que yo telo daré Pintor. Imitava o Parmezão: he seu o painel do retabulo na Capella Mor de Nossa Senhora da Luz.*» Este painel existe, ou copia delle, e he muito grande. Tem em sima Nossa Senhora e o Menino Jesus, que abençoa os Santos Padres do Limbo, os quaes estão em baixo, como metidos n'huma masmorra, apparecendo só a metade dos seus corpos. A Senhora, e o Menino tem muita força de claro escuro, e bom colorido, e toda a gloria inda que mui clara tem bastante armonia. Os corpos nús são menos vigorosos; mas não deixão de ter sciencia de anatomia, e consonancia de tons.

Antonio, e Francisco de Hollanda.

Antonio de Hollanda foi excellente Illuminador do Seculo de 500 principalmente na miniatura de branco, e preto com toque de ouro, a que chamão camafeo ou de claro-escuro. Dizem que Carlos 5.º não presava menos o seu pequeno retrato feito por elle em Toledo, que o grande, executado em Bolonha pelo Ticiano! Se nesta paridade

não ha encarecimento, he o maior elogio que se lhe póde fazer.

Francisco de Hollanda, seu filho, aprendeo com elle a miniar, e a modelar em barro; e sem aprender gravou ao buril de chapa, e de encavo, esculpio em pedra, e madeira, pintou em esmalte, e a oleo; escreveo em prosa, e verso sobre a Pintura, Architectura, e outras Materias. Costumava desenhar á penna sem apontar primeiro com o lapis, ou carvão, cousa que até alli, diz elle, ninguem tinha cá feito: inventou em Portugal a miniatura de pontinhos, ao mesmo tempo, que D. Julio Clovio a inventava em Roma. Sendo ainda moço ensinou a desenhar os Infantes filhos de ElRei D. Manoel.

Foi duas vezes a Roma, a primeira na sua junventude, sendo criado dos Infantes D. Fernando, e D. Affonso Cardeal; e a segunda vez por mandado de El-Rei D. João 3.º foi não só a Roma, mas a quasi toda a Italia, Hespanha, e França, a fim de observar, e copiar as boas cousas da Architetura e Pintura, e conversar com os Artistas, e Sabios. Elle communicou familiarmente em Veneza com Serlio que lhe fez presente do seu livro das 5 Ordens; e em Roma com o Bonarote, Clovio, Lactancio, sobrinho do Cardeal de Sena, mui versado nas Letras, Gregas e Hebraicas, e com Victoria Colona, viuva do Marquez Fernando d'Avalos, Dona mui celebrada na Republica das Letras, e boas Artes.

Viajava com decencia como pessoa de espirito elevado, e protegida por hum grande Rei. Neste giro gastou 9 ou 10 annos: achando-se em Roma no de 1539. »*Na Igreja de S. Pedro,* diz elle mesmo no seu livro da Pintura, *e no*

altar onde o Santo está sepultado, recebi o Corpo de N. S. J. C. pelas mãos do Papa Paulo 3.º dia de Pascoa, no anno de 1539 ante todos os Cardeaes, e a Corte, com os Embaxadores dos Reis Christãos, e alguns Senhores Romanos somente.»

Restituido á Patria em 1548 escreveo o seu tratado de Pintura antiga, que offereceo a El-Rei. Faltava-lhe ainda a romaria de S. Tiago de Galiza, e aproveitou a occasião que teve de a fazer no mesmo anno, em companhia do Infante D. Luiz.

Braz Pereira, filho de Fernando Brandão, guarda-roupa do Infante D. Fernando, tinha com elle muito grande amizade, por se haverem criado ambos em casa daquelle Principe. Era hum Fidalgo mui prendado, tendo grande genio para Pintura, e Architetura; vivia no Porto, e tendo-o por hospede huns poucos de dias, gastavão parte das noutes em conversar sobre estas Artes, daquelle entretenimento resultou o Tratado de bem retratar, ou de tirar pelo natural. Este opusculo he cheio de reflexões, e preceitos admiraveis »*Alguns dos quaes,* diz elle, *nascerão comigo; outros aprendi-os de Miguel Angelo, e de outros grandes Desenhadores, e do antigo.*

Tambem foi Author de hum Tratado da Fabrica, que falece á Cidade de Lisboa, pelos annos 1568.

Como a sua vida foi mais de Cortezão viajante, que de Artista, as obras que fez da Arte não podião ser muito numerosas: ellas se reduzem a algumas miniaturas para o Breviario de D. João 3.º aos livros do Côro para Thomar, a outro livro de Desenhos, e Architeturas, feito nas suas viagens, que está no Escurial; a hum retrato d'ElRei para

mandar á sua filha D. Maria, mulher de Filippe 2.º &c. e poucas outras cousas.

Em quanto á pintura de Oleo, ingenuamente confessa elle mesmo não a ter aprendido; e de Obra sua neste genero, só faz menção da copia do Salvador do Mundo feita em Roma, para a Rainha D. Catharina. Não he com tudo impossivel que nos deixasse mais algumas, e que huma dellas seja a que possue a Familia de Saldanha ao Passadiço representando o Baptismo de Santo Agostinho.

Manoel Diniz, Pintor nascido em Portugal, e estabelecido na Hespanha traduzio em Hespanhol o tratado da Pintura antiga de Francisco de Hollanda em 1563, segundo dizem; mas poderia haver erro nesta data, porque aquelle M. S. que se conservava na Livraria Real, ouvimos dizer, passou a Hespanha no reinado dos Filippes, pelos annos 1580, ou depois.

Antonio Moro.

Nasceu em Utreclt ou Utreque, foi discipulo de João Schoorel, e depois estudou na Italia as obras de Rafael, e Miguel Angelo. O Cardeal Granvela admirando a raridade dos seus talentos o apresentou a Carlos V. que lhe deo o titulo de seu Pintor, e o enviou a Portugal para retratar D. João 3.º, a Rainha D. Catharina, e sua filha D. Maria 1.ª, mulher de Filippe 2.º, por cujos retratos teve huma gratificação de 600 escudos, e outros ricos presentes, entre os quaes hum annel do valor de 1ꝑ florins dado pelos Estados

destes Reinos; e tendo aqui retratado muitos Fidalgos cada hum lhe deo 100 ducados, e hum annel, mais ou menos rico; era somma muito avultada naquellas eras.

Servio depois Filippe II. e foi tão valido, que, dando-se então muito credito a encantamentos, e suspeitando os da Inquisição que elle lhe havia dado feitiços, o terião encarcerado, se o Cardeal, que o soube a tempo, não o tivesse posto logo em seguro fóra do Reino. O Rei inda que nunca soubesse o motivo, (cousa incrivel mas dada por certa), porque se havia retirado, não deixava de lhe escrever muitas cartas, protestando a estima, que fazia da sua pessoa, e dos seus talentos; e de fazer grandes mercês a seus filhos, e filhas.

Christovão d'Utreque seu Discipulo veio á Corte de Portugal pelo meado do século 16.º, ou com elle, como dizem huns, ou com hum Embaxador Portuguez, como outros querem. Servio D. João 3.º pintando não só excellentes retratos, mas tambem alguns quadros de historia. Os bellissimos painelinhos, que estão sobre os Caixões da Sacristia da Madre de Deos serão talvez da sua escola. Os seus talentos forão remunerados liberalmente com boas sommas de dinheiro, e com o Habito de Christo. Acabou os seus dias em 1557, na idade de 59 annos.

Onze annos depois morreo Antonio Moro em Anvers, tendo 56 annos. N. Se estas datas, que são de hum Author respeitavel fossem exactas teria o Discipulo 14 annos mais que o Mestre, cousa impossivel não, mas pouco verosimil.

Affonso Sanches Coelho.

Foi hum dos mais illustres Pintores Portuguezes, e assim o confessárão os mesmos Biografos da Hespanha até ao fim do ultimo século; mas Bermudes o reclamou, dizendo ter achado documentos por onde constava ser Valenciano. Podemos suppôr que haja alguma equivocação nas provas. Affonso Sanches estudou Antonio Moro na Hespanha, e Rafael em Roma: servio o Principe D. João; e depois da sua morte passou ao serviço de Filippe 2.º, Grande estimador da Arte, com quem privou tanto como havia feito Antonio Moro, com a felicidade porêm de o não suspeitarem de bruxaria.

A' imitação do Rei, todos os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, com D. João de Austria, e o mesmo Principe D. Carlos o visitavão, e honravão muito. S. Magestade nas Cartas que lhe escrevia o exaltava com os titulos de Ticiano Portuguez, e de seu amado filho.

Fez muitos quadros de historia, e retratos de Pessoas Reaes, para o Retiro, e Escurial, imitando tambem a maneira do Ticiano que se equivocavão com os delle.

Isabel Sanches, sua filha, nascida na Hespanha em 1564, aprendeo com elle a retratar, e a desenhar perfeitamente, e casou com hum dos primeiros Magistrados de Madrid: morreo dous annos depois do falecimento de seu pae, que foi em 1600 tendo 75 annos, outros querem, que elle morresse 10 annos antes; isto he em 1590, deixou rendas para a manutenção de huma Casa Pia de meninas orfãs em Valladolid.

Christovão Lopes.

Filho de Gregorio Lopes, e Discipulo de Affonso Sanches, (se he verdade o que nos diz Palomino) foi Pintor da Camera d'ElRei D. João 3.º, de quem recebeo entre muitas mercês a do Habito de Aviz. Retratou muitas vezes a Familia Real. Tambem pintou quadros de historia com maneira boa, e larga; e dizèm que na Capella Mór de Belém hà alguns seus. Por seu falecimento em 1594 succedeo-lhe Fernão Gomes no lugar de Pintor do Rei.

Diogo Teixeira.

Este Artista, diz Felix da Costa, fez cousas excellentes no tempo de D. Sebastião, e crê-se que foi Discipulo dos já mencionados, D. Antonio filho do Infante D. Luiz, e neto d'ElRei D. Manoel, o fez Fidalgo da Sua Casa. Na Luz, ao pé das de Vanegas estão pinturas suas.

Fernão Gomes.

Foi Discipulo de Blockland, Flamengo, pintava, diz Felix da Costa, com muita destreza, e valentia, e era excellente debuxante. Pintou o tecto da Capella Mór do Hospital

Real, e o quadro da Transfiguração de Jesus Christo na Igreja de S. Julião, e muitos em varias Igrejas. Servio na Irmandade de S. Lucas 1602, e foi hum dos nove, de que se compunha a Mesa daquelle anno, que em 17 de Outubro comprou ás Religiosas da Annunciada huma Capella por 400$ réis para nella collocarem as Imagens de S. Lucas em pintura, e em escultura; e isto por Escriptura lavrada pelo Tabellião Marcos de Oliveira, de que ha copia no Livro do Compromisso da mesma Irmandade. Em 1594 succedeo a Christovão Lopes no lugar de Pintor d'ElRei.

Vasco Pereira, inda que Portuguez, estabeleceo-se em Sevilha, e em 1594 concertou o famoso painel da Rua da Amargura, de Luiz de Vargas. Fez outras obras no principio do século seguinte.

Simão Rodrigues.

Na serie dos Pintores Portuguezes, que florecêrão nos seculos 16 e 17, não podemos achar outra guia, que melhor nos conduzisse, e encaminhasse, que o tantas vezes mencionado Felix da Costa, delle sabemos que Simão Rodrigues, entre os muitos, e bons quadros que fez, pintára tambem o do Nascimento para o Refeitorio de Belêm, o qual era reputado o melhor de todos elles. Foi hum dos que em 1602 comprárão a Capella de S. Lucas na Igreja da Annunciada.

Bartholomeo de Cardenas.

Foi para Madrid com Affonso Sanches Coelho, de quem era discipulo. Entendia bem o nú, e era por consequencia assás correcto no desenho: nas roupas era grandioso. Compunha com muito espirito, e coloría com perfeição. Foi bem acceito na Côrte de Filippe 3.º Pintou huma gloria de 50 e mais palmos em quadro na Igreja de S. Paulo em Valladolid; a vida de S. Domingos no Claustro do Convento d'Atocha em Madrid, e muitas outras bellissimas cousas. Morreo de 59 annos de idade, no de 1606. Palomino diz que era oriundo de Hespanha, mas nascido em Portugal.

Amaro do Valle.

Aprendeo em Roma, aonde era celebrado, e conservou sempre a maneira Italiana vaga, e doce. Imaginando que em Lisboa, sua Patria, teria a mesma acceitação, regressou a ella, aonde morreo bastante pobre. Pintou a Capella Mór da Igreja de Santa Maria, desprezada pela ignorancia, sendo a sua melhor obra: fez tambem o painel de S. Lucas para a Capella dos Pintores, e muitas outras cousas. Foi Pintor de Filippe 2.º de Portugal, e 3.º de Hespanha, lugar em que por sua morte succedeo Domingos Vieira Serrão no 1.º de Junho de 1619. O Painel de S. Lucas escapou aos estragos do terremoto de 1755, e está na Igreja de

Santa Joanna na Capella do mesmo Santo, que ainda pertence aos Pintores, como consta de huma escriptura lavrada em 23 de Julho de 1793, pelo Tabellião Francisco Xavier de Souza Henrique, cuja cópia tambem está no livro do Compromisso da Irmandade.

Ainda que este quadro esteja assás desfigurado pelo tempo, e pelos muitos, e máos retoques, ainda se vê na figura do Santo, e na de Nossa Senhora, que tinha muita correcção de desenho com força, e agrado de colorido.

Domingos Vieira Serrão.

»Fez cousas excellentes, diz o nosso guiador, com muita »doçura, modestia, fidalguia, e bom debuxo. Entendeo bem »a perspectiva, como se vê no tecto do Hospital Real, »invenção sua. Recebeo muitas honras de Filippe 3.º e 4.º »por quem foi chamado a Madrid para pintar no Retiro, »aonde tem cousas admiraveis.» Desenhou o desembarque de Filippe 2.º em Lisboa, que foi gravado por João Schorcquens. Em 1608 servio de Juiz na Meza de S. Lucas; e crê-se que morrêra no de 1641, anno em que lhe succedeo Miguel de Paiva, no lugar do Pintor do Rei. Na Portaria de S. Bento está pintada em grande painel a Arvore Genealogica Religiosa de S. Bento, e S. Bernardo, e tem em letras grandes o nome de Domingos Vieira, com a era de 1652; mas se a firma não he supposta, podemos inferir que será de outro Pintor do mesmo nome.

Luiz Alvares de Andrade.

Foi natural desta Cidade de Lisboa, e ficando muito cedo orfão de Pae, sua Mãe lhe fez dar huma educação muito propria para fazer progressos na Arte, e mais nas virtudes, nestas teve por mestres Fr. Francisco de Bovadillas, (que tambem o foi das primeiras letras) e Fr. Luiz de Granada, naquella ignoramos quem fossem; consta porêm que era perito, e que sendo muito devoto da SS. Trindade, pintava paineis deste Altissimo Mysterio, e os fazia expôr nas Igrejas á veneração dos Fieis. Foi o principal Instituidor da Procissão dos Passos da Graça, começada em 1587. Os bons Artistas seus Collegas o estimavão, pois vemos ser hum dos quatro que assignárão o Compromisso da Irmandade de S. Lucas: assignou mais hum acordão em 1613, entrou tambem no número dos que comprárão a Capella do dito Santo em 1602, e dos que seis annos depois comprárão os covaes pelo painel do retabulo da Capella da Cruz, que estava na Annunciada da parte do Evangelho; talvez, o que ainda se vê em Santa Joanna. Terminou seus dias nesta mesma Cidade em 3 de Abril de 1631.

Francisco Nunes, natural de Evora, floreceo por estes tempos. Aprendeo em Roma, teve grande maneira, e bom estilo. Na sua patria estavão as suas melhores obras, e nesta Cidade hum Apostolado em meios corpos.

Domingos da Cunha.

Estudou a Arte em Madrid com Eugenio Caxas, Castelhano, filho de hum Pintor, Arquitecto Florentino, e colorio muito bem, imitando com perfeição, ainda que servilmente a natureza, quero dizer, sem a melhorar quando ella era susceptivel de maior elegancia. Nasceo em Lisboa em 1589, e tendo 34 annos entrou na Companhia de Jesus. Fazem menção delle muitos Escriptores; alguns dos quaes elogiárão as suas obras, perdidas quasi todas pelo terremoto de 1755. Morreo em opinião de Santidade. Na Collecção de Duarte de Souza, Correio Mór do Reino, existião, diz Felix da Costa, hum Santo Antonio, e hum S. Diogo pintados por elle.

Andre' Reinoso.

»Foi discipulo de Simão Rodrigues, cuja maneira, diz o »nosso Author, não quiz seguir, inclinando-se com muito »acerto ao estilo Italiano. Sem ter a melhor escolha do »natural, fez cousas admiraveis pela sua viveza. Entre as »melhores se conta a vida de S. Francisco Xavier em »S. Roque, sobre os caixões da Sacristia, da parte direita: »e na Capella do Menino perdido, o dos Reis, e o do Nas»cimento.» Foi eleito Juiz da Irmandade de S. Lucas para a Meza de 1641, mas não acceitou. Sempre lhe ouvimos chamar Diogo, e não André, mas era tradição errada, porque além da authoridade de Felix da Costa, que viveo

no mesmo século 17 temos os livros da Irmandade, que he incontestavel.

Diogo Pereira.

»Aprendeo sem Mestre, e só pela communicação que »teve com Pintores:» A sua falta de estudos bem se conhecia na dureza com que pintava, e na ignorancia da perspectiva, architectura, e desenho que se observa nas suas melhores obras. Pintou incendios, diluvios, tempestades, etc.; e parece, diz hum Author daquelle tempo, que as desgraças que representava lhe espantavão a fortuna. Deo-lhe a Natureza hum genio raro, e original, principalmente para os fogos, cujos paineis se estimão na Italia, França, e Inglaterra. O Patriarca D. Thomaz de Almeida, teve hum gabinete ornado com 60 paineis seus, contendo não só fogos, e batalhas, mas tambem frutos, flores, paizagens, bambochatas, &c. Não he raro achar pinturas suas; na Collecção de Borba estão duas das melhores representando Troya, e Sodoma, firmadas por elle, e na de Penalva está o seu famoso Inferno, com as figuras de Vieira Lusitano. Morreo Septuagenario, e pobrissimo em 1640, diz hum Biografo Italiano, mas he engano, porque em 1658 servio de Escrivão na Meza de S. Lucas.

Jose' d'Avelar Rebello.

»Foi homem de grande talento, (diz Felix da Costa) e »de grande discripção, e engenho. Sem Mestre, e só por

»genio superior, graça particular, e muito exercicio, foi »capaz de pintar o Menino entre os Doutores, que está em »S. Roque, e outros bons paineis que lhe merecêrão hum »Habito de Aviz.» No antigo Palacio Real pintou a fresco o Salão da musica, e fez muitos quadros para a livraria Arcebispal. ElRei D. João o 4.º gostava de o vêr pintar, e de conversar com elle, quando lhe deo o Habito, dizia no Alvará que lho dava por ser o melhor Pintor do seu tempo. Desde o anno 1639 até o de 48, fez os 72 grandes paineis da vida de Jesus Christo, que apainelavão todo o tecto dos Martyres, e a tomada de Lisboa sobre o arco da Capella Mór. Em 50 pintou outros para o tecto debaixo do Côro; mas em 1746 tirárão-se os ditos para levantar o tecto da Igreja, que foi feito de estuque por João Grossí, e enrequecido com o famoso painel de Vieira Lusitano, de que ha desenhos. He tido em bastante estimação o S. Jeronymo firmado por elle, que está na livraria de Belêm. Na portaria de S. Bento ha hum grandissimo painel do triunfo de Nossa Senhora pintado em 1656, e ouvimos dizer a Pedro Alexandrino, que no friso da architectura tinha o nome de Avelar. Em quanto aos dos Caetanos feitos, segundo alli se lê, em 1655, parecem de mão muito menos habil, e menos antiga. Foi Juiz na Irmandade de S. Lucas em 1644.

Josefa de Obidos.

He muito grande a variedade de opiniões que seguem os Historiadores a respeito da célebre Pintora Josefa d'Ayala,

(que este era o seu verdadeiro nome.) Felix da Costa diz ser filha do Sevilhano, famoso em paizes, principalmente nos pertos; e falla delle como de pessoa que todos conhecião. O Malhão no livro que escreveo da sua vida, tambem a celebra como filha de Obidos, e filha, que fazia muita honra á sua patria. Alguns querem que nascesse em Sevilha, e fosse filha de Balthazar Gomes Figueira; outros a fazem discipula do dito Balthazar Figueira, ou de Figueiredo, de quem já vimos bons paineis de objectos inanimados com a sua firma: encostamo-nos ao parecer de que era Portugueza filha de Hespanhoes. As obras que existem della são de dous generos, 1.º de paineis historicos; 2.º de objectos naturaes, e artificiaes como fructos, doces, aves, etc. Muitos deste genero, reputados por seus, não são bons; estimão-se porêm os cordeirinhos, que se achão em quasi todas as collecções de Lisboa.

Em quanto aos seus paineis de figuras, temos ouvido celebrar os da Igreja de Valbemfeito dos Padres Jeronymos, e os que estavão na Misericordia d'Obidos sobre o arco da Capella Mór, e na Freguezia de S. João. Aqui temos visto alguns, e muito bons; hum dos quaes representando os Desposorios de Santa Catharina, era pintado n'huma chapa de cobre de 2 palmos de alto, e pertencia á familia de Gonçalo José da Silveira Preto, passou depois ás mãos de Francisco Cypriano, contratador de paineis, que em 1810 o vendeo a hum Inglez por 8 moedas; tinha a sua firma, e era de 1647. Outro era de huma Coroação de Nossa Senhora tambem em cobre, pintada com extrema delicadeza, e em certos adornos com a paciencia dos Gothicos, tambem tem o seu nome, e a era 1657, e pertence ao Conego de

Evora Miguel Remigio. Retratava bem, e fez o retrato da Princeza D. Isabel que foi enviado a Victor Amadêo. Morreo em 22 de Julho de 1684. Os seus quadros de Historia sustentavão-se ao pé dos bons daquelle tempo.

João Gresbante.

Era hum Pintor Inglez estabelecido em Lisboa. Tinha grande genio, e idéas sublimes; mas como a execução da sua obra não correspondesse ás suas idéas, nunca era contente com o que executava, parecendo-se nisto com hum certo Artista da antiguidade. Não obstante, os conhecedores admiravão o Concilio de S. Damaso, que pintou na Capella Real, o painel da boca da tribuna da Magdalena com bom desenho, e colorido, e outros muitos que se queimárão no incendio de 1755. Servio muitos lugares na Meza de S. Lucas desde 1651 até 1665, e ainda vivia em 1680.

Marcos da Cruz.

Foi homem de mais arte que engenho, disse hum Escriptor do seu tempo, e como não tivesse Mestre sufficiente seguiò primeiro hum errado caminho, que tratou depois de emendar, e adquirio muitas cousas essenciaes como a intelligencia das massas do claro-escuro, a perspectiva aerea, e outras. Os seus paineis que estavão em S. Paulo, na Capella Real, na boca da tribuna de S. Nicoláo, e em outras

Igrejas, quasi todos se queimárão em 1755. Dizem ser obra dos seus pinceis a Santa Maria Magdalena de Pazzi no Carmo, e os paineis do Cruzeiro de Jesus. Ouvimos dizer tambem a Pintôres antigos que fôra Mestre de Bento Coelho, e com effeito em algumas das cabeças destes quadros acha-se muita analogia com as que fazia o seu supposto discipulo. Servio na Meza da Irmandade de S. Lucas desde 1649 até 1674. Em 57 foi Juiz, e em 78 deo esmola avultada para a Missa quotidiana.

Feleciano de Almeida.

He este o ultimo Pintor de que falla Felix da Costa, e diz elle, que por huma singularidade inconcebivel quizera imitar os Pintores Gothicos sem dar relevo, ou força aos seus objectos, enfarinhando muito os claros com alvaiades, e usando de sombras imperceptiveis; mas que, como declinava o gosto e o saber, a ignorancia applaudia muito aquelles defeitos.

Servio de Escrivão na Meza do Santo em 1684, e de Juiz no anno seguinte. Na Ermida de Nossa Senhora Madre de Deos do Secretario de Guerra ha paineis pintados, pouco mais ou menos, no seu estilo.

Manoel de Castro.

Estudou a Arte em Madrid na escola de Claudio Coelho, Pintor célebre, oriundo de Portugal. Carlos 2.º de Hespa-

nha mui satisfeito com a Gloria, e Redempção de captivos, e outras pinturas, que fez nos Conventos da Trindade, e das Mercês, o nomeou seu Pintor por morte de Bartholomeu Peres em 1698.

D. Claudio seu Mestre era filho de Faustino Coelho, Portuguez, excellente bronzista, o qual vivia em Madrid onde Claudio nasceo. Este applicou-se á pintura, e fez nella grandes progressos. Foi Pintor de Camara, e Architecto do Rei. Entre as muitas, e boas cousas que fez foi mui celebrado o painel das Sagradas Formas que está na Sacristia do Escurial, do qual temos huma estampa gravada em Lisboa por Conti, e Bartolozzi, morreo em 1693. Palomino, diz delle, que em perspectivas podia competir com Bibiena. Manoel de Castro sobreviveo-lhe 19 annos.

O Marquez de Monte Bello.

Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos foi mui versado nas Artes, e Sciencias, e muito bem acceito a Filippe 4.º, que em premio de relevantes serviços lhe deo o titulo de Marquez em 1630. Dez annos depois acontecendo a revolução de Portugal, e achando-se na Côrte de Hespanha seguio o seu partido, talvez por necessidade: mas vendo-se naquelle Reino sem meios sufficientes para subsistir com decencia, fez profissão pública da Pintura, em que era perito, parecendo-se nisto com o Imperador Constantino Porphirogeneto. Foi casado com D. Violante d'Orosco, filha do Marquez de Mortara, e Dama da Rainha

D. Margarida de Austria. O Duque de Viedro seu descendente ainda conservava com satisfação em 1730 a sua palheta, e os seus pinceis.

Felix da Costa Meesen.

Devemos a este Artista, e Escriptor huma serie de Memorias de 19 Pintores, sem as quaes teriamos de começar o espectaculo deste Theatro Pintoresco no 2.º ou 3.º acto. Não temos noticias das suas obras, mas acha-se o seu nome nos livros da Irmandade de S. Lucas, aonde consta servio nas Mezas de 1705 e 1706.

Escreveo as Memorias em 1696, e diz no fim dellas »Os Homens famosos o forão, porque frequentárão Aca»demias, e obtiverão honras, e premios dos Principes, muitos dos nossos sem estudos grandes, e sem protecção, ainda que não fizessem tanto, merecem com tudo honra, veneração, e applauso.

Aonde acabão as noticias deste Author, começão felizmente as de Pedro Alexandrino, escriptas por elle mesmo, e as de Lobo, as quaes seguiremos, sem desprezar as de outros Escriptores que merecem attenção, e crédito. Felix da Costa assentou por Irmão em 11 de Novembro de 1674, e faleceo em 1712. Na Demonstração Historica se faz menção de huma antiga Imagem dos Passos de que falla, (diz o Author em hum dos seus escriptos), o insigne pintor Felix da Costa.

Bento Coelho da Silveira.

A funestissima derrota que soffrêrão os nossos exercitos no anno de 1578 em Alcacerquivir foi a origem de toda a nossa desgraça, por ella passou o Reino a hum dominio estrangeiro; por ella perdemos quasi todas as Posseções da Asia, e muitas da America, e por consequencia as Armadas que nos davão o Senhorio dos mares, e as grandes riquezas que nos vinhão das Indias, Japão, China, &c. Reduzido o Reino a huma Provincia, declinarão entre nós as Sciencias, e muito mais as bellas Artes; porque não tendo Monarcha proprio que as protegesse forão ellas abandonadas á indigencia, ou á ignorancia dos póvos. Depois de hum captiveiro de 60 annos em que os empregados, e cobiçosos tiravão o ouro do corpo do Estado, como as sanguexugas tirão o sangue do corpo do enfermo onde são lançadas; seguirão-se as guerras da restauração, achando-se o Reino em tal pobreza, que o mesmo Rei se sustentava só com as rendas da sua antiga Casa de Bragança. Estas guerras durárão até 1668, e ainda se resentírão as calamidades dellas renovadas pela guerra da Successão até á Paz de Utreclt em 1715.

Os Reis conservárão sempre hum Pintor seu, mas era como hum Mestre da Casa de Obras, tendo de salario 5 ou 6$000 réis annuaes, hum moio de trigo, e os prós, e precalços, que muitos annos serião nullos; e este officio passava de paes a filhos, quando os havia, como cousa para a qual a sciencia não era necessaria, inda que ás

vezes recahia por acaso sobre homens habeis. Restava por tanto só a Religião que podesse manter algum Pintor, mas como? Pintando muito por muito pouco dinheiro, e he o que aconteceo a alguns Pintores já nomeados, e mais ainda a Bento Coelho, de quem se diz que fizera tantos quadros quantos forão os dias que vivera.

Não fallando nos muitos paineis seus, que se queimárão pelo terremoto, nem nos que fez para outras terras do Reino, e Dominios Ultramarinos, ainda existem bastantes em quasi todas as Igrejas de Lisboa, que escapárão do incendio de 1755. Este Pintor occupou varios lugares na Meza de S. Lucas desde 1648, até 1698, sendo muitas vezes Juiz. Ainda existia muito velho no principio do século 18; e na Sacristia de S. Pedro em Alcantara ha hum painel da Invenção da Santa Cruz, firmado por elle em 1702, crê-se que morrêra em 1708. Teve discipulos que quizerão imitar a sua maneira, mas fizerão-no tão mal, que ficárão sem nome.

Reflexões sobre as Obras de Bento Coelho.

Este grande Pintor, teve como o Tintoreto 3 sortes de pinceis; o de ouro, o de prata, e o de ferro. Pintada como de ouro só vimos huma chapa de cobre representando Judith, e Holofernes, que tinha pouca inveja ás obras de Vandeick; com o pincel de prata são feitos os paineis da Sacristia da Penha, os de S. Jorge, os da Madre de Deos, e das Commendadeiras da Encarnação, os de S. Bento, Francezinhas, e outros. Estes são pintados com grande empaste, e bellas tintas, que se conservão vivas, e frescas,

com toques resolutos, e virgens. Em geral os fundos dos seus quadros são assás escuros, e as figuras campão por mais, ou menos claras, segundo os pavimentos em que estão. Tinha bellissimas côres de carnes vivas e mortas, mas como pintava de pratica, e quasi sempre improvisando havia necessariamente ser muito maneirado e incorrecto. *Lourenço da Silva Paz. V. p.* 39.

Antonio Machado Sapeiro.

Quiz imitar Bento Coelho na maneira franca, e presteza de execução; mas succedeo-lhe o que succede de ordinario a todos os imitadores, que foi ficar inferior ao seu modêlo. As suas obras publicas são o tecto da Sacristia do Loreto. o S. Christovão da Sé, que he muito máo, e está todo repintado, alguns paineis na Igreja da Saude, e na dos Anjos, em Santa Martha, na Sacristia dos Capuchos, e o Santo Antonio nas Trinas do Rato, que parece ser o melhor de todos. Os 8 sobre as Capellas da Freguezia de Santos são pintados no seu estilo, assim como os 4 na Capella Mór da Ermida do Secretario de Guerra. Era tambem retratista, e teve a fortuna de retratar El-Rei D. João o 5.º, e de ser o seu retrato o mais applaudido de todos quantos até alli se havião feito, pelo qual recebeo huma gratificação proporcionada ao grande espirito daquelle Monarcha. Assentou por Irmão de S. Lucas em 23 de Setembro de 1704. Servio na Meza pela ultima vez em 1712, e morreo em 24 de Junho de 1740.

O Lobo na sua Silva Laudatoría diz delle:

»O Machado imitou a Natureza
No Retrato, com optima destreza,
Teve a felicidade
De exprimir mais que outro a Magestade
Do quinto João perfeito Soberano
Que deixou seu pincel mais nobre, e ufano.»

Henrique Ferreira Pintor mediocre, tambem fazia retratos, e pintou quasi todos os que estão em Belêm na Casa dos Reis. Assentou por Irmão de S. Lucas em 24 de Outubro de 1700.

Andre' Gonçalves.

Foi Discipulo de D. Julio Cesar de Femine, bom Pintor Genovez, que viveo em Lisboa, aonde pintou muitos quadros para o Convento da Graça, e outros lugares Sacros, e profanos. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 18 de Outubro de 1720. Em 1736 era já falecido tendo servido na Meza em 1721, anno em que foi Juiz. O Discipulo não seguio a sua maneira, adoptando outra mais branda, e mais agradavel, que imitava no colorido a de Conca, e Massucci, e nas roupas a de Marata, de cujas estampas, de que tinha grande copia se servio muito na composição dos seus paineis, muitos dos quaes se queimárão nas Igrejas pelo terremoto. Os que escapárão, ou forão feitos depois estão no Convento das Commendadeiras de Santos, e no de Santa Anna. Na Igreja do Collegio dos Nobres está o

S. Pedro e S. Paulo, e o da Converção deste grande Apostolo. Existem muitos nas Capellas do Menino Deos, e nas Capellas Móres de S. Lourenço, Santa Joanna, Santa Martha, S. Martinho, Mercês, Paulistas: os das Capellas da Bemposta, que passárão, pela renovação da Igreja para a Sacristia: os da Capellas de Quéluz, o da Conceição que se queimou na Ajuda, e era, diz Pedro Alexandrino, admiravelmente bem pintado, pela esperança do premio, o qual não correspondeo á obra pelo limitado animo do louvado, que o avaliou, (deveria ser Mattheus Vicente). Na Portaria de S. Domingos tem este Santo, e S. Francisco: os das Igrejas das Trinas dos Cardaes, e do Mocambo tambem são seus; assim como o S. Pedro e S. Paulo na Freguezia da Pena de optimo colorido, e os da vida de Christo que estavão sobre as Capellas, e forão grandemente retocados por Pedro Alexandrino; mas ainda senão collocárão: os de S. Bento na Capela de Santo Amaro, e o Santo Eremita, que esteve na escada, e está hoje na Sacristia; he o unico original que elle fez, e merece grandissima estimação. No Hospicio da Conceição da Carreira, e em Rilhafoles ha obras suas; tambem lhe pertencem os quadros da vida de S. João Baptista na freguezia do Lumiar, e a Senhora do Carmo na Igreja desta Invocação, e alguns em Mafra na Capella dos sete Altares; os da Ermida do Marquez de Pombal em Oeyras, e os da Rua formosa que estão na Igreginha chamada do Mariola Mór, os quaes ficárão mui deteriorados pela retirada dos Francezes em 1808, e tendo sido repintados, parecem agora de outra mão. Na Madre de Deos tem a grande gloria sobre a Capella Mór, e algumas outras cousas, como são a Santa Clara, e S. Francisco,

e a vida de José do Egypto na Sacristia. Em S. Vicente tem o da Sacristia, e o da Capella da Annunciação. Tambem são seus os do Côro de S. Domingos de Bemfica. Fez muitas pinturas para Santa Cruz de Coimbra, e para todos os Conventos dos Cruzios, decorou varios Côros, e Capellas interiores em Conventos de Freiras. Na Capella Mór de S. Pedro de Alcantara ha trez quadros seus, e outros na de S. Bento da Estrella, &c. &c.

Entrou na Irmandade de S. Lucas no 1.º de Novembro de 1711, e servio na Meza desde 1712 até 1754 sendo duas vezes Juiz, pelos livros consta que morrêra em 15 de Junho de 1762, tendo de idade 70 annos 6 mezes e 15 dias. Jaz no Convento dos Mariannos.

O Lobo diz que o André levava aos mais a palma, inspirando os pinceis nas tintas alma.

Existem dois retratos seus, hum na Collecção de Penalva, feito por Guilhard, na sua idade juvenil, outro na Collecção de Borba em idade avançada, feito por Pedro Alexandrino. Teve muitos e bons discipulos; e forão, seu filho Manoel José Gonçalves, João dos Santos Ala, Joaquim Manoel da Rocha, José da Costa Negreiros, Francisco Xavier Lobo, o Padre Manoel José, de quem fallaremos adiante. Pedro Alexandrino não foi seu discipulo, mas aproveitou muito frequentando a sua casa, e a sua escóla.

Manoel José Gonçalves fez o painel, que está no Collegio dos Nobres do Senhor dando as chaves a S. Pedro, feito pela estampá de Rafael, e muito bem colorido, e executado. Gravou a agua forte em 1752 a estampa que se acha na Carta Apologetica pela ingenuidade da Pintura, inventada por seu Pae. Morreo desgraçadamente no dia do terremoto

de 55, malogrando-se desse modo as bellas esperanças que nos dava.

De João dos Santos Ala existe o painel de S. Domingos em Soriano em huma das Capellas do Claustro de S. Domingos, e os do Rosario que sahem em procissão: o quadro do tecto da Igreja das Commendadeiras da Encarnação, dous da vida de Nossa Senhora em Jesus; varios retratos de Veneraveis na Cartuxa, e outros. Imitava a maneira de seu Mestre, mas era mais franco. Servio na Meza do Santo de 1733—35.

Lourenço da Silva Paz, he apenas conhecido por ter succedido a Bento Coelho no lugar de Pintor da Casa das Obras em 1608, e ter sido Juiz da Meza do Santo em 1704, e outras vezes; Morreo em 10 de Março de 1718. Julgamos que fosse Pintor de huma das classes mais rasteiras tendo bastante fortuna, e protecção, como teve nos nossos dias o Cavalleiro Ignacio Meireles, e tem tido outros.

Ignacio de Oliveira Bernardes.

Na familia deste Pintor contão-se muitos Artistas. Seu Avô Manoel Rodrigues, natural de Beja, mas nascido casualmente em Moura, era Pintor, e foi pae de Antonio de Oliveira Bernardes. Este casou com Francisca Xavier neta de hum Ministro, e filha de Francisco Ferreira, que seguia tambem os Lugares de Letras, porêm depois applicou-se á Pintura, e forão os Paes de Ignacio de Oliveira, de Fr. José de Santa Maria, Padre Thomarista, e de Policarpo

de Oliveira, todos Pintores, e discipulos de seu Pae. Antonio de Oliveira entrou na Irmandade de S. Lucas em 7 de Agosto de 1684. Policarpo de Oliveira Bernardes em 19 de Outubro de 1728, e José de Oliveira em 21 de Outubro de 1731, sendo ainda secular; os dois primeiros servírão lugares na Meza, e Antonio de Oliveira foi Juiz em 1679.

Policarpo de Oliveira Bernardes fez o painel de Santo Antonio que está na Igreja da Lapa. Nasceo em 1695, e morreo em 1778. Fr. José, de quem já fallamos fez quadros devotos de cavalete, morreo em 22 de Fevereiro de 1781 tendo 81 annos de idade. Ignacio de Oliveira nasceo em Lisboa no 1.º de Fevereiro de 1695, e foi hum dos estudantes, que D. João o 5.º mandou a Roma aonde quiz fundar huma Academia Portugueza da Arte; e ainda em 1776 alli vimos vestigios de huma grande casa com padrão das Armas Reaes Portugueza sobre a entrada, e era chamada pelos Italianos a Academia de Portugal. Forão com elle, Ignacio Xavier, natural de Santarem, o qual chegou aqui a pintar hum medalhão para a Procissão do Corpo de Deos, e morreo logo. Domingos Nunes, e José de Almeida. Ignacio foi Escolar de Benedito Lutti, e por sua morte passou para a Escola de Paulo Mathei, Director do dito Collegio ou Academia, e fez progressos na Pintura e na Architetura: adquirio hum colorido por extremo vago, e agradavel, mas brandinho, e hum modo de desenhar elegante. Servia-se de estampas, segundo o costume do nosso paiz, mas compunha com intelligencia sabendo bem a Perspectiva, a Anotomia, Symetria, &c. e outras partes fundamentaes da Arte.

Empregou-se em Lisboa como Architecto Civil, e como

Architecto Decorador, e como Pintor. Como Architecto Civil fez desenhos para parte da Igreja de S. Francisco de Paula, do Palacio de Queluz, e da Casa, e Quinta de Gerardo Devisme. Como Decorador teve a direcção dos Theatros de Queluz, e dos Theatros Regios, depois da falta da Bibiena até a introducção de Jacomo Azzolini. Tambem dirigio, antes do terremoto, o Theatro dos Congregados do Espirito Santo, e o da Rua dos Condes. Como Pintor tem Mafra os dous paineis dos Oratorios do Paço que representão S. José, e Nossa Senhora do Livramento. Nas Aulas hum de Santo Antonio. Na Sacristia o de S. Francisco recebendo as Chagas, e na Portaria Mór o de Santo Antonio diante de Nossa Senhora, que he muito grande, e o menos bom de quantos fez.

Em S. Francisco de Paula estão nas Capellas o de S. José, e o da SS. Trindade, e no tecto o de S. Miguel, hum dos melhores, e mais vigorosos que conhecemos delle. Em Santa Isabel tem a Senhora da Arrabida, no Refeitorio de S. Bento o Castello d'Emaûz, e nas Necessidades o Calvario, e a SS. Trindade. São tambem seus os quadros da Capella Mór das Freiras de Carnide, o de S. Francisco recebendo as Chagas, do Menino Deos, o da Piedade em S. Vicente, o que está na Igreja do Rato, o Neptuno em hum dos tectos da casa do Provedor dos Armazães, e dous na Cartuxa &c.

Forão seus discipulos, Francisco Xavier, natural de Evora, que vivia em 1775, e de quem vimos varias copias muito bem feitas.

D. Michaela Arcangela Romaneti, sua filha, boa Miniadora que nasceo em 1740, e já era falecida em 1815.

João Pedro de Oliveira, seu filho que vio a luz em Lisboa no anno de 1752, fez hum quadro do Senhor dos Passos para as Religiosas dos Cardaes: hum painel grande da Coroação de Nossa Senhora para huma Capella interior das Freiras do Sacramento, e outros.

Ignacio de Oliveira entrou na Irmandade do Santo em 16 de Janeiro de 1718. Em 1780 foi eleito, com Francisco Vieira, Director da Academia do nú estabelecida de novo a S. José, e poz alli hum acto. Morreo em 18 de Janeiro de 1781. Faz menção delle o nosso Lobo na sua Silva, dizendo que no colorido imitava a Vandeick. Não sabemos se comparou bem.

Jeronymo da silva.

Temos deste Artista o S. Francisco de Sales na Igreja das Necessidades, o painel da Capella Mór das Commendadeiras da Encarnação que he de grande maneira; o grande quadro, e as virtudes do tecto do Menino Deos; os da Capella Mór da Igreja da Pena, os que estão debaixo do Coro em S. Sebastião, os retratos na Portaria de S. Vicente, e os da Casa do Capitulo na Graça que são de Papas, Cardeaes, Bispos, e Veneraveis da Ordem, sendo alguns de André Gonçalves. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 18 de Outubro de 1711, e servio varios lugares na Meza desde 1713 até 1732. O Lobo louva-o em dous versos dizendo que entre muitos figuristas fôra hum dos melhores. Ouvimos dizer estudou em Roma.

Pedro Antonio Quillard.

Nasceo em París, e contava apenas 12 annos quando fez huns desenhos tão bellos, que o Abbade Fleury, depois Cardeal, os apresentou a Luiz 15 seu discipulo, o qual lhe concedeo logo huma certa pensão para o animar. Entre tanto hum tal Merveilleux, Medico Suisso, que devia passar a Lisboa para escrever a Historia Natural destes Reinos, e era seu amigo, o induzio a acompanhallo para lhe desenhar os objectos que elle havia de escrever. Quillard tinha talentos superiores; retratava bem; pintava com lindo estilo as festas galantes no gosto de Wateau, de quem parecia ser discipulo, e era tambem forte no grande genero como deixou vêr nos paineis da Cêa, e Lava-pés que pintou para Mafra, e estão, o 1.º no altar do Campo Santo e o 2.º na Portaria mór; nos tectos que pintou no antigo Palacio Real; nas Fabulas que possuia o Marquez de Valença, e em outros muitos que se achavão nas collecções de Mr. Mangié, do Marquez de Alegrete, e do Conde da Ericeira. Na casa de Cadaval sempre foi famoso o retrato do Duque D. Jayme a cavallo; como tambem se celebravão as funcções da Luz, e da Nazareth, cujas copias pintadas por Joaquim Marques possuio Architecto Manoel Caetano de Sousa.

Logo que chegou a Lisboa foi acceito para Pintor do Rei, e Desenhador da Real Academia da Historia com 60$000 réis mensaes, mas sendo atacado de colica, morreo apressadamente em 25 de Novembro de 1733. Gravou a agua forte o S. Lucas para as antigas patentes da Irman-

dade do Santo, huma estampa mui laboriosa da marcha funebre do Duque de Cadaval, e outras cousas.

João Ranc, que em 1724 fôra nomeado Pintor de Filippe 5.º veio por este tempo a Lisboa a fim de retratar a Familia Real. Alguns dos seus retratos forão abertos a agua forte por Gabriel Franco Luiz Debrie, Abridor da Academia Real, em 1739. Elle morreo em 1735, de 61 annos

---

Pedro Guariente.

Tendo onze annos de idade começou a estudar a Arte em Verona, tres annos depois, protegido pelo Marquez Albergatti foi a Bolonha aonde frequentou a escola de José Maria Crespi, desejando ser, não só bom Pintor, mas tambem bom conhecedor de pinturas, e dos seus Authores, começou a comtemplar, a observar, e mesmo a copiar as obras dos grandes Mestres, a fim de imprimir bem na memoria o caracter de cada hum.

Em 1725 foi feito Academico Clementino em Bolonha: viajou depois em varios Reinos da Europa, e esteve tambem em Portugal, aonde recolheo memorias de alguns Pintores nossos com que ampleou o Abecedario Pictorio do Padre Orlandi, que reimprimio em Veneza em 1753 e offereceo-o ao Eleitor de Saxonia, de cuja Regia Galaria era Inspector. Elle achava-se em Lisboa pelos annos 1730, aonde limpou, e retocou paineis de Igrejas, e os das Collecções particulares; e fez a descoberta da famosa taboa de Rafael representando a Sagrada Familia, que se acha na Collecção de Penalva.

Na Casa de Tancos ha tambem huma attestação sua em que affirma a originalidade dos célebres paineis do Bassano e de outros Authores. Quando se retirou, deixou o segredo da sua agua de limpeza a Caetano Alberto do qual passou a seu filho Jacintho de Almeida, que limpou, e retocou quasi todas as Collecções de Lisboa, e tambem a de Sua Magestade, de quem obteve em premio huma pensão vitalicia.

Francisco Vieira Lusitano.

Eis-aqui hum Pintor Portuguez, que póde competir com muitos dos mais egregios das Nações Estrangeiras. Nasceo em Lisboa em 4 de Outubro de 1699, e apenas tinha passado os annos da puericia quando deo signaes de que viria a ser tão extremoso amante, como insigne Pintor. Parece, que a Natureza infundio nelle ao mesmo tempo estas duas raridades para o fazer duas vezes famoso. Como, e quando começou amar a sua D. Ignez; como se recebeo com ella a furto dos seus parentes; como estes cheios de furor a clausurárão logo no Convento de Santa Anna, aonde a obrigárão a professar, inda que ella protestasse, que era casada, e como passados annos pôde sahir para viver com elle; são cousas que não só por mui sabidas, mas por exactamente contadas no Livro do Pintor Insigne nos podemos dispensar de repetir. Diremos com tudo alguma cousa a respeito dos seus progressos na Arte.

O Marquez de Abrantes tendo visto o muito, que o seu genio estava promettendo, com beneplacito de seus paes o

conduzio a Roma aonde foi como Embaxador Extraordinario de D. João o 5.º ao Papa Clemente XI. Alli foi discipulo de Lutti, e depois de Trevisani. Esteve 7 annos, e no fim delles ganhou hum 1.º premio da Academia, na 1.ª classe. Quando veio mandou-lhe El-Rei fazer hum grande painel do Santissimo Sacramento para servir na Procissão do Corpo de Deos, e outros para a Patriarchal, os quaes não acabou; e sem se despedir partio segunda vez para Roma a procurar o recurso, que lhe não valeo, para tirar a mulher do Convento. No seu primeiro estylo, menos acabado, e mais pintoresco, são feitos os dous paineis que estão em S. Roque de Santo Antonio prégando aos peixes, e prostado diante de Nossa Senhora. Pedro Alexandrino louvava muito a distribuição das luzes deste quadro. O corpo nú de Lucifer he huma bellissima Academia pintada com grande franqueza, e intelligencia de Anatomia.

Antes de fazer a segunda viagem tinha elle em 22 de Outubro de 1719 entrado na Irmandade de S. Lucas, e vê-se no Livro dos assentos, que o seu nome era Francisco Vieira de Mattos. No anno seguinte servio na Meza. Esteve mais 6 annos em Roma, e foi feito Academico de merito na Academia de S. Lucas. Voltou, e conseguio a suspirada posse da Esposa que sahio da Clausura vestida de homem; mas foi gravemente ferido com hum tiro de pistola pelo Irmão della. O agressor sahio do Reino soffreo os males da pobreza, e veio por fim a mendigar o pão daquelle a quem havia tão atrozmente maltratado (1). Vieira receoso

(1) Sabemos este facto da boca do mesmo Vieira.

de algum novo insulto retirou-se por algum tempo para o Convento dos Paulistas, aonde em 1730 e 31, pintou os famosos Eremitas para o Cruzeiro da sua Igreja. Para viver tranquilo resolveo a terceira viagem de Roma, e chegou até Sevilha em 1733. Dali, sendo chamado, tornou a esta Côrte como Pintor do Rei com ordenado de 60$ réis cada mez, e as obras pagas. Muitos dos seus paineis queimárão-se pelo terremoto; mas ainda restão o Santo Agostinho da Portaria da Graça, painel famoso, pintado em 1736; os bellissimos quadros de Povolide que representão Santo Antonio, S. Pedro, S. Paulo, a Familia Sagrada, e Santa Barbara, e forão executados desde 1736 até 1740. A celebre Sacra Familia do Conde d'Assumar. O grande painel de S. Francisco despojado dos habitos seculares, que está no Menino Deos; o quadro tambem respeitavel da Capella Mór da Cartuxa.

Em S. Francisco de Paula tem o quadro do mesmo Santo na Capella Mór; e nas Capellas menores o da Senhora da Conceição, o da Sagrada Familia, e o de Santo Antonio, que forão feitos por 1765. Em Mafra, na Capella dos sette altares está outra Familia Sagrada em grande painel, regeitado pelas intrigas dos seus emulos. Na Casa de Cadaval havia huma réplica desta pintura. Na Ermida de S. Joaquim ao Calvario ha varias pinturas suas, brilhando muito a da Sagrada Familia que está sobre o Altar. O Conde de Lipe por 1762 visitou Vieira, e obteve delle hum Santo Antonio que levou para Alemanha. Guilherme Hudson tambem conduzio a Inglaterra o celeberrimo original da Adoração dos Reis. Tambem he sua a Conceição que está na Junta do Commercio. Braz Toscano de Mello, Escultor empregado em Mafra possuia outro Santo Antonio

de Vieira; e Pedro Alexandrino falla em hum painel do mesmo Santo, e do mesmo Author que se acha na Collecção de Borba. Entre os quadros deste Author, que devorou o incendio de 1755 era assás famoso o do tecto dos Martires, pintado em 1750 de que nos restão os desenhos: representava a tomada de Lisboa aos Mouros por D. Affonso 1.º, e Guilherme de Longa espada, protegidos por Nossa Senhora dos Martires. Custou 1:000$ rs. Pelos gabinetes dos Curiosos ha varios esbocetos seus. Fez hum número prodigioso de optimos desenhos, dos quaes a maior parte delles possue a Inglaterra, aonde os Amadores da Arte os pagavão muito bem, e muitos forão alli estampados: tambem abrio elle mesmo alguns a agua forte, contando se entre os melhores o de Neptuno e Coronis, e o das Parcas cortando o fio vital de seu Irmão. Foi igualmente sábio em Architectura como se vê em muitas das suas obras, e no desenho que fez para huma fonte de Neptuno entre duas Casas de prazer para hum jardim de Alexandre de Gusmão. Vimos em Roma paineis seus, e estampas copiadas pelas suas invenções.

Vieira professou na Ordem Militar de S. Tiago em 1744. Em 75 enviuvou, e deo então fim á sua carreira pinturesca. Deixando Mafra, onde D. Ignez espirou, veio viver para o sitio do Beato Antonio, cheio de mágoa, e saudades; desejando muito sahir desta vida para ir fazer companhia á sua idolatrada esposa. Publicou em 1780 o seu livro do Pintor Insigne, e leal Amante, assistio a hum acto da Academia do nú a S. José, e tres annos depois acabou os seus dias, tendo vivido exemplarmente soccorrendo os pobres, e frequentando com muita devoção os Santuarios.

Vieira teve alguns discipulos, e bastantes imitadores. Estes forão Joaquim Manoel da Rocha, o qual em materia de composição preferia ao mesmo Rafael, (parece grande excesso), Antonio Joaquim Padrão, Pedro Mattheus, e outros.

Entre os seus discipulos podemos contar sua Irmã Catharina Vieira, e o Morgado de Setubal.

De Catharina Vieira existem dous paineis no Oratorio da Casa nobre de Moreira Dias na rua da Fé, hum representando S. Lucas, outro S. João Evangelista; ambos firmados por ella. Seu Irmão a celebra no seu livro pag. 295. Ouvimos dizer a Pintores antigos, que ella, e D. Anna de Lorena havião pintado parte dos quadros para a Ermida de S. Joaquim, cujas invenções são quasi todas de Vieira.

Alguns Pintores o ajudárão por vezes a pintar os seus paineis, e entre outros D. André Rubira que trouxe comsigo de Sevilha, o qual o ajudou no painel da Cartuxa, e fez o S. José, e o transito de S. Francisco para o Menino Deos.

João Pedro Volkmar.

Nasceo em Lisboa pelos annos 1712, com bastante genio para as artes de imitação. Seu Pae, que tinha o mesmo nome, era Alemão, filho de Paes Lutheranos, mas inclinava-se muito á Religião Romana, e tendo visto de noite, no seu quarto, hum raio de luz, e huma Imagem que se lhe representou ser de Nossa Senhora, deixou a casa paterna, e foi viajar para se fazer Catholico. Casou em Lisboa onde

teve bastantes filhos, e huma filha. Como amasse muito a Santa Religião que abraçava, desejava que os seus filhos se dedicassem á Igreja, e fez patrimonio ao mais velho, que morreo antes de se ordenar. O 2.º João Pedro estava acceito para o Convento da Graça; mas tendo hido á Batalha assistir á entrada do 3.º filho, Fr. Francisco da Expectação, que vestio o habito de S. Domingos, tomou em tanto a resolução de ficar no século, e de se applicar á Pintura. A filha Maria Rosa casou com Manoel Machado Ferreira, que pertencia á familia dos Machados, honrados Lavradores do termo de Setubal, e por morte de seu tio o Padre Affonso Machado devia herdar bastante fazenda; mas o Padre sobrevivendo-lhe muitos annos, porque viveo hum século, teve tempo para deixar cahir as casas, decepar as vinhas, e arrazar os arvoredos.

João Pedro como gastasse os annos da adolescencia nos estudos da Filosofia, quando se decidio a querer estudar a Arte, era já hum pouco tarde. Foi a Roma á custa da sua casa, e alli frequentou a escóla do famoso Corrado. Tornando á Patria por 1740 pintou, em concurso com Berardo Pereira alguns paineis da vida de João Abbade de Lorvão, e outros: tambem fez varias remessas de quadros para o Brazil. Depois do terremoto pintou hum número incrivel de pequenos quadros do Santo Borja, que as gentes devotas invocárão contra aquelle terrivel flagello. Seguio-se a moda dos pannos pintados a tempera para ornamento das casas; e nisso, e em paineis de cavalete se occupou o resto da sua vida, que durou até o dia 8 de Março de 1782. As Obras publicas que restão delle são »Em S. Miguel d'Alfama o Senhor curando os hydropicos. A SS. Trindade

coroando Nossa Senhora no Côro dos Padres Trinos. Hum Calvario no Oratorio junto ao Chafariz da Rua Formosa. Varios Eremitas pintados a fresco em casa de D. José Lobo á Boa vista, e poucas outras.

Teve por discipulo 1.º seu irmão Henrique Pedro de quem era tutor. 2.º Simão dos Santos que se occupou em cousas de ornamentos, e morreo moço: 3.º Cyrillo Volkmar Machado, seu sobrinho, filho de sua irmã.

Henrique Pedro Volkmar tendo desavenças com seu irmão, e mestre, retalhou huma duzia de paineis que estavão promptos a embarcar, e ausentou-se, viajou pela Hespanha; e tornando adiantado, mas pobre e doente pelos annos 1769, foi morrer a sua casa, sendo ainda muito moço.

Peregrino Parodi.

Filho de Domingos Parodi, excellente Pintor Genovez, que fez os dous paineis da Circumcisão, e Desposorios para a Capella Mór dos Barbadinhos Italianos em Lisboa. Nasceo em Genova; frequentou as aulas dos Jesuitas nos seus primeiros annos, e depois os estudos da Pintura na Escola de seu Pae. Fez retratos com muita semelhança, e concorrião Senhores de ambos os sexos, tanto naturaes do paiz, como estrangeiros, e pedir-lhe para que elle os retratasse. Em 1741 retratou o Doge Nicoláo Spinola, cuja pintura foi gravada em Florença pelo Gregori. Passou depois a Lisboa aonde fez hum número prodigioso de retratos, e adquirio sommas avultadissimas, que despendia logo com

jogo, boa meza, e cocheira, sem reservar nada para o dia seguinte: de modo, que chegando a ser bastante velho, e invalido, morreo muito pobre, mas bem tratado na enfermaria dos Creados de ElRei, pelos annos 1785.

Alêm dos retratos, fez tambem o painel da Cêa que está em Santa Isabel. Como tinha muito que fazer, occupou em qualidade de Ajudantes alguns Pintores, e forão Roque Vicente, o Rocha, o Bruno, e Cyrillo muito nos seus principios. Era Poeta, e muito jovial. Mandando-lhe huma dama pedir setim azul ferrete para hum vestido, respondeo-lhe »Menina, setim asul ferrete não ha; veja se o quer mais claro?

Francisco Pinto Pereira.

Foi hum Retratista tão acreditado no seu tempo, que pôde sustentar hum estado opulento. O Lobo o elogia neste ramo da Arte dizendo »O Pinto alto voou por seus disvelos: retratos muitos fez, e muito bellos.» Os seus paineis de Historia são poucos, e máos. O seu forte, diz Pedro Alexandrino, era pôr grandes massas escuras muito ao pê dos realces, sem a suavidade das meias tintas. Estavão alguns delles na Igreja do Senhor do Bom fim em Setubal. Tambem se seu o de Jesus Maria José na Freguezia do Coração de Jesus. O melhor he de Santo Antonio na Igreja das Necessidades, e tanto que não parece da mesma mão. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 1720, e servio na Meza quasi todos os annos, até o de 53, sendo Juiz em 33, 34, e 35, e morreo em 27 de Outubro de 1752.

Forão seus discipulos Miguel Antonio do Amaral, e Domingos da Rosa.

Miguel Antonio era natural de Castello branco. Fez em Lisboa quantidade de retratos, que lhe derão para se tratar com hum certo fausto: os mais notaveis forão os da Familia Real, encommendados por hum Agente da Imperatriz da Russia, de quem foi liberalmente recompensado. Fez tambem paineis de Historia: os da vida de S. Francisco, que estiverão sobre as Capellas da Igreja de Xabregas, feitos por desenhos de Vieira, apodrecêrão com a humidade, e estão alli outros. No Carmo tem o Santo Antonio feito pela estampa de Marata: são seus alguns meios corpos nas Sacristias da Trindade, e das Commendadeiras da Encarnação. Pedro Alexandrino falla em outros quatro que estão no Cruzeiro de Belêm, e vem a ser o Maná; os Triunfos de Nossa Senhora, e o do Santissimo Sacramento, e outros. Entrou na Irmandade em 28 de Abril de 1754: morreo em 1780 tendo quasi 70 annos. Foi mestre de Jeronymo de Barros, e de Manoel de Matos. O Lobo o compára com Aparicio, e não sabe »*qual tem nas competencias a victoria.*»

O Abbade Apparicio.

Francisco José Apparicio, era natural de Villa-Franca. Estudou em París aonde frequentou a escola de Mr. Urry, e copiou tambem algumas obras de Jacintho Rigaud, porque se inclinou para o genero de retratos. He seu o do Senhor D. José que está na Casa dos Reis em Belêm, inda que

retocado por André Gonçalves, e tem alguma cousa do estylo do seu modêlo. O Painel da Sagrada Familia, copia de Rafael que está na Igreja das Necessidades he tambem dos seus pinceis. Costumou-se em França a trajar a l'Abbé, trajo de que usou sempre. Morreo de 80 ou mais annos no de 1787. Usava da Arte mais como curioso grave, que como Professor.

Domingos da Rosa.

Teve a honra de ser Mestre de Desenho, e Pintura de SS. AA., e de retratar muitas vezes as Pessoas Reaes para ficarem aqui os Retratos, e para hirem para Hespanha. Pintou tambem alguns paineis de Historia, como o de S. Miguel e Almas para Santa Isabel, e o de Nossa Senhora para a Capella do Sacramento no Carmo.

Fr. Martinho da Costa, Monge de S. Bernardo, da Familia dos Armeiros Móres, tradruzio do Latim, por elle lho pedir, o Poema de Fresnoy sobre a Pintura, e mandou-lhe a traducção, com huma carta, em que lhe diz, que olhando para as suas admiraveis producções, e egregios quadros, cuja poesia deixa nelles de ser muda, lhe parece superflua a efficacia com que havia solicitado aquella traducção. Que se os Heróes da Pintura de quem falla o Author resurgissem, e viessem observar os seus excellentes paineis, se admirarião de vêr reunidos em hum só Artista todos os raros dotes que elles possuírão divididos; de modo tal, que sem lhe ser preciso como fôra aos mais soffrer a morte para ter applausos, já em vida merece que seja gravado, e esculpido seu nome em letras de bronze &c.

Teve a Mercê do Habito de Christo, que não chegou a professar. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 22 de Abril de 1754, e falleceo em Lisboa em 1796 com 67 annos de idade.

José da Rosa, seu filho e discipulo succedeo-lhe nos empregos que tinha no Paço; tendo a honra não só de preparar as palhetas para SS. AA., mas tambem de executar aquellas cousas de maior fadiga, que as mesmas Augustas Senhoras lhe determinavão.

Jose' da Costa Negreiros.

Foi discipulo de André Gonçalves, cujo estylo seguia com mais sisudeza, mas com menos agrado. O Lobo diz delle »qne não era affectado, e que entre o sisudo, e o pezado seguia sempre o meio termo.» Pintou o painel da Conceição para o Erario Regio, outro para o Senado da Camera, hum terceiro para os Armazães da Fundição, e huma Santa Anna para o Oratorio da mesma Casa. O S. Roque para a Capella da Ribeira das Náos; e o Transito de Santa Thereza para as Carmelitas de Carnide. He tambem sua a Senhora da Piedade que está em huma das Capellas da Sé por de traz do Côro, e outra que está, diz Pedro Alexandrino, na Ermida do Resgate, e a Imagem do Santo Christo que está na Casa do Despacho do Menino Deos. (1) Fez alguns tectos em Loires na Quinta do Correio Mór, o da Casa do Capitulo em S. Domingos de Bemfica,

---

(1) O Publico tem dado varios Authores a este famoso painel; mas consta-nos que he do Negreiros.

cuja Architectura he de Lourenço da Cunha: os paineis em hum coche rico para os Senhores de Palhavã, e outros; e faria mais senão se distrahisse tanto com o divertimento da caça, e tivesse vivido mais tempo. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 24 de Outubro de 1745, e sendo solteiro faleceo em 1759, de 45 annos de idade. Forão seus discipulos Bruno José do Valle, Simão Baptista, que se applicou depois aos ornatos, e refrescou o tecto da Capella Mór dos Paulistas, obra do Pimenta.

Este homem habil era descendente de huma antiga e illustre familia, da qual sahirão outros Artistas benemeritos, de quem adiante faremos menção.

Roque Vicente.

Foi discipulo de Joaquim Manoel da Rocha na escola de Domingos Nunes. Vimos em casa de Parodi alguns retratos copiados por elle, e entre outros os do Marquez, e Marqueza de Pombal, que tinhão bello estylo de côres, e suavidade de pincel. Existem tres paineis seus na Igreja de Santa Isabel, feitos pelos annos de 1764, e são o de Jesus Maria José, o de Santa Anna, e o de Santo Antonio. Nos dous ultimos ha humas figuras de Pedro Alexandrino, que tambem se distinguem.

Antonio Joaquim Padrão.

Pintou o S. José que está no Mosteiro dos Bentos, á Estrella; Nossa Senhora do Carmo para a Capella do

Arcebispo d'Adrianopoli; o painel chamado da competencia porque o fez n'huma especie de concurso com o Rocha: he a Annunciação Nossa Senhora feita pela estampa do Baroccio, e bem se vê que poz alli todo o seu saber, conseguindo talvez igualar o seu modêlo, no colorido, graça, suavidade, e expressão. Este quadro está na Galeria de Borba. Tambem soube pintar com magisterio paizes, e retratos, e faz-lhe muita honra o de D. Fr. Manoel do Cenaculo Arcebispo de Evora, que está em Jesus. Na Sacristia da Ermida da Piedade, á Boa-Morte, está outra pintura sua feitá para a bandeira do Terço, e foi huma das ultimas cousas que fez; assim como o Menino Jesus representado na idade adolescente para o P. Antonio Luiz, bem conhecido pelo zelo, e caridade com que educava os orfãos; o qual passou para a collecção do Marquez d'Angeja. Fez os esbocetos, que forão para França para por elles se executar o grande retrato do Marquez de Pombal expulsando os Jesuitas. Abrio muito bem a agua forte. Morreo moço, e tisico pelos annos 1760.

O Lobo o elogia muito e diz, que era melancolico, e estudioso; que não poupava deligencia alguma para se aperfeiçoar, e que sabia abrir os Livros com gosto raro. Foi mestre de João Silverio Carpineti, e de José Caetano Syriaco.

João Silverio Carpineti, que tambem estudou com Vieira, foi bom desenhador, e gravou a agua forte os retratos das Pessoas Reaes, do Marquez de Pombal, e outras cousas. Desenhou toda a Marinha de Belêm, e o embarque dos Jesuitas para servirem de modêlo á que se gravou em França, por ordem de Gerardo de Visme na famosa es-

tampa do Marquez de Pombal, bem conhecida dos curiosos. Teve amisade com Gildemeestre Consul de Hollanda, e com o sen crédito entrou em especulações mercantís, em que não foi sempre afortunado.

José Caetano Syriaco pintou no seu principio ornatos, paisagens, e quadraturas nos Theatros Regios; tempos em que Pedro Alexandrino pintava alli as figuras; e como alcançou a moda dos pannos pintados para adorno das casas fez grande número delles com boa acceitação; pintando tambem nos Theatros da Côrte figuras, e paizes. A oleo pintou o painel da Capella Mór das Freiras dos Cardaes; os da Ermida de D. Christovão a Arroios, o de Santa Gertrudes em S. Bento da Estrella, o do Terreiro, e alguns mais. Inda que não fosse rico, era assás maltratado pela gota, e morreo da idade de 60 annos por 1800 pelos fins do século.

Joaquim Manoel da Rocha.

Nasceo em Lisboa, e foi discipulo de André Gonçalves, e de Domingos Nunes: era tambem admirador enthusiasta, e imitador de Vieira.

Domingos Nunes foi hum dos que El-Rei D. João o 5.º mandou a Roma, e quando veio fez hum painel que se queimou pelo terremoto, e alguns lindos esbocetos para outras obras; depois por falta de vista não pôde pintar mais.

O Rocha teve no principio colorido agradavel, depois usou muito de preto de marfim a que chamava preto santo,

e da terra rossa, que dá na côr de tijolo. Copiou quantos desenhos pôde de Vieira; e copiava-os tambem que se equivocavão muito com os originaes. Pelos annos 1760 pintou o panno da embocadura para o Theatro do Bairro alto, aonde representou Apollo com as Musas, e hum bellissimo Tejo. Custou-lhe muito a manejar as tintas, e não quiz pintar mais nada a tempera. Como não fazia pannos para ornar casas, e não queria ir pintar em tectos, nem em lugar algum fóra da sua casa, achava-se ás vezes sem encommendas, e nesses intervalos pintava fógos, buzios, conxas, e outros objectos da natureza morta, tudo com a maior verdade, optima composição, e toque magistral. Tambem gravou mui pintorescamente a agua forte. O seu costume era pintar de manhã, e passear de tarde, até que sendo admittido como Lente na Aula Regia do Desenho, que então se estabeleceo, dahi por diante empregou as tardes nas lições da sua escola. Fez bastantes quadros para Igrejas, e são »o da Sagrada Familia para o Carmo; os da Ultima Cêa na Conceição dos Freires, e no Loreto, os da Senhora da Conceição em Santa Isabel, na Sacristia dos Paulistas, e nas Sete Casas. O da Ermida do Morgado da Alagoa, o S. Paulo Eremita na Portaria dos Paulistas. Annunciação do Baroccio, e hum Apostolado na Ermida de Feliciano Velho. Para os Oratorios dos Jooens hum Jordão, e a Senhora do Rosario. Estes commerciantes inspeccionárão as obras da Igreja de S. Paulo, para onde fez o Rocha o famoso painel de S. Pedro e S. Paulo. Os 4 Arcanjos para a Capella do Senhor da Paciencia na Convalecença. Hum S. Jorge para Paulo Jorge, hum que está na Capella Mór, e dous na Sacristia de S. Pedro d'Alcan-

tara. Sete paineis tambem de Igreja para a Ilha Terceira. O de S. João Evangelista na Capella Mór do Beato Antonio, e dous em huma das outras Capellas; e outros mais.

Tambem fez retratos: o seu, o de sua Mãe, o de Francisco Vieira Lusitano, como a cabeça de hum Monge, e a Senhora de Trevisani, todos pintados por elle, estão na Collecção de Borba. No ante-côro de Jesus está o de Mayne, e outros 5 seus successores, e Bispos. Em 1780 concorreo para a Academia do nú a S. José; e depois tambem ajudou a dirigir a da rua dos Camillos. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 22 de Outubro de 1752, e morreo em 28 de Setembro de 1786. Pedro Alexandrino diz que desenhava bem, mas que em os seus nús usava muito das linhas rectas, ou quasi rectas; cousa que conduz ao estylo magro. O Lobo o louva muito, e diz mais, que era sisudo na côr, e forte no claro-escuro. (1) Forão seus discipulos Bernardino da Costa Lemos, natural de Porto de Mós, o qual copiou paineis de cousas naturaes que estão na Collecção de Mayne em Jesus, tendo cada hum delles duas pequenas mós, que lhe servem como de firma, ou divisa. Fez tambem a Conceição para a Igreja de Santo André, os Reis, e o Nascimento para debaixo do Côro de Jesus. Descontente da fortuna foi para a sua patria servir hum officio de Escrivão.

---

(1) O Rocha sendo aliás hum homem de grande probidade, teve a fraqueza, induzido pelo seu amigo João Rosado Villalobos, Professor de Rhetorica, de satirizar os paineis, e a conducta de Batoni que não o merecia, e de lhe enviar a sátira traduzida em Italiano. Só porque Pompêo Batoni foi incumbido de fazer os paineis para a Basilica Real do Coração de Jesus. Obra que elle tinha requerido para si.

Joaquim Leonardo da Rocha, seu primeiro filho nasceo em Lisboa em 1756, e alêm dos progressos que fez na Pintura, e na Gravura d'agua forte, tocava cravo, e era muito bem acceito em casa d'Alorna. Pelos annos 1780 foi para a China com D. Fr. Alexandre de Gouvêa Bispo de Pekin. Alli soube que se entrasse no Imperio não tornaria a sahir, e não quiz entrar. Depois que veio casou, e teve hum partido do Marquez d'Alorna, a titulo de seu Pintor. Pelos annos 1808 passou á Ilha da Madeira, aonde dirigia huma Aula de Desenho, e para uso dos seus Escolares publicou »*Medidas geraes do Corpo humano para uso da Real Academia de Desenho, e Pintura da Ilha da Madeira em* 1810.» Dedicadas ao Governador Pedro Fagundes Bacellar.

João Franco Rocha seu segundo filho, nasceo em 1760. Aproveitou menos, e foi mui pouco feliz: faleceo bastante pobre pelos annos 1816. Teve outro discipulo José Jacintho que foi Conego em Evora.

Pedro Alexandrino de Carvalho.

Teve, como André Gonçalves o talento de saber agradar ao Público, de sorte que não só tinha as encommendas de quasi todos os paineis de Igreja, que se fazião de novo; mas tiravão-se muitos mais antigos dos seus lugares para se collocarem os delle. Nasceo em Lisboa em 1730, e começou a estudar a Arte com João de Mesquita, Pintor de ornatos. Passou depois á Escola de Berardo Pereira

Pegado, que sem ser bom Pintor gosava d'huma certa reputação em virtude da qual fez os paineis do Santo Estevão d'Alfama, e outros. Teve alli por condiscipulo o Sobrinho de seu Mestre Manoel Pereira Pegado, que desenhava bem, e chegou a fazer boas cópias.

Pedro Alexandrino teve grandes desejos de ir a Roma, mas não o conseguio: sendo porêm visinho, e amigo de André Gonçalves podemos dizer que deveo a elle, e ao seu natural engenho os progressos que fez. Pintou com admiravel facilidade a oleo, a tempera, a fresco; em grande, e em pequeno, por estampas, pelo natural, e de prática. Fez muitos paineis em carruagens ricas, com Genios, Deoses, e Deosas da Fabula, verdadeiramente encantadores; e huma dellas foi mandada de presente ao Rei de Marrocos. Pintou com igual graça a tempera, pannos de ornar casas, e estatuas, e quadros nos Theatros. Até hum certo tempo julgava-se que os seus talentos erão limitados a objectos de galantaria; e para os paineis grandes lhes preferião Ignacio de Oliveira, o Negreiros, o Roque, o Rocha, e o Bruno; mas quando por 1778 fez o grandissimo quadro do Salvador do Mundo, para a Sé, tudo o mais ficou de parte.

Ainda que conhecesse o grande crédito que tinha, fazia todos os esforços para agradar, hindo a tectos, e a toda a parte aonde achava que fazer, e não rejeitava cousa alguma por barata que fosse; seguindo nesta parte o systema de Bento Coelho. Nós o vimos começar hum grandissimo quadro no tecto de huma Igreja, pela pequena cabecinha de hum Serafim, e proseguilo até o fim, sem precisar tornar atrás para correcção, affinação, ou accordo; cousa verdadeiramente rara; mas que foi causa de que o seu colorido

muitas vezes desmaiasse com o tempo por pouco empastado.

Iriamos muito, e muito longe se quizessemos indicar todos os quadros que fez, e só observaremos que assim como não ha Igreja antiga aonde senão ache alguma cousa de Bento Coelho, assim não ha Templo, ou Convento moderno aonde senão encontrem muitas cousas de Pedro Alexandrino. Por divertimento, para adorno da sua casa, pintou alguns lindissimos e preciosos quadros de flores, e fructos. Foi hum dos Directores da Academia do nú na rua dos Camillos. Os seus discipulos são José Antonio Parodi, seu cunhado. Vasco José Vieira, e hum certo Theodoro, que se applicou ás miniaturas, e morreo moço. Joaquim José de S. Payo, ajudou a pintar varias cousas dirigidas por seu Mestre: inclinou-se para o concerto de paineis, e tem retocado muitos.

He Mestre de seu filho José Ignacio de S. Payo, o qual se applica ao genero historico, e ao dos retratos, como se applicou seu Avô Miguel Antonio. Henrique José da Silva nasceu tambem em Lisboa em 1772. Estudou o desenho na Aula Regia por 5 annos depois com o Rocha, e tres com Eleuterio Manoel de Barros, que lhe succedeo, em 1790 passou para a escola de Pedro Alexandrino, que frequentou por alguns annos. Tem pintado muito nos Theatros, e feito tectos, e paredes a fresco com figuras, e ornatos. Tem igualmente executado não só quadros de cavalete a oleo, mas tambem alguns para Oratorios, e para Igrejas, imitando em todos o agradavel estylo de seu Mestre. Tambem tem feito retratos, &c. Em 1819 passou ao Rio de Janeiro. Felisberto Antonio Botelho.

Pedro Alexandrino pintou até aos ultimos dias da sua vida, que se terminou em 27 de Janeiro de 1810 com 80 annos de idade. Jaz na Igreja de S. José sem epitafio, segundo o uso do paiz. O seu retrato, pintado por elle mesmo pelos annos 1775 existe na collecção de Borba.

Bruno Jose' do Valle.

Teve grande genio para a Pintura, mas pouca vontade de se applicar a ella, e vindo a ser socio de João Gomes Varella na Empreza do Theatro do Bairro Alto, pelo que tocou em dote a sua mulher, pôz de parte os pinceis, e não tornou a usar delles senão quando a urgencia o obrigou a isso. Competio com Pedro Alexandrino, e até aos annos 1762 davão-lhe a perferencia, porque no tecto da escada da Fundição, o Pedro, e o Berardo fizerão nos lados as 4 partes do Mundo, e elle fez o grande quadro do meio. Continuou depois com a casa das pistolas, aonde colorio outros paineis allegoricos. Para Santa Isabel pintou S. Sebastião, copia em parte da estampa do Dominichino. A figura do Santo tirada pelo natural não foi muito feliz, faltando-lhe aquella elegancia, e fidalguia, que se costuma dar a este Santo. He tambem seu o quadro da Capella Mór da Trindade, o da Sagrada Familia na Sacristia de Santo Antonio da Sé, e os da Piedade, e S. Miguel na Conceição dos Freires. Ao Duque de Cadaval de quem era Compadre pintou grandemente duas riquissimas carruagens. Imitava seu Mestre José da Costa Negreiros, mas

tinha mais fogo, mais força, e menos suavidade. Teve genio mui superior para os retratos, e na Fundição por divertimento retratou Antonio Caetano, e José Carvalho, ambos Pintores bons, o 1.º de ornatos, e o 2.º de flores, e fez duas cabeças de grande Mestre, com todo o requisito de bem parecidas, sem a timidez ordinaria em obras desta natureza. Faleceo em Lisboa sua patria pelos annos 1780 andando por meia idade. Teve por discipulos Manoel Antonio; e seus Irmãos Antonio José do Valle, e Anastacio José do Valle, e Francisco de Setubal.

Francisco de Setubal.

Era natural de Valença do Minho. Desejava muito passar por doudo, e não conhecia que o era: o seu nome era Francisco José, a que elle acrescentava ás vezes o apelido de Rocha, e ás vezes de Máo genio. O de Setubal foi-lhe dado pelo vulgo, porque vivêra alguns annos naquella Villa para onde foi por 1767. A natureza lhe tinha dado bastante talento material, junto com hum genio dos mais extravagantes. Não reconhecia por amigos senão aquelles que o elevavão a par de Rafael, ou mais acima, e precipitavão todos os outros nos abismos da ignorancia. Recebia hoje a visita de alguns com muitos abraços, instando que a repetisse muitas vezes, e no outro dia dizia-lhe elle mesmo que não estava em casa. Odiava mortalmente a lição dos Livros, e aquelles que lhe fallavão em preceitos da Arte. Quando queria fazer huma composição, buscava na fanta-

zia, ou nas suas estampas, não o que era mais necessario e conveniente, mas o que lhe parecia mais bonito, ou mais extraordinario. Tendo visto n'huma estampa da Caridade Romana, aquelles dous Soldados que a espreitão, e se admirão do amor com que ella alimenta seu velho pae com o proprio leite, parecerão-lhe tão bonitos, que os foi pôr em hum painel de Judith, admirando a intrepidez com que cortava a cabeça de Holofernes. O quadro ficou lindissimo, e todos os que tinhão vista aguda, e entendimento rombo gostárão muito delle. Amava as danças altas, e as mascaradas, e por isso levou comsigo a Setubal o Anastacio, que o ajudava na Pintura, e o ensinava a dançar: alli fizerão amisade com Antonio Dias Carrilho, Boticario, e Pintor de flores, &c. Tornando a Lisboa por 77 deo-se a pintar pannos a tempera, huns de figuras, outros de marinhas, cousa, que lhe produzio sommas avultadas. Pintava tambem paineis de cavallete, de flores, luares, fógos, marinhas, &c. e ornou com muitos delles hum gabinete no palacio de João Ferreira, cujos tectos tambem elle dirigio, sendo os desenhos de Eleuterio Manoel de Barros. Nesta obra o ajudárão Domingos Antonio de Sequeira que era então seu discipulo, Jeronymo de Andrade, Francisco Gomes, e outros. Em 1780 concorreo para a Academia de S. José, e em 86 teve lugar entre os Ditectores da que se fazia na rua dos Camillos. Tendo dado principio ao tecto do Picadeiro Regio em Belém, adoeceo gravemente por excessos, dizem, de intemperança, e foi morrer nas Caldas em 1792 tendo 45 annos de idade.

Nos Templos tem o Naufragio da náo Ajuda na Sacristia da Penha. Em S. João da Praça repintou a tempera o

painel do tecto do Baptismo de Jesus Christo, e dous nas paredes, pintados primeiro a fresco pelo Figueiredo. Na Sacristia da Encarnação fez as cabeças de dous Evangelistas, cujos corpos pintou João Thomaz, tambem pintou a Senhora da Conceição em huma Capella interior na Trindade, e outra Senhora tambem em Capella no Claustro de S. Francisco, e alguns mais.

Francisco José, seu collega na obra do Picadeiro, ficou continuando-a com Joaquim José Bugre, por tempo de oito annos. He natural da Villa da Chamusca onde nasceo em 1750. Creou-se porêm nesta Capital, e tem aqui pintado muitos paineis grandes, e de cavallete. Ha obras suas em S. Pedro em Alcantara, na Igreja das Bernardas á Esperança, em S. Caetano, em Rilhafoles, &c. Foi seu Mestre o P. Manoel José, natural da Covilhã, o qual professou em Santa Cruz de Coimbra; e vindo para Lisboa aperfeiçoou-se na Escola André Gonçalves; e pintou 8 paineis que estão na Capella Mór de S. Vicente, com passagens da Vida do mesmo Santo, e das de S. Sebastião, S. Theotonio, e Santo Agostinho. Tambem he seu o da Conceição (copia de Conca), que está na Capella do Santissimo. Joaquim José, chamado o Bugre, porque, tendo cabello louro, e olhos azues, parecia estrangeiro, pintava muito bem ornatos: morreo em 1819 contando 70 e tantos annos.

Jeronymo de Barros Ferreira.

Nasceo em Guimarães em 3 de Setembro de 1750, mas viveo em Lisboa aonde estudou a Arte com Miguel Antonio

do Amaral. Quando Pedro Alexandrino hia deixando as pinturas de seges para fazer cousas maiores, elle o supprio naquelle genero de trabalhos com boa acceitação, e colorindo bem os meninos, os Deoses da fabula, e as Virtudes, &c. Tambem se applicou aos ornamentos, aos retratos, bambochatas, e gravuras de agua forte; e neste ramo foi o primeiro Mestre de Gregorio Franco de Queiroz. Era dado á lição dos Livros, e traduzio do Italiano a Arte da Pintura de Mr. Fuduresnoy, que se imprimio na officina do Arco de Cego em 1801. Tambem descreveo hum tecto pintado por elle na casa de Nisa. Os seus paineis publicos vem a ser, o do tecto da Capella Mór das Trinas do Rato, o de Santa Brigida na Freguezia do Lumiar, algumas figuras no tecto da Livraria de S. Domingos &c. Morreo em Lisboa em 30 de Outubro de 1803. A sua Viuva conservava o seu retrato feito por elle mesmo. Concorreo á Academia de S. José, e alli conduzio huma noute José Basilio da Gama seu discipulo de desenho, Brazileiro famoso que está em Official da Secretaria de Estado, o qual desenhou hum acto que deixou ficar na Salla.

Jose' Throno.

Nasceo em Turin em 1739, e descendia de huma familia illustre da Cidade de Cumes. Foi discipulo de seu Pae Alexandre Throno, de quem conservava excellentes quadros, pintados alguns no estylo de Solimena, outros no gosto de Vouet. Já adiantado passou a Roma, aonde esteve

mais de 7 annos pintando retratos a oleo, e em miniatura. Foi tambem a Napoles, e alli, depois de retratar a maior parte da Corte em paineis de meia, de huma, e de muitas figuras, retratou por fim a Familia Real. Em todo este giro gastou 20 annos.

Tornando á Patria em 1782 fez os retratos das Pessoas Reaes, e foi acceito Pintor de Victor Amadeo, com modica penção, e obras pagas. Neste tempo José Pereira de S. Thiago Encarregado dos Negocios em Roma, e José Agostinho de Sousa Secretario de José de Sá, tiverão em Roma ordem da nossa Corte para ajustarem hum Pintor retratista, e dirigirão-se a Mr. Marron, Alemão, genro de Mengs, homem famosissimo naquelle genero, o qual pedio o mesmo salario que o Senhor D. José 1.º havia dado a Gessielli, e a Cafarelli (36 mil cruzados cada anno.) Parecendo-lhes o preço exorbitante escreverão ao Throno; e D. Rodrigo de Sousa Coutinho que estava então Embaxador de Turin, acabou de fazer o ajuste. Elle tinha alli bens seus, e herdades; e dispondo de tudo o melhor que pôde, passou a Lisboa em 1785 e fez muitos retratos das Pessoas Reaes. Pelo do Principe D. José recebeo da Princeza sua Esposa, em huma caixa, generosa gratificação.

Em 1783, aportando casualmente nesta Capital F. Hickey Retratista Inglez, que hia para as Indias Orientaes, demorou-se aqui hum anno, e lucrou mil moedas nos retratos que fez de Pori, Devisme, e outros commerciantes, e Fidalgos, e por fim retratou tambem a Senhora Rainha D. Maria em meio corpo, de que ha estampas abertas por Gaspar Fróes Machado. Throno copiou a cabeça para o retrato que fez de corpo inteiro da mesma Senhora. Tambem re-

tratou a Familia Real no painel da Conceição para a Capella Mór da Bemposta em 1793. Alêm dos retratos tinha feito, tanto em miniaturas, como a oleo, primorosas copias de Rafael, Ticiano, e outros Authores, algumas das quaes forão fielmente recopiadas por D. Maria Leonor Rouks. Como esta illustre Lisbonense he tão celebrada pelos seus talentos pictoricos diremos della que pelos annos 1778 contando 13 de idade, e morando na Quinta dos Aciprestes, succedeo, que Faustino José Rodrigues seu visinho, que frequentava a Aula da Escultura, levou alli hum dos seus desenhos, que ella facilmente copiou com huma penna de lapis. Assim começou a curiosidade que foi proseguindo mais regularmente com aproveitamento prodigioso. Passou ao estudo dos gêços, e depois ao de copiar pinturas, sempre dirigida pelo mesmo Mestre. Seus paes mudárão de casa para o Bairro alto, aonde ella copiou seis esbocetos de Corrado. Pelos annos 1780 chegou de Inglaterra Mr. Servang, que fez o seu retrato, e lhe ensinou a pôr a palheta para retratar. Retratou elle tambem alguns Fidalgos, e Negociantes, o Author destas memorias, hum Bispo em S. Domingos, e finalmente a Senhora Princeza do Brazil. Tambem era paisista, e pintou hum bosque no Theatro do Salitre em 1782.

Vivia com elle Matheus Doret natural de Lião, bom Canteiro, e Desenhador de figuras, e ornatos, o qual esculpio em pedra certos florões no Palacio de Alpriate, frequentou a Academia do nú, e copiou em grande o painel de S. Carlos do Loreto, cuja copia sendo offerecida ao Senhor Rei D. Pedro, este a deo aos Padres de S. Camillo que a collocárão na sua Igreja. Dirigio depois o arco de

triunfo, e toda a decoração do Palacio do Rocio pelo casamento de Sua Magestade, cujos desenhos erão de Thimoteo Verdier. Retirou-se passando por Coimbra, e foi tambem alli occupado pelo Bispo em objectos de Pintura, e Architectura. Servang foi daqui para Cadiz aonde morreo. Erão amigos de Nicoláo Roulhs, grande amador das Artes tendo conhecimentos praticos da Architectura, e Musica, e todos frequentavão a casa da nossa Heroina como admiradores dos seus talentos; o que tambem fazião o Author destas Memorias, Manoel da Costa, o Desembargador Geraldes, e outros Artistas, e Estimadores da Pintura.

Excederiamos a brevidade que temos seguido, se quizessemos dizer quantas obras sahírão dos seus pinceis, muitas das quaes ornão a sála, e gabinetes da sua casa: na de Geraldes havião 14 ou 15 paineis seus, alguns dos quaes passárão por sua morte para casa de Bandeira. Na de Franco á Annunciada está a Santa Maria Magdalena, que he bellissima. Fez em chapa de cobre por estampa de Rafael a Cêa do Senhor para o Convento da Santa Cruz na Serra de Cintra, e muitas outras cousas. Em tanto hia ensinando sua irmã Margarida Theotonia (1), que nasceo em 72, de quem tambem temos huma linda Magdalena, huma Sibila, Lucrecia, e outras cousas muito bem executadas.

Em 1787, tendo 22 annos casou com o já mencionado Roulks Visconsul da Hollanda, e de outras Nações do Norte, e começou a ser doente, de sorte que poucas mais

---

(1) Nesta obra temos suprimido muitas vezes os dons, por brevidade, e por evitar fastidiosas repetições.

pinturas fez; vive felizmente. Throno quiz em 1808 retirar-se para a sua Patria; mas achando embaraçada a passagem da Hespanha retrocedeo, e acabou aqui os seus dias em 1810. Nicoláo Roulks, foi hum dos seus Testamenteiros. Ha em Italiano alguns elogios impressos feitos a elle, a sua Mãe Thereza Grassi, e a seus Irmãos que tambem erão Pintores.

A Joanna do Salitre.

Assim chamava o vulgo a huma Pintora Lisbonense, que morava no Salitre, e foi bastante applaudida no seu tempo. Era Irmã do Major José Antonio Monteiro de Carvalho, chamado o bota abaixo, porque inspeccionava sobre as barracas que se devião demolir. Foi casada duas vezes a 1.ª com hum homem de certa idade, que possuia hum pequeno morgado, ou capella, e a 2.ª com hum soldado, ou official inferior. O seu verdadeiro nome era D. Joanna Ignacia. Fez retratos, e paineis pequenos para Terços, e Capellas de Igrejas, principalmente para as Provincias. O seu estylo sem ser bom, he toleravel attendendo ao seu sexo. Existem della, na Conceição velha o painel da Senhora da Pureza, pintado em 1770, alguns retratos em Oeiras (1), e outras cousas. Teve lições, dizem, de André Gonçalves.

---

(1) Fez para Oeyras os Retratos de Paulo de Carvalho, e Francisco Xavier, e nessa occasião obteve baixa para o Marido. Morreo de 70 annos pouco mais ou menos.

Manoel de Mattos.

Vio a luz no Sardoal em 1750. Seus Paes, que o destinavão para o Estado Ecclesiastico lhe mandárão estudar o Latim, e o Francez; mas sentindo em si muita inclinação para as boas Artes veio a Lisboa em 1768, e em S. Bento estudou Elementos de Euclides com Filippe Rodrigues. Dous annos depois passou para o laboratorio do Escultor Joaquim Bernardo Galinha, aonde fez em barro, de idéa sua, o Triunfo da Conceição, em figuras sómente esboçadas. Para os estudos da Pintura, frequentou a Casa de Rocha, e a de Miguel Antonio, de quem foi Discipulo. Pelos annos 1784 transportou-se á Bahia aonde fez paineis de Igreja, fruteiros com as producções do paiz, e retratos. Retratou a Marqueza de Valença, e D. Rodrigo de Menezes que succedeo naquelle Governo a D. Affonso Marquez de Valença. Fez tambem hum quadro de familia com 8 ou 9 figuras. Voltou a esta Côrte em 1791 aonde não foi muito feliz. O seu modo de pintar era bastante duro, e desagradavel, cheio de grandes escuros, e grandes claros, sem meias tintas sufficientes. Vivia solitario; e no seu trajo se assemelhava a hum Filosofo, ou antes a hum Misantropo. Faleceo em 1718.

João Clama Strebel ou Strabile'.

Sabemos, pelo ter ouvido dizer a pessoas antigas em a nossa adolescencia, que entre os Creados que acompa-

nhárão a Lisboa a Senhora Rainha D. Marianna de Austria viera hum Alemão chamado João Armando Clama, o qual casou aqui, e teve hum filho que se applicou á Pintura, e foi depois a Roma pensionado por seu Pae; mas morrendo este, sua Mãe conseguio dos Alemães estabelecidos nesta Côrte, a continuação das mezadas para elle poder acabar os seus estudos.

João Clama, que julgamos ser o mesmo de que se trata, fez alli progressos, e ganhou hum 1.º premio no concurso da Academia; sendo o assumpto a morte dos Machabêos. O seu desenho he feito a lapis vermelho no estylo do Benefiale.

Restituido á Patria recommendou-se ao nosso Vieira Lisbonense para o introduzir na Côrte; mas não tendo hum prompto effeito a sua pertenção, partio para o Porto aonde teve sempre grande crédito. Entre os seus discipulos distinguio-se Francisco Vieira Portuense.

O Thróno Pequeno.

Assim chama o vulgo a Bernardino Gagliardini de Voucar, Italiano, Pintor de retratos, Discipulo de José Throno. Veio para Lisboa pelos annos 1785 tendo de idade 25 annos. Tem retratado em miniatura toda a Familia Real, e grande número de Senhoras da Côrte. Tambem fez a oleo, e em grande, os retratos dos Patriarchas para a Camara Ecclesiastica, e o do General D. Antonio de Noronha.

Domingos Pellegrini.

Nasceo em Veneza em 1764. Aprendeo a desenhar na Galeria de Farsete, homem nobre, e bom conhecedor, que tinha grande collecção de quadros originaes, gêços do Antigo, etc. e deixava copiar tudo. Passou depois para a Escola de hum certo Galina, que deixou de pressa por não ser boa. Conduzio-se a Roma em 89, e não quiz ser Discipulo de Domingos Corvi, ainda que muito acreditado em desenho, e composição, porque o seu colorido não lhe agradou. Quatro annos depois passou a París donde regressou a Veneza, e de lá foi a Londres aonde não fez grandes interesses. Tornou a París para conhecer David, e nelle lhe pareceo achar mais sabedoria que genio. Visitou a LeBrun, famoso Retratista, que no merito igualava, dizia elle, Luiz Vanlóo, inda que o seu estylo fosse differente: encontrou alli o seu Patricio Antonio Canova. Voltou segunda vez a Londres onde fez varias composições, gravadas pelos Schiaveneti, (dous Irmãos Venesianos), e por outros; nessa occasião retratou a Familia do Marquez de Bellas.

Veio a Lisboa em 1803 onde fez grande número de retratos, sendo o melhor o d'ElRei o Senhor D. João VI. qne foi gravado por Bartolozzi. Pelas Viagens hia pintando hum quadro de Venus, e Adonis; que possuio o Secretario d'Estado Araujo, depois Conde da Barca. Em 1810 sahio de Lisboa por ordem do Governo na fragata Amazona, com Urbino Pizzete, Pintor Piemontez, e outros muitos que se fizerão suspeitos ao Governo, e de lá na Lavinia

regressou pela terceira vez a Inglaterra, com os seus cabedaes que erão avultados.

Felisberto Antonio Botelho.

He natural de Lisboa aonde nasceo em 1760. Estudou a Arte na Escola de Pedro Alexandrino, e tem pintado a oleo, a tempera, e a fresco, para os Gabinetes, Theatros, e Igrejas. Fez o painel da Cêa de 20 palmos para o refeitorio dos Padres Cruzios nos Suburbios de Lima. O da Conceição de 14 palmos para huma Ermida nas Praias. O quadro de Jordão para a Freguezia do Sacramento. A Senhora de Monserrate, e Santo Antonio para outra Ermida no termo d'Almada. A Senhora das Dôres para outra pequena Igreja. Em 1806 pintou todas as figuras, tanto as coloridas como as de claro-escuro no tecto chamado do Costa no Paço de Nossa Senhora da Ajuda.

Na Ermida das Mercês, junto a Carnide tem o painel da mesma invocação, outros da vida de Nossa Senhora, e alguns com Anjos. São tambem producções do seu engenho os de Nossa Senhora, e do Santissimo Nome de Jesus, que se venerão na Freguezia de Odivellas.

Começou a estudar a Pintura em 1776, e proseguio sem interrupção até 1808, sendo a ultima obra que fez o Retrato de Sua Magestade, então Principe Regente. Depois disso, achando-se falto de vista, só tem dirigido algumas cousas executadas por seu filho e Discipulo, Antonio José Faustino Botelho.

Francisco Vieira Portuense.

Principiou a cultivar a Arte da Pintura na Cidade do Porto sua Patria, e applicou-se á figura, e aos paizes. Neste genero teve por Mestre seu mesmo Pae Domingos Francisco Vieira, que era droguista, e tambem Pintor de paizagens, e imitava o estylo de Pilement, depois que alli esteve pelos annos 82. João Glama foi seu Mestre na figura. Tendo feito progressos, conseguio da Companhia do Alto Douro em 89 huma pensão de 300$ rs. para se ir aperfeiçoar em Roma, e alli elegeo por Mestre Domingos Corvi, desenhador correcto, mas frio no colorido; e escolheria melhor se houvesse então mesmo alli em Roma, aonde escolher. Em 91 ganhou hum 1.º premio em roupas, sendo Director Vicente Pacceli, Escultor Romano. Fez depois a viagem de Parma para estudar o colorido do Corregio: alli foi recebido naquella Capital entre os Directores de Academia, deo lições de desenho a huma das filhas do Duque, e copiou a famosa Magdalena, cuja cópia possuio depois Luiz Pinto Balsemão. Em 94 voltou para Roma donde tornou a sahir tres annos depois com Bartholomeo Callisto. Girárão parte da Alemanha, e separárão-se em Dresda aonde Vieira ficou copiando muitas cousas daquella famosa Galaria. De lá passou a Hamburgo, e a Londres. Naquella Cidade fez grande amizade com Bartolozzi, retratou-o, e começou a gravar a agua forte huma grande, e laboriosa chapa que não acabou. Pintou o Viriato que foi estampado pelo mesmo Bartolozzi e offerecido ao Principe

Regente de Portugal, ElRei o Senhor D. João VI. Fez tambem hum quadro grande da Senhora da Piedade, ou Descimento da Cruz para a Capella do Ministro de Portugal, que era D. João de Almeida, depois Conde das Galvêas. Alli casou com huma joven viuva Italiana, que tinha avultado dote, e pertencia á familia daquelle célebre Gravador, e a conduzio a Lisboa em 1802, tempo em que se havia publicado a Paz com a França, por cujo motivo o Senado fez huma grande festividade em S. Domingos, aonde appareceo o painel, que lhe foi positivamente encommendado para essa funcção. Representava elle a Monarchia Lusitana acompanhada de Virtudes, Artes, Fama, &c. e tendo pendente sobre o peito o retrato do Principe Regente.

Convidado pela Companhia dos Vinhos do Alto Douro, passou ao Porto para succeder a Antonio Froes Jacomo na direcção da Academia, com 600$ de ordenado. Em tanto, D. João d'Almeida, e o Visconde d'Anadia representárão a S. A. R. quão subido era o seu merecimento; e em virtude desta representação foi nomeado por Decreto de 28 de Junho de 1802 primeiro Pintor da Camera com 2:000$ réis de ordenado, tendo obrigação de dirigir, e executar juntamente com Domingos Antonio Sequeira seu collega, as pinturas que se havião de fazer no Palacio Real de Nossa Senhora d'Ajuda. Todos virão os lindos paineis que fez de D. Ignez de Castro, e de outros assumptos, cuja individuação não cabe na brevidade destas Memorias. Adoeceo gravemente quando estava fazendo o quadro de Duarte Pacheco deffendendo o passo de Cambalam em Cochim para a Casa das Descubertas no Paço de Mafra. Os Medicos o mandárão embarcar: foi para a Ilha da

Madeira aonde chegou, e morreo em 1805 tendo 39 ou 40 annos de idade, quando começava a tirar fructo dos penosos trabalhos porque havia passado. Na collecção de Borba ha hum S. Sebastião feito por elle. Não sabemos dizer se as poucas cousas que deixou nos servem de recreio quando as vemos, pela graça com que são feitas, ou de mágoa pela renovação da saudade, que temos do seu Author. A sua Viuva ficou rica; e passou a 3.as nupcias com hum Militar Inglez, e parece, que desgraçadamente cooperou para a morte que desejava, em 1817.

A Cidade do Porto tem produzido em todos os tempos bons Artistas de profissão, e de curiosidade de ambos os Sexos; e aproveitamos com gosto esta occasião, para dizermos neste particular o pouco de que temos noticia.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, chamada a Decima Musa, era filha do Chanceller Mór do Reino, e versada em linguas sabias, e vulgares. Não teve na Hespanha quem a igualasse, dizem, na Arte de bem escrever e debuxar á penna. Tambem compoz entre outras obras em verso e prosa »*a Hespanha libertada*» a que Lopo da Vega no seu Laurel de Apollo, diz»

Se pudiera tener la Fama augmento,
Y gloria Lusitana,
Dona Bernarda de Ferreira fuera.
Acuyo Portuguez entendimiento.
Y pluma castellana
La Hespanha libertada Hespanha deve.

Acabou a sua gloriosa carreira em Lisboa no 1.º de Outubro de 1645.

Jorge da Camara filho do Commendador Martim Gonçalves da Camara, abraçou o estado ecclesiastico, era bem instruido, e pintava, e debuxava muito bem: tambem fez poesias, que não teve tempo de publicar, por que morreo quando tratava de as dar ao prélo, em 1649.

Isabel Maria Rita, filha de Francisco Pequerin, Inglez, baptizada na Freguezia de S. Nicoláo, foi por simples curiosidade excellente Pintora de miniaturas. Floreceo no ultimo século.

Isabel Broune, filha de Duarte Pequerin, casada com o Medico Pedro Broune, fazia bem os retratos a oleo: era nascida em Inglaterra, mas estava como naturalizada no Porto desde o principio do século 18.

Luzia Maria Rosa, que vivia tambem por aquelles tempos fez publica profissão da Pintura, mas não sabemos quaes fossem os seus talentos.

Joaquim Rafael, discipulo dos Vieiras, tem paineis em S. Crispim, na Lapa, e em outras Igrejas, e Palacios. Tambem tem feito scenarios no Theatro.

Luiz Augusto Corrêa Leal, foi discipulo de Francisco Vieira, Theodoro de Sousa Maldonado, Doutor em Mathematicas, desenhava á penna, e pintava de miniatura: floreceo no fim do passado século.

Domingos Teixeira, Pintor Theatral e Maquinista, foi pae de José Teixeira Barreto, de quem adiante faremos menção.

Bartholomeu Antonio Calisto.

Natural de Lisboa, aprendeo a desenhar na Aula Regia, dirigida por Joaquim Manoel da Rocha, e depois foi para Roma com outros pensionados da Aula do Castello, aonde foi discipulo de Labruzzi. Sahio dalli em 97 com Francisco Vieira de quem se separou em Dresda, para ir a Hamburgo embarcar para Lisboa. Neste transito foi tomado pelos Francezes, que o tiverão prezo em Nantes por tempo de tres mezes. Logo que o soltarão partio por terra para Lisboa, aonde chegou no fim do mesmo anno. Em Abril de 803, havendo-se detreminado a pintura no Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, que devia ser dirigida, e executada na parte mais essencial, por Domingos Antonio de Sequeira, e Francisco Vieira Portoense, Ordenou Sua Alteza Real que fossem admitidos mais tres Pintores de Historia como seus Ajudantes, e que serião escolhidos d'entre os que tinhão estudado em Roma. Estes lugares se puzerão a concurso, deixando o mesmo Senhor ao arbitrio dos dous Directores a escolha, e o ordenado delles. Calisto foi acceito com 600$000 réis annuaes, e depois daquella época tem pintado varios paineis para adorno deste Regio Palacio, e do de Mafra, morreo a 9 de Junho de 1821. Jaz na Ermida das Dores em Belêm.

Arcangelo Foschini.

Seu Pai Francisco Foschini, Bolonhez, Pintor de Historia, estabeleceo-se em Lisboa aonde acabou a sua existencia na

idade de 71 annos na de 1805. Em 1771 vio a luz seu filho, e sendo destinado para os estudos da Arte, começou 13 annos depois a estudar os primeiros rudimentos della na Aula de que era Lente Joaquim Manoel da Rocha. Em 88 obteve a pensão para ir a Roma onde foi discipulo de Labruzzi. Alli ganhou hum premio do nú; mas tendo invadido os Francezes aquelles Estados, partio para Florença, e de lá no anno seguinte, que foi o de 92, para a Patria aonde foi acceito para Mestre do Senhor Infante D. Pedro Carlos com 240$000 réis de pensão, moço, e dous cavallos.

No concurso de Abril de 1803 foi recebido com 1:000$ de réis de ordenado para se empregar no Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, com as condições já referidas, e tem executado varios paineis. He professo na Ordem de Christo.

Jose' da Cunha Taborda.

Este Pintor nasceo na Villa do Fundão, Bispado da Guarda, em 28 de Abril de 1766. O Desembargador Geraldes, conhecido dos seus parentes, o recebeo em sua casa em Lisboa, e o protegeo efficazmente. Frequentou por 5 annos a Aula Regia do Desenho, aonde estudou as figuras, debaixo da disciplina de Joaquim Manoel da Rocha, e a Architectura com José da Costa e Silva. Em 88 foi para Roma como pensionado da casa do Castello, governada pelo Intendente Geral da Policia, e teve por Mestre de Labruzzy, que o era por então de todos os Pensionados; mas logo que chegou o novo Ministro de Portugal, junto

da Santa Sé, D. João de Almeida, lhes deo licença para escolherem Directores á sua vontade, e elle escolheo Antonio Cavallucci. O Embaxador retirou-se, e succedeo-lhe D. Alexandre de Sousa Calhariz, o qual fundou huma sorte de Academia com gêços, nú, livros, e paineis, sendo Director della o Poeta João Geraldes de Rossi! cousa singular.

Receando-se em Roma a entrada dos Francezes, foi o primeiro que pedio licença para se retirar, e chegou a Lisboa em Maio de 96 ou 97. Dous annos depois, estabeleceo o Intendente no Castello huma nova Escola de Pintura, e elegeo-o para Professor della, com huma gratificação de 200$ réis annuaes. Os gêços da Academia de Roma, forão conduzidos a Lisboa por José Viale: tinhão elles feitos parte das famosas collecções de Mengs, e de Pickler. Mandárão-se para a escola do Castello, e por fim encherão os Francezes com elles alguns caboucos para se fortificarem. Em 1803 foi tambem admittido com Calisto, e Fosquini como Pintor Regio com 700$ réis. Tem feito varios paineis e tectos, assim como os seus collegas, para os Palacios Reaes, e para o Publico. Entre os seus Discipulos, he Discipulas, e assás celebrada D. Leonor Pilar Perpigna, por saber dar á miniatura, seja no genero historico, ou no dos retratos, a força, o vulto, e suavidade da pintura a oleo. Nesta sorte de Pintura, tem sua Irmãa D. Susana Margarida Pilar executado varios paineis bastante delicados. São ambas nascidas em Lisboa, e filhas do falecido Gaspar Beltrão Pilar, bem conhecido nesta Côrte pelo seu Emprego Diplomatico, e pela boa collecção que tinha de cousas raras, e curiosas. D. Maria Arriaga filha, tambem foi sua disci-

pula, assim como o Vis-Conde da Bahia, e o da Lapa, Thimoteo Verdié filho, Norberto José Ribeiro, Maximo Paulino do Reis, Antonio José Santos, e outros.

Norberto José Ribeiro, natural da Villa de Alhos Vedros, teve as primeiras lições de desenho na Aula do Castello com Antonio Fernandes, e depois com José da Cunha Taborda, de quem actualmente he Ajudante nas obras do Real Palacio d'Ajuda. Na Casa do Despacho da Irmandade do Bentinho existe hum painel de sua mão, que representa D. Nuno Alves Pereira entregando o Convento aos Religiosos.

Domingos Antonio de Sequeira.

Em Belêm, Regio, e soberbo arrabalde da famosa Lisboa, teve o seu nascimento Domingos Antonio de pais, humildes sim, porêm honrados; tendo isto de commum com Xisto 5.º, e Maximino, para ter como elles a gloria de vir a ser, não hum Papa, ou Imperador; mas hum Pintor muito illustre, e ter a honra de empregar dignamente os seus talentos no serviço de hum Rei tal como o Senhor D. João VI.

Foi Sequeira hum dos primeiros, que frequentárão a Aula Regia do Desenho, aberta em 1781, e no decurso de 5 annos ganhou alguns premios. Depois esteve aprendendo a Pintar com Francisco de Setubal, e ajudou-o a fazer alguns tectos no Palacio de João Ferreira, rico çapateiro, mercador de couro, e sóla. Protegido pelos Senhores Marialvas obteve huma pensão de 300$ rs. paga pelo bolcinho para estudar em Roma aonde chegou em 88, e elegeo para

seus mestres Cavalluci, e la Picola. Em 91 obteve hum primeiro premio da Academia, sendo o assumpto, o Milagre dos pães e peixes. Em 94 foi recebido Academico de merito, e deo a Degolação do Baptista por peça de recepção. Pintou alli dous tectos, a Batalha do Campo de Ourique, e o painel muito grande para o Intendente. Perlustrou parte da Italia em alguns mezes, e regressou á Patria em Abril de 96.

Chegado a Lisboa visitou Pedro Alexandrino, e Cyrillo; e lastimou-se do abatimento da Arte, propondo que se unissem todos para a exaltar, dando-lhe mais estimação, e maior valor ás obras. Tinha toda a razão; mas quem póde fazer mudar de repente hum antigo costume? Elle mesmo o experimentou. O Conde de Val de Reis recusou dar-lhe 1$ moedas que exigia por 10 batalhas para huma das suas ante-camaras. Todos pertendião ter alguma obra do novo Artista, mas admiravão-se dos preços, de sorte que cahindo em melancolia quiz ir fazer vida eremitica na serra de Bussaco, e por fim foi ser Monge na Cartuxa. Parecia hum homem já perdido para o século, quando D. Rodrigo de Souza Coutinho, que o estimava, lhe acudio: fallou nelle ao Principe Regente, e S. A. R. por Decreto de 28 de Junho de 1802 o nomeou seu primeiro Pintor da Camara, e Côrte, com 2:000$ rs. sobre os ordenados que já tinha, com obrigação de dirigir, e executar com o seu Collega Francisco Vieira, a melhor parte das Pinturas do novo Palacio de Nossa Senhora da Ajuda.

Em Setembro de 1803 foi acceito para Mestre da Senenissima Senhora D. Maria Thereza, e derão-lhe sege, e Habito de Christo. Tem feito algumas obras para os Pala-

cios Reaes, e servio Sua Magestade não só como Pintor, mas tambem dirigio os trabalhos exquisitos da preciosa baxella que Sua Magestade mandou dar a Lord Wellington. Em premio tem recebido por vezes honras, e novas pensões para si, e sua filha. Teve tambem o Beneplacito Regio para arbitrar ordenados aos seus Discipulos, que erão Joaquim Gregorio Rato, que vive empregado no Palacio Real, Antonio Faustino que morreo em 1818, e outros.

Jose' Viale.

Teve o seu nascimento na rica, vasta, e bellissima Cidade de Genova. Seu Irmão, de quem dependia, o fez applicar ao Commercio, concedendo-lhe huma parte de cada dia, para estudar o Desenho nos estudos da Academia, e na Escola de Carlos José Ratti. Applicou-se depois a retratar em miniatura, e a limpar, e retocar paineis a oleo. Vindo a Lisboa pelos tempos em que Sequeira foi admitido como primeiro Pintor, a seu requerimento tornou á Italia por ordem da Côrte, a fim de escolher as melhores tintas, e oleos para a Obra do novo Real Palacio, e de transportar a boa collecção de gêços da nossa, por então já extincta, Academia de Roma. Tendo desempenhado bem a sua commissão ficou pensionado da Côrte com 600$ rs. annuaes como Comprador das tintas para as Pinturas do novo Palacio Real no sitio de Nossa Senhora d'Ajuda.

Começava a retratar em miniatura a Real Familia em 1807 quando entrárão os Francezes. Antes disso tinha retra-

tado o Secretario de Estado Araujo, depois Conde da Barca, e feito o retrato do Principe para elle dar ao Embaxador de Inglaterra.

No anno de 1821 aos 27 de Setembro Sua Magestade Fidelissima mandou participar, por via de João Lourenço de Andrade, a José Viale tê-lo nomeado para Mestre de Desenho, e Pintura de Miniatura do Serenissimo Senhor Infante D. Sebastião, Neto do mesmo Real Senhor, e no dia seguinte a Serenissima Senhora Princeza D. Maria Thereza, Mãe do dito Serenissimo Senhor Infante, quiz honrar ao mencionado Viale, dando com elle lição de Desenho. Aos 23 de Março do anno de 1822 começárão tambem a dar lição de Desenho com o mesmo Viale as Serenissimas Senhoras Infantas D. Maria da Assumpção, e D. Anna de Jesus Maria. E no dia 30 de Julho seguinte Sua Magestade se dignou mandar passar ao referido Viale hum muito honroso Alvará, no qual o declara Mestre de Desenho, e Pintura de Miniatura das Princezas suas muito Amadas e prezadas Filhas, como tambem do Serenissimo Senhor Infante D. Sebastião.

João Castagnola.

Era natural de Lisboa, mas filho de Italianos. Foi para Roma em 1795 com o Cardeal Belishome, Nuncio em Lisboa. Aqui tinha sido Discipulo de Eleuterio Manoel de Barros, na Aula Regia do Desenho; lá estudou com José Cadiz, e applicou-se á miniatura.

Quando os Francezes entrárão em Roma obrigárão a

elle e aos seus Collegas, a que, ou se naturalizassem, e fossem para París, ou se ausentassem. Elle tomou, assim como todos os mais, este ultimo partido, e chegou a esta Capital em Novembro de 98.

Em 1805 foi para Madrid com o Embaxador Conde da Ega, como Mestre de Desenho de suas filhas, e morreo no anno seguinte contando 31 de sua idade.

Luiz Jose' Pereira Rezende.

A Natureza, esta grande Mestra do Caravagio, do André Esclavonio, e do Grimoux, tambem admitio na sua Escola o nosso Pintor Lisbonense, e lhe ensinou o modo de bem retratar, principalmente em miniatura. O Público, que estima as suas obras, paga-as com bastante liberalidade. Tem pintado igualmente a oleo, e feito quadros historicos. Foi baptizado na Freguezia dos Reis no Campo grande.

Maximo Paulino dos Reis.

A vida deste Artista he cheia de anecdotas curiosas: elle nasceo em Penafiel em 1781, e alli viveo alguns annos sem conhecer os seus parentes. Por causa de hum incendio o seu Tutor o transportou para Lisboa, aonde aprendeo a desenhar na Aula do Castello com Antonio Fernandes Rodrigues, e a pintar de miniatura com José da Cunha Taborda.

Pelos annos de 1802 foi para Roma protegido por D. Alexandre de Souza Holstein, e alli teve por Mestre o Cavalleiro Gaspar, donde em 1804 obteve huma pensão do Principe Regente, que recebeo até o tempo da invasão dos Francezes em Roma: em 1812 pedio hum passaporte, e só o pôde obter para Tunes; e com effeito sahio de Roma em 1813. No seu transito teve de arrostar o furor das ondas, o fogo das Esquadras inimigas, e mais que tudo o terrivel aspecto da indigencia, achando sempre na Divina Providencia, por meio da sua Arte, opportunos soccorros. Regressou finalmente a Lisboa aonde por intercessão do Visconde de Santarem obteve de Sua Magestade huma pensão de 600$ rs. para ser empregado como Pintor no Real Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda. Tem pintado varios quadros grandes, e pequenos, entre os quaes o Retrato de Sua Magestade, que está na Casa Pia, huma degolação do Baptista, e outros.

PARTE II.

Architectura, Pintores Architectos, &c.

Breve discurso sobre o principio, e progressos da Architectura.

Esta dicção *Architectura* não he menos equivoca que a *Pintura,* e os melhores Escriptores a tem confundido muitas vezes com a arte de edificar. Hum edificio póde ter vastidão, magnificencia, solidez, riqueza de ornamentos, e de preciosos materiaes, boas commodidades, e muitas outras cousas plausiveis, e admiraveis; mas senão tiver aquella belleza, e armonia, que só os Gregos dos melhores séculos, e os seus bons imitadores lhe souberão dar, nunca merecerá o nome de Architectura, nem podendo ella aperfeiçoar-se senão por meio da boa Pintura, e Escultura, claro está que havia de começar bastante tarde.

Mas se quizermos fazer abstração das bellezas architectoricas diremos, que a origem desta Arte, assim como a de suas irmãs, remonta até ao principio do mundo. Adão

havia de edificar huma casa, Cain fundou a Cidade de Henoch. Pouco depois do diluvio se construio a Torre de Babel, obra que, por dizello assim, causou assombro ao mesmo Deos. As Piramides, e Obeliscos do Egypto; os milhares de columnas de grandeza desmarcada, qne ainda se achão nas suas ruinas, fazem pasmar os viajantes. Os porticos, os muros de Babilonia forão sempre tidos por obras maravilhosas. As ruinas de Persépolis attestão qual fosse a magnificencia, inda que barbara, dos antigos Persas: até nos que hoje são desertos da Tartaria se achão restos de soberbos edificios.

Em quanto á simples, e bella Architectura podemos ter por certo, que os Gregos a criarão mais pelos dictames do seu feliz genio apurado com os progressos, que tinhão feito no desenho, que pelos monumentos que virão na Asia, e no Egypto: tambem não poderião achar nos exemplares do seu paiz, que erão barracas de madeira, cousa alguma que parecesse digna de se imitar em hum templo, ou outro edificio da ultima magnificencia e perfeição, senão tivessem tido a habilidade de transformar o tronco de huma arvore em huma elegantissima columna, e o madeiramento do tecto em hum magestoso frontão.

Doro Rei de Achaya, e de todo o Peloponeso, levantou, (dizem), hum templo a Juno na Cidade de Argos, e a ordem que nelle usou, foi do seu nome chamada Dorica. Elle deo ás proporções desta ordem a força, e robustez de hum Hercules.

Jon, sahindo de Athenas com huma colonia foi-se estabelecer naquella parte da Asia, que do seu nome se chamou Jonia, e a nova ordem empregada no templo que dedicou

a Diana com ornamentos, que na columna, e capitel, parecem mulheris, chamárão Jonica.

Calimaco celebre Pintor, e Escultor de Corintho inventou alguns séculos depois a ordem Corinthia de incomparavel formosura, e delicadeza, e estas tres ordens fornecem tudo quanto he necessario para as decorações, e mesmo para a solidez dos bons edificios.

No tempo de Phidias florecêrão Jetino, e Callicrates, e fizerão o famoso templo de Minerva no Castello de Athenas por ordem de Pericles que tambem era muito sabio em Architectura, e por desenhos seus mandou fazer o *Odeon* especie de Theatro para divertimentos do ouvido.

Depois das conquistas de Alexandre, a Arte se aperfeiçoou muito na Asia, Egypto, e em toda a parte aonde se estabalecerão os Gregos, como ainda se vê em Alexandria, nas ruinas de Balbek, ou Heleopolis, e em outros muitos lugares.

Quando os Romanos invadirão a Grecia muitos Artistas Gregos se forão estabelecer em Roma, e erão alli, e em todo o Imperio empregados em obras de que ha vestigios; tambem em Portugal existe em Evora huma parte do templo de Minerva Diana, edificado por Sertorio, de ordem de Corinthia, e muito elegante, he huma ruina das mais preciosas que nos restão.

Servio Lupus Lusitano tambem fez hum templo na embocadura do rio Corumno, de de que ha memoria.

O melhor tempo para as boas artes em Roma foi o de Augusto, e os restos do Pantheon, do Theatro de Marcelo, e as tres columnas do Templo de Jupiter Stator bem o comprovão. Elles servirão de modêlos ao Brunelleschi,

Bramante, Paladio, Vinhola, e aos melhores Mestres por quem todos estudárão. A sciencia, e elegancia do desenho sustentou-se alli até o tempo dos Anotoninos, mas já no de Constantino estava mui degenerada.

Quando dominárão os Barbaros, a ignorancia introduzio a Architectura Gothica, que não he Architectura. Foi ella de duas sortes; a antiga, era baixa, e pezada, e a moderna pelo contrario magra, e muito alta, tendo assás de gosto Arabe. Admira, que alguns escriptores do Norte digão que taes obras são superiormente dignas da nossa attenção, e nos convidem, e exortem para imitalos; quando Artistas bons, e os bons conhecedores geralmente as detestão, e os Romanos, cujos olhos delicados não as podião soffrer, mascarárão-nas com fachadas da verdadeira Architectura para as poderem conservar, como se observa em Santa Maria Maior, S. João de Laterano, e outras. Livre Deos, (diz Vasarí), toda a nação fiel da tentação de imitar similhante estylo.

No 13.º século floreceo S. Gonçalo de Amarante, Portuguez, que he recebido entre os Architectos pelos Authores Italianos, e Francezes, porque edificou huma ponte sobre o Tamaga, e huma Igreja ao pé della.

Desde o principio da nossa Monarchia mandárão edificar os nossos Monarchas muitos templos, Conventos, e outras obras de grande magnificencia, tanto no estylo Gothico, como no Grego, (segundo o uso dos tempos em que viverão), dos quaes inda existe grande parte. Entre os Architectos que empregárão distinguirão-se Balthasar Alvares, Affonso Alvares, e Nicoláo de Frias, que forão premiados com Cruzes Militares.

Filippe Terzo, Italiano, servio como Pintor o Cardeal Rei, e como Architecto a Filippe 2.º, que mandou por elle edificar a parte do Real Palacio de Lisboa, chamada o forte, ou torreão da Casa da India. O primeiro o premiou com o Habito de Christo; e o segundo com huma Commenda.

D. Guarini de Modena, P. Theatino, e Architecto do Duque de Saboia, fez em Lisboa o Convento dos Caetanos, florecia pelo meado do século 17.

Carlos Fontana, discipulo de Bernini teve mesmo em Italia o titulo de Architecto de D. Pedro 2.º, que o creou Cavalleiro de Christo. O Senhor D. João o 5.º tambem o empregou, encarregando-o da Pompa funebre de seu Augusto Pae, feita em 1707 na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma com grande sumptuosidade, como se vê delineada em 12 grandes estampas.

O Insigne Portuguez Manoel Rodrigues dos Santos, que em Roma, e Napoles grangeou aplausos de perfeito Architecto, (são palavras formaes do Author, que assim nos dá noticia delle), dirigio o apparato das Exequias do Senhor D. João o 5.º, celebradas na mesma Igreja em 1751 com igual, ou maior magnificencia, como se manifesta em mais de 20 bem gravadas estampas em que estão representadas.

Entre os mais notaveis edificios de Portugal, podemos pela grandeza dar a primazia ao famoso aqueducto de Lisboa, e pelo primor da Arte a obra de Mafra, a de S. Vicente de fóra, e a do Collegio de Santo Antão tambem tem muita formosura e magestade; e he pena que esta ultima senão restaure, visto estar quasi inteira.

O Senhor D. João o 5.º quiz fazer de Mafra hum segundo,

e talvez melhor Escurial, edificado tambem por voto, o Sumptuoso Palacio, Collegio, e Convento, que alli admiramos. A fachada tem 1⅌ e mais palmos de extenção, e he flanqueada por dous soberbos pavilhões. No meio della está a Basilica, ou Capella Real dedicada a Nossa Senhora, e a Santo Antonio. Entre esta Igreja, e os pavilhões estão as duas entradas do Palacio, a da parte do Norte conduz ao pavilhão, ou quarto d'ElRei, e a da parte do Sul ao da Rainha. Cada entrada tem hum atrio magnifico decorado com arcadas, e columnas da ordem Dorica, aonde os coches que entrão podem dar volta, e demorar-se alli a coberto. A cupula da Igreja, as elevadissimas torres, e as bellas estatuas chamão a attenção do Expectador admirado.

O Bramante, Buonarota, Peruzi, Rafael, Palladio, e outros quinhentistas tinhão felizmente desterrado a maneira Gotica, e restaurado o bello estilo dos Gregos. Este gosto estava ainda muito em uso, bem que hum pouco alterado pelas liberdades do Borromini, e de outros grandes homens, a quem todos querião imitar: o Architecto de Mafra Frederico seguio o gosto do século, tomando porêm liberdades assás decretadas, e moderadas; se nas torres, e na cupula usou superficies curvas como o Borromini, foi de hum modo tão feliz, que ellas contentão igualmente os olhos, e a intelligencia dos conhecedores. Quando quiz ser imitador, soube escolher bem os seus modelos: a bellissima Igreja de Santo Ignacio, inventada pelo Domenichino, lhe forneceo a idéa para o interior da Basilica. No adro, e fachada soube dar em ponto mais pequeno huma grande idéa do Vaticano, e ao desenhar as torres teve em vista as de Santa Ignez da Praça Navona, e parece que as excedeo, pois quem as

avista ao longe crê vêr dous elegantissimos obeliscos que dominão todo aquelle edificio collossal.

As ordens d'Architectura são regulares, nobres, elegantes, e pouco alteradas. Na Jonica moderna da fachada seguio o author a modinatura de Vinhola (1), á excepção das bazes, e da faxa dos denticulos, em que imitou a do Collocio, e accrescentou alguns ornatos ao Capitel do Scamozi. Deo ao entablamento a 5.ª parte de toda a columna, segundo o systema de Palladio.

Na ordem superior, que he a composita, tambem seguio o Vinhola, trocando sómente os lugares do oviculo, e gola reversa. Esta ordem decora tambem as torres, e todo o circuito da Igreja; mas quando chega ao frontão faz huma discreta mudança em toda aquella magestosa peça, apresentando em vez dos dentellos, lisos modilhões, os quaes não sahem á frente da coroa, mas occupão sómente a metade do seu *soffito*: cousa de que ha hum exemplo antigo no Frontispicio de Nero, imitado em parte pelo Palladio, e Scamozzi.

Sería superfluo, e enfadonho fazer huma analyse de todas as ordens, bastará dizer que a Dorica dos atrios poderia sustentar-se ao pé das boas cousas antigas. Ella imita em todas as molduras, e nas geraes proporções, o que Vinhola extrahio do Theatro de Marcello. He muito para notar a excessiva, e escrupulosa attenção que os homens grandes tem dado a todas estas cousas, e o pouco caso que fazem dellas aquelles que nem são grandes, nem pequenos.

---

(1) modini v. Branca p, 50.

A Basilica de Mafra he muito rica de esculturas, tendo mais de 60 grandes estatuas, e muitos baixos relevos de Giusti, Mayne, Rusconi, e autros homens famosos. Ha tambem alli boas pinturas de Trevisani, Vieira, Corrado, Massucci, Conca, Solimena, Pedro Bianchi, Quilhard, Ignacio de Oliveira, e outros muitos.

Depois do terremoto fizerão-se obras grandes, sendo as mais notaveis a de Runa, e a do Theatro de S. Carlos. Projectarão-se tambem tres vastos edificios, que senão executárão: o 1.º foi o Palacio Real em Campolide, cujos riscos forão feitos por hum João Antinori, subordinado a Eugenio dos Santos, e outro por Carlos Mardel. O 2.º o Erario Regio, e o 3.º o Pallacio da Relação, e a Cadêa.

O Conde (depois Marquez), Regedor representou á Senhora Rainha D. Maria I., a necessidade que havia de huma boa prizão pública, e Casa de Supplicação, e obteve para isso a promessa de huma consignação sufficiente. Mandou por tanto fazer hum desenho a Francisco Antonio Cangalhas; e depois pedio outro a Cyrillo Volkmar, recebeo este de S. Ex.ª muitas instrucções, e advertencias, leo Leis, tratados de saude, e de segurança; entrou nas Cadêas para examinar os defeitos que tinhão; e fizerão-se em fim os desenhos muito a contanto do Regedor, e tambem do Marquez de Ponte de Lima Inspector das Obras publicas, e forão approvados por Sua Magestade.

A Natureza depravada, a má educação inspirão em alguns homens a brutalidade das féras, e he preciso privalos de huma liberdade funesta; mas como os olhos dos Juizes não podem penetrar até o fundo do coração, corre-se ás vezes o risco de opprimir a innocencia, quando se intenta

reprimir o crime: e como se procede á segurança da pessoa antes que haja a prova do delicto, deve haver na Casa de força huma parte que sirva de seguro deposito sim, mas não de castigo áquelles que se não sabe ainda se são delinquentes; e se he justo que se pratique com os homens esta equidade, he mais necessario ainda, que ella se use com as mulheres; por tanto já que hade haver prizão, deve ella ser ampla, commoda, salubre; capaz não só de ter seguros, mas tambem occupados muitos individuos de todas as idades. Era assim que a Piedade se exprimia pela boca de Sua Magestade, e o desenho foi concebido debaixo destes principios, quasi os mesmos que tem agora adoptado os Francezes. A nossa Soberana teve a gloria de os adoptar primeiro, elles tiverão a fortuna de os pôr em prática.

A planta geral formava hum retangulo de 270 palmos de frente por 507 de fundo, devidido em duas partes desiguaes, isto he em Palacio, e Cadêa. O Palacio se subdividia em outras duas partes separadas pelas escadas, e vinhão a ser anteriormente a Casa da Supplicação ás sálas de respeito, archivo, gabinetes, &c. e posteriormente o grande atrio, tendo de hum lado as 7 casas, para as audiencias, e do outro os commodos para o Guarda Mór, Carcereiro, Guarda-livros, e outros. O resto do terreno era tambem hum quadrilongo de 370 palmos de largo, e 404 de fundo, e comprehendia a cadêa, tendo dentro em si hum pateo quasi quadrado de 200, e mais palmos por cada lado, cercado por 4 galarias, ou dormitorios de mais de 60 palmos de largo, com corredor pelo meio, e tarimbas de hum e outro lado na enxovia, e camarotes no 1.º e 2.º andar. Nos seus angulos externos se formarião dous Salões quadrados

em cada andar, com escadas de caracol nos centros para os Carcereiros, ou Soldados poderem subir, e descer n'hum momento a todos os andares.

A entrada para a cadêa fazia meio a hum dos lados, e junto a ella estaria a sála, a casa do Guarda-livros, a de fazer perguntas, e o dormitorio dos rapazes para poderem receber ensino de trabalho, e de boa educação. Em hum dos Salões angulares poderião de ter-se os prezos da ronda, ou de culpas ligeiras, o outro sería para casa de passeio.

Dentro desta prizão haveria outra mais apertada para os perturbadores do socego, ou para os já convencidos de grandes delictos, como tambem enfermarias, oratorios, cozinhas, boticas, cadêa para mulheres, &c. &c. A conservação de hum ar puro, e sempre ventilado não foi negligenciada. A facilidade para a limpeza, a altura das galarias, quantidade de despejos, correspondencia de ar para todas as partes, e o cuidado de dar passagem livre para o ambiente commum aos vapôres dos despejos, e dos corpos sãos, e doentes poderião conseguir este importante requisito. Sobre os salões dos angulos haveria mais hum andar para os convalescentes.

Em quanto á decoração, a fachada do Palacio era sustentada sobre hum portico de 11 arcadas de 26 partes de alto em razão dupla: a cimalha geral do Palacio descançava sobre 8 pilastras, e 4 columnas Jonicas; e ainda que os denticulos sejão particularmente affectados a esta ordem; como n'hum edificio vasto parecerião muito pequenos, o author lhes preferio os modilhões, authorizado com o exemplo do Palladio, do Scamozzi, do Vinhola, &c. Entre as pilastras, havia sobre cada arcada huma janela de balcão

coroada com frontão semicircular, e sobre elle huma mascara leonina com garras, e mais acima o mezanino redondo do qual pendia huma festonada de laurel, que descia até as extremidades do frontão. As cimalhas dos pedestaes tornejavão formando as impostas dos arcos. Sobre a cimalha geral havia balaustrada com acroterios, e estatuas.

Apresentava-se no meio o corpo saliente formando huma varanda coberta com o frontão sustentado por 4 columnas da mesma ordem, e pelas suas pilastras correspondentos. As 3 arcadas da frente, e as duas lateraes que sustentavão o pavimento da varanda davão entrada para o Palacio por huma grande loja do tamanho de toda a Casa da Supplicação; no fim da qual á direita, e á esquerda se apresentavão as escadas que conduzião ao andar nobre, e em frente o atrio, cercado de porticos por onde se passava á Capella, ou Igreja.

A Casa da Supplicação era vasta, e rica, mas severa, tendo o tecto em cupula com lanternino. Desta casa pela varanda coberta sobre o portico do atrio se passava para a tribuna da Igreja; tambem pelo corredor que cercava a dita Capella, e penetrava a cadêa até o grande pateo sería a passagem para a casa da visita, que alli faz o Regedor todos os mezes, a fim de inspeccionar sobre o estado dos prezos, e das prizões.

A Capella ou Igreja que era de fórma extraordinaria, formava hum retangulo rematando em semicirculo, e o seu tecto apoiava-se sobre pilastras, havendo entre ellas paineis de Martires, e Confessores, e tambem vidraças, e grades por onde podia penetrar a vista, mas não o corpo, nem o álito dos prezos. Tinha hum unico altar insulado, e posto

em tal altura, e tal sitio, que podia ser visto de todos os andares da cadêa, e mesmo das casas fortes.

Em hum vasto edificio principalmente de abobadas ha duas cousas oppostas, que se devem conciliar com muita attenção, e vem a ser a solidez, e a economia, a solidez consiste nos bons alicerces, bons materiaes, cortes de pedra, e pés direitos que possão bem resistir á empurração das abobadas, e aos aballos da terra.

Se o Architecto faltar nesta parte ao necessario, póde cahir o edificio, se exceder consumirá inutilmente sommas avultadas, e fará as casas, pela excessiva grossura das paredes, humidas, sombrias, e mal sãs. O Author consultou sobre esta materia delicada não só os Authores mais acreditados, mas tambem os bons praticos, porque he muito attendivel a qualidade dos materiaes, que são diversos em todos os paizes, e muitas outras interessantes observações.

Se este edificio, que só tentalo fez muita honra á Piedade da Senhora Rainha D. Maria I., não se executou, nem se acabou o do Erario, não deixárão por isso os seus Authores de ser premiados pelo Principe Regente com muita generosidade. O do Erario teve huma gratificação pecuniaria, e huma pensão vitalicia, e o da cadêa teve pensão só, mas avultada a titulo de Pintor do Rei, e obteve a licença que pedio para fazer algumas pinturas nos tectos, e paredes do Real Palacio de Mafra.

Mal poderiamos trazer á memoria todos os templos, palacios, e outros edificios magnificos de Lisboa, e só diremos que o da Capella de S. João Baptista em S. Roque, architectura de Vanvitelli, excede no seu genero tudo quanto ha no mundo, e mesmo a celeberrima Capella de

Santo Ignacio em Roma. A riqueza de metaes, e pedras preciosas he excessiva, mas excedida muitas vezes pelas bellezas da Arte. Tem excellente escultura, e tres paineis de Massucci optimamente executados em mosaico, o mesmo pavimento tambem de mosaico, he admiravel.

O Palacio Real, que actualmente se está edificando he obra digna de hum D. João, assim como a Real Basilica do Coração de Jesus faz honra á memoria da Senhora Rainha D. Maria I.

Em quanto á architectura pintada sabemos que o seu uso he antigo. Agatharco pintava as decorações para as tragedias de Eschyles, compôs hum tratado de perspectiva; e depois delle Anaxagoras, e Democrito se explicárão com maior clareza, e mais precisão: Apatecrio fez admiraveis scenarios na Lybia antes da era vulgar, e Serapion Pintor Grego tambem entendia superiormente as decorações do Theatro, o mesmo poderiamos dizer de outros muitos.

Depois da restauração das Artes, Paulo Ucello Florentino fez grandes estudos sobre a perspectiva. Bruneleschi deo-lhe mais exacção usando da planta, e perfil. Pedro de la Francesca, e Bonoso Pintor Florentino tambem do século 15 excedêrão-no. Depois que se começárão a escrever, e representar Comedias modernas foi a Architectura pintada, fazendo grandes progressos até chegar á ultima perfeição. O Serlio, o Padre Pozzo, e o Bibiena escrevêrão sobre as scenas theatraes: o Vignola, e o Pozzo ensinando as duas regras de perspectiva facilitárão muito a prática desta arte, e o tecto da Igreja de Santo Ignacio em Roma, obra do século 17 feita pelo mesmo Padre Pozzo, levou á ultima perfeição a perspectiva chamada de *soto in sa*. Fer-

nando Galli Bibiena no ultimo século deixou pouco a desejar nas magnificas decorações theatraes, que fez em Vienna de Austria, assim como João Carlos Bibiena, da mesma familia no Theatro Regio de Lisboa que se incendiou com a Cidade em 1755.

Tambem nos Theatros públicos desta Capital se exhibírão decorações maravilhosas feitas algumas por Italianos, outras por Portuguezes, todas dignas dos altos preços da platéa, e camarotes.

Pelo meado do ultimo século os Galliari, e os Gonzagas introduzírão hum estylo mais prompto, mas pouco asseado, e muito imperfeito, para ser usado nos Theatros das feiras, aonde se entra por poucos *baiocos*. Infelizmente este máo estylo foi aqui introduzido no fim do século, e desde então tem este genero de Architectura declinado tanto, que o podemos considerar como quasi perdido.

No genero dos ornatos, que fazem hum ramo assás interessante da Architectura, temos tido muito bons Pintores desde o século 16. Na Torre do Tombo, no 1.º livro mystico de ElRei D. Manoel, ha hum frontispicio, pintado naquelle tempo, e muito bem. O D grande he cheio de ornatos, flores, e aves tocado tudo de ouro, aonde se admira a cauda de hum pavão, e os delicados insectos que sorvem o suco das flores: só as folhas do ornato são ainda no gosto gothico, defeito que já se não acha no Livro da Beira da mesma collecção de ElRei D. Manoel.

No livro da Armaria feito no reinado de D. João 3.º, faz cercadura ao prologo huma Architectura caprichosa com columnas de tres côres, no gosto arabesco, com capiteis compositos, frizo de ultramar com arabescos de ouro admi-

raveis, os do sub-basamento são verdades com fundo de ouro.

Do século seguinte temos o bello frontispicio no Compromisso da Irmandade de S. Lucas, pintado por Eugenio de Frias em 1609. He huma especie de retabulo de ordem Jonica, feito pelo mesmo estylo, tendo no centro hum painel colorido de S. Lucas retratando Nossa Senhora, tudo executado com grande primor, e tocado de ouro na ultima perfeição.

Antes de passarmos ao Cathalogo dos Professores d'Architectura, faremos justiça ao grande merecimento de hum Fidalgo Portuguez Rodrigo Annes de Sá, Marquez de Abrantes, he celebrado na historia da Arte, como sábio em varios ramos della. Alguns o tem collocado entre os Pintores, mas parece que o seu talento decidido era para a Architectura, em a qual, como o Imperador Hadriano, não cedia aos melhores Professores. Assim o affirmou, (muito depois do seu falecimento, que foi em 1733), o nosso Vieira Lusitano, que o conheceo perfeitamente, e quando lhe fallou a primeira vez, diz elle, estava no seu gabinete delineando a planta para hum regio edificio: e continna:

Pois todas as circunstancias
De singular Architecto,
Como então era notorio,
Possuia em gráo perfeito.

João Frederico Ludovice.

Era Alemão, posto que a sua familia fosse de origem Italiana. O Barão de Schomberg em 1787 disse aos seus parentes, que era seu patricio, nascido em Ratisbona, onde o conhecêra Militar Engenheiro, e que cessando o serviço por occasião da paz fôra viajar na Italia aonde adquiríra grande aproveitamento tanto na Arte, como em litteratura; porque, ou fosse então, ou que nos seus primeiros annos se applicasse á Jurisprudencia, ha na livraria de seu neto alguns livros de Direito annotados por elle, e muitas vezes consultados pelo Doutor Garcia, e por outros letrados. A sua erudição na historia, fisica, mathematica, e historia natural lhe grangeou a amisade dos Jesuitas, a qual lhe valeo muito, (diz a fama pública), para na direcção da Obra de Mafra, ser preferido a Filippe Juvara, e a Antonio Canevari. Teve tambem amizade com os Padres do Oratorio, aonde professou hum de seus filhos do seu mesmo nome, que faleceo em 1755.

Frederico chegou a Lisboa no principio do século 18, e em 1707 foi empregado como Architecto por D. João o 5.º para a factura da Obra de Mafra, cuja 1.ª pedra se lançou em Novembro de 1717. Esta grande Obra, cuja Basilica foi sagrada em 22 de Outubro de 1730, he digna de hum D. João, e foi fortuna para tanta magnificencia, encontrar hum Architecto habil, e com espirito proporcionado ao seu. O primeiro ordenado que teve foi de 1:000$ rs. quantia assás avultada naquelle século de ouro. Foi tambem grati-

ficado com a Cruz da Ordem de Christo, menos vulgar então de que he agora. Alêm de muitos desenhos que delineou para Obras Reaes, alguns dos quaes não se executárão pela morte do Rei, outros não se acabárão pela parlezia de que elle mesmo foi atacado. Fez a Capella Mór de S. Domingos, que foi acabada pelo Padua; a Capella Mór da Sé de Evora, que he sumptuosa, e bella; a sua ermida em Bemfica, notavel, ainda que em ponto pequeno; a porta da Capella Real que está hoje na Igreja de S. Domingos, e o seu palacio no cimo da Calçada da gloria. Faleceo em Janeiro de 1752 tendo 80, e mais annos de idade. Servio na Meza de S. Lucas em 1718. Casou duas vezes, a 1.ª em Napoles com huma formosa e honesta Senhora, que morreo de parto do seu filho João Pedro Ludovice, pae de José Joaquim Ludovice, Escrivão da Camara no Desembargo do Paço. A 2.ª em Lisboa em 1720 com D. Anna Maria Verney, de quem teve seis filhos, dous dos quaes tiverão grande engenho para a Arte. O 1.º Caetano Ludovice que morreo na idade de 27 ou 28 annos; e o 2.º José Joaquim Ludovice, que fez o risco para a Igreja, e Convento dos Padres do Espirito Santo, e morreo nas Caldas em 22 de Julho de 1803 sendo já septuagenario.

João Frederico não só foi bem acceito ao Senhor D. João o 5.º. mas tambem ao Senhor Rei D. José 1.º, o qual por Decreto de 1750 declarou que pela grande capacidade com que servíra por tempo de 43 annos ao Senhor Rei D. João, desenhando, e fazendo modelos com tal acerto, que executados deixão bem vêr a magnificencia de quem os mandára pôr em execução, e instruindo os operarios empregados em taes obras com tanto zêlo, que á sua doutrina se deve o

grande adiantamento em que se achão as Artes nestes Reinos, o declara Architecto Mór do Reino com Patente, soldo, e graduação de Brigadeiro de Infantaria, na 1.ª plana da Côrte, &c.

Este Artista benemerito modelava, esculpia em prata, e outros metaes, e desenhava ornatos, e figuras com grande magisterio. Quem olhar para a sua obra de Mafra com attenção, e intelligencia verá o quanto era sábio em perspectiva. Na Architectura seguio o estylo dos Seiscentistas, quero dizer, do Bernine, do Borromini, e principalmente do Padre Pozzo, moderando-se mais nas liberdades que elles tomárão. O modo de lavrar bem os ornatos de pedra data do seu tempo, e bem se deixa vêr nos capiteis, e ornatos da Porta da Igreja de S. Vicente, nos do Collegio de Santo Antão, nos do Menino Deos, de Nossa Senhora da Luz, e em todos os outros edificios mais antigos que o de Mafra, que a pedra era mal cortada, e toda a mão d'obra pouco elegante.

O Abbade D. Filippe Juvara.

Nasceo em Messina, de huma familia destincta, mas muito pobre, e applicou-se ao desenho de figura, á Pintura, á Gravura, e á Architectura: tomou o habito ecclesiastico, e foi a Roma para estudar na escóla do Cavalheiro Fontana; mas achando-se falto de meios, hum certo machinista seu patricio o induzio a pintar algumas decorações theatraes, o que elle não só fez, mas tambem as gravou a agua forte. O Duque de Saboia sendo Rei de Sicilia, o acceitou para

seu Architeto com 600 escudos de pensão, e deo-lhe mais em Turim a rica Abbadia da Selva. Alli fez a escada sem palacio, assim chamada pelo vulgo, porque o edificio não correspondia á grandeza, e magnificencia que ella tinha; a bellissima rotunda sustentada sobre oito columnas; e outras obras. Victor Amadeo para condescender com os desejos do Senhor D. João o 5.º, que o pertendia para Architecto de Mafra, o enviou a Portugal. Aqui fez os desenhos para huma Patriarchal, e para o Palacio, Convento, e Basilica Mafrense, que senão executou, apezar da sua magnificencia e elegancia, porque os Jesuitas fizerão dar a preferencia ao Frederico. Não obstante, o Rei lhe deo Habito de Christo, e a insignia delle cravejada de ricos brilhantes, com huma pensão de 6$ cruzados. Morreo em Madrid começando o Palacio Real em 1735, tendo 50 annos.

Antonio Canevari, Romano, tambem fez hum desenho para Mafra o qual teve a mesma sorte que o de Juvara. Depois de fazer construir em Lisboa a celebrada torre do Relogio, e algumas outras cousas, foi acabar os seus dias no Reino de Napoles.

Mr. Larre.

Ouvimos dizer a Fernando de Larre, o ultimo Provedor dos Armazens que era neto deste Architecto, e que elle fizera o Portico da Fundição, e o seu Palacio a S. Sebastião da pedreira.

Vicente Baccarelli.

Pintor de Historia, e Perspectiva, Italiano, veio a Lisboa nos fins do século 17, ou no principio do seguinte; e para deixar vêr a sua habilidade pintou gratuitamente o retabulo d'huma Capella que tinhão os Pretos na Igreja da Trindade. Esta obra o acreditou de modo, que teve logo as encommendas de outras muitas. Das que existem são as mais notaveis o tecto da escada de hum palacio no Campo pequeno, pintado a fresco, e o da Portaria de S. Vicente feito a oleo em 1710. He huma das melhores cousas, ou antes a melhor que deste genero temos em Lisboa. A composição, a armonia de côres, o effeito da perspectiva, os partidos de luz, e de sombra, o manejo precioso do pincel, tudo concorre para o fazer admiravel. O painel era igualmente bello, elle o pintou, e executou todo o tecto, á excepção das festonadas de flores, que forão feitas pelo Serra, Mestre de José Bernardes, e são primorosas. Pelo terremoto de 55 cahio só o reboco, que continha o painel. Quando foi a Patriarcal para S. Vicente, mandárão os ignorantissimos Mestres caiár o tecto todo, e logo a casa, que até alli parecia huma das mais bellas, e regulares de toda a cidade, ficou parecendo a mais defeituosa, baixa, e irregular. Quando os Conegos tornárão de Mafra o mandárão restaurar, o que foi feito, e muito bem, por Manoel da Costa em 1796, e se o painel, que elle tambem fez, não fosse bom teria alguma desculpa, visto não ser essa a sua profissão.

Baccarelli servio na Mesa de S. Lucas em 1715: depois de fazer muitas, e excellentes obras tornou á patria, dizendo que o seu discipulo era bem capaz de supprir a sua falta. Este discipulo era Antonio Lobo, pae de Francisco Xavier Lobo, o qual pintou de perspectiva o tecto da Igreja da Pena antes do Terremoto. Entrou na Irmandade em Outubro de 1711. Servio na Mesa, e morreo em 1719. Foi Mestre de Antonio Pimenta, de Braz de Oliveira, e de Antonio Simões. Antonio Pimenta Rolin pintou tectos nos palacios, e Igrejas de Lisboa usando de industria para não dar conta das engras nos Corpos de Architectura, os quaes ornatava para adoçar a aspereza das sombras, era pobre de invenções, e quasi se repetia em todas as obras. He seu o tecto da Capella Mór dos Paulistas, repintado por Simão Baptista, e Jeronymo de Barros em 1770. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 1715, servio na Mesa em 27, e 36, e inda vivia em 1750. Braz de Oliveira Velho competia com Antonio Simões, e Lobo lhes chama Gigantes da Arte na Architectura pintada, e em outros ramos; mas diz que o seu rival o excedia nas figuras a tempera. Entrou na Irmandade em 22 de Outubro de 1713, e servio na Mesa desde o mesmo anno até o de 1741, sendo vàrias vezes Juiz.

João Nunes de Abreu.

Chamado vulgarmente do Castello, porque alli fazia a sua morada. Era Pintor quasi universal, mas o seu forte foi a perspectiva, e ornatos: pintou o tecto do Menino

Deos, o da Portaria da Graça, e outros. No da Graça fez tambem as figuras, e José Bernardes, e o Serra fizerão as flores. Foi Mestre de Feliciano Narciso. Entrou na Irmandade em 22 de Outubro de 1719, servio na Mesa desde 1724, até 34, morreo em 38, e diz o Lobo que de muito estudar.

Francisco da Silva.

Foi soldado de hum antigo regimento chamado do Monteiro Mór. Pintou ruinas de Architectura, paisagens, e lindas figurinhas, tudo de grande mancha, com muito effeito, e pouco trabalho. Fez algumas cousas no estylo do Claudio. Esteve em Sevilha, e em 1775 vimos alli em casa de D. Francisco Ximenes, hum dos Directores da Academia, paineis seus de architecturas, e paizes, tidos por elle em bastante estimação, e louvava muito os seus talentos porque o conheceo pessoalmente. Francisco Xavier Lobo tambem o elogiou tanto nos Dialogos como na Silva Laudatoria, dizendo que tinha grande escolha de luzes, de sitios, de figuras, muita franqueza, pintando com modo liberto e generoso, colhendo muito fructo de pouco trabalho. »Fazia, »prosegue elle, deliciosos arvoredos, cujas folhas parecião »meneadas pelo Zefiro. A sua luz, ou branda, ou forte, »sempre era luz. Cada pincelada exprimia exactamente, e »magistralmente o que queria, e devia dizer. Sabia bem a »perspectiva, e todo o fundamento da Arte.»

Os Serras moço, e velho.

Estes dous Pintores, Pae, e Filho tiverão grande genio para pintar ornatos, e quadraturas, ou architecturas, porêm como não dirigissem obras suas, e pintassem quasi sempre nas alheias como ajudantes, viverão em grande pobreza.

Antonio da Serra, chamado o Velho, entrou na Irmandade de S. Lucas em 18 de Outubro de 1688, e servio na Mesa desde 1699 até 1720. Faleceo em Novembro de 1728. Foi mestre de seu Filho Victorino Manoel da Serra, que teve maior crédito que seu Pae. Entrou na Irmandade do Santo Evangelista em 23 de Janeiro de 1718. Servio na Mesa desde 1719 até 46. Morreo em Abril do anno seguinte, de idade 55 annos, e jaz na Igreja de Nossa Senhora do Soccorro. O seu panegirista Manoel Ferreira, diz ser seu o tecto do Menino Deos, e o do Rato; mas José Antonio Narciso, e Pedro Alexandrino nos affirmárão que o 1.º era de João Nunes; e em quanto ao 2.º sabemos que tem escripto em letras bem grandes o nome de Bochecha, (José Antonio), Pintor que chegamos a conhecer pelos annos 1769, quando pintou os ornatos no tecto da Igreja de Xabregas. Era já velho, e morreo alli mesmo.

O Lobo faz grandes elogios aos toques admiraveis do Victorino, ás suas flores, e fructos, e ás suas perspectivas; e os nomes dos Serras forão sempre em muita estimação entre os Artistas, e Conhecedores.

O Cavalheiro Nicolao Servandoni.

Foi hum genio dos mais extraordinarios que tem apparecido tanto em talentos, como em grandeza d'alma, sem lhe faltar a vêa pintoresca: servio os Maiores Soberanos da Europa, e excedeo-os ás vezes em idéas de magnificencia. Despendia ora como Principe, ora como indigente, hoje occupava hum soberbo palacio, ámanhã hia morar n'huma agua furtada. Este homem raro nasceo em Florença em 1695, e applicou-se á Pintura, á Architectura, e á Mechanica. A' Pintura (diz hum dos escriptores da sua vida), a esta Arte tão nobre, e tão difficil, he que elle deveo os effeitos pintorescos que fazião todo o encantamento das suas composições maquinosas. Elle estudou a Architectura em Roma, pelas ruinas antigas, as quaes não só desenhava, e media como Architecto, mas tambem copiava em paineis como Pintor.

Passando depois a París foi recebido na Academia em qualidade de Pintor de paisagens, e tendo feito para os Theatros maravilhosos scenarios, o Rei o nomeou seu Architecto Decorador. A sua fama tanto se espalhou que os Reis de Inglaterra, Polonia, e Portugal, e o Duque de Wurtemberg lhe derão o mesmo titulo. Como Architecto Civil fez a fachada da Igreja de S. Sulpicio, architectura famosa que se pôs a concurso em 1731, fez mais 13 ou 14 obras notaveis em París, e muitas em Bruxellas, Madrid, etc. Dirigio o Theatro da opera em París 18 annos; e existião desenhos de 60 decorações soberbas feitas para

elle, sem fallar em grande número de outras para Dresda, e Londres.

Mas nos espectaculos excedeo Servandoni, tudo quanto se tinha visto, ou imaginado, no do triunfo d'hum conquistador, fez apparecer na scena mais de 400 cavallos que fizerão as suas evoluções com a maior facilidade. No que deo á Cidade de París pelo casamento de Madama com o Infante D. Filippe, toda a ponte nova, e todo o lago até ponte Real forão decorados, e assistírão a esta festa o Rei, toda a sua Côrte, e mais de 800$ espectadores. Dirigio outros espectaculos, igualmente apparatosos em Londres, Viena, e Stutgard: em Lisboa fez huma festa para os Inglezes pela victoria do Duque de Cumberland em Culloden na Escocia, e muitos desenhos para ElRei.

O projecto que elle deo para decorar a Praça de Luiz 15 era tão bello, e tão grandioso, que os Francezes não se atreverão a executalo, assim como as festas, que propoz para a ultima paz, pela immensidade das sommas que terião custado. Acabou os seus dias em París no anno 1766. Simão Caetano Nunes disse-nos que o tinha conhecido, e tinha visto em Lisboa alguns dos seus espectaculos, e não acabava de os encarecer.

João Carlos Bibiena.

Depois da paz de Utrecht em 1715 começou este Reino a respirar, e D. João o 5.º pôde deitar as vistas sobre as sciencias, e boas Artes: a da Musica não ficou esquecida:

veio para a Patriarchal, entre outros Cantôres o Annibalinho, que era tambem grande Pintor de perspectivas, e fez huma decoração magnifica para servir no Loreto pela Semana Santa, aonde se figurava o Imperador Heraclio conduzindo o Santo Lenho sobre os seus hombros. Naquelle tempo havia huma especie de Theatro no Paço, onde se representavão dramas em musica, e alli se fez Madama Glanna no Carnaval de 1740. Petronio Manzoni, o mesmo que foi depois Machinista nos Theatros Regios, fez o da Rua dos Condes. Vierão as Paquetas, famosas cantarinas, que repretentárão Alexandre na India, para cuja peça fez o Annibalinho o Templo de Baccho com columnas de verde-antigo ao meio, e duas escalinatas aos lados que conduzião as 3 galarias cobertas de abobadas. Elle deo para a execução desta magestosa scena hum modelinho pintado, e teve grandissimo applauso. Com as Paquetas vierão Salvador Cornelio, e o Clericé, ambos Pintores: o primeiro veio em qualidade de Architecto Decorador, e fez decorações admiraveis. No Desertor representado por 1770 no tempo de Zamperini ainda appareceo na rua dos Condes o seu famoso Carcere. Os Padres do Oratorio tambem tinhão hum Theatro, em que os seus estudantes representavão pelo Carnaval, cujo Architecto Decorador era Ignacio de Oliveira, sendo os seus desenhos executados por Victorino da Serra, José Bernardes, e outros.

João Carlos Bibiena, Italiano, veio tambem servir no Theatro do Senhor D. José 1.º pelos annos 1753. Com elle vierão o Marcos muito habil nas figuras pintadas a tempera; e o Paulo, famoso em batalhas, e paizes. João Berardi que já cá estava, tambem pintou huma gruta no Theatro Regio,

e ficou depois pintando as paisagens quando o Paulo se retirou. Em quanto se preparava o grandissimo Theatro que fez João Carlos, arranjou elle hum Theatrinho na casa da India, aonde em 1753 se representou o Heroe Chinez. No Theatro grande fez-se com magnificencia verdadeiramente Real. Tito, e Olympiada, Alexandre, e Artaxerxes. Os scenarios erão os mais soberbos, e os livretes que erão grandes tinhão as scenas estampadas abertas a agua forte por João Berardi. Este vasto edificio queimou-se no geral incendio de 55. Bibiena, depois do terremoto, fez a Capella Real, e Paço d'Ajuda, tudo abarracado. O risco para a Igreja da Memoria tambem era seu, mas o fim da obra, feito depois da sua morte, não correspondeo ao principio. Deo o desenho para o Theatro d'Ajuda, e antes de vir tinha mandado o de Salvaterra. Morreo pelos annos 1760, e sucedeo-lhe interinamente Ignacio de Oliveira.

Jacome Azzolini.

Veio da Italia, sua patria, convidado pelo Bibiena, para o ajudar a riscar no Theatro Regio. Sobrevindo o terremoto de 55 foi para Coimbra aonde se occupou como Architecto Civil para acabar o seminario. Em 67 ou 68 foi chamado a Lisboa para dirigir os Scenarios do Theatro Regio d'Ajuda, emprego em que proseguio até os annos 1786 ou 87, tempo em que faleceo, tendo quasi 70 annos.

Em Lisboa, alêm das decorações theatraes fez as torres de S. Francisco de Paula, e hum desenho para o Picadeiro

Regio. Achando-se já doente no tempo em que se fez a Opera de Assur, propoz elle que cada hum dos seus discipulos fizesse hum scenario, para Sua Magestade poder julgar qual delles era o mais capaz de o substituir. José Carlos Binheti fez o Templo, e Manoel Piolti a Regià. Estas obras forão igualmente applaudidas, e a cousa ficou indecisa até depois da morte do Mestre.

Eugenio dos Santos de Carvalho.

Foi o Architecto da nova Lisboa, e do Palacio Real que se devia fazer em Campolide, e arco do Carvalhão, emprezas ambas de tal ponderação, que se deverião incumbir não só ao melhor Architecto do Reino, caso de o haver capaz; mas ao maior do universo; o nosso sem carecer de talentos, não era para tanto.

Em quanto ao Palacio, vimos em Roma em casa de João Antinori, o risco delle, e pareceo-nos grande, e nobre. Este Artista esteve em Lisboa aonde casou com huma Portugueza, e foi empregado na casa do risco como Ajudante de Eugenio dos Santos; jactava-se porêm de que o desenho do Palacio era de sua invenção. Aqui fallava com alguma liberdade contra o Marquez de Pombal, e teve por isso de fugir para escapar da prizão. Pelos annos 1776 gosava em Roma d'huma certa reputação, e tinha bastantes discipulos.

Fez-se tambem famoso na Mechanica quando deo volta ás Estatuas Collossaes de Monte Cavallo juntamente com o seu pedestal. Em quanto á Cidade seguio Eugenio dos

Santos muito ao pé da letra a discripção da nova Salento de Fenelon, sem reflectir que hum sabio, póde ser máo Architecto. Mr. Palte tambem adoptou similhante systema no seu tratado d'Architectura, o qual posto em praxe produz hum effeito monotono, e triste. Todos os nossos sentidos aborrecem as repetições, e vêr a mesma cousa nos arruamentos, nas praças, nos palacios, e até nos templos?

Eugenio dos Santos, Cavalheiro da Ordem de Christo, era natural da Villa de Aljubarrota, e pertencia á illustre familia dos Carvalhos, e Negreiros, sendo descendente de D. Gil Fernandes de Carvalho, Mestre da Ordem de S. Tiago. Casou com D. Francisca Thereza de Jesus, filha de Manoel da Costa Negreiros; foi Capitão Engenheiro, Ajudante de Manoel da Maya: foi primeiro Architecto das Obras Publicas, e dirigio a escola de Architectura em Lisboa, chamada casa do risco, que foi estabelecida depois do terremoto, e segundo dos Passos Reaes. Hum dos seus melhores Ajudantes foi o Capitão Antonio Carlos Andreis, o qual se malquistou com o Marquez de Pombal, e esteve muitos annos prezo, porque pela guerra de 62 sendo mandado em qualidade de Engenheiro para defender Almeida, desobedeceo ao Rei, que por hum Decreto lhe mandava entregasse a praça aos Hespanhoes, e depois faltando-lhe os meios de a defender a entregou sem que lho mandassem. Eugenio, fez o Arsenal da Marinha, a Praça do Commercio, a Alfandega, e o perspecto da Cidade, o Colleginho da Graça, e Convento da Conceição da Luz; tudo tirado a limpo pelo dito Antonio Carlos. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 6 de Julho de 1746, e morreo em 1760, tendo de idade 60 annos.

Carlos Mardel.

Era natural de Hungria, veio para Portugal no anno 1733 com patente de Capitão Engenheiro, e servio depois o posto de Coronel que conservou até o mez de Setembro de 1763, tempo em que faleceo, vencendo sempre soldo dobrado, além das extraordinarias gratificações, que recebia como Architecto das aguas livres, (seu primeiro cargo), da Casa das Obras, do Almoxarifado do Sal de Setubal, &c. Fez o Palacio de Salvaterra, o Convento de S. Domingos, o Collegio dos Nobres, o Palacio do Marquez de Pombal em Oeiras, o Chafariz da Rua formosa, e o da Esperança, o Convento de S. João Nepumoceno, a sua propria casa a Santa Isabel, e o risco para o Palacio que o Senhor Rei D. José quiz fazer no Campo de Ourique, &c. &c.

Por aquelles tempos forão tambem estimados como bons Architectos Manoel da Maya, que foi Marechal General, Engenheiro Mór do Reino, e teve em 56 de dar a planta de Lisboa de que incumbio o Tenente Coronel Carlos Mardel, o Capitão Eugenio dos Santos, o Capitão Elias Sebastião Poppe, Antonio Carlos, José Carlos da Silva, &c.

A casa de Obras Publicas foi instituida pouco depois do terremoto pelo Senhor Rei D. José para a reedificação da Cidade. D. Miguel Angelo de Velasques foi o terceiro Arquitecto de Obras Publicas, e a elle se seguio Reynaldo Manoel dos Santos.

Pedro Gualter foi Engenheiro, e Architecto da Casa das Obras Reaes.

Francisco Antonio Ferreira Cangalhas Ajudante da Casa do Risco das Obras Publicas, encarregado do risco da Cidade, e Architecto das aguas livres.

Joaquim de Oliveira Architecto do Conselho da Fazenda, e da Junta do Commercio.

Remigio Francisco Ajudante da Casa do risco das Obras Publicas, e Architecto do Senado.

Feliciano Narciso.

Discipulo de João Nunes, foi hum dos famosos allumnos da antiga escola de Baccarelli, pintando optimamente architecturas, e ornatos. Antes do terremoto tinha feito o tecto da casa do Despacho em S. Nicoláo; e no Theatro Regio dirigio, subordinado a Bibiena, o partido dos Pintores Portuguezes que alli se occupavão. Depois do terremoto desenhou, e dirigio os ornamentos no grande tecto da casa das pistolas na Fundição, os quaes forão excetuados por elle mesmo, por Antonio Caetano da Silva (1), Antonio dos Santos Joaquim (2), e por outros. José Carvalho Rosa pintou as flores. O nosso Feliciano entrou na Confraria do Santo em Outubro de 1732, e servio lugares da Meza desde

---

(1) Antonio Caetano da Silva entrou na Confraria em 30 de Outubro de 1744, e servio na Mesa de Secretario, e falleceo em 7 de Maio de 1775.

(2) Antonio dos Santos Joaquim entrou por Irmão em 4 de Agosto de 1746, e morreo em 1777.

37 até 54 sendo então Juiz. Morreo em idade avançada pelos annos 1776, ou 77. O Lobo o exalta muito, e com razão. Quando pintou o grande tecto na Fundição estava já muito convulso, o que não obstante distingue-se o seu toque de ouro de todos os mais pela limpeza, elegancia, e perfeição com que he feito.

Jose' Bernardes.

Foi discipulo dos Serras, e Francisco Xavier Lobo louva muito a arte com que elle grupava as flores, e sabia diffundir a luz sobre ellas; como tambem a verdade, e magisterio com que pintava os fructos, os ornatos, e Architectura, cousas todas que elle ensinou ao Genro, e discipulo bem aproveitado Jeronymo Gomes Teixeira. Tambem foi Mestre de Francisco Gomes Teixeira, e de Bento de Souza Campelo que pintava flores, e ornatos, e morreo velho pelos annos 1780 e tantos.

Lourenço da Cunha.

Foi o maior Pintor Portuguez que temos tido no genero de Architectura, e perspectiva, igualou talvez Baccarelli na pratica, e excedendo-o na theorica: vingando-se com a sua pericia em Arte tão liberal da sem razão da sorte, que o havia condemnado á condição servil. Foi a Roma com huma pessoa da familia dos seus patronos, e alli avançou muito:

quando voltou, que sería pelos annos 1744, como não era conhecido, foi pedir que fazer a Ignacio de Oliveira, que regia o Theatro dos Congregados do Espirito Santo começou a pintar com acanhamento, mas pouco depois deixou vêr o grande homem que era.

Quando Bibiena cançavá o Erario para admirar os espectadores com os magnificos scenarios do Theatro Regio, ousou elle ser seu competidor na Rua dos Condes, inda que em ponto pequeno qual he o que exige hum theatrinho de bonecos; e dizião os bons pintores, que virão as suas obras, que no seu tanto não cedião ás do seu rival. Fez o Theatro do Bairro Alto, e pintou para elle alguns scenarios. Tambem pintou huma capella da Igreja dos Clerigos Pobres, outra perspectiva na dos Inglezinhos, o Côro das Trinas do Mocambo; o tecto da casa do Capitulo em S. Domingos de Bemfica, o de Nossa Senhora do Cabo, hum retabulo na barraca de S. Julião, que não existe, e era excellente. Assentou por Irmão de S. Lucas em 25 de Outubro de 1744, e servio na Meza desde 45 até 53 sendo duas vezes Juiz. Foi Mestre de Mathematica de seu filho José Anastacio da Cunha, Lente de Geometria na Universidade de Coimbra. Morreo em Lisboa pelos annos 1760.

Depois da sua morte dirigio o Theatro do Bairro Alto Silverio Manoel Duarte, discipulo de Bento de Souza, que morreo dous annos depois. Seguio-se Antonio Stopani, Bolonhez, e a elle, pelos annos 1767 Joaquim dos Santos de Araujo, dahi a pouco tempo tornou Stepani.

Mattheus Vicente.

No tempo da Obra de Mafra creárão-se alli debaixo da direcção de Frederico bom Mestre d'Obras, e Officiaes de relevo. Alguns dos mais habilidosos entrárão na Casa do risco, e derão-se a delinear as 5 ordens, aprendendo tambem alguma Geometria pratica, e forão finalmente empregados como Architectos.

Hum dos que mais se distinguírão foi o Major Mattheus Vicente, natural do lugar de Barcarena, foi Architecto da Casa do Infantado, e Senado da Camara. Fez parte do Palacio de Queluz, sendo a outra parte com as decorações dos jardins, de João Baptista Robilhon. Como Architecto do Senado teve de reedificar a Igreja de Santo Antonio da Sé arruinada pelo terremoto.

Não podem ás vezes os Artistas fazer o que entendem e desejão, porque os donos das obras não querem despender, mas naquella não poderia allegar-se essa desculpa, nem se pode entender a razão porque tendo Mattheus Vicente carregado de ornamentos superfluos a fachada da Igreja, e mesmo o lado della pela parte exterior, fez tão pouco caso da Cupula que mais parece o mirante de huma quinta, que o Zimborio de huma Igreja, quando todos sabem que as cupulas, quando as ha, são as peças mais importantes dos edificios, e aonde os melhores Architectos tem posto todo o seu saber.

Fez tambem o Convento, e Basilica do Coração de Jesus, obra sumptuosa, apezar de que transluz por entre a magnificencia da Soberana que a mandou fazer, o espirito mes-

quinho do homem que a desenhou. Morreo pelos annos 1786 sendo já velho.

Gregorio de Barros e Vasconcellos.

Este Fidalgo, descendente de illustres familias, era muito estudioso, habil Mathematico, e estimador das bellas Artes. Em 1780 cedeo gratuitamente ao Editor destes opusculos as melhores sálas do seu palacio a S. José, para elle estabelecer nellas huma Academia do nú, a primeira que houve em Lisboa. Alêm disso quiz contribuir igualmente com os outros Directores para as despezas, que se fazião com o estudo.

A entrada da Casa era ampla e nobre, havia sála para principiantes de desenho, outra para Geometria, Perspectiva, e Architectura, huma terceira para gêços, e para o nú era a maior de todas. Alli concorrêrão Francisco Vieira Lusitano, Ignacio de Oliveira, Joaquim Machado de Castro, Joaquim Carneiro, o Rocha, o Barros, o Padre João Chrisostomo, Simão Caetano, e outros que entre os Directores, e Alumnos excedêrão o número de 50 pessoas. Continuou elle generosamente aquelle beneficio público até o tempo da sua morte que foi dous annos depois, tendo de idade quasi 70 annos. (1)

---

(1) Pouco antes do seu fallecimento separou da sua biblioteca, que era numerosa, cousa de 100 volumes, tratando de Mathematicas, que queria logo entregar ao Erector da Academia a quem os dava, o qual não acceitou antevendo que ella presistiria pouco tempo.

Como, por seu falecimento faltasse a casa, cessou o estudo até o anno 1785, em que o Intendente Geral da Policia Diogo Ignacio de Pina Manique com beneplacito Regio transferio sómente o estudo do nú para a rua dos Camilos, aonde durou até 1807, tempo em que os Francezes invadírão esta Côrte.

Reynaldo Manoel.

No tempo de Eugenio dos Santos entre outros Ajudantes da Casa do risco havia Remigio Francisco, que era o mais antigo, e Reynaldo Manoel que era o mais Cortezão. Quando alli hia o Marquez de Pombal, Remigio a quem pela sua antiguidade tocava fazer-lhe a Côrte, sendo de genio acanhado escondia-se, e mandava o Reynaldo em seu lugar. Este que juntava a huma figura vantajosa maneiras agradaveis, e insinuantes, de tal modo soube captar a benevolencia do Primeiro Ministro, que quando morreo Miguel Angelo de Velasques entrou elle, e foi provido no seu lugar de Architecto das Obras Publicas. Nesta qualidade concorreo para a factura da escalinata, e pedestaes da Estatua Equestre pelos annos 1775, quando Joaquim Machado de Castro fez alli collocar a sua escultura; e ambos forão premiados com Habitos de Christo.

O Major Reynaldo, fez tambem a Igreja dos Martyres, e acabou a Basilica do Coração de Jesus, e fez o Chafariz das Janelas verdes, e terminou os seus dias em 1789, ou 90.

Da mesma escola de Mafra sahírão João Ferreira Can-

galhas, Pae, e Mestre de Francisco Antonio Cangalhas, Architecto da Cidade, e da Igreja de S. Francisco, irmão de João Pedro Cangalhas sábio em Mathematicas; Caetano Thomaz, Pae, e Mestre de Manoel Caetano de Souza, Antonio Baptista Garbo, e outros.

Simão Caetano Nunes.

Depois de Lourenço da Cunha foi o Architecto Decorador mais accreditado de Lisboa. O Lobo diz delle:

»Despreza o que he inutil na sua Obra,
»E com pouco trabalho ensina, e obra.

Em quanto Silverio, e Stopani se occupavão no Bairro Alto, regia elle a casa da Rua dos Condes; mas quando as duas companhias se ajuntárão lá em cima, foi elle alli preferido; e alêm dos scenarios fez as tramoias para o Magico de Salerno. D. João de Spina, e outras obras magicas. Pelos annos 1782 fez o Theatro do Salitre para Tersi fazer os seus equilibrios. Dirigio tambem o Theatro da Graça. Pintou muitos tectos, e outras cousas na quinta de Devisme em Bemfica, e na de LaRocha em Cintra. Em 1781 fez os ornamentos do tecto da Sacristia da Encarnação. Concorreo para a manutenção da Academia de S. José, e deo nella lições publicas de Geometria, e Perspectiva. Os seus discipulos forão Joaquim dos Santos de Araujo, Manoel da Costa, Gaspar José Raposo, Simão Caetano da Cunha, e outros.

Joaquim de Araujo soube muito bem a Perspectiva; mas os seus ornamentos erão de pessimo gosto. No tempo em que o Bruno foi tambem Emprezario, dirigio alguns mezes o Theatro do Bairo Alto. Entrou como Noviço no Convento de Jesus da 3.ª Ordem de S. Francisco; mas sahio antes de professar, tendo pintado varias cousas na Cella do Padre Mayne, Confessor do Rei. Casou, e a vida desordenada que teve o conduzio á extrema pobreza, em que morreo de dolorosas enfermidades pelos annos 1795 com 54 de sua idade.

Gaspar José Raposo, nasceo em Lisboa com talento natural para a Pintura. Tinha juizo claro, e huma pratica continuada nas obras de seu Mestre, e nas suas. Quando Simão Caetano adoeceo, dirigia a Pintura nos Theatros da Rua dos Condes, cujo Emprezario era Paulino José da Silva, e do Salitre que pertencia a João Gomes Varella. Para supprirem a sua falta mandou elle Gaspar para o 1.º, e Costa para o 2.º, os quaes ficárão, por morte do Mestre, regendo cada hum a sua casa. Gaspar pintou a architectura, e ornatos do tecto da Capella Mór da freguezia da Encarnação, varios tectos em casa de Jacintho Fernandes Bandeira, e outras cousas. A fraqueza que teve de se abandonar incautamente aos attractivos do bello sexo lhe occasionou huma enfermidade, que sendo mal curada lhe fez perder totalmente o uso das pernas por alguns annos: assim mesmo assentado n'hum carrinho dirigio os scenarios no Theatro, e pintou no picadeiro do Collegio dos Nobres algumas carruagens para a Casa Real. Contra toda a esperança do famoso Cornelio, e de outros Fisicos foi radicalmente curado por Manoel Lopes Cirurgião da Camara, que tinha tambem

prolongado os dias de Agostinho da Silva, creado muito estimado do Senhor Rei D. Pedro, depois de o desampararem todos os Medicos. Em 1793 dirigio as soberbas luminarias que mandou fazer Anselmo José da Cruz Sobral pelo nascimento da Senhora Princeza D. Maria Thereza.

Pintou muitos scenarios para o Theatro de S. Carlos, e todos para o Salitre, não só no tempo em que Paulino foi Emprezario deste Theatro; mas tambem quando a Companhia tomou a si a empreza, e quando a teve Antonio José de Paula. Emtanto engolfando-se cada vez mais no deleite para que era tão propenso, augmentou a molestia primitiva até o ponto de ganhar huma putrefação nos ossos da cabeça, de que morreo em Bellas no dia 4 de Janeiro de 1803 com 41 annos de idade.

André Monteiro, seu discipulo, alêm de ornamentos, e quadraturas, tambem pinta paizagens, gados, caças, e outros objectos curiosos, com muita acceitação do Publico, e presentemente está feito Mestre das Obras Publicas.

Simão Caetano, sem estar muito doente, deo demasiado crédito a hum mesinheiro, que promettia purificar-lhe o sangue, e tomou successivamente 17, ou 18 medicamentos purgantes, que lhe causárão huma inflamação interna de que morreo em 1783 com 64 annos de idade. Era melancolico, e tinha muita probidade, e desinteresse. Dos Theatros nunca tirou maiores lucros, que os que dava aos seus Ajudantes. Existe o seu retrato pintado por Domingos da Rosa.

Major Manoel da Costa Negreiros.

Era Irmão do Pintor José da Costa Negreiros, de quem fallamos a pag.—Ambos entrárão na Irmandade de S. Lucas em 1745. Sabia a perspectiva, e fez profissão de Architectura. Fez a Ermida do Senhor Jesus da Boa nova junto á Fundição, que he da Ordem Jonica, e tem huma planta assás regular. Tambem he sua a muito elegante torre do relogio da Graça, a qual tem columnas nichadas nos angulos. Foi natural de Lisboa, e Architecto da Casa do Infantado como seu pae. Morreo, sendo casado, em 1750. Fez a porta do Sacramento, e o Palacio de Barbacena.

Luiz Baptista.

Teve por Mestre hum homem que lhe não soube ensinar nada, mas Thomaz Gomes achando-lhe habilidade emprestou-lhe estampas, deo-lhe lições, e introduzio-o primeiramente com Francisco de Moura, a quem ajudou a pintar as tarjas dos doceis nas capellas do Carmo, e depois com Lourenço da Cunha no Theatro do Bairro Alto, e por fim estava pintando, e riscando effectivamente na Ribeira das Náos debaixo do commando de Ignacio Meireles, porque naquelle tempo ainda se usava manobrarem os Majores, e Commandarem os cabos de esquadra. Pelos annos 1781 pintou a perspectiva no tecto da freguezia da Pena: morreo

4 annos depois tendo quasi 60 de idade. As reprezas forão pintadas por elle, por José Thomaz Gomes, e por Jeronimo de Andrade. Os baixos relevos, e as cabeças nas reprezas por José Caetano Cyriaco. João de Rhodes pintava o corpo amarellado, quando adoecendo repentinamente morreo pouco tempo depois. As flores são de Thomaz Gomes. Luiz Baptista foi Mestre de Manoel Macario, que pintou as flores no tecto da Capella Mór da Bemposta, e morreo muito moço, e de seu Irmão Eusebio Lopes, que dirigia as pinturas dos escaleres na Ribeira das Náos, o qual morreo de 50 annos a 6 de Setembro de 1818. Jaz na Freguezia da Pena.

Jeronimo de Andrade.

Foi hum excellente Pintor de Ornatos, e Architectura: Achou-se sempre entre os que executavão no seu tempo as melhores obras da Côrte. Desenhou, executou, e dirigio o tecto da Igreja de S. Paulo, que he de perspectiva, sendo ajudado por José Thomaz Gomes, Vicente Paulo, e Gaspar José Raposo. Nasceo em Lisboa em 1715, entrou na Irmandade do Santo em 23 de Outubro de 1746, e faleceo pelo Natal de 1801.

Por estes tempos florecêrão outros Pintores notaveis destes mesmos generos. Thomaz Gomes foi excellente em ornatos, flores, paizagens, e ruinas, que pintava com bello gosto de côres, e toque de pincel, nas cercaduras, e nos meios das seges. Era por extremo acanhado, e modesto, e nunca quiz dirigir obras. Os seus discipulos forão seus

filhos José Thomaz Gomes que morreo em... e Pedro Antonio Gomes que faleceo nos primeiros de Setembro de 1819 de 60 annos. O Pae morreo de 69, ou 70 annos por 1783.

Francisco Gomes Teixeira, Irmão de Jeronimo Gomes, e seu condiscipulo na Escola de José Bernardes, tambem pintava flores, fructos, ornatos, &c.

Thomaz de Brito de Souza natural da Bahia, era hum dos que escurecião bem o ouro na Ribeira das Náos. Ajudou o Bochecha a pintar os ornatos no tecto de Xabregas, e Manoel da Costa nos de Domingos Mendes. Tinha mulher, filhos, vivia cheio de desgostos, e desappareceo de Lisboa pelos annos 1783, tendo quasi 60 annos. Entrou na Irmandade em 53.

José Carvalho Rosa servio os Senhores Infantes de Palhavã em qualidade de Porteiro da Cana, e teve occasião, e commodo para copiar as preciosas flores que se creavão naquelle vasto jardim, de sorte que no seu tempo teve a reputação de ser o melhor naquelle genero. Pintava-as grandemente a oleo, mas ainda melhor de illuminação. Ignacio José de Azevedo Coutinho possuia algumas, que erão impagaveis. Entrou na Irmandade em 30 de Outubro de 1744. Morreo pelos annos 78 sendo já velho.

Francisco Xavier Lobo.

Nasceo em Lisboa, e foi filho de Antonio Lobo, de quem fizemos menção a pag. — Estudou a Arte na escola de

André Gonçalves. Pintou figuras, paizagens, ornamentos, fructos, e objectos naturaes, tudo mediocremente. Tinha espirito filosofico, e mordaz; e sem ser grande Poeta fez alguns epigramas que tinhão sal. Collocando-se em sitio muito elevado huma estatua de bronze, cujo metal tinha sido de hum sino, e fazendo elle n'huma decima hum elogio ao Heroe, dizia:

Abatello a Inveja fora!
Não, que por sua bondade
Aqui, e na eternidade
Alto está, e alto mora.

Huma mulher que deitára em seu marido huma ajuda d'agua forte, disse-lhe no fim de hum Soneto:

Vai fazer aos hereges essa esmola
Serás a estirpação das herezias.

A João Xavier de Mattos, que se queixava muito nos seus versos dos desdens da sua Olaia, enviou hum Soneto que terminava com os seguintes máos conselhos:

Amigo, se queres que ella caia
Põe de parte os teus mimos de Poeta
Da-lhe o lenço, a fita, o pente, a saia;

Esta escóla de amar he mais discreta:
E escusarás de andar atrás d'Olaia
Toda a vida a gemer feito pateta.

Passando por hum beco solitario aonde vio á janella huma meretriz que olhava para elle com attenção, perguntou-lhe: ha que lidar? Traduzia Comedias Italianas; e huma

que compoz em Portuguez, chamada vulgarmente a Galegada, teve muito applauso. Fez o papel de satirico, e gracioso da Missa mal ouvida das mulheres. Escreveo dialogos sobre a pintura em que dá boas instrucções, e propõem tambem certas difficuldades, de que desejaria a solução. Ms. Breve Tratado da Pintura prática, e especulativa. Sylva Laudatoria aos Pintores, Escultores, e Architectos do seu século, feita á imitação da que fez em Hespanha a similhante assumpto Lopo Felix da Veiga Carpio. Louvor á sublime Arte da Pintura: diz della que tudo imita....

Só a voz não se pinta, mas que importa?
Quando as acções de quantos alli vemos
Pintados, mostrão o que a voz não disse.
Relinchão os cavallos com soberba;
Os donos seus contrarios amedrentão;
O General as ordens determina;
O ferido se queixa; o fraco treme....

Desta mesma familia tivemos mais dous Pintores. Joaquim José Lobo, irmão de Francisco Xavier, e José Joaquim Lobo, seu sobrinho, ambos figuristas, o 1.º morreo pelo terremoto, e o 2.º terminou os seus dias pelos annos 1793 de 60 annos, ou mais.

João Pillement.

Famoso Pintor Francez de paizagens, gados, e decorações de gabinetes. Costumou-se a viajar, e esteve tres vezes em Lisboa: a 1.ª antes do terremoto de 55, a 2.ª pelos annos 1766, e a ultima 14 annos depois. Desta ultima vez

demorou-se, e fez muitos, e bellos paizes, huns a pastel, (genero em que se excedia), outros a oleo, e todos se achão pelos gabinetes dos curiosos. Antes de se retirar fez apressadamente hum certo número delles que dividio em lotes, e organisou huma loteria de mil moedas. Pintou para casa de Gerardo Devisme em Bemfica dous pequenos gabinetes por 220 moedas.

Tinha em sua companhia M.le Louvete sua sobrinha, que foi ao Paço fazer alguns retratos de miniatura, e tambem gravava a agua forte.

Os seus discipulos em Lisboa forão Joaquim da Costa, Irmão de Manoel da Costa, e Joaquim Mellisent, que se applicou a desenhar flores: abria de agua forte, e foi empregado nas estampas para o papel moeda, por 1797.

Pillement quando deixou Lisboa era mais que septuagenario.

Francisco de Figueiredo.

Se a pericia da Arte andasse sempre annexa, como alguns cuidão, a hum genio lunatico, e extravagante, este Artista poderia competir na perspectiva com o Padre Pozzo, na figura com o Corregio, e no ornato com Albertoli, porque em todos estes generos nos deixou obras, mas muito más, como se pode vêr nos tectos de S. João da Praça, e das Chagas. Porêm senão tinha letras, sabia impôr muito bem com as suas tretas. Sempre fallava na Academia de S. Fernando, e em muitas outras aonde fôra, dizia elle, Academico: jactava-se de improvisador, ás vezes queria

apostar que havia de compôr alguma cousa grande em quanto se deitasse hum foguete, e com effeito como elle riscava, e fingia com o som da sua voz os estoiros do foguete acabava tudo ao mesmo tempo. Não lhe esquecião os cinco pontinhos no papel para irem tocar nelles a cabeça, pés, e mãos de qualquer figura humana que se pedisse, aqui he que elle se fazia admirar não só da multidão, mas até de alguns entendedores?

Francisco de Figueiredo era natural do Porto, fez algumas viagens, e foi a Evora aonde pintou varios paineis no Convento de Santo Eloi: de lá passou a Lisboa, e fez grande amizade com Francisco de Setubal, que lhe retocou a tempera os paineis do tecto, e paredes de S. João da Praça, que elle havia pintado a fresco.

O muito uso que fazia de licôres espirituosos augmentava ás vezes a sua loucura ordinaria. Os Padres Vicentes o recolhérão, e occupárão nos fins da sua vida, que foi pelos ultimos annos do seculo passado, sendo já velho.

Mr. Rosa.

Foi hum Pintor do ultimo século muito notavel no genero de gados, e paizagens, esteve em Roma, e em outros paizes, e crê-se que tambem em Lisboa aonde na collecção do Marquez de Lavradio, e em outros gabinetes, deixou bastantes paineis seus, pintados com boa maneira, e grande pasta de tinta.

Francisco Paes, muito bom Pintor de fructos, flores, etc.,

e protegido pela Casa de Abrantes copiou alli com grande franqueza alguns dos seus paineis. Pintou o tecto de S. Francisco de Paula, e outros na Patriarchal incendiada logo depois do terremoto. Ainda vivia contando bastantes annos.

Diogo Magina, e outros Pintores do Algarve.

He muito para acreditar que no Reino do Algarve tenhão florecido alguns Artistas dignos de memoria; entre elles deve occupar hum bom lugar Diogo Magina natural de Tavira, o qual esteve em Lisboa pelos annos 1766, e pintou os paineis da Vida de Nossa Senhora, que estão sobre as Capellas na Penha de França. Tinha estado em Sevilha, e estudado naquella Cidade pelas pinturas de Murillo. Quando em 1775 passamos por Aiamonte estava elle alli fazendo algumas obras, e parecia ter 50 annos. Foi discipulo de Diogo de Souza de Loulé, (pae de hum Lente da Universidade de Coimbra), o qual fez algumas pinturas na Freguezia de Castro Verde, e as batalhas de D. Affonso Henriques na Igreja dos Remedios.

Pelos annos 1811 vivia em Faro Joaquim José Rasquinho, tendo cousa de 60 e tantos annos, depois de ter feito varias obras de pintura no Alemtéjo, e no Algarve, sendo huma dellas o tecto de Architectura com hum painel da Virgem Immaculada na Conceição de Loulé.

Seu filho o Conego Rasquinho em Faro tambem sabe pintar muito bem figuras, e paizagens.

Temos noticia de outro Pintor de Tavira, João Rodrigues Andrinos, que foi Pae e Mestre de Theodora Maria, a qual morreo em 1761, tendo 24 annos de idade.

No ultimo século viverão em Lisboa outros Pintores, e Escultores do Algarve. Pedro de Alcantara pintou com muita valentia as paizagens, tanto a oleo em paineis, como a tempera em pannos de casas, e nos Theatros. O Medico da Camara Alberto de Azevedo possuia hum certo número de quadros seus com lindas figurinhas de Pedro Alexandrino. Entrou na Irmandade de S. Lucas em o 1.º de Outubro de 1747, ainda vivia pelos annos 1763.

Nicoláo Monteiro pintava com galantaria certas bambochatas de anões que comião, bebião, e jogavão ás vezes as cartas, ás vezes pancadas. Inventou depois hum novo modo de estofar, e encarnar as Imagens de Escultura, com grande perfeição, e foi imitado por seu filho Manoel Francisco Monteiro, José Antunes dos Reis, Theodoro da Fonseca, e outros.

Gregorio Madeira não se podendo sustentar no genero historico em que começára, applicou-se á Architectura, e Ornato, pintava-o muito bem a oleo, e a tempera. Entrou na Irmandade de S. Lucas no 1.º de Fevereiro de 1748, e existia ainda por —

Antonio dos Santos da Cruz, Escultor, natural de Faro. v. p.

Jeronimo Gomes Teixeira.

Nasceo em Lisboa, e foi discipulo de José Bernardes, que pintou as flores no tecto da Portaria da Graça, e de

quem fallamos a pag. — Casou a 1.ª vez com a filha de seu Mestre, que morreo no terremoto de 55. Depois de huma viuvez de 27 annos, sendo já velho tornou a casar como huma donzella de poucos annos, cunhada de seu filho, que casou pelo mesmo tempo.

Pintava grandemente os objectos de Architectura, ornatos, e perspectiva; e tinha na combinação das côres hum gosto particular. He seu o tecto de Santa Justa, e o da Capella Mór dos Martyres: fez quantidade de outras obras em que lucrava pouco, porque as fazia muito baratas; e mesmo ás vezes não tirava para as despezas. Tinha grande geito para ensinar praticamente os seus discipulos, com modos sempre risonhos, de maneira que nas grandes obras sempre o verieis cercado de rapazes principiantes, alguns dos quaes avultavão mais do que elle, que era muito baixo, e muito magro, ainda que de agradavel presença. Teve por discipulos seu filho José Joaquim Gomes que lhe foi inferior em talentos, e morreo pelos annos.... Vicente Paulo da Rocha natural da Alhandra, sugeito de grande merito, porque não só executa bem qualquer desenho de ornato, ou quadratura, mas tem o dom de alegrar a companhia, arremedando com propriedade alguns homens, e animaes.

Eugenio Joaquim Alves tambem tem ajudado a executar desenhos alheios, e seus, e tem feito de sua invenção bons scenarios no Theatro do Salitre, etc. He Mestre de seu filho.

Felix José Fernandes nascido tambem em Lisboa começou a estudar em 1788, quando seu Mestre fazia o tecto de Santa Justa. Em 1806, e 1807 regia os Theatros do

Salitre, e da Boa hora em Belêm. Sobrevindo-lhe ao pescoço alguns tumores scrofulosos morreo delles em 1811 contando 38 annos de idade.

Monsieur Bernardo Foit.

Era natural de *Pau* Freguezia de S. João da Luz, e foi Pintor de historia, e de perspectiva, e em ambos os generos tem obras publicas na Igreja dos Barbadinhos Francezes, onde fez o retabulo, e painel da Capella Mór, e em Santa Isabel, para onde pintou o de S. Gonçalo. Em as Ermidas junto ao Lumiar tem tambem Nossa Senhora do Carmo, e Nossa Senhora da Conceição. Tinha igualmente uso de fazer retratos. Obteve huma pensão, e o titulo de Pintor do Senhor Rei D. José. Faleceo de mais de 80 annos de idade em 1791, ou 92, deixando muitas, e boas estampas, e paineis ao seu discipulo Antonio Manoel Ferreira Lima, o qual alêm da pintura, tambem he Professor de Quimica.

Por aquelles tempos a rogo de Mr. la Croix veio de França para dirigir as pinturas na Fabrica das caxas, e carruagens, Mr. Gerard Pintor de bello comportamento, mas de mediocre habilidade, o qual em 1770 pintou o painel da Senhora d'Atalaia, que está na Conceição dos Freires. Casou em Lisboa, e cá terminou os seus dias.

Jose' Antonio Narciso.

Vio a luz em Lisboa em 1731. Tendo 10, ou 11 annos começou a desenhar perspectivas, e ornatos debaixo da direcção de Simão Gomes dos Reis, filho do Capitão José Pinhão de Mattos, que pintou a oleo as vistas de Lisboa, e de Gôa, cujos paineis estiverão no Collegio dos Nobres. Ambos erão naturaes de Pernambuco.

Passou depois a escurecer ouro na Ribeira das Náos, onde sub o commando de Ignacio Meireles se pintavão os escaleres, e outras embarcações do Rei ornado tudo rica, e artistamente com delfins, conchas, busios, espadanas, de ouro escurecido, sobre fundo azul celeste, tendo elle huma certa primazia sobre os seus collegas. Isto durou até os annos de 1756, tempo em que entrou Luiz Baptista, de quem não era amigo, o qual ficou supprindo o seu lugar.

Achando-se o tecto da Igreja do Cabo, que era pintado por Lourenço da Cunha, muito damnificado, elle por ordem, e á custa do Rei o foi pintar, superintendendo á obra Pedro Teixeira.

Em quanto Ignacio de Oliveira foi Architecto Decorador do Theatro Regio, José Antonio dirigia a pintura dos scenarios que elle inventava, e ainda depois da vinda de Azzolini, foi dirigir em Salvaterra a pintura da burleta determinada pelo mesmo Ignacio. No tempo de Azzolini pintou hum bosque em competencia com outro pintado por Jeronimo Gomes.

Ignacio de Oliveira foi sempre o Architecto dos Theatros,

que pelas festas se armavão, e desarmavão em Queluz, e dos scenarios que alli se executavão, de cuja pintura costumava incumbir o nosso Narciso. Este sendo compadre, e muito amigo de Manoel Caetano de Souza imaginava, e desenhava a maior parte dos ornamentos, e quadraturas que elle fez executar nas suas obras, o que era feito com grande magisterio, sim, mas no máo gosto Alemão, que ainda por cá se usava. Pintou os ornatos, e architecturas de muitos tectos em Igrejas, e Palacios taes como os da Casa de Barbacena, o do Loreto, Martyres; Conceição, S. Domingos, e Bemposta; o de S. Julião feito em 1800, e incendiado 16 annos depois, o do Sacramento, &c. Tambem tinha pintado o de Santa Quiteria, para onde se retirou em 1809, occupando-se alli com modico estipendio; mas quando nos fins de Setembro entrou o exercito de Massena teve de abandonar o pouco que tinha, e retirar-se precipitadamente a pé com a sua familia, achando-se na patria como emigrado, e precisando aproveitar a sopa economica. Morreo em 1811. Foi Mestre de seu filho Anacleto José Narciso, Joaquim Romão, e de João de Deos.

O Morgado de Setubal.

José Antonio Benedicto de Barros, de huma familia assás distincta, e fecunda em homens sabios, creou-se em Mafra aonde teve lições do grande Vieira, cuja casa frequentava. Poz-se depois a pintar de curiosidade toda a sorte de objectos, que lhe parecião pinturescos, como aves, animaes,

utencilios de cozinha, fructos, labregos notaveis, ortaliças, &c.; e apezar da extrema secura, e dureza do seu pincel, e da má composição dos seus paineis, ha em muitos delles cousas tão naturaes, que agradão aos mesmos Artistas. Retratou tambem alguns amigos, e entre outros Antonio José de Paula, famoso Actor Portuguez. Vivia em Setubal aonde nutria huma paixão irregular, e como os allimentos que seu pae lhe dava não bastassem para as despezas que fazia, usou da Arte como professor até os annos 1804, tempo em que pela morte de seu pae herdou a casa que rendia 10 a 12 mil cruzados. Amava as bellas letras, e lia livros Latinos, Francezes, Italianos, &c. Depois da herança vivia com os seus amigos tão familiarmente como d'antes. Levou sempre huma vida mui sedentaria, e morreo celibatario de hum insulto appopletico pelos annos 1809, não tendo ainda 60 de idade. Desejou muito legitimar huma filha para ser sua herdeira, mas não o conseguio pela ter havido em mulher casada. Assim passou o vinculo a seu sobrinho, filho de sua irmã, e do famoso Mathematico José Joaquim de Barros seu tio.

Manoel Caetano de Souza.

Filho e discipulo de Caetano Thomaz. Por morte de Matheus Vicente succedeo-lhe no lugar de Architecto do Infantado, e pela de Reynaldo foi nomeado Architecto das Obras Publicas, e teve Patente de Coronel de Artelharia. Reedificou de novo a Freguezia da Encarnação, a Igreja

de S. Domingos, a Real Capella da Bemposta, e fez a sua casa nobre, a de Domingos Mendes, e a torre da Capella Real da Ajuda, &c.

Foi Mestre de seu filho Francisco Antonio de Souza, Cavalheiro da Ordem de Christo, que lhe succedeo nos lugares de Architecto do Infantado, da Patriarchal, e das Tres Ordens Militares. Pela morte da Senhora D. Maria 1.ª fez o seu apparato fúnebre na Basilica do Coração de Jesus.

Manoel Caetano teve o Habito de Aviz, e morreo mesmo no Paço em 1802 com 64 annos.

Quando os Fidalgos fizerão as Cavalhadas no Terreiro do Paço, foi elle o Architecto do Anfitheatro, e nessa occasião Eusebio de Oliveira, natural de Benavente, fez em perspectiva a decoração do camarote, ou varanda Real. Teve muito uso de riscar, e pintar quadraturas no Theatro Regio, e nos outros, assim como em tectos. Morreo em Lisboa em 1814 tendo mais de 60 annos, depois de ter sido muito maltratado pela gota.

Nicolao Luiz Alberto de la Riva.

Descendia de antigos Hespanhoes, que se estabelecêrão em Lilla, aonde elle nasceo em 1755. Alli mesmo começou a estudar a Arte com Heinsius retratista Alemão, desenhando o nú na Academia; mas em 76 desejando melhores estudos sahio da Patria, e esteve dous annos em Artois com o Conde de Neuville, cançou-se pouco julgando-se, dizia elle mesmo, bastante sábio, mas quando chegou a

París fez de si bem diverso conceito. Tendo-se inclinado ao genero das batalhas, e ao das bambochatas, frequentou a escóla de Casanova, Pintor Italiano destes objectos, e sahia ás praças, e aos campos a desenhar, e a pintar arvores, animaes, paizanos, etc.: e Luiz Wateau Director da Academia de Lilla, (Primo do famoso Antonio Wateau), o recebeo como Academico de merito em composições de combates: casou, e esteve alli até á revolução de 1790. Em 92 veio a Lisboa donde 5 annos depois voltou a Hespanha, deixando cá a mulher; alli retratou em corpos inteiros o Duque del Infantado, e a Marqueza de Santa Cruz, que pintava com magisterio, e protegia efficazmente os Artistas. Tornou a esta Côrte em 1800. Retratou o Principe Regente em meio, e inteiro corpo. Tres annos depois, por intervenção de João Diogo de Barros, obteve huma pensão he 600$ réis para pintar no Picadeiro Regio todos os objectos de picaria. Retratou ElRei em grande a cavallo, mas o seu talento proprio era para cousas pequenas. Em 1809 comprou na feira por quatro moedas huma taboa da Annunciação de Pintor Portuguez antigo, imitador de Gaspar Dias. Não se sabe como este quadro passou por hum Rafael, he certo porêm que hum General Inglez lhe deo por elle o equivalente de 20$ cruzados. Morreo em Lisboa em Junho de 1818.

Manoel da Costa.

Natural de Abrantes, parente de Manoel Constancio, que foi Lente de Anatomia, nasceu quasi no tempo do

terremoto de 55, vindo para Lisboa, foi estudar a Arte na escóla de Simão Caetano Nunes, quando elle regia tambem o Theatro da Graça, aonde podemos dizer que se creou, e teve occasião de aprender o mecanismo das tramoias que alli fazia hum bom Maquinista Hespanhol. Tendo acabado os seus estudos em 76 ou 77, agregou-se a Verissimo Antonio de Souza, que dirigia as pinturas das carruagens para a Casa Real. Em 1783, por morte de seu Mestre succedeo-lhe na direcção da pintura do Salitre, como dissemos na vida de Simão Caetano. Pouco tempo depois fez os tectos de Domingos Mendes, aonde mudou a palheta, segundo o Systema de Pillement, isto he usando geralmente dos escuros cinzentos em todas as côres, e até nas flores, cousa que lhe tirava a transparencia, e o agrado. Em 87 foi Emprezario na Rua dos Condes com Domingos de Almeida; largando depois a empreza ficou como Pintor, e teve grandes altercações com Sebastião da Cruz Sobral que protegia o Almeida, e governava o Theatro, de que se seguio pôr elle de parte os Pintores Portuguezes, e mandar vir de Italia primeiramente o Mignola, e depois o Baila. Nesta época começou em Lisboa a decadencia deste ramo da Arte, que se havia conservado com bastante perfeição, sendo os Theatros a grande escóla dos ornatos, e perspectivas, e os altos preços da entrada davão bem para a despeza.

Os novos vindos trazião a pasta bem fornecida de bons desenhos seus, ou alheios, mas a execução era pessima, e tal como o fazião nos pobres Theatros da Italia, aonde se entra por 40 ou 50 réis. Depois de Baila que pintava bem as grutas, e fez huma boa cazinha, veio o Cavalheiro Vi-

cente Manzoneschi, Architecto Civil, e decorador, Desenhava grandes pedaços de perspectiva; mas não sabia pintar; de sorte que a nossa escóla hindo sempre de mal a peor, veio a precipitar-se de todo. Manzoneschi fez o Theatro do Porto, e morreo em Lisboa de 60 annos de idade.

Manoel da Costa fez muitas obras, e entre ellas alguns tectos no Paço de Nossa Senhora d'Ajuda, e de Queluz; e retirou-se para o Rio de Janeiro em 1811, depois de perder a formosa mulher com quem foi casado.

Seu irmão, e discipulo Joaquim da Costa, nascido tambem em Abrantes em 1783, estudou com elle 8 ou 9 annos, (teve tambem lições de Pilliment), começou a ser seu ajudante nos tectos de Domingos Mendes. Em 97 por intervenção de Manoel Constancio conseguio ser Pintor das carruagens da Casa Real, lugar em que presistio pouco tempo. Em 1803, sendo emprezario do Salitre Manoel de Faria, escripturou-se para Pintor daquelle Theatro: depois passou para a Rua dos Condes, donde sahíra seu irmão por desavença que teve com Manoel Baptista de Paula, e alli se conservou até 1812, tempo em que entrou João Chiari. Fez depois o novo Theatrinho do Bairro Alto.

Chiari tinha entrado para Pintor do Theatro de S. Carlos ainda no tempo de Manzoneschi, mas fechando-se aquella casa por 1809 foi para Londres; tornou em 1812, e ficou sendo Pintor não só do mesmo Theatro, mas tambem do da Rua dos Condes, donde forão excluidos os Portuguezes.

Pelos annos 1787, tempo em que Manoel da Costa contentava tanto o publico com as lindas tramoias que fazia para os elogios na Rua dos Condes, o Gaspar não era feliz com as suas no Salitre, por cujo motivo Paulino José da

Silva encarregado da empreza, mandou vir Theodoro Bianchi famoso maquinista Italiano por intervenção de Marafe, que era o Mestre dos bailes, e muito seu amigo.

Bianchi fez as tramoias para a Artemisa, para a Rabicortena, e para outras peças: era natural de Modena, e começou a estudar alli mesmo a perspectiva: depois elle, e seu Mestre ajudárão a pintar os scenarios, que Antonio Galli Bibiena, irmão de João Carlos, hia alli fazer pelo tempo da feira. Os tres irmãos Galliari em Milão, e Gonzaga em Veneza tinhão introduzido o uso de pintar tudo no chão; estylo hum pouco mais breve, mas muito imperfeito, e enxovalhado. Antonio Galli, Minhola, Baila, o seguião; e hoje infelizmente está de todo introduzido. Bianchi fez muitas tramoias nos Theatros da Hespanha: esteve 8 annos em Barcelona, alguns em Valença, 3o em Lisboa aonde depois de soffrer muito por huma retenção de ourinas, morreo em....

Em quanto elle estava addito á Rua dos Condes, (tendo mudado de Theatro), hum certo Scopeta Marcineiro fez algumas obras magicas no Salitre, que por fim lhe vierão a custar a vida, morrendo entalado em hum alçapão. Domingos Scopeta seu filho, Pintor Theatral de ornato, e figura, foi discipulo de Manzoneschi, e tambem de Felisberto.

Francisco Xavier Fabri.

O Bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avelar, tendo hido a Roma com o Nuncio, trouxe em sua compa-

nhia Francisco Xavier Fabri, Architecto Italiano, dando-lhe huma pensão de 200$ rs. para lhe fazer, ou reedificar a Igreja da sua Sé. Chegando a Lisboa, franqueou-lhe a entrada em casa do Conde de Obidos aonde teve cama, e meza, dalli hia dar lições de desenho a hum filho do Marquez de Abrantes, e recebia por isso outra igual pensão de 200$ rs.

Quando se cuidou em fazer de novo o Palacio Real de Nossa Senhora da Ajuda, que se havia incendiado em parte, o Marquez de Ponte de Lima Inspector das Obras Publicas pedio hum risco para elle a José da Costa e Silva: Fabri altamente protegido pelo Conde de Obidos, que era genro do Marquez, apresentou outro risco que foi logo preterido, e depois preferido. Entretanto representou Manoel Caetano que como Architecto de Obras Publicas e Reaes, lhe pertencia a execução daquella Obra, e como pratico do Paço sabia as casas da etiqueta que nelle devião de haver, e que se não achavão no risco; motivo porque foi elle encarregado da execução de toda a obra, e de fazer no desenho todas as mudanças, que lhe parecessem necessarias. Estas mudanças que erão muitas, parecêrão mal a D. Rodrigo de Souza Coutinho (1); e disse-lhe no Paço diante de Sua Alteza Real cousa de que se apaixonou tanto, que morreo logo em 1802. Os riscos forão de novo entregues aos seus authores, para por elles dirigirem ambos a obra, como fizerão até o tempo em que José da Costa foi chamado á

---

(1) D. Rodrigo tinha succedido ao Marquez de Ponte de Lima na inspecção das Obras Públicas, e Reaes.

Côrte do Brazil, ficando Fabri só incumbido de toda a direcção da Obra.

Em Lisboa havia hum Architecto de Obras Publicas, mas depois da morte de Manoel Caetano, duplicou-se o lugar o favor de Fabri, e de José da Costa. Fabri fez o Palacio, e Igreja do Marquez de Castello Melhor: era professo no Ordem de Chrisio, e morreo em 1807. Por sua morte ficárão incumbidos da execução do risco os seus Ajudantes, Antonio Francisco da Rosa, Joaquim Marcos de Abreu, Manoel Caetano da Silva Girão, Martinho José Peixoto, Pedro Antonio de Oliveira.

Fabri imaginava, e apontava com facilidade varios desenhos de Architectura, e varias vezes valeo-se de Felisberto, para nelles lhe desenhar as figuras.

Joaquim Marques.

Nasceo em Lisboa pelo tempo do terremoto: depois dos primeiros estudos nas Aulas, applicou-se á Pintura na Fabrica das caixas, ramo de que era director José Francisco del Cusco. Depois de passar os 5 annos de aprendizagem, continuou mais dez, até o de 1784, a empregar-se alli mesmo como ajudante para pintar seges, bandejas, &c. Por aqueles tempos achava-se Pillement em Lisboa, e era seu visinho; fez amizade com elle, e entrou no empenho de o imitar nas paisagens, e naquelles agradaveis caprichos, a que elle chamava a sua botanica imaginaria, porque se compunhão de flores, e plantas ideaes: cousa que pareceo

muito bonita em quanto era rara. O nosso Marques soube imitar tão bem aquellas galantarias, que todos os curiosos quizerão ter alguma cousa da sua mão, ou fosse em tectos, ou em paredes, ou em paineis, ou em carruagens; nem sería facil fazer menção de todas: seu Mestre José Francisco, se valia delle quando tinha a fazer cousas de maior empenho.

José Francisco del Cusco era Napolitano, foi Pintor de esmalte, e pintou em Madrid, para Carlos 3.º alguma loiça esmaltada. Casualmente veio depois a Lisboa por 1763 hum certo LaCroix fabricante de pentes, tinha achado o modo de dissolver o copal, e queria estabelecer huma fabrica de caixas, fez sociedade em 66, ou 67, estabeleceo-se a fábrica aos Aciprestes, e teve varios discipulos, que forão:

Miguel Francisco del Cusco, filho de José Francisco, que succedeo a seu pae na administração da fábrica. Florindo, que morreo moço. João Lopes, Sebastião Clemente Schiapapietra, Manoel dos Santos Freitas, José Pereira, e Luiz Antonio.

Manoel dos Santos Freitas foi hum dos de maior habilidade, e era bastante empregado; mas dando-lhe a mania para ser admirador enthusiasta dos Francezes que invadírão este Reino, esteve prezo, e na cadêa com as saudes que fez a Napoleão, escandalizou de tal modo os mesmos facinorosos, que hum delles o ferio gravemente no rosto com a navalha que lhe hia deitar ao pescoço. Foi por tanto degradado para hum presidio da Africa.

Luiz Antonio pertence a huma familia oriunda da Asia, chamada dos Chinas. Alexandre Metello tendo ido como Embaxador á China no tempo do Senhor D. João o 5.º,

fez conhecimento em Macáo com Alexandre Geraldes, Chinez de Nação, e o induzio a que se baptizasse, e viesse com elle para Lisboa. Aqui teve nove filhos de ambos os sexos. Antonio da Silva Geraldes, hum dos mais velhos, aprendeo a pintar com hum estrangeiro, e foi Mestre de seu filho João, e de seu filho Ambrosio José. Fez hum painel para a Ermida do Resgate, e pintava laminas de cobre para os devotos, teve discipulos que pintavão em vidro.

Luiz Antonio, que era neto de Alexandre Geraldes, e ficou sem pae em 1756, começou a estudar a Arte com hum certo Nicoláo Tolentino Botelho, homem de côr, que fôra discipulo de seu tio Antonio da Silva. Da escóla do Nicoláo passou para a de José Francisco del Cusco na fábrica das caixas, e nella permaneceo constantemente apezar do partido que por intriga do dito LaCroix se levantou contra José Francisco, a favor de Monsieur Gerarde, novo Mestre de Desenho. Por estes annos veio para a fábrica mais outro Pintor estrangeiro, por appelido o Carobene, que era muito bom, mas esteve pouco tempo.

Manoel Caetano desejou, e conseguio ter inspecção sobre muitos Pintores dos que se empregavão em Queluz, e os poz, mesmo os bons, no predicamento de jornaleiros, mas em recompensa lhe fazia grandes interesses, contando ás vezes, segundo o excesso que fingia exigir, hum dia por 2, 3, 4, e mesmo 5 dias. Joaquim Marques que era como Vice-Inspector, e dirigia tudo, utilisava frequentemente 12, 16, 20$ rs. cada dia. Nunca a Arte da Pintura foi tão mecanica, nem a d'Arquitectura tão liberal. Morreo a 21 de Maio de 1822. Jaz na Igreja de S. José de Lisboa.

Jose' da Costa e Silva.

Nasceo na Villa de Povos em dia de S. Thiago no anno 1747. Estudou em Lisboa a Engenharia com Filippe Rodrigues, e o desenho de figura com Carlos Maria Ponzoni, Milanez, que era Mestre de debuxo no Collegio dos Nobres, ainda que tivesse vindo a Lisboa com outro destino, quando o Senhor D. João o 5.º chamou a esta Côrte os Doutores Angelo Brunelli, e Miguel Ciera, e outros Astronomos, Engenheiros, Lani Architecto Bolonhez, e hum Desenhador que era Ponzoni, para irem todos fazer as demarcações na Colonia do Sacramento. Chegárão a Lisboa em 1750 depois da morte do Rei, e não partírão senão em 53. Alguns forão para o Pará, Ponzoni ficou na Bahia, Brunelli navegou 600 leguas pelo rio das Amazonas quasi até o Perú, e demorou-se 8 annos, quando veio quiz tomar á sua conta a educação de José da Costa, e o fez começar os estudos que dissemos, de engenharia, e desenho.

Desejando depois ir a Bolonha, sua patria, para abraçar seus paes antes que morressem, o levou comsigo para lá estudar, tendo-lhe alcançado huma pensão da Côrte de 200$ rs. Partírão em Março de 1769. O gosto bom da Architectura tinha-se alli corrompido como nas outras Cidades. Mauro Tezí, que foi considerado como restaurador da boa maneira, teve por discipulo Petronio Fancelli, excellente Pintor de perspectiva, que José da Costa elegeo para ser seu Mestre, mas frequentou a sua escóla só anno e meio, porque elle passou a Veneza. O seu 2.º Mestre foi

Carlos Bianchoni, grande Desenhador, Architecto civil, e Pintor de historia. Como fazia progressos, obteve primeiramente hum premio de 2.ª classe, e no anno seguinte outro da 1.ª, mas proseguindo os estudos com muita efficacia, foi recebido 3 annos depois, isto he, em 1775 entre os Academicos de honra, e de merito daquella Universidade.

No fim do mesmo anno, que era o do grande Jubilêo, passou a Roma aonde esteve alguns mezes, vendo, e desenhando as bellissimas cousas que alli se admirão: foi tambem a Napoles vêr as antiguidades do Pozzuollo, Herculano, &c.; a Vicenza, e Veneza famosas pelas obras de Palladio; a Verona, recommendavel pelo amphitheatro dos Romanos; a Florença, Liorne, Pisa, célebres por tantas obras primorosas.

Em Setembro de 1779 achando-se vaga em Coimbra a Cadeira de Architectura, que pelos novos estudos devia haver na Universidade, recebeo huma carta do Conselheiro Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, em que o convidava, da parte do Ministerio, para a ir occupar, mercê que não acceitou.

Chegando a Lisboa foi convidado pelos Italianos para acabar a Capella Mór do Loreto, que Manoel Caetano tinha começado. A Senhora Rainha D. Maria por Alvará de 23 de Agosto de 1781 mandou criar pela Meza Censoria huma nova Aula de Desenho: José da Costa foi provido na Cadeira d'Architectura com 450$ rs. de ordenado, tendo por Substituto Joaquim Carneiro da Silva.

Em 89 fez os seus desenhos para o novo Erario, e teve em premio hum donativo de 600$ rs. com huma pensão de 400 pela direcção da obra, e a promessa de succeder a

Reynaldo nas Obras Publicas, o qual estava enfermo, e viveo poucos mezes mais; em tanto adoeceo a Senhora Rainha, e Manoel Caetano pedio, e obteve o lugar de Reynaldo.

Em 92 fez os desenhos para o Theatro de S. Carlos, que se começou no anno seguinte debaixo da inspecção de Sebastião Antonio da Cruz Sobral. No mesmo anno foi começada a obra de Runa por ordem da Serenissima Senhora D. Maria Francisca Benedita. Em hum plano rectangular de 456 palmos de frente, e por 280 de fundo se contêm hum Hospital para Militares invalidos, hum Palaceto para habitação de S. A. R., e no centro a Igreja, cuja Planta he huma Cruz latina com remates semicirculares; he toda de pedras de cortes, incrustada por dentro de finos marmores manchados de varias côres; enrequecida com estatuas, algumas vindas de Italia, algumas feitas pelo Leal. Ia-se acabar em 1807 quando entrárão os Francezes. Os corpos de logis tem 3 andares, e cousa de 70 palmos de alto.

Tendo-se incendiado pelos annos 1795 o Real Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, feito á pressa logo depois do terremoto, cuidou-se em novo plano para ser reedificado com maior solidez, e José da Costa foi incumbido dos desenhos. Fabri achava-se então em Lisboa muito protegido pelo Conde de Obidos, e conseguio poder tambem apresentar riscos para a mesma obra, os quaes forão primeiramente desaprovados, e depois bem acceitos. Manoel Caetano requereo, como sendo-lhe divida, a execução do risco, e corrigio-a, podendo até emendar; mas foi-lhe tirada pouco antes da sua morte em 1802, e entregue o risco a Costa,

e a Fabri, cada hum dos quaes teve então mais 600$ réis annuaes como Architectos das Obras Públicas, e Reaes.

Quasi pelo tempo do estabelecimento da Aula, isto he por 81 enviou elle á Academia de S. Lucas de Roma alguus desenhos, e em recompensa recebeo a patente de Academico de merito datada de Roma de 23 de Novembro de 1781. Aqui, entre outros premios teve Habito de Christo, e foi em 1812 chamado á Côrte do Rio de Janeiro, aonde morreo em 21 de Março de 1819. Jáz no Capitulo dos Antonicos da mesma Cidade.

Manoel Piolti, e Jose' Carlos Binheti.

Carlos Ridolfi, Palomino, e muitos outros Escritores disserão que os Artistas de ordinario erão pouco felizes, quaudo os Principes, e grandes Senhores os não protegião. Se esta verdade ainda precisasse de nova demonstração, teriamos huma prova incontestavel na sorte destes dous Architectos Decorador es:ambos tiverão parentes Italianos, ainda que nascessem em Lisboa, ambos com talento raro, e discipulos do mesmo Mestre, (Jacome Azzolini), e correndo no caminho da Arte a passos agigantados, mas tão iguaes, que para descobrir qual delles excederia o seu collega, lhe mandarão fazer para a Opera de Assur as duas famosas scenas chamadas as da competencia, e assim mesmo ficou a cousa indicisa.

Até ali tudo era igualdade de merito, e de fortuna, apenas Manoel Piolti foi admitído no Serviço, e José Carlos ficou

fóra delle, que differença? Tal disparidade passou já por similhante motivo entre o Ticiano, e André Esclavonio em Veneza, e entre o Rubens, e Brouvver nos Paizes Baixos. Para saber alguma cousa he preciso frequentar as Escolas, mas para ter fortuna convem muito agradar aos Senhores. São dous requisitos necessarios, porêm sempre o 2.º será mais efficaz que o 1.º José Carlos morreo pelos annos 1816 de repente [1].

Entre aquelles que no fim do Século passado se applicárão á Arte, distinguirão-se Joaquim Fortunato de Novaes, natural de Lisboa aonde aprendeo a desenhar na Aula do Castello, dirigida por Antonio Fernandes Rodrigues. Foi a Roma pela Intendencia, aonde teve por Mestre João Antinori. Veio em 1794, e foi para Villa nova da Rainha, povoação do Intendente, pensionado por elle, aonde presistia em 1907.

Manoel Lourenço nascido tambem nesta Capital, sobrinho do Padre Fr. Rodrigo, Franciscano famoso, que com o seu peditorio, liberalidade, e boas maneiras fez o Convento de Xabregas, e o que está feito na Igreja de S. Francisco da Cidade. Aqui foi discipulo da Aula do Rocha, em 1787 mandou-o seu tio a Roma aonde no sabado desenhava a Academia tão perfeitamente como os mais em toda a semana. Por morte de seu tio faltavão-lhe os subsidios, e conseguio entrar para o Collegio dos pensionados: quiz casar, e frequentava pouco os estudos, não era hum crime,

---

[1] José Carlos traduzio o Vinhola que se imprimio em Lisboa em 1787 e abrio as estampas para elle.

mas D. João de Almeida mandou-o prezo para Lisboa em 92: esteve na Torre de S. Gião aonde se applicou á Engenharia. Entretanto desenhou a olho, com grande perfeição, todas as vistas da Barra para o Coronel da Artelharia Nogar, com quem foi para Evora em 1804 com praça de Sargento tendo 33 annos.

Sebastião Nogar tambem esteve em Roma pensionado pela Intendencia, e applicou-se á Architetura na Escola de João Antinori, veio em 97 com José da Cunha Taborda, quando Roma estava já ameaçada pelos Francezes.

Antonio Joaquim de Sousa, inda que estudou em Roma, esteve fóra do Collegio com Manoel Lourenço, com quem tinha ido; foi discipulo de Antinori.

João Thomaz da Fonceca.

Temos visto deste Artista obras publicas em pintura, escultura, e architectura pintada. As pinturas existem na Freguezia de Carnide, em Jesus, e n'outras Igrejas, e Palacios do Continente, e d'Ultramar. De architectura fez o Templo da Immortalidade logo depois da restauração para as luminarias do Pescado, obra grande, e magnifica, decorada com columnas da Ordem Corinthia, com estatuas collossaes, e com hum grande obelisco. João Thomaz nasceo em Lisboa em 1754. Estudou os elementos da Arte na Aula de João Grossi, e depois frequentou a casa de Joaquim Manoel da Rocha, e a do Abbade Apparicio. Fez desenhos para algumas estampas das Noites Josephinas,

Forão seus discipulos Joaquim Gregorio, e Antonio Faustino que passárão depois para a escóla de Sequeira, e ensinou tambem seus filhos.

Jose' Manoel de Carvalho e Negreiros

Filho de Eugenio dos Santos, nasceo em Lisboa, e viajou muitos annos em Reinos estrangeiros para se aperfeiçoar nos estudos da architectura: tornando á Patria pelos annos de 1776 foi empregado como segundo Architecto da Casa das Obras; e passou a primeiro em 1803 por morte de Pedro Gualter da Fonceca, Tenente Coronel Engenheiro; vencendo d'ordenado 850$ réis, pros, percalços e privilegios; foi casado com D. Maria Ignacia Xavier de Antas e Negreiros.

Em 1804 abrio a Subscrição para huma obra periodica intitulada o Engenheiro Civil Portuguez, em dialogos. Foi empregado em concertos dos Palacios Reaes, e no recenceamento, ou cadastro do Reino, e teve em premio a Patente de Major Engenheiro com o Habito de Aviz.

Diogo Luiz Velozo de Barros, Fidalgo da Casa attesta, que elle era Sexto neto da Cristovão Fernandes de Carvalho, Capitão Mór de S. Vicente da Beira, e descendente de D. Gil Fernandes de Carvalho, Mestre da Ordem de S. Tiago, que se achou na batalha do Salado com D. Affonço 4.º A Senhora D. Maria 1.ª Decretou que usasse das armas dos Carvalhos Ferreiras Sáas e Negreiros. Em 1684 Francisco Luiz Ferreira Portugal, Rei d'armas, deo licença

aos seus ascendentes em nome de D. Pedro 2.º para as usarem. Era Architecto Geral dos Paços, e do Senado.

Morreo em Lisboa em 8 de Janeiro de 1815 de idade 64 annos.

O Tribunal da Real Casa das Obras he tão antigo como o Reino, e manda que o Architecto ensine 4 aprendizes, e isto foi confirmado por Alvará em 1754. O Principe D. João mandou a José Manoel fazer para isso hum curso de Architectura Civil, o qual parou por sua morte, indo já no principio do 8.º tomo.

Na mesma Casa das Obras sempre ouve hum certo numero de Architectos debaixo de diversos titulos. Custodio Vieira, Major Engenheiro foi Architecto. José Sanxes da Silva, Rodrigo Franco, Negreiros etc. erão medidores dos empreiteiros: por morte do Capitão José Sanches vagou o officio de aprendiz de Architectura Civil, e deo-se a propriedade delle a Elias Sebastião Pope. Quando o Brigadeiro Manoel da Maia passou a Architecto supra numerario. Succedeo-lhe nesta praça Francisco Xavier Paes.

Jose' Francisco Ferreira.

Nasceo em Belém com genio muito propenso para a pintura: Seu Pae, que tinha o mesmo nome lhe deo as primeiras lições desta Arte. Applicou-se com muito proveito ao genero das flores, ao das paisagens, e ao dos ornamentos, vive felismente.

Antonio Francisco Rosa.

Natural da Villa de Oeiras, estudou as regras, e preceitos da Architectura com José Joaquim Ludovice, filho do famoso Frederico, foi Architecto Ajudante das Obras Publicas, e do Paço de Nossa Senhora da Ajuda. Por morte de Fabri passou a primeiro, dirigindo a mesma Obra, e deo-se-lhe o Habito de Christo. Em 1821 foi feito Sub-Inspector do dito Palacio.

Germano Antonio Xavier de Magalhães.

Professor de Architectura Civil na Aula Publica do Desenho, de que percebe de ordenado 450$ réis annuaes; natural de Lisboa da idade 56 annos, o qual tem dado diversos desenhos para muitas Obras de particulares, e tambem para reedificação da Igreja da Sé de Guimarães, por cujo serviço foi remunerado com huma ajuda de custo annual de 120$ réis por Decreto de 14 de Junho do anno de 1796. Foi varias vezes consultado, com outros Architectos, pelo Illustrissimo Inspector da Obra do Real Palacio, o Conselheiro Joaquim da Costa e Silva nos annos 1819, e 1820 sobre problemas de Architectura concernentes ao dito Palacio.

Thimoteo Verdier Filho.

Nasceo em 1792 em a Villa de Thomar. Aprendeo o desenho com o Pintor José da Cunha Taborda, e depois em París aprendeo com o Pintor Mr. le Gros, insigne nas batalhas, e victorias.

Não tem feito Obras para o Público porque não lhe resta tempo dos seus negocios; mas tem em sua Casa quadros de sua mão que bem dão a conhecer a sua grande habilidade; tanto a oleo em grande, como em miniatura.

João de Deos Moreira.

Nasceo nesta Cidade de Lisboa, foi discipulo de José Antonio Narcizo. Tem sido sempre empregado nas Obras dos Paços Reaes, Fundições, Theatros, Carruagens, tanto no salgado em Alcantara, como no Collegio dos Nobres. Existe pintando no novo Paço de Nossa Senhora da Ajuda.

Honorato José Correia de Macedo e Sa'.

Nasceo em Lisboa a 22 de Desembro de 1754, e tendo 9 annos de idade foi admittido na Casa do risco do Arcenal Real do Exercito, onde seu pae Ignacio Correia de Macedo

era empregado como entalhador, e abridor de relevo. Foi alli seu Mestre Manoel Ferreira, que tambem era entalhador, e lavrante do dito Arcenal, e depois de estudar com elle 9 annos, passou a aperfeiçoar-se no desenho de Historia com João de Figueiredo, e com seu pae Ignacio Correia, até que em 1772 entrou por aprendiz, de canteito de relevo de João Ferreira Cangalhas, Mestre Geral das Obras Públicas, e concluindo o tempo de 5 annos da Lei, passou a ser discipulo de Francisco Antonio Cangalhas Architecto Geral da Cidade e aguas Livres, de quem o fizerão Ajudante com o ordenado de 150$ réis por anno.

Se fizessemos menção de todos os Riscos, Plantas, Alçados, Cortes, e Retabulos, que este Artista tem feito para Predios, Palacios, e Templos, iriamos muito longe do que pede a brevidade destas Memorias; por isso só diremos que em 1785 fez o risco, e planta geral desta Cidade, cujos desenhos existem na Typografia Regia. Em 1812 offereceo á Regencia do Reino huma memoria para ser colocada na Praça do Rocio com os retratos de Sua Magestade o Senhor D. João 6º, e Jorge 3º Rei da Grã-Bretanha, o qual risco ficou no Governo. Por 1819 deu o pensamento em dous differentes gostos, para o Retabulo da Capella Mór de Santa Engracia; e o anno passado proximo perterito, fez o risco para o Chafariz da Cordoaria, o que se está fazendo neste presente anno de 1821.

Honorato José foi promovido ao lugar de seu Mestre Francisco Antonio Cangalhas, mas só com 300$ réis de ordenado por anno.

PARTE III.

Escultores, e Gravadores.

Andre' Contucci de Sansovino.

A Escultura floreceo muito entre as mais famosas Nações da antiguidade, e na Grecia chegou ao maior auge a que podia subir, desde o tempo de Pericles até ao do grande Alexandre, conservando-se tambem com muito esplendor, mesmo em Roma, até ao Reinado dos Antoninos, e de Adriano. Na antiguidade o numero dos Escultores era muito maior, que o dos Pintores. Os Principes, os Sabios, os Vencedores nos Jogos Olympicos, os Heroes, e os innumeraveis Deoses maiores, e menores, Lares, e Penates, todos tinhão muitas, e muitas estatuas, de sorte que na Grecia, e em Roma o numero das que havia em marmore, bronze, prata, marfim, etc. excedia o numero dos homens. Nos Séculos gothicos, ou barbaros, mesmo no tempo em que não havia pintura vemos usada a escultura nos portaes das Igrejas, se he que se póde chamar escultura áquelles

tristes feitios de pedra. Depois da restauração da Arte, foi-se usando mais a pintura, e em Portugal foi ella fazendo maiores progressos que a escultura. Francisco de Hollanda nomeia hum Pintor muito bom do tempo de D. Affonço 5.º, (era Nuno Gonsalves), ao mesmo tempo que a escultura contemporanea era tão disforme como se vê na estatua do mesmo Rei que está na Sé sobre o seu tumulo, nada melhor que a de D. Diniz, que se conserva em Odivellas. A do Infante D. Henrique no Portal de Belêm, sendo tão má, he do tempo do Grão Vasco. Dos nossos escultores antigos bons, ou máos temos pouca noticia. Vasari porêm faz menção de André Contucci Sansovino Escultor, e Architecto Florentino, que veio a Portugal em 1481, tendo pouco mais de 20 annos, servir o Senhor D. João 2.º que o pedio a Lourenço de Medicis, o velho, em cujo jardim, que foi a melhor Academia de Florença, tinha aprendido a desenhar. Foi tambem aonde aprendeo o Buonarota, o Torregiani, e outros grandes homens. Aqui fez hum bellissimo S. Marcos de marmore, e modelou em barro huma batalha, que El-Rei ganhou aos Mouros, terrivel pelos movimentos dos cavallos, estrago de mortos, e furia de soldados. (seria talvez a da tomada d'Arzila), e voltou á patria em 1500 reinando já El-Rei D. Manoel.

Manoel Pereira.

Se André Sansovino foi hum Artista estrangeiro, que viveo e trabalhou em Portugal, Manoel Pereira pelo contrario foi hum Portuguez que viveo, e deixou as suas obras

em hum Reino estrangeiro, honrando-se muito com elle a Corte de Madrid. Pallomino falla dos seus talentos com o maior applauso, e faz menção das priciosas estatuas, que fez, dando a primazia ao S. Bruno do Portico da Cartuxa, que Filipe 4.º grande conhecedor, não se cançava de admirar: já cégo modelou a figura de S. João de Deos para o Convento do mesmo Santo. Era rico, e de familia nobre; e casou huma filha com D. José Mendieta Cavalleiro de S. Tiago, *Ajuda* de *Camera* de El-Rei e *Vedor* das Obras Reaes. Morreo em 1667 com 63 de idade.

Por este tempo fallão alguns authores de Braz de Mendonça Escultor Lisbonense, e tambem Pintor, talvez de estofos, e encarnações, a qual escreveo, e fez imprimir alguns tratados sobre a Geometria.

Outro Escultor Portuguez estabelecido na Hespanha foi Caetano da Costa, que nasceo em 1710, e fez as duas estatuas de marmore, muito toleraveis, que estão sobre columnas na alameda de Sevilha. Quando estivemos naquella Cidade em 1775 fallamos com seu filho tambem Escultor, nascido na Hespanha.

João Antonio de Padua.

Os Escultores Portuguezes applicárão-se ao trabalho de madeira, e barro, de sorte, que as estatuas de marmore que temos dos Séculos 17, e 18 são más, e quasi todas feitas por estrangeiros. Hum certo Fancé fez o S. Pedro e o S. Paulo, que estão na frontaria do Loreto. João Antonio de Padua, Italiano, deixou-nos bastantes obras deste

genero, mas pouco boas, e vem a ser: as estatuas da Capella Mór da Sé de Evora, Obra Sumptuosa, feita por desenhos de Frederico, a escultura da Capella Mór de S. Domingos, tambem do mesmo author, os pulpitos na Igreja do Collegio de S. Antão: os serafins no oratorio da Moeda: o S. João Nepomuceno da ponte de Alcantara feito em 1743, e varias outras.

Pedro Antonio Luquez era seu ajudante desbastador, e passou em 1752 para ajudante de Giusti em Mafra. Pelos mesmos tempos estiverão em Lisboa Claudio la Prada, e João Bernardes Escorpio, Italianos: o 1º fez a Conceição da Pena, e o 2º o Santo Elias do Carmo.

Ignacio da Piedade e Vasconcellos.

Esculpio em barro muitas estatuas, e tambem as sabia fundir em metaes. O Padre João Chrisostomo affirma que víra figuras delle, de grandeza natural, cujos pannos erão excellentes, principalmente os bureis. Foi Conego secular de S. João Evangelista, e compôs o livro bem conhecido, intitulado, Artefactos Symmetriacos, e Geometricos, que dedicou á Senhora D. Marianna de Austria em 1732. Como não conhecemos outra Obra sua, só fazemos menção delle como curioso respeitavel, e como escritor. No seu Livro encostou-se muito a João d'Arfe, e diz na Dedicatoria ser o primeiro que sobre esta materia sahe á luz da estampa em lingua Portugueza.

Jose' de Almeida.

Foi sem duvida o primeiro Portuguez do Século 18 que soube esculpir bem em pedra, e não obstante ser a sua maneira ás vezes hum pouco magra, os seus nús são tambem desenhados, que podem sustentar-se ao pé das melhores estatuas. Nos pannos quiz imitar hum certo amarrotado de que muito usarão Pedro de Cortona, e Cyro Ferro, que tambem se acha em algumas estatuas de Carlos Monaldi. Protegido, e pensionado pelo Senhor Rei D. João o 5.º foi estudar a Roma em companhia de Ignacio de Oliveira, e de outros mais, que alli estiverão no principio daquelle Século.

Em Lisboa as suas Obras em marmore são o S. Paulo, e outras estatuas nas Necessidades, e as de Santa Isabel, e S. João Baptista na Bemposta, as quaes ficando por acabar forão muito depois concluidas em 1813 por Joaquim José de Barros. Em madeira, fez o Santo Onofre, e o Christo da Trindade, os Passos da Paixão, que sahem na procissão do Carmo, a Senhora Mãe dos homens, e o S. José em Xabregas; as duas Conceições dos Freires, e do Collegio dos Nobres; o S. Camillo para a sua Igreja, a de Nossa Senhora da Victoria, e a da Senhora das Virtudes em S. Domingos, cujas cabeças forão acabadas depois da sua morte por seus discipulos Antonio Machado, e Francisco Antonio; fez tambem o Christo, e Anjos de adoração para a Capella Mór de Mafra, que servirão em quanto se não fizerão os de marmore, depois collocarão-se em Santo Estevão d'Alfama, aonde existem.

Os seus discipulos forão Francisco Xavier, Francisco Antonio, Antonio Machado.

Francisco Antonio fez em madeira as estatuas de Marte, Vulcano, e outras que se achão nas casas d'armas da Fundição, executou alli muitas outras cousas em cera, e metaes. Tinha tambem estudado a musica, e cantava em contrabaixo. Em 1790 entrou na Irmandade de Santa Cecilia, e em 91, e 92, dirigio a festa de S. Lucas dos Pintores em Santa Joanna. Morreo alguns annos depois, tendo 60 de idade, e succedeo-lhe como Escultor da Fundição João José de Aguiar.

Antonio Machado filho de Remigio, (hum dos que estudárão a architectura na Casa do risco em Mafra), fez muitas Obras em pedra, tanto de Escultura, como de relevo. No principio do reinado da Senhora D. Maria 1.ª fez a Venus para o chafariz das Janelas verdes: fez o S. Pedro, e o seu companheiro para a fachada da Igreja de J. Paulo: Em 93 esculpio outras estatuas para J. Julião: tambem executou o Téjo, e o Nilo para corresponderem ao Ganges, e Eufrates feitos por Alexandre Gomes: erão estatuas de 12 palmos mandadas fazer pelo Intendente Diogo Ignacio para huma fonte publica em Lisboa, que nunca se fez. Faleceo no 1.º de Abril de 1810 tendo... Os modelos das suas Obras erão feitos por Nicoláo Villela, o qual foi sempre procurado pelos Escultores para inventar attitudes, e fazer em barro os modêlos dellas; e deste modo ninguem conhece Obras, suas tendo aliás deixado grande numero de producções do seu engenho, que são attribuidas áquelles que as executarão; e como não utilisava senão o pouco que por elles lhe davão os Escultores, viveo sempre pobre, e assim morreo por....

José de Almeida foi aparentado com muitos, e bons Artistas: era irmão de Feliz Vicente, famoso Architecto, e Entalhador da Casa Real, o qual foi genro de Ignacio de Oliveira, e cunhado de Silvestre de Faria, tambem Entelhador, e Architecto, discipulo do Frederico. Morreo por 1769 de 60 e tantos annos de idade.

Antonio Ferreira.

Não parece possivel vêr modeladas em barro melhores figuras campestres que as que conhecemos deste Artista raro, do ultimo Século. Seu pae Dionizio Ferreira, tambem era pratico na plastica. As Obras do filho são os presepios da Cartuxa, da Madre de Deos, do Coração de Jesus, e outros. Na Ermida do Senhor da Serra em Bellas está huma gloria de serafins que circundão a imagem de Christo, e dizem ser delle. Tambem fazia grandemente as paisagens, e combates de cavallaria; e o Lobo na Silva laudatoria diz-lhe,

> Eu vejo, eu vejo, dando a terra abalos,
> Espumarem ferinos os cavallos,
> D'hum pedaço de barro por ti feitos....

e porsegue com grandes encomios.

Entre as Obras de barro tambem se faz, dizem, bastante caso da que fez Fr. Manoel Teixeira no seu Convento da Trindade em Santarém: he o retabulo de huma Capella de architectura com muita escultura representando a SS. Trindade, Nossa Senhora, S. José, e outros Patriarchas tudo

muito bem executado: o author morreo nos fins do ultimo Século.

O P. João Chrisostomo Policarpo da Silva.

Este Professor curioso natural da Merceana, inda que não teve mestre, pode-se dizer que foi discipulo de José de Almeida. Ferquentando os estudos do Collegio de Santo Antão, aproveitava o tempo que podia em modelar figuras de barro de tal modo, que não tendo sido Clerigo, como seus parentes querião, veio a fazer modo de vida do que era simples curiosidade. A materia em que melhor trabalhava era o barro; mas fez tambem muitas estatuas de madeira que erão de ordinario cheias de crescenças, e supplementos; porêm, como sahião de sua casa pintadas, e estofadas sempre agradavão muito aos devotos: tambem fez muitas figuras em pasta para os carros de triunfo que apparecerão na Praça do Commercio pela inauguração da Estatua Equestre do Senhor Rei D. José, em 1775, e para outros objectos. Fez grande numero de imagens de Santos para Lisboa, e para as provincias, e entre ellas as do andor de Scotto que sahe na procissão de S. Francisco: as dos Passos para as Capelinhas de Santo Antonio dos Capuchos, principalmente a do Senhor com a Cruz ás Costas, que he muito venerada, e applaudida das pessoas piedosas.

Ajudou a dirigir, e a sustentar a Academia do nú a S. José em 1780, 81, e 82: e sendo eleito em 87 para ser hum dos Directores da mesma escolla transferida pelo Intendente para a rua dos Camillos, recusou o lugar, cousa

que deo motivo a hum tal Discurso Apologetico, Obra Satyrica de hum anonimo, a que elle respondeo seriamente, e tambem com mordacidade, porque suppoz conhecelo.

Amava a pintura com tanto excesso, que sem ser rico gastou sommas consideraveis em compras, e concertos de paineis, e sem saber desenhar teve discipulos Pintores, e pintou hum quadro da Cêa para huma Igreja. Morreo celibatario, e jáz na Capella do Senhor Resuscitado em Santo Antonio com o epitafio seguinte »*Aqui jáz o Padre João Chrisostomo, que fez estas Santas Imagens aqui colocadas. Morreo em* 20 *de Janeiro de* 1798 *com* 64 *annos de idade.*

Temos delle, Memorias de alguns Pintores, e Escultores Portuguezes. M. S. Por estes tempos viverão em Lisboa alguns Escultores em madeira, que tinhão laboratorio publico na Calçada de Santo André, e forão.

Manoel Vieira, natural da Cidade do Porto: viajou na Hespanha, e antes do terremoto de 55 veio estabelecer-se em Lisboa aonde fez o S. Sebastião, e o S. Vicente para o baldaquino, ou maquineta de S. Vicente de fóra, e outras muitas cousas, sempre com boa acceitação do Publico.

Manoel Dias, discipulo de Manoel de Andrade: chamavão-lhe o pae dos Christos, porque fazia muitos Crucifixos. Era seu o da Capella Mór da Sé de Evora, o S. Miguel da Pena, o S. Francisco da procissão de Mafra, e outros muitos. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 1713, e morreo em 20 de Março de 1754.

Jeronimo da Costa, natural de Braga, discipulo de Manoel de Andrade, esculpio a Senhora da Conceição de S. Francisco da Cidade, e ajudou José de Almeida a fazer

o Santo Christo, e Anjos de adoração para Mafra, que agora estão em Santo Estevão d'Alfama.

António dos Santos da Cruz, nasceo em Faro, e foi discipulo de Manoel Vieira, fez a Senhora do Rosario, e o S. Roxas na Trindade: morreo em 1805 de 60 e tantos annos.

Nicoláo Pinto, Portuense fez a Senhora do Rosario que se venera na Portaria de S. Domingos, o Santo Estevão para a Igreja do mesmo Santo, &c.

Valentim dos Santos de Carvalho, discipulo de outro Valentim fez o S. Sebastião da Pena, e outras imagens, e morreo em 1806 de 61 ou 62 annos.

Valentim... seu mestre fez a Senhora Mãe dos homens da Bemposta, o Senhor dos Perdões da Magdalena, &c. Elle punha em pratica toda a sorte de industria para dar grande idéa das suas producções, principalmente áquelles que lhas encommendavão.

Alexandre Giusti.

Este egregio Estatuario nasceo em Roma em 1715. Até os 16 ou 17 annos frequentou a escola do Cavalleiro Conca, applicando-se ao desenho, e á pintura, passou depois ao estudo da escultura com João Baptista Mayne, aonde fez grandes progressos, e executou huma parte da escultura dos 4 requissimos Relicarios da Capella de S. João. Quando esta Capella, que foi executada com singular magnificencia pelos desenhos de Vanvitelli, esteve acabada, o Ministro

de Portugal junto da Santa Sé, escripturou Giusti por dous annos para a vir assentar, o que teve effeito em 1747 e 48.

Depois fez a Estatua do Senhor D. João o 5.º para a livraria das Necessidades, e as Estatuas para a Igreja, que vem a ser »os Santos Neri, Carlos, e Sales, e o S. Pedro do Portici, forão ellas acabadas em 1753, a tempo, que tendo-se damnificado os paineis da Igreja de Mafra pela humidade do sitio, determinou o Senhor Rei D. José que fossem substituidos por outros de marmore, em baixos-relevos; e para os fazer admittio Giusti, como seu Escultor com 60$000 réis por mez, e huma gratificação no fim de cada quadro. O nosso Artista, quando veio tinha deixado o seu casamento justo em Roma, mas como ficou cá, ajustou-se com a filha de Pecoraro, Musico da Capella Real, e casou com ella em 1749.

Indo pois para Mafra com a sua familia agregou a si dous desbastadores; Pedro Antonio Luquez, que tinha andado com o Padua e o Fancé, e Francisco Alves Canada, e com elles fez os SS. Bispos, que collocou em 1755 antes do terremoto. Cada dous annos acabava mais hum, e forão-se seguindo, o Santo Christo, Nossa Senhora do Rosario, as Santas Virgens, os Santos Martyres, os Confessores, a Sagrada Familia, e a Coroação de Nossa Senhora. Antes de acabar este ultimo, acabou de perder a vista, que lhe foi faltando por degráos, talvez pelo uso de trabalhar de noite. Como esta foi a 1.ª, e a mais numerosa escola de escultura, que temos tido no Reino, cumpre dar noticia do seu principio, e dos seus progressos.

O 1.º discipulo desta Aula foi Antonio Pecoraro, cunhado

de Giusti, que estudou 9 annos, e depois, inclinando-se á Musica foi estudala em Napoles.

Roberto Luiz da Silva natural de Lisboa.

Salvador Franco, de Mafra, o qual tendo estudado 12 ou 13 annos foi despedido por travessuras: deo-se ao estudo da Engenharia, e morreo em Matogrosso sendo Tenente Coronel.

Lourenço Lopes, de Mafra, afilhado de João Pedro Ludovice, estudou 16 annos, trabalhou no quadro da Sagrada Familia, e já ajudava bem quando faleceo.

Alexandre Gomes, da Picanceira, termo de Mafra, morreo em 10.81

José Joaquim Leitão, de Mafra, acabou os seus dias em 1805.

Em 1756 forão admittidos.

João José Elveni, filho de hum Alemão, mas nascido em Lisboa.

Braz Toscano de Mello, natural de Alvito.

Francisco Leal Garcia, de Santarem, que morreo em Setembro de 1814.

Joaquim Machado de Castro entrou não para aprender, mas para ajudar a modelar.

Joaquim Antonio de Macedo entrou por 65, e estaria 10 ou 12 annos, morreo em 21 de Janeiro de 1820, tendo 70 annos, jáz na Igreja de S. Mamede.

José Patricio, Mafrense, filho de Pedro Antonio Luquez foi admittido em 67. Deixou o Século em 1703, e entrou no Convento de S. Vicente.

Silverio Martins, natural de Linha a Pastora morreo em 95.

João da Silva Pevides, de Mafra, começou os estudos em 66, e faleceo em

Esta escola presistio unida até 1770, tempo em que se começou a modelar em grande em Lisboa a Estatua Equestre do Senhor Rei D. José. Nessa época dividio-se em duas, e vierão para Lisboa Joaquim Machado de Castro, como Director; José Joaquim Leitão, João José Elveni, Alexandre Gomes, e Francisco Leal como ajudantes: como a obra era muito laboriosa, o Director admittio outros Escultores de fóra, e forão Nicoláo Villela, e Valentim, Antonio Machado, e Manoel Lourenço. Entretanto os que ficarão em Mafra forão fazendo o baixo relevo da Senhora da Conceição pelo modelo de Roberto Luiz da Silva, acabado em 88, e algumas lunetas modeladas pelo Leal.

Da escola de Lisboa sahirão muitas estatuas, principalmente a Estatua Equestre com toda a escultura adjacente: a Arethusa, e Alpheo para a quinta de Carvalho em Oeiras: toda a escultura da Basilica do Coração de Jesus feita em 6 annos, e acabada por 1783: a Fé pará a Inquisição, e muitas outras.

Entretanto a cegueira de Giusti, se completou em 73, consternou o coração do Senhor Rei D. José, e este grande Monarcha mandou-o a França não só com decencia, mas até com fausto, e grandes recommendações, a fim de se lhe fazer a operação das cataratas; mas não se atrevendo os Oculistas a curalo, voltou aqui tão cego como tinha ido; muito apezar de Sua Magestade que lhe deo sempre a mesmas provas de benignidade, e estimação, prevenindo-o na diligencia que elle fazia para lhe beijar a mão, conservando-lhe inteiro o seu ordenado, que Sua Magestade tam-

bem lhe mandou sempre pagar até que cedendo a hum insulto apopletico acabou a sua existencia em Fevereiro de 1799. Depois de cego ainda compunha baixo relevos em cera, que os seus discipulos acabavão.

Joaquim Machado de Castro.

A vida deste famoso Estatuario, só elle mesmo a poderia escrever exacta, e dignamente, diremos porêm o que temos ouvido aos nossos coevos sem garantir a verdade de todos os factos.

Nasceo em Coimbra pelos annos 1732, e alli mesmo começou a apprender na escola de seu pae Manoel Machado, que modelava com perfeição: veio depois para Lisboa, e frequentou o estudo de José de Almeida, entre as cousas que fez para o publico, todas com boa acceitação he notavel o S. Pedro de Alcantara que está no seu convento sobre a porta do carro. Entrou em Mafra como ajudante de Giusti em 1756. Quando se cuidou em fazer a Estatua Equestre, o Marquez Estribeiro Mór, que era excellente picador, teve a inspecção sobre ella, e pedia desenhos a Francisco Vieira, este fez alguns, que não contentarão plenamente ao Marquez, porque os escorços no desenho sempre parecerão aleijões a picadores. Para evitar este inconveniente propoz elle Marquez a factura de hum modelinho em barro, e inculcou para isso Joaquim Machado, que com effeito o fez muito a contento de S. Exc. e á satisfação de El-Rei, e da Corte. Teve elle por tanto, a

incumbencia de fazer a obra em grande, e deo principio a ella em 1770. Esta he a tradição, que ouvimos aos Escultores de Mafra, mas não parece exacta porque o Author na sua Descripção Analytica a conta de outra sorte.

A estatua do Rei foi fundida em bronze por Bartholomeu da Costa, Tenente Coronel Engenheiro, que teve em premio a Patente de Brigadeiro. O Escultor Machado de Castro, e o Architecto Reynaldo, tiverão Habitos de Christo. A escultura adjacente toda modelada por Machado, foi posta em execução por João José Elveni, Alexandre Gomes, pelo Leal, e por José Joaquim Leitão, os quaes executárão tambem em 73 a estatua da Fé. He tambem de Machado toda a escultura da Basilica do Coração de Jesus: João José, e Alexandre Gomes executarão o Santo Elias, Santa Theresa, Nossa Senhora, os Serafins nas Capellas collateraes, o baixo relevo do Frontispicio, a Adoração, a Liberalidade, S. João da Cruz, Santa Magdalena de Pazzi, S. José, e a Gratidão forão feitas por José Joaquim Leitão, e José Patricio. Esta obra foi começada em 77, e concluida em 83. As estatuas de Alpheo, e Arethusa para Oeiras executadas por Leal, e João José tambem são de invenção de Machado, assim como o modelo do Neptuno para o chafariz do Loureto, executado em Carrara por 1771, o retrato da Senhora Rainha D. Maria para a quinta do Marquez de Ponte de Lima em Mafra, executado em 83 por Faustino, e Feliciano; agora está na Livraria publica. Machado dirigio tambem a escultura do baldaquino de S. Vicente: Manoel Vieira executou o S. Sebastião, S. Vicente, e os Anjos sobre as portas, Antonio dos Santos, e Alexandre Gomes fizerão as outras. Em 1803 fez a Senhora da Encarnação para a sua Igreja.

Além destas obras fez Joaquim Machado outras muitas, entre as quaes merece hum distincto lugar o Presepio do Beneficiado Oliveira, que elle do-ou á Patriarchal.

Estabelecido em Lisboa o estudo da escultura, entrarão nelle em diversos tempos varios discipulos. Luiz José Ferreira, e José Caetano Gayão em 71, Faustino José em 72, e Feliciano José Lopes em 75, o qual em 93 se deo á pintura. Em --- Belchior.

Em 1804 Antonio dos Santos, Em 1806 Constantino... todos naturaes de Lisboa.

Joaquim Machado foi sempre dado a lição dos Livros, e á conversação das Musas. Pelo motivo de Inauguração da Estatua Equestre do Senhor Rei D. José fez huma Ode ao mesmo Soberano, que corre impressa desde 1775. A carta escripta a hum Alumno da Escultura imprimio-se em 80: o discurso sobre as Utilidades do desenho vio luz da Estampa em 88. Em 1805 foi impressa a Analyse Grafico-Ortodoxa; e em cinco annos depois a Discripção Analitica da Execução da Estatua Equestre.

Em 1780 ajudou a dirigir a Academia do nú a S. José, e como tambem a que se abrio depois na rua dos Camillos. O Senhor Rei D. José o nomeou Escultor da Casa Real, e Obras Publicas; e Sua Magestade Director da Escultura das Obras Reaes. Morreo a 3 de Dezembro de 1822, com 91 annos jaz sepultado na Freguezia dos Martyres de Lisboa.

João Grossi.

Como a Escultura feita em estuque tenha muita analogia com a que se faz em barro, não parecerá improprio que façamos aqui menção deste estucador, tanto mais, quanto elle presidio em huma Aula Regia de desenho, e foi o primeiro Mestre de alguns Pintores, e Escultores.

Em Portugal tinha-se usado pouco o estuque até o tempo do terremoto. Na quinta chamada dos bichos havia, dizem, huma casinha de estuque feita no Século 17. Do mesmo tempo era a pequena Capella no Convento da Esperança com bellissimos ornatos, e baixos relevos. No tempo do Architecto Larre estiverão aqui Salla, e Bill, que fizerão alguns estuques no seu palacio chamado vulgarmente do Provedor: fazião ornato, e figura. Depois veio o Plura que estucou huma casa na torre da polvora, e huma Ermida ao pé da Sé. Francisco Gommassa, mero ornatista tambem trabalhou em casa do Provedor, e fez a fachada da Ermida dos Soldados em Alcantara.

João Grossi, nascido em Milão por 1719 aprendeo a modelar em cera, e barro; e depois servio Fernando 6.º no exercito, como desenhador: alli, tendo-se desafiado com o sobrinho do seu Coronel succedeo matallo no duello; mas como era protegido pôde-se ausentar, escapando do quartel aonde estava prezo, disfarçado com o traje da sua Lavadeira. Veio para Lisboa, e foi morar para a Bica com Domingos Lepori, commerciante, seu primo, o qual lhe procurou a grande Obra do tecto da Igreja dos Martyres,

feito de novo em 1748, ou 49 que elle executou, (inda que nunca tivesse trabalhado em estuque), ajudado pelo Plura, e pelo Gommassa, usando de fôrmas para florões, e outros ornamentos. Fez tambem huma casa no Palacio de Cintra, outra em casa do Provedor dos Armazens, que o introduzio com o Marquez de Pombal. Este o occupou nas suas casas da rua Formosa, e das Janelas verdes. Por 1755 estucou as casas do Machadinho, e nessa occasião veio Pedro Chantoforo, e tambem Agostinho de Guadri, parente de Grossi, e seu patricio. Tinha elle viajado na Alemanha, Prussia, e Hollanda, e trouxe o methodo de trabalhar o estuque em fresco, e lustrallo, misturando-lhe cóla. Logo depois do terremoto fizerão a Capella dos Terceiros de Jesus. Seguio-se o tecto dos Paulistas, cujo painel, e baixos relevos forão primorosamente feitos pelo Toscanelli, primo de Grossi, o qual era Pintor, discipulo de Corrado, e tinha ganhado premios em desenho na Academia de S. Fernando de Madrid.

No Collegio dos Nobres admittio João Grossi o Falcão, e dous Brasileiros, que tinhão estudado em Roma, erão Felis da Rocha, Pintor de miniatura, e José Tenorio, seu primo, que desenhava alli pilastras, capiteis, e outros objectos de Architectura, para ganhar alguma cousa. Felis trabalhou no baixo relevo de Nossa Senhora, e nas medalhas; e fez outras cousas na Conceição Velha, e na Inquisição.

Os Verdes, tambem Estucadores, estavão trabalhando no Palacio novo de Madrid, e o Embaixador de Hespanha quiz aqui escriturar o Grossi promettendo-lhe o perdão do crime, e avultada recompensa, mas o Marquez de Pombal

o reteve, e por 66 abrio-lhe huma Aula ao Rato, e deu-lhe 600$ réis annuaes para ensinar 10 discipulos, entre os quaes entrou João Paulo da Silva, que se fez bem conhecido pelas muitas obras que depois executou, e dirigio. Morreo a 28 de Dezembro de 1821, jaz na Freguezia de S. Mamede de Lisboa com 70 annos de idade.

Pouco depois da abertura da Aula casou João Grossi com Rosa Bernarda, creada muito valida de Sor Maria Magdalena, irmã do Marquez de Pombal, Prelada perpetua no Convento de Santa Joanna. Elle foi excessivamente protegido pelo Marquez, que lhe dava, ou pedia lhe dessem a fazer todas as grandes Obras que então se construião, que erão muitas, e pagas por altos preços; e admira que adquirindo cabedaes tão avultados, morresse em tanta pobreza pelos annos de 1781, tendo cegado antes de morrer.

Felis Salla.

O dominio de João Grossi, e os progressos da sua Aula, sentirão muita diminuição pela morte do Senhor Rei D. José, e retirada do Marquez para Pombal em 1777. Já quando se fez a Obra da Sé estavão os Estucadores divididos em dous partidos, e erão muitos; por que aos discipulos da Aula se tinhão agregado pedreiros, e quadratores. Os mais bem acceitos ao Publico erão João Paulo de Silva, Paulo Botelho, Manoel José o Escultor, José Francisco Espaventa, Domingos Lourenço &c. Quando Joaquim Pedro Quintela fez o seu palacio nas Larangeiras debaixo da direcção de

seu tio o Padre Bartholomeu Quintela da Congregação do Oratorio, fez João Paulo a maior parte dos tectos, por desenhos do mesmo Padre. Já quasi no fim da Obra appareceo o Salla; e o seu gosto de desenho, e modo de trabalhar agradou por estremo ao dito Padre. Era elle discipulo do celebre Albertoli, Milanez, que renovou na Italia o gosto dos bellos ornamentos usados no tempo de Augusto, e dos Gregos. Os que se havião introduzido nos ultimos tempos, e se estavão usando, erão os chamados Francezes, e Alemães, cheios de tarjões, ornados com buzios, conxas, &c. e algumas ervas muito amarrotadas.

Salla fez todos os tectos do palacio de Quintela em Lisboa; depois foi a Cadiz com Domingos Lourenço, e José Eloi a fazer o salão dos bailes, e de Cadiz regressou a Milão sua patria tendo pouco mais de 30 annos.

Vicente Tacquesi

Suisso: veio por 1805 e dizia ser discipulo de Canova: foi aqui protegido por Vandeli, e por N. Soares Secretario da Junta do Commercio, em cuja escada fez alguns baixos relevos: tambem fez as 4 partes do Mundo na quinta dos bichos. Requereo o restabelecimento da Aula dos estuques para elle dirigir, tendo por socio, para a direcção dos ornatos José Francisco Espaventa. Já a Junta das Fabricas lhe tinha dado casas para morar, quando entrarão os Francezes, com quem teve bastante familiaridade. Para os lisongear fez hum baixo relevo em cera, com boa composição,

e bem desenhado, representando a entrada de Junot em Lisboa, cujo Estado Maior era precedido por hum Genio revolucionario, que ao som da trombeta o incitava á rapina, e expulsava muitas pessoas nuas para fóra do Reino. Depois da restauração foi prezo 1.ª e 2.ª vez; e por fim desterrado em 1810.

Os bons estuques forão usados pelos antigos, perdidos muitos Séculos, e tornados a achar por João de Udine, discipulo de Rafael, no Século de 500 quando apparecerão pela 1.ª vez as *Camaras* de Tito. Elles tem tido, e merecem ter estimação; mas entre nós usarão-se com furor como huma moda, e assim acabarão; de sorte que alguns estucadores moços applicarão-se á pintura; outros buscarão outros modos de vida. Hoje está aqui esta Arte quasi extincta.

Joaquim Jose' de Barros Laborão.

Nasceo em Lisboa em 1762, e tinha só 10 annos quando entrou como alumno na Aula de João Grossi, aonde presistio 4 annos debuxando, e modelando. Passou depois para a escola de João Paulo, Escultor em madeira. Em qualidade de ajudante esteve com Raymundo da Costa, com o Padre João Chrisostomo, e ultimamente 5 annos com Manoel Vieira, aonde modelava, e acabava muitas Obras. Estabelecido já em sua casa fez os modelos de Santa Clara, e S. Francisco, executados por Francisco Xavier, discipulo de José de Almeida, e por Antonio Machado. O numero das obras que tem feito he tão grande, que não o poderia-

mos aqui relatar, só faremos menção do baixo relevo em marmore que está no tympano da Igreja da Bemposta, e da Fama, com os retratos de Suas Magestades no obelisco de Bellas.

O Marquez Regedor, muito affeiçoado ás boas Artes, ficou tão satisfeito com a sua obra de Bellas, que álem da recompensa pecuniaria, lhe solicitou o Habito de S. Tiago, fez-lhe todas as despezas para as habilitações, e quiz ser seu padrinho na profissão.

Sua Magestade o premiou liberalmente, dando-lhe o lugar que Giusti occupava em Mafra, com o mesmo ordenado. Estava aquelle estudo quasi extincto, quando para alli forão os Padres Vicentes, estes mandárão continuar lentamente a escultura das lunetas por modelos do Leal, executados por Braz Toscano de Mello, Roberto Luiz da Silva, e seu filho. Barros deo-lhe mais algum movimento; porêm aconteceo a invasão dos Francezes que o paralisou. Enpregou-se depois nas estatuas para o Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, e fez a Honestidade, a Diligencia, o Desejo, e o Decoro, em cujas Obras o ajudarão seus filhos, e discipulos Manoel Joaquim, e José Pedro de Barros, e Gaspar Joaquim da Fonseca, natural de Viseu [1]. Morreo em 30 de Março de 1820 contando 58 annos, Jaz na Casa do Capitulo de Santo Antonio dos Capuchos.

Carlos Amatucci, Italiano, tambem fez em 1818 para o mesmo Paço a estatua da Liberalidade. Veio para Lisboa pelos annos 1804, retratava em cera: em 807 estando já

---

[1] Veio de 7 annos para Lisboa, e estudou com o Barros 7 annos.

admitido no Real Serviço, com 400$000 rs. annuaes, fez a medalha do Principe para os orgãos de Mafra. Era muito moço, e bem disposto, quando no anno 1809 morreo repentinamente de huma aneurisma no peito, que o suffocou.

João Jose' de Aguiar.

Natural de Bellas, estudou o desenho em Lisboa na Aula do Castello, e indo para Roma em 1785 com Joaquim Fortunato de Novaes, e José Alvez de Oliveira pensionados todos pela Intendencia, foi alli discipulo do Labruzzi no desenho, e de José Angelini na escultura; porêm este tendo endoudecido, passou Aguiar, para o estudo de Antonio Canova. Em Agosto de 98 regressou á patria. Sendo falecido Francisco Antonio, Escultor da Fundição, entrou no seu lugar, e fez a escultura em bronze de humas banquetas que alli se fizerão para Mafra. Em 1805 foi nomeado substituto de Joaquim Machado, com preferencia a Francisco Leal, que já occupava aquelle lugar, vencendo 400$000 réis, elle teve 600. Fez a Estatua de El-Rei que está no Arsenal na casa das formas, e actualmente emprega-se em esculturas para o Palacio da Ajuda.

João Gomes Baptista.

A gravura em ôcco, ou de medalhas, tem muita correlação com a escultura, ou he huma escultura feita ás avessas,

e o seu uso he antiquissimo, como se póde vêr nos tratados de antiguidade; e nas collecções de medalhas. Esta Arte chegou tambem á ultima perfeição na Grecia, e em Roma, depois decahio com as mais, mas nunca se extinguio de todo, por que sempre se cunhou dinheiro, e se usou della bem, ou mal.

Em quanto á gravura de chapa a sua invenção he moderna, e foi achada casualmente por hum lavrante Florentino, Thomas Finiguerra, em 1430.

Desde o principio da nossa Monarchia se cunhavão em Portugal Soldos de prata, e de ouro, que tinhão não só quaesquer lavores, mas lavor de figura acavallo com espada na mão. Ignoramos os nomes dos que abrirão os cunhos para a nossa moeda até o tempo do Cardeal Rei. Depois correo a moeda Hespanhola desde 1580 até 1640. No tempo do Senhor D. João o 5.º esteve aqui o insigne Mangem, a quem forão succedendo os seus discipulos: hum delles foi João Gomes Baptista, de quem temos visto excellentes medalhas, e abrio cunhos na Casa da Moeda; porêm abusando da confidencia que delle se fazia, e achando-se criminoso, se ausentou para o Rio de Janeiro, aonde viveo debaixo do nome supposto de Thomaz Xavier de Andrade. Gomes Freire, Conde de Bobadela, Governador no Brasil, e grande estimador dos homens de talento, lhe deo o emprego de Abridor da Casa da Fundição em Villa Rica. Morreo em Minas Geraes pelos annos 1754.

João de Figueiredo.

Era natural da Cidade de Aveiro, aonde aprendeo a desenhar, modelar, e a trabalhar em prata. Pelos annos 1749 tendo 24 de idade veio para Lisboa, e pouco depois entrou para a Fundição como Abridor de armas. Foi creando discipulos, e cujo numero com o tempo, veio a ser grande. Aprendião a desenhar, a abrir ao boril, em chapa, e em ôcco, e a lavrar metaes. Seu filho Francisco Xavier de Figueiredo, e Cypriano da Silva entrarão para a Casa da Moeda. Manoel Tavares, José Joaquim Freire, Antonio José dos Santos, Vicente Jorge, forão para Belêm como desenhadores de Historia natural, additos ao Museo.

João de Figueiredo, em 1775, abrio huma medalha de 3 polegadas de diametro representando a Estatua Equestre do Senhor D. José I.º e foi impressada em varios metaes, e em porçolana de Bartholomeu da Costa, a qual sendo tão clara, e diafana como a da China, resistia muito mais que ella ao ferro, e ao fogo. Em 82 fez o punção do Retrato da Senhora D. Maria I.ª para os Camafeos de porçolana do mesmo Bartholomeu, que se usarão em anneis. Para a 1.ª pedra da Basilica do Coração de Jesus, lançada em 83, fez huma medalha de duas polegadas com as effigies da Rainha, e de ElRei, que se cunharão em varios metaes. Para a Academia das Sciencias em 85 gravou em medalha a Rainha sentada dando a Minerva huma Coroa de louro para premiar os Academicos benemeritos. Em 90 abrio a Senhora da Conceição para as medalhas dos Allumnos do

Collegio dos Nobres; e no anno seguinte S. João Baptista para os do Seminario do Crato. Começou vencendo hum salario de 1$200 réis diarios, sem desconto algum; o que foi depois augmentado com 100$000 réis annuaes. Morreo em Lisboa em 10 de Janeiro de 1809 com 84 annos de idade.

Succedeo-lhe na direcção da Aula seu filho Antonio Joaquim de Figueiredo, e Gaspar de Figueiredo, 3.º filho, he Contramestre na mesma Fundição. Francisco Xavier de Figueiredo, Abridor da moeda, morreo em 1818.

Cypriano da Silva Moreira, natural de Lisboa, foi chamado da Fundição para o Erario, a fim de alli abrir os sellos para o papel, d'onde passou depois para a moeda com o mesmo salario que recebia no Erario de 1$200 réis por dia, e as Obras pagas separadamente. Francisco de Borges Freire foi praticante de Xavier de Figueiredo, donde passou para ajudante de seu Tio Cypriano da Silva.

Simão Francisco dos Santos.

Natural de Lisboa, e discipulo de José Gaspar, de Nação Flamenga, que succedeo no lugar do insigne Mangem 1.º Abridor da Casa da Moeda, com o ordenado de 480$000 réis, e as Obras pagas, cujo lugar inda não foi provido depois da sua morte, que foi por 1812 tendo 85 annos de idade. Simão Francisco ficou suprindo este emprego, mas sem augmento no ordenado, que já tinha de 200$ réis annuaes, casas para assistir, e as Obras pagas separada-

mente. Em 1802, por desenho do Sequeira, abrirão, José Gaspar, Antonio José do Valle, Xavier de Figueiredo, e Simão Francisco o punção do retrato do Principe Regente para as peças, e medalhões de bronze. Este habil Artista tem feito, alêm das Obras da Casa da Moeda, grande numero de outras, tanto em metaes como em pedras finas para a maior parte dos grandes do Reino, e para os Tribunaes da Corte; e mesmo até para os Reinos Estrangeiros, tem aberto muitas Armas, Escudos, e Sellos. São seus discipulos Caetano Alberto Nunes de Almeida, Luiz Gonzaga Pereira, e Domingos Antonio Candido.

Joaquim Carneiro da Silva.

Já dissemos em outro lugar, que o desastrado fim da nossa gente em Africa seguido de huma especie de captiveiro de 60 annos, e das guerras da Restauração, e Successão obstou muito aos progressos das boas Artes; a da gravura de estampas foi huma das que menos florecerão; e que só depois da Paz de Utrechk em 1715 cuidou o Senhor D. João o 5.º em animar as Artes, e Sciencias. Em 1720 fundou elle a Academia Real da Historia; e em 22 a Academia Problematica de Geometria em Setubal. Estas fundações requerião Gravadores de estampas, e vierão para isso alguns Gravadores estrangeiros por intervenção de D. João da Silva, Conde de Tarouca, Embaixador na Haya. Gabriel Francisco Luiz Debrié era Francez, gravou muitas pranchas para a Historia Geneleogica, e em 1739

abrio os retratos do Rei e da Rainha que Ranc havia pintado. Teve hum filho nascido em Lisboa tambem Gravador.

Francisco Harrewyn, Abridor Regio em Bruxellas gravou os retratos dos Senhores D. João o 4.º, D. Affonso 6.º, D. Pedro 2.º, e D. João o 5.º em corpos inteiros.

Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus, da Provincia do Brasil abrio huma estampa da Natividade com boa maneira.

Francisco Vieira, e Quilhard tambem gravarão bastantes chapas, e o 2.º abrio huma náo que foi ao mar em 1727 com todo o povo dentro, e fóra della, e o mesmo Rei, a quem a dedicou. Era gravada no estilo de le Clerc. Fez outra chapa igualmente laboriosa da marcha funebre do Duque de Cadaval.

Rochefort, e Miguel Le Boiteux tambem forão aqui empregados, do 1.º temos o Baptista de D. João o 5.º, e do 2.º a fachada de Mafra em estampa de 4 palmos aberta em 1752. Depois disso alguns Portuguezes se applicarão á gravura, os Rochas, pae, e filho; Padrão; e João Silverio Carpinchi, seu discipulo, que abrio os retratos do Senhor D. José 1.º, e da Senhora Rainha D. Marianna Victoria: Jeronimo de Barros, o Cavalleiro Faria, grande desenhador á penna, abrio a agua forte hum bello Santo Antonio pregando aos peixes. Francisco Vieira Portuense, José Lucio, e outros muitos.

Em 1769 se estabeleceo em Lisboa huma Aula de gravura, addita á Impressão Regia, dirigida por Joaquim Carneiro da Silva, natural do Porto, onde vio a luz em 1727. Era lavrante: foi de 12 annos para o Rio de Janeiro, e alli aprendeo a desenhar com João Gomes, natural de Lisboa,

abridor de cunhos da Casa da Moeda: Amava a musica, e tocava frauta, achando-se frequentemente em concertos de instrumentos com João Henriques de Sousa, que depois veio a ser Thesoureiro Mór do Erario. Tendo estado alli 17 annos veio para Lisboa em 1756, no anno seguinte foi para Roma, e frequentou para o desenho a escolla de Ludovico Sterni, que era bom Pintor. Em 1760 mandou o nosso Ministro D. Francisco d'Almeida por Ordem Regia a todos os Portuguezes que sahissem de Roma. Elle foi então para Florença acabar os seus estudos, e não acceitou hum lugar na Casa da Moeda, que o Marquez de Pombal lhe offerecia.

Entrando para a Impressão Regia, como fica dito, teve 400$000 réis de ordenado, e huma gratificação de 100$000 réis por cada discipulo aproveitado que ensinasse; ensinou Antonio Sisenando, que endoudeceo em Roma; Ventura da Silva seu sobrinho. Gaspar Froes Machado, Eleuterio Manoel de Barros: Nicoláo José Baptista Cordeiro, que se applicou depois á pintura, e morreo tisico em fresca idade: Joaquim José Ramalho, que morreo moço em 1795, sendo tambem Pintor: José Galdino de Mattos começava a florecer quando por paixão de ciume se matou com hum boril. Manoel da Silva Godinho que gravou muitas estampinhas devotas; José Pedro Xavier, filho de Januario Antonio Xavier, bom Gravador de letra, não proseguio, e foi servir no exercito, hoje he Tenente Coronel da Brigada Real.

Quando Ponzoni, que era Mestre de desenho no Collegio dos Nobres, se retirou ficou Joaquim Carneiro em seu lugar com 60 moedas. Fez os Estatutos para a Aula Regia do desenho, que se abrio em... sendo Director do estudo

..

de figura Joaquim Manoel da Rocha, e de Architectura José da Costa: Joaquim Carneiro foi substituto de Rocha com 200$000 réis. Por morte de Rocha em... succedeo-lhe Eleuterio Manoel de Barros, que leu na Aula até 1811: então, impossibilitado por molestia, foi substituido por Faustino José Rodrigues. O lugar de José da Costa he occupado pelo seu discipulo Germano.

Joaquim Carneiro, logo que veio, (seria por 62), abrio hum S. José em pé com o menino ao cóllo. Em 67 fez a Senhora do Rosario no estilo de Maratte, em 75 gravou a Estatua Equestre em chapa de 3 palmos, e fez muitas outras cousas antes, e depois. Desenhou as setenta e tantas estampas para a Arte de Picaria de Manoel Carlos de Carvalho, abrio muitas aqui, e foi a Madrid para fazer gravar as outras. Acabada a Obra em 90 voltou a Lisboa. Fez o retrato do Principe D. José, algumas estampas, copias de invenções da Senhora Princeza do Brasil, viuva, e da Senhora Infanta D. Marianna. Antes de ir para Madrid demittio-se da Aula da gravura que ficou anniquilada.

Traduzio do Francez Elementos de Geometria de Mr. Clairaut. Lisboa 1772. Tratado Theorico das Letras Typograficas 1802. *O dia, a noute, e o crepusculo*, M. S., e outros. Fez muitos, e bellos desenhos a lapis, á penna, á tinta da China, e a bistre, a Acclamação da Senhora D. Maria 1.ª de 5 palmos, está na Collecção de Borba; e a Embaixada da Polonia ao Papa na de Pilar. Morreo em 28 de Outubro de 1818 com 91 annos de idade, Jaz no Convento do Carmo.

Gaspar Frois Machado.

De Santarem: era irmão 10 annos mais moço de Francisco Leal. Começou a estudar na escolla de Giusti em Mafra, e proseguio por tempo de 4 annos: depois esteve na Fabrica das caixas, e por fim hum Padre leigo de Mafra, Fr. Antonio de S. Joaquim o introduzio em casa de Estevão Pinto; o qual vendo que desenhava bem o fez entrar na Aula da Gravura de Joaquim Carneiro aberta de novo. Alli adiantou-se muito, e ganhou o 1.º premio. Pelos annos 1780, Pagliarina que se tinha aqui refugiado, pelo crime capital de imprimir em Roma, sem licença, a Tentativa Theologica obteve o perdão, tornou para Roma, e levou comsigo o Gaspar; porêm tendo-o lá desamparou-o. D. Diogo de Noronha o recebeo em sua casa. Poz-se a estudar com fervor, e proveito na escolla de Volpato; quando voltou conduzio alguns paineis de Batoni para o Real Convento da Estrella, e o seu Mecenas o recommendou a seu pae o Marquez d'Angeja. Sua Magestade; (porque elle lhe disse que não tinha casa em Lisboa), o mandou para a Casa de Pasto da Piemonteza, pagando 1$200 réis por dia, os quaes requereo elle depois, e obteve, como pensão.

Gravou o retrato da Rainha, pintado por Hickey, em chapa grande. Abrio em 1793 tambem em grande prancha huma alegoria composta por seu irmão Francisco Leal, e representava Suas Magestades no throno, o Anjo Tutelar ao lado do Rei, então Principe Regente, apresentando a Serenissima Senhora D. Maria Thereza, recemnascida á

Lusitania, que a recebe com respeito, e ternura, em quanto o Tejo a contempla com muito prazer. Elle distribuio as estampas pelos Senhores da Corte, que as receberão com applauso.

Tambem gravou a Torre de Belêm que Niel offereceo ao Duque de Alafões em 1783; e offereceo-a ao seu Patrono D. Diogo de Noronha, depois Conde de Villa Verde. D. Rodrigo de Sousa Coutinho o persuadio a que fosse a Inglaterra acabar de se aperfeiçoar com Bartolozzi. A este tempo era elle já casado com a filha de Francisco Manoel Pires, o que estampou a Estatua Equestre, e conseguio que ficasse á mulher a pensão dos 400$000 réis, e obteve para si 2$400 réis cada dia, e 100 moedas de ajuda de custo. Partio em 1796, e desgraçadamente naufragou, sem se saber como, nem aonde, tendo vivido só 37 annos ou pouco mais.

Antonio Fernandes Rodrigues.

Nasceo na Cidade de Marianna no Brasil de hum pae Portuguez, e de huma sua crioula, cousa muito usada naquelles paizes. Estudou no Rio de Janeiro a grammatica latina com seu Tio o Padre José Fernandes, Jesuita; a Musica com o Mestre Antonio do Carmo; e o desenho com João Gomes Baptista Abridor de Cunhos, que tambem o ensinou a modelar. Em 1758 veio a Lisboa, e no anno seguinte passou a Roma aonde teve por Mestre Filippe de la Valle, Escultor, até que em 3 de Julho de 1760 mandou o Ministro de Portugal que sahissem de Roma os Portu-

guezes. Publicou-se no Almanach, como he costume, o numero dos estudantes da Arte de todas as Nações, em grande numero; mas de Portugal, dizia elle, trez, e não mais, e pensionados de sua casa. Os trez erão elle, Joaquim Carneiro da Silva, e Felis José da Rocha, Pintor de miniaturas, natural da Bahia. Todos trez partirão para Florença, aonde elle Fernandes se applicou a desenhar figuras, e architectura. Veio de todo para Lisboa em 62 aonde servio o Publico como Gravador, e Archictecto. Fez o risco para a Igreja de S. Vicente da Cidade da Guarda. Inventou, e desenhou o elogio ao Marquez de Pombal que foi gravado em França por Stefano Tassard. Diogo Ignacio de Pina Manique querendo abrir huma Aula de desenho na Casa Pia do Castello o convidou para a dirigir, e fez-se a abertura della em 23 de Abril de 1781, vencendo por isso 300$000 réis. Esta Aula ficou extincta pela invasão dos Francezes em 807, e Antonio Fernandes morreo em 17 de Maio de 1804, tendo quasi 80 annos de idade.

Francisco Bartolozzi.

Franco, e bravo desenhador, como diz João Gori Gandellini, e qualquer o póde vêr nas suas obras. Nasceo em Florença pelos annos de 1727. Foi discipulo de Wagner, e gravou em Veneza, e em outros lugares da Italia grande numero de chapas todas limpas, e agradaveis, mas com differentes gráos de merecimento.

Em 62 foi para Londres aonde executou muitos pensa-

mentos da Angelica Kauffmann, de Vieira Portuense, e de outros; algumas destas obras são assás triviaes, outras de grande mestre. Entrão no numero das melhores Achilles, a morte de Lord Chatham, e o Viriato de Vieira dedicado a Sua Magestade. D. Rodrigo de Sousa Coutinho tendo a inspecção da Officina Regia quiz fazer huma magnifica edicção dos Lusiadas de Camões, e para esse fim attrahio a Lisboa o nosso Bartolozzi em 1802 com 600$000 réis de pensão, casas, e obras pagas; e renovou com elle a escola de gravura que estava extincta pela demissão de Joaquim Carneiro. Francisco Vieira fez muitos esbocetos pintados a oleo para as estampas da dita obra, e erão bem compostos; mas tendo-se D. Rodrigo demittido dos seus empregos, tudo ficou sem effeito.

Quando Napoleão quiz estampar o grande Museu da França, fructo das suas rapinas, repartio a gravura das estampas pelos melhores incisores da Europa. Bartolozzi gravou a morte dos Innocentes do Guido, obra de grande magisterio. Abrio tambem o retrato delElRei Nosso Senhor pintado pelo Pellegrini. A ultima obra que fez foi a Procissão das Sagradas Formas de Claudio Coelho.

Teve por discipulos, Domingos José da Silva, natural de Lisboa, que primeiro estudou o desenho na Aula de Eleuterio Manoel de Barros, o qual tambem lhe deo lições de pintura, depois applicou-se á gravura com Joaquim Carneiro, d'onde passou em 1805, ou 6 para discipulo de Bartolozzi, até ao tempo da sua morte, ficando recebendo a pensão annual de 170 e tantos mil réis que lhe foi concedida para estudar. Este artista vive com seu irmão Simão Francisco dos Santos, Abridor da Casa da Moeda, de quem já fizemos

menção. Domingos José abrio hum quadro de Nossa Senhora de Carlos Maratte dedicado a Araujo, então Ministro da Guerra. Hum Santo Antonio de invenção de Pedro Alexandrino, o qual foi dedicado a Sua Magestade, então Principe Regente. O retrato do Bispo Inquisidor. Algumas chapas para os Breviarios, impressos na Impressão Regia. O retrato do Padre José Agostinho para o seu Livro, e outras cousas mais: pinta tambem a oleo, e em miniatura.

João Vicente Priaz regressou ao Piemonte, patria de seu pae. Theodoro Antonio de Lima, natural de Lisboa apprendeo com o Figueiredo na Fundição, e depois com Bartolozzi, he substituto da Aula do desenho no Collegio dos Nobres.

Antonio Maria de Oliveira Monteiro, natural de Lisboa, estudou o desenho na Aula de Eleuterio, e dahi passou para discipulo de Bartolozzi.

Francisco Thomaz de Almeida, natural de Lisboa, passou da Aula da Fundição onde apprendeo o desenho, para discipulo de Bartolozzi, está empregado na Impressão Regia.

Francisco Antonio da Silva, applicou-se á pintura.

Francisco Bartolozzi terminou a sua longa, e illustre carreira em Lisboa no anno de 1815 com 88 de idade.

O Coxinho.

Assim chama o vulgo a José Lucio da Costa, natural de Lisboa, nascido em 1763, o qual aos 9 annos de sua idade

foi estudar o desenho na Aula de Joaquim Manoel da Rocha até aos 14 annos, a cuja idade seu pae o passou para a Aula do Calhariz, a fim de se applicar á Sciencia de Mathematica, Engenharia, e Fortificação; porêm, andando nestes estudos teve a infelicidade de huma paralesia na perna esquerda, que apezar das grandes diligencias de seu pae, e dos muitos remedios que se lhe applicarão os mais habeis facultativos, ficou coxo da dita perna. Vendo-se por este motivo inhabilitado a proseguir os seus estudos de Engenharia, principiou por curiosidade a abrir algumas estampas; e como a natureza o tinha dotado de muita habilidade, ellas forão recebidas com tal acceitação, que principiou a fazer profissão de Abridor de chapa; fazendo todas as Obras de gravura para a Secretaria dos Negocios da Guerra; todas as da Biblia de Jorge Bertrand; as chapas das Obras de Joaquim Machado, Escultor da chapa de S. Lucas para as Patentes dos Irmãos daquella confraria, e muitas outras mais; não fallando nos retratos para medalhas, caixas, e anneis feitos por elle á miniatura; assim como tudo que he mechanismo, porque tudo faz, e com tal presteza como se tivesse muita pratica.

Nicoláo José Correa, e Manoel Luiz Rodrigues Vianna, tambem são Abridores do mesmo tempo, naturaes de Lisboa, e discipulos do Figueiredo, em a Aula da Fundição, da qual o 1.º sahio por Aviso de D. Rodrigo, para a Officina do Padre Vellozo ao Arco do Cego: desta passou para a Impressão Regia, e morreo em 11 de Dezembro de 1814. O 2.º existe na mesma Impressão Regia.

Gregorio Francisco Queirós.

Natural desta Corte, teve por 1.º Mestre em desenho, e gravura d'agua forte Jeronimo de Barros Ferreira. Em 1796 foi pensionado da Corte para Londres com 600$000 réis annuaes, e alli esteve 3 annos como discipulo de Bartolozzi, e outros 3, dirigindo elle mesmo os seus estudos. A Junta Provisoria suspendeo as pensões aos que estavão fóra do Reino; mas D. Rodrigo, Conde de Cavalleiros, e seu filho D. Gregorio, que o protegião, lha continuarão generosamente por 3 annos, até que foi chamado com Bartolozzi para ser seu substituto, com 600$000 réis de ordenado, e Obras pagas.

Muitas são as chapas que gravou em Inglaterra, e tem gravado em Lisboa, sendo huma das mais laboriosas a da sôpa economica, que se distribuia aos emigrados das Provincias por ordem do Governo, no tempo da invasão de Massena.

Eleuterio Manoel de Barros.

Nascido tambem nesta Cidade, frequentou a Aula de gravura de Joaquim Carneiro da Silva, e abrio muito bem algumas estampas para os Missaes. Passou a Roma, aonde teve por Mestre o mesmo Ludovico Esterni, que o fôra do dito Silva. Alli esteve em casa do nosso Ministro Almada, para quem levou recomendação de Soror Maria Magdalena,

Irmã do Marquez de Pombal, e Religiosa no Convento de Santa Joanna. Quando veio conduzio o painel de Batoni do Coração de Jesus para a Basilica da Estrella, em cujo Convento ha hum painel seu de Elias deitando a capa a Eliseu: Obra que foi criticada por Manoel de Mattos, e deffendida em parte por huma apologia de Joaquim Carneiro. Fez os desenhos para os tectos da casa nobre de João Ferreira, executados por Francisco de Setubal, Domingos de Sequeira, Joaquim José Bugre, e outros. Entrou como hum dos Directores na Academia do nú aos Camillos. Por morte de Joaquim Manoel da Rocha, succedeo-lhe no lugar de Lente da Aula do Desenho, até que sendo atacado de paralesia foi substituido por Faustino José Rodrigues, conservando-lhe Sua Magestade, todo o ordenado.

João Caetano Rivara.

Sendo filho de estrangeiros nasceo em Lisboa, aonde frequentou a Aula do Castello. Foi para Roma em 1788 pensionado pela Intendencia, e alli por 3 annos foi escolar de Labruzzi. Passou depois para a Escola de Pedro Vitali, Veneziano, frequentando tambêm o estudo de Volpato, Gravador famoso. Rivara gravou huma Sacra Familia do Ticiano de palmo e meio, dous ouvados de Teniers representando hum pastor, e huma pastora, em meios corpos; o busto de Antenori em ovado pequeno &c. Voltou a Lisboa em 99, e depois foi a Londres estudar com Bartolozzi, tendo de pensão 600$000 réis. Alli gravou os retratos da

Senhora Rainha, e do Principe Regente de Portugal. Seguio o estilo de Strange, e nesse mesmo estilo desenhou á penna hum Fauno, e huma Bachante, que estiverão no gabinete do Secretario de Estado, Antonio de Araujo e Azevedo. Em 1803 regressou a Lisboa, e foi ser Professor de gravura no Jardim Botanico, aonde tem aberto plantas, e outros objectos de Historia Natural.

Antonio Sisenando.

Foi em Lisboa discipulo de Joaquim Carneiro, e em 1788 indo para Roma pensionado pela Intendencia teve por Mestre Labruzzi. Em 90 enviou ao Intendente em desenho o Jeremias do Guercino da Galaria Altieri. Endoudeceo em 91 estando para entrar na escola de Volpato, e no anno seguinte foi reconduzido a Lisboa.

Manoel Marques d'Aguillar.

Na Cidade do Porto se estabeleceo huma sorte de Academia, ou Aula de desenho pelos fins do reinado do Senhor D. José, sustentada pela Companhia dos vinhos, sendo o seu primeiro Director Antonio Fernandes Jacome, natural de entre Douro e Minho, o qual tinha feito em Roma os seus estudos. Succedeo-lhe Francisco Vieira na direcção della, e nessa occasião recitou hum breve discurso, que se

estampou na Impressão Regia em 1803. Lembra nelle o Author muitas das utilidades do desenho, e pintura, e o quanto importa ao Pintor ser sabio, e erudito: attribue a falta que temos tido de grandes Artistas ao não haver escolas fornecidas de muitos, e bons exemplares; e de nenhuma sorte á dos talentos naturaes. Agora espera grandes resultados desta feliz combinação &c.

Nesta escola estudou Manoel Marques de Aguillar até o anno 1793, e depois partio para Londres com huma pensão de 600$000 réis para estudar a pratica da gravura com Thomaz Milton, parente do Poeta, o qual abria muito bem paisagens, e figuras. Voltou em 96 ou 97, e foi pensionado com 480$000 réis para no Jardim Botanico fazer costumes da Asia, e objectos de Historia Natural. Gravou tambem os retratos de Suas Magestades. Nasceo na mesma Cidade do Porto em 1767 ou 1768.

Jose' Teixeira Barreto.

Tambem nasceo no Porto pelos annos 1767, Tendo 15 annos tomou o habito dos Benedictinos no Convento de Tibaens, e com elle o nome de Fr. José da Apresentação. Quatro annos depois passou para S. Bento da Saude de Lisboa, e os Prelados o mandarão á Aula do Rocha estudar o desenho; e em 1790 o inviarão a Roma, aonde foi discipulo de José Cadiz, e de Mr. Gagneraux, Pintor de Historia, pensionado Francez, que se havia alli estabelecido. Por intervenção de D. Alexandre de Sousa secularisou-se

em 91. Applicou-se então á gravura, e abrio, só em contornos as estampas para *Scherzzi poetici de Rossi;* e por paineis de sua invenção gravou Moyses nas aguas; a mulher de Dario diante de Alexandre; o repouso do Egypto; Venus com algumas Nimfas; &c. &c. Veio em 97, e 8 annos depois pela morte de Vieira, succedeo-lhe no lugar de Director da Academia Portuense. Pelo seu falecimento subio á Cadeira o seu substituto Raimundo, e foi admittido como substituto, João Baptista hum dos Alumnos da mesma Escola.

Benjamin Comte.

Nasceo em Payerne na Suissa pelos annos 1760. Estudou em Londres na Escola de João Landseer, Gravador do Rei, e applicou-se aos generos da paisagem, e da architectura. Em 1806 por intervenção de D. Rodrigo de Sousa Coutinho foi chamado á Corte de Lisboa com 500$000 réis de ordenado. Aqui tem gravado dous grandes, e bellos arvoredos, em hum dos quaes está Narciso vendo-se nas aguas, e no outro Leda; pensamentos ambos de Vieira Portuense. Abrio tambem o Prospecto do Convento da Batalha, e outras cousas.

Faustino Jose' Rodrigues.

He natural de Lisboa, e frequentou a Aula de Joaquim Machado de Castro, e foi declarado por seu Mestre, de

maneira authentica, pelo mais benemerito de todos os seus discipulos: tambem intentou, e conseguio que elle fosse seu substituto na mesma Aula. O mesmo Joaquim Machado não se dedignou de pôr o seu nome no busto de marmore do Duque de Alafões, que elle esculpio para a Academia das Sciencias. Tambem fez o retrato do Senhor Infante D. Pedro Carlos para o seu Mausoléo que foi para o Rio de Janeiro. O retrato da Senhora Rainha D. Maria, Primeira, que se acha em huma piramede colocada no Campo de Ourique em memoria da grande Batalha que ali se deo. Fez tambem a Pia Baptismal; e outras muitas obras para os Senhores Marquezes de Bellas, e de Borba. Não só tem feito Obras de Escultura, mas tambem de Pintura, e com boa acceitação. Quando Eleuterio Manoel de Barros soffreo o insulto da paralesia, elle foi substituir o seu lugar de Lente da Aula do Desenho.

Conta actualmente 60 annos de idade, e 46 de applicação á Arte.

João Teixeira Pinto.

Natural desta Cidade de Lisboa, logo nos annos de sua infancia deo signaes de ter genio, e gosto para a Pintura, e Escultura, começando a copiar estampas, modelando, e applicando-se em Obras de Escultura; de maneira, que a sua habilidade o fez Artista conhecido do Publico, sendo chamado para trabalhar em muitas Obras de Escultura, principalmente para a Casa Real, para a qual fez hum S. Pedro de Alcantra, e hum S. Miguel, ambos de prata,

para os Baptisados do Principe D. Pedro de Alcantra e do Infante D. Miguel. Tambem trabalhou nas Banquetas de prata para os Oratorios de Suas Magestades. Entrou por Ajudante na Aula de Escultura de Joaquim Machado. Fez algumas cousas no Palacio de Queluz no tempo de El-Rei D. Pedro, e presentemente está trabalhando no novo Palacio de Nossa Senhora da Ajuda.

MEMORIAS CONCERNENTES

A' VIDA E ALGUMAS OBRAS

DE

CYRILLO VOLKMAR MACHADO,

ESCRIPTAS POR ELLE MESMO.

Eu amo a Nobreza, mas não tive a vantagem de nascer nobre. Meu Pae aprendeo, e professou a Arte da Cirurgia, e os seus parentes nada mais erão que honrados lavradores do termo de Setubal; alguns dos quaes servirão com boa reputação na Camara daquella Villa, alguns seguirão os postos Militares, outros em fim se dedicarão ás funções Sacerdotaes. Elle estabeleceo-se em Lisboa aonde casou; e eu fui o 4.º dos seus 6 filhos, tendo nascido em 9 de Julho de 1748. Fui baptisado na Freguezia de S. Nicoláo. O seu intento era fazerme entrar na Aula do Commercio, cousa em que eu convinha, só por condescendencia, porque o meu genio propendia para a pintura, com huma força irresistivel.

Ficando orfão consegui que meu tio João Pedro Volkmar quizesse ensinarme a Arte, e appliqueime a ella de dia, e

de noute, com huma especie de furor, que me tolhia o somno. Em muito pouco tempo desenhei grande numero de estampas, parte das quaes forão tambem copiadas por Joaquina Isabel, a ultima de minhas irmãs; porque he naturalmente dotada de talento rarissimo para a imitação, tanto em desenho, como em pintura.

Passei a colorir; e quando me pareceo, que tinha copiado bastantes quadros, desejei inventar, este desejo era intempestivo, mas eu não o podia conter; fiz diversas tentativas, que só servirão para darme a entender as difficuldades da empreza. Ellas com tudo não me desanimárão inteiramente, antes fizerão augmentar a vontade que já tinha de ir a Roma. Em tanto com alguma habilidade natural, e pouca sabedoria, fiz bastante fortuna; pintei a tempera, a fresco, a oleo, e de aguarelas sobre panno branco; fiz grandes, e pequenos paineis em Igrejas, Palacios, e edificios publicos, não só em Lisboa, mas nas Provincias; pintei Carruagens ricas; huma das quaes foi para o Senhor Rei D. José. Tambem em casa de Parodi copiei, e vesti retratos, e depois tirei alguns pelo natural.

Como o ocio total fosse incompativel com o meu genio, appliqueime nas horas vagas á leitura, á dança, e á musica, frequentando os Theatros, e honestas sociedades; grangiei bons amigos, mesmo entre a classe das gentes distintas, que nos bellos dias do anno me convidavão, e conduzião, para ir gozar o recreio, e toda a sorte de bons tratamentos nas suas quintas, e casas de prazer.

No melhor desta serie de agradaveis passatempos, quiz o destino, que eu me fosse incautamente enredar em hum daquelles encantadores laços, que a juventude parece não

ser capaz de evitar senão por milagre; sendo o resultado, tomar eu huma prompta resolução de partir para Roma. Passei por Evora aonde fui generosamente hospedado por João de Mesquita: alli me demorei sempre occupado, 14 ou 15 mezes, e demorarme-ia muitos mais se quizesse acceitar as encommendas que se me offerecião; não só naquella Cidade, mas tambem em outras povoações da mesma Provincia. De Evora transporteime a Sevilha, aonde, a requerimento do Intendente da Policia Francisco Xavier Larumbe, se havia eregido huma Academia de Desenho dotada pelo Rei, tendo por Director Geral D. Pedro del Pozzo, Pintor parente do dito Larumbe, que era Fiscal. Os Pintores D. João de Espinal [1] D. Francisco Ximenes e D. Francisco Cano, e alguns Escultores dirigião os estudos do desenho. Alli debuxei o nû pela 1.ª vez, e estudei os Elementos de Euclides com D. Pedro Miguel, que era o Director da Geometria. Depois de passar o inverno naquella Cidade, que he huma das mais consideraveis da Hespanha, e em cujas Igrejas se admirão as Obras de Murillo, e de outros famosos Pintores, conduzime a Cadiz, aonde encontrei Fr. Antonio Cotrin, Monge de Alcobaça, e Fr. Alexandre, Padre de Brancanes, depois Bispo de Malaca, e em fim de Angra. Todos tres embarcamos para Genova, e dalli para Liorne, aonde tomamos Caleças para Roma.

O que he Roma, a respeito das bellas Artes, pode-se vêr, e entender, mas não se sabe explicar. Alli me despedi

---

[1] Era o Pedro Alexandrino de Sevilha: Bermudes falla nelle.

de todos os outros divertimentos para me entregar inteiramente aos da minha profissão; e para meus directores em pintura, e architectura elegi os Mestres dos maiores Mestres; isto he, Rafael, o Antigo, a Natureza, e as Ruinas da antiga Roma; sem desprezar as advertencias dos mais, e menos sabios quando ellas me parecião acertadas. Apezar da minha assiduidade ao trabalho; o tempo me deixou vêr, que para conseguir o meu desejo era preciso ter pensão, e protecção da Corte; e voltei a Lisboa para vêr se as alcançava.

Chegado a esta Capital no Outubro de 1777 fui convidado pelo Bispo de Coimbra, Reitor da Universidade, para me empregar nas Obras de que elle podia dispor, tanto de pintura, como de architectura, promettendome tambem solicitar a meu favor a Cadeira destas Artes, que estava vaga. Eu não acceitei, mas annuí a outro convite que me erão fiz os meus amigos de Alemtejo, e occupeime em Evora, e Elvas até o S. João de 79. Logo que voltei a casa fui atacado de cezões: no tempo da convalescença tratei da erecção da Academia do nû a S. José; requeri, por intervenção do Marquez d'Angeja, a 2.ª viagem de Roma, a qual não consegui pela não saber solicitar com efficacia. Sem perder a esperança, fui acceitando as encommendas, que se me fazião, e não tive razão para me queixar da fortuna, antes admirei o capricho com que ella me fez sustentar a concorrencia com o celebre Pedro Alexandrino. Pintei carruagens riquissimas para a Casa Real, tectos, e paineis nas Igrejas, Palacios, e casas nobres como a de Domingos Mendes, Bandeira, Devisme &c. Em hum dos tectos de Quintela figurei, entre muitas, e varias composi-

ções, o Concilio dos Deoses, de Camões, sobre o Imperio dos Portuguezes na Asia: o instante que escolhi foi o do fim do Concilio. Em quanto os outros Deoses se vão retirando Venus de joelhos agradece ao seu Omnipotente Pae o favor que quer fazer aos Lusitanos, e recebe delle hum beijo tão expressivo como o que o mesmo Jove deo no Cupido, pintado pelo insigne Rafael no Palacio de Farneze. Bacho cheio de furor, apertando a barba com a mão faz huma despedida ameaçadora, e o travesso filho da Deosa para mais o irritar movendo circularmente a mãosinha direita sobre a esquerda lhe diz que hade remoer.

Nos tectos do Palacio da Senhora Marqueza de Bellas, pintei o Valor Portuguez, a Idade de ouro, o triunfo das Artes, e tantos outros objectos, que forão elegantemente descriptos pelo Padre Caldas, Secretario da mesma Excellentissima Senhora. [1] No Paço do Duque de Alafões executei varios pensamentos poeticos de sua invenção, recebendo daquelle generoso Principe affaveis modos, attenções, e liberalidades, franqueando-me casa, cama, mesa, moços, e carruagem effectiva. No do Marquez de Loulé colori entre muitas cousas, o grande Salão em cujo tecto figurei hum baile dos Deoses. No da escada fingi huma especie de varanda octagona pintada na concavidade, ou huma meia esfera, que era notavel pelo desmancho da superficie. Para o Theatro fiz scenarios, estatuas, figuras coloridas, e pannos

---

[1] Confessem aqui a verdade e a gratidão as urbanas attenções, amizade, e protecção, que sempre devi ao Senhor Regedor, e a toda a sua illustre Familia.

de embocadura, comprehendido tambem o do novo Theatro de S. Carlos quando se abrio em 87. O Gaspar, sendo Architecto decorador no Theatro do Salitre, e indo para os banhos das Caldas, supri a rogos seus o seu lugar, e fiz o templo para Sezostres, com a fortuna de ser extraordinariamente applaudido todas as vezes que appareceo, que forão muitas. No anno seguinte, para a dança de Marafe, compuz e executei a derrota de Dario, que foi muito bem acceita.

Risquei tambem varios projectos de architectura civil, sendo o mais consideravel de todos o do Palacio da Relação, e Cadea, e tive em recompensa, e por grande mercê huma pensão de 720$000 réis a titulo de Pintor de S. A. R., pagos pela folha de Mafra [1]; obtive tambem a licença que pedi para ali fazer algumas pinturas; por cujo motivo se me deu hum quarto no Palacio, hum Servente, e hum Ajudante &c. Transportado áquella real Villa em Maio de 1796 fui pintando alguns tectos, cuja descripção não cabe na brevidade destas memorias: só direi, que quando fiz o Phaetonte, tive em vistas o precipicio que parecia estar destinado a hum mancebo menos illustre que o filho do Sol; mas tão audaz como elle até áquelle tempo.

---

[1] Até áquelle tempo não se havia dado maior ordenado aos Pintores do Rei, nem mesmo ao insigne Vieira Lusitano; mas era dom gratuito, e quando se lhes pedia qualquer trabalho recebião por elle huma gratificação, depois derão-se a alguns mais avultadas pensões, sendo consideradas como recompensa das Obras que fizessem; cousas ambas praticadas na França, Hespanha, e outros Paizes da Europa para dar alento ás boas Artes.

Eu vivia tão solitario em Mafra [1] como hum anacoreta no seu eremitorio, e para bem passar as noutes entretinhame com os meus livros, e com os que me emprestava o Padre Bibliothecario, tendo para isso licença superior. Recopilei grande numero de Authores de Architectura, copiando o que havia mais interessante em cada hum, e comparando-os huns com os outros, de sorte que, sem ser esse o meu intento, vim a compor hum tratado, que se se publicasse poderia ser util aos principiantes, e servir tambem como promptuario aos mais avançados.

As encommendas continuavão, e inda que, segundo a pratica, eu as podesse acceitar, não o quiz fazer.

Em quanto eu me occupava em Mafra, foi Sua Magestade servido nomear Domingos Antonio de Sequeira, e Francisco Vieira para dirigirem, e executarem a melhor parte das pinturas no Paço da Ajuda; mas tendo Vieira falecido ficou só o seu collega: este fez para huma das sallas algumas passagens da historia de D. Affonso Henriques, as quaes forão com razão muito applaudidas: tambem fez alguns tectos que não tiverão a mesma fortuna, porque desagradarão a varias pessoas da Corte, e principalmente a João Diogo de Barros, depois Visconde de Santarem,

---

[1] Estando o Author em Mafra, foi convidado para ser Alumno da Sociedade Litteraria Tubeciana, estabelecida na Villa de Abrantes, composta de Varões conspicuos, da qual foi tambem Membro o Excellentissimo Senhor Filippe Ferreira de Araujo, actual Secretario dos Negocios do Reino.

Esta Sociedade tinha por objecto promover *o augmento, e melhoria das Sciencias, e das Artes.* Os Estatutos se imprimirão, e merecerão a Real Approvação em 31 de Julho de 1802.

inda que elle fosse muito amigo de Sequeira, e grande admirador dos seus raros talentos, de sorte que Manoel da Costa foi alli pintar hum tecto, e teve bastante applauso. No tempo da invasão tendo eu cahido em huma sorte de apathia fiz grandes diligencias por hum passaporte, e não o consegui; em tanto, para me distrahir, tracei humas taboas chronologicas, a fim de combinar, por meio dellas, a historia da Arte com a historia universal, e entender melhor as causas dos seus progressos, e decadencias.

Restaurado felizmente o Reino, o povo miudo de Belém se levantou contra o Sequeira, porque o suspeitava de inconfidencia: elle conseguio poder-se justificar, sem embargo disso, o dito João Diogo, sendo Fiscal da Obra do Palacio com poderes muito amplos, não o quiz admitir na pintura dos novos tectos, receando, que a rapaziada daquelles sitios o tornasse a insultar se alli apparecesse.

Em tanto restituido eu á Capital, depois d'huma ausencia de 10, ou 11 annos ainda achei no Publico a mesma disposição para me favorecer, fiz muitos paineis para Igrejas, e para os Theatros. [1] Em Setembro de 1808 tendo Manoel

---

[1] No meio de suas laboriosas occupações, não deixava applicar-se á leitura, principalmente dos livros proprios da sua profissão. Em 1810 publicou hum Opusculo intitulado — *as Honras da Pintura, Escultura, e Architectura* — obra, e composição do celebre João Pedro Bellori, e que verteu do Italiano para a nossa lingoagem. O Traductor lhe ajuntou eruditas annotações. No anno de M.DCCL XXXXIV. fez imprimir — *Conversações sobre a Pintura, Escultura, e Architectura* —. Escritas, e dedicadas aos Professores, e Amadores das Bellas Artes. Esta Obra he mui interessante aos Artistas, e as notas aonde reluz a erudição, o gosto, e huma critica judiciosa; nada ha mais, que desejar. Em 1817

Baptista de Paula, e toda a sociedade dos Actores Portuguezes festejado a Restauração com magnificas luminarias, pintei para ellas em grandes quadros transparentes, de huma parte a Inglaterra empunhando o Tridente, da outra a Hespanha incitando o Leão, e no centro, em painel muito maior, a Monarchia Lusitana, que opprimia com os pés a cabeça do Furor Revolucionario, já cingido com pezadas cadeas. Esta pintura foi copiada em desenho pelo filho de Felisberto, e aberta ao buril por Theodoro José de Lima, discipulo de Bartolozzi. Para a festa do Desagravo feita pela mesma sociedade na Igreja do Sacramento, cuja armação era riquissima, fiz hum painel oval de 12 palmos de alto, pintado a tempera, muitos espiritos celestes sustentavão, e adoravão a custodia, diante da qual tambem estava Lisia, porfunda, e amorosamente prostrada, em quanto hum Anjo vibrando a espada de fogo fulminava os sacrilegos, erão estes representados, 1.º pelo Atheismo que fazia grande, mas inutil esforço para despedaçar o Alpha, e o Omega; letras, que entrelaçadas, representão, como todos sabem, o Nome de Deos, 2.º pela Insurreição regicida, e pelo sacrilegio, que disparavão em vão contra o Ceo tiros de settas, e ballas, os quaes tornavão a cahir sobre as cabeças dos aggressores. Fiz outro grandissimo, transpa-

---

publicou — *Nova Academia da Pintura* —. Neste Opusculo dá o Author não só, huma idéa dos progressos, e aperfeiçoamento, que teve a Pintura d'esde o Século 11 até o Século 16, mas recopilou sobre a composição relativa, [como se explica o Author], ao grande Genero tudo quanto a este objecto se acha de mais interesse em grossos volumes. Em nenhuma destas obras accusou o seu nome.

rente, para o espectaculo que deu a Companhia em obsequio do Principe Regente de Inglaterra. Estava elle em pé, sobre as margens da sua Ilha, recebendo das mãos de Marte a espada, enviada por Jupiter, ao mesmo tempo, que os Deoses maritimos lhe rendião vassalagem. Tritão o abraçava pelos pés; as Nereidas lhe beijavão a mão; e Thetis lhe offerecia perolas, coraes, &c. Para outro apparato scenico, tambem em grande quadro transparente figurei os Desposorios de S. A. R. com o Senhor Infante D. Pedro Carlos. No panno de divisão para o grande Theatro, executei hum pensamento de Pato Monis, Poeta dramatico, em louvor do Lord Wellinghton. A oleo pintei 5 paineis dos Passos para o Algarve, hum quadro da Cea para S. Sebastião, e outros mais.

Em 1814 fui convidado pelo mesmo Inspector, Visconde de Santarêm, para executar, e dirigir varias pinturas no Palacio da Ajuda, e desde então tornei a regeitar as encommendas do Publico, que continuavão com bastante frequencia. Em hum dos tectos figurei a Aurora, esta figura foi pedida pelo Inspector, como annunciando a tornada do Sol, e com ella a felicidade publica seguida de abundancia. Em outra pintura para a Salla do Docel representei a saudade das filhas do Tejo mitigada pela presença da Real Familia, que regressava a esta Capital em maritimo triunfo. No quadro apparecia o Deos dos mares sentado em grande carroça de madre perola, cedendo nella o lugar de honra ao nosso Augusto Soberano, a quem conduzia, e a quem a Victoria punha a Coroa de louro na cabeça. O carro era puxado pelos Tritões, e Nereidas, e cortejado pelas Tagides, que fazião pura offerta ao Monarcha, dos seus corações.

O Tejo o recebe de joelhos, e muitas das suas Nymphas, humas o contemplão com pasmo, outras com acclamações. Seguia-se tambem em carro triunfal, a Excelsa Princeza vestida como Amazona, os Deoses, e Deosas do Mar, e do Tejo beijão-lhe a Real Mão, e exprimem a saudade que tinhão, e o ardente desejo com que esperavão tamanha felicidade. Mas ao longe começavão a apparecer diversos carros aonde vinhão outras Pessoas Reaes. Em 2 menores paineis aos lados deste, imaginei a America despedindo-se enternecida dos Augustos Viajantes, e a Lusitania estendendo alegre ambos seus braços para os receber. No meio do tecto está a Paz conseguida pelo valor heroico, ao redor della dançãó de mãos dadas, cheias de prazer as Artes do Desenho, da Poesia, Musica, Astronomia, &c. 8 por todas. Nas 4 sobre portas estão a Filosofia, a Medicina, o Commercio, e a Agricultura: no rodapé as Artes de Pallas. As figuras forão executadas por Joaquim Gregorio, e os ornatos por André Monteiro, e outros habeis ornatistas. Em quanto estas obras se executavão na Ajuda pelos meus desenhos, cartões, e esbocetos, pintei na minha casa em Lisboa as 8 sobreportas para a Salla do Docel, e acabei-as em 1817. Representão ellas as deprecações e votos, que fazem as filhas do Tejo ás Divindades maritimas para que sejão propicias, ao desejado regresso de Sua Magestade, figurado, como já disse, no triunfo maritimo.

Como as agoas das chuvas penetrassem alguns dos tectos, e detiriorassem as pinturas, que são feitas a tempera, o do dito triunfo padeceo bastante, e foi retocada por Joaquim Gregorio, e José da Cunha.

Tendo eu acabado as obras Reaes de que estava encar-

regado, o Publico constante sempre em me fazer favor, tornou a visitar-me, e entre outras requisições, tive a do Barão do Quintella que exigia 4 grandes paineis, sem preço limitado; mas o pezo dos meus dias já se deixava sobejamente sentir; e de todos os convites que se me fizerão só pude acceitar o do grande painel da Natividade de Nossa Senhora para a Real Collegiada de Alcaçova de Santarem, o de S. Bernardo, para a Capella do Commendador de Malta Bernardino Paez, em Mangoalde; e o de Santa Margarida de Cortona, em pequeno panno para o Thesoureiro Mór de Santa Maria d'Alcaçova de Santarem, com elles dei fim á minha carreira pinturesca, porque entrei a experimentar os tristes effeitos de huma enfermidade espasmodica, sobre a avançada idade de 70 annos.

Depois de relatar o favor, que devo ao Publico, e a Corte, seria ingrato senão confessase algumas das muitas mercês, que devo a Sua Magestade e a toda a Familia Real, apezar do meu modo pouco agradavel, e assás acanhado, porque em attenção aos meus annos sempre se dignou de me conceder hum dos primeiros lugares entre os meus dignissimos Collegas, em Mafra.

Eu levava os meus ordenados pelas folhas de Mafra, e por omissão do pagador estava em grande atrazamento ao tempo da retirada de Suas Magestades, e Altezas para o Brazil. Dos Francezes nada recebi, antes fui dimittido por elles, mas por Aviso Regio de 23 de Agosto de 1809 tornei a entrar na dita folha, e por outra Real Ordem recebi todos os atrazados, o que publico, porque faz honra ao Animo recto, e generoso de Sua Magestade, e a integridade do Excellentissimo Marquez de Borba.

Em virtude de outro Aviso Regio, remetido pela Repartição do Particular, com data de 15 de Maio de 1819, fui consultado sobre objectos de Pintura, e Architectura, relativos ao Real Palacio, em Conferencias de Artistas; presidindo a ellas o Illustrissimo Inspector.

Hum dos casos discutidos foi o remate da Fachada, que se está acabando da parte do levante: o meu parecer agradou, e foi executado em modelo, por ordem do Presidente.

A antiga composição formava hum contorno quasi quadrilatero; o da minha era piramidal: a Escultura que naquella estavà dispersa, nesta formava hum grupo composto de 5 estatuas, o Genio da boa Fama no cume de pequena piramide tocava o Clarim da Deosa; dous Genios da Victoria sustentavão o escudo das Armas Reaes, e o ornavão com palmas. Marte, e Bellona sentadas nos acroterios o enfeitavão com festonadas do laurel. O espaço que ficava entre as pilastras do meio, e fazia hum rectangulo de 20 palmos de alto por 25 de largo, era enrequecido com hum baixo-relevo, aonde se via o pertendido Anjo da Victoria ser expulso das margens do Téjo pelo Anjo tutelar da Nação Portugueza [1]. Este corpo central era coroado com hum pequeno frontão em proporção de circulo: a escultura foi modelada pelo Cavalleiro Barros com aquella agraça, e elegancia que lhe são peculiares; mas esta obra não agradou a todos os censores; huns não gostarão do

---

[1] Rafael executou semilhante pensamento no Attila, no Eliodoro, na Batalha de Coustantino.

pensamento della, outros da distribuição. Manoel Caetano disse que não era solida: eu nego, e elle affirma qual de nós se enganará?...

Concedido por Sua Magestade, tive por meu Ajudante nas Obras Reaes, de Mafra, e Ajuda, Bernardo Antonio d'Oliveira Goes, filho de Manoel Antonio Goes, natural do lugar da Lobageira Freguezia de S. Domingos da Fanga da Fé, termo da Villa de Torres Vedras: seu pae tambem foi Pintor de figura empregado pelo Marquez de Pombal na fabrica dos azulejos, da qual se retirou para as Provincias por desgosto de intrigas: pintou, em Torres Vedras na casa do Despacho da Irmandade dos Clerigos Pobres na Igreja de S. Pedro, os 4 Evangelistas na Villa da Ericeira, e em Mortagua existem obras suas; porêm depois que casou deu-se ao trabalho de cuidar nas suas fazendas, e em huma dizimaria que alcançou, por cujas occupações, se deixou totalmente da Arte. Era natural de Lisboa, baptisado na freguezia do Soccorro. Morreo em 1789, de idade de 54 annos. Jaz na sobredita Igreja de S. Domingos da Fanga da Fé. Deixou 10 filhos vivos, o meu Ajudante Bernardo Antonio foi o mais novo; e quando seu pae lhe faltou andava elle nos estudos do Latim; mas não podendo por morte de seu pae continuar aquelles estudos, veio para a Casa Pia, onde se applicou ao desenho da figura na Aula de Antonio Fernandes, em que deo mostras do genio natural para a pintura; porêm molestia do peito o fez abandonar aquelle estudo, sahindo no cabo de 9, ou 10 mezes para fóra da Casa Pia para hir tomar os ares patrios, e não tornando para a dita, se conservou 3 annos no Linhou ao pé de Cintra, e ali teve lições de hum Joaquim José da

Roxa, Pintor de ornatos, e escaiolas, e retirando-se para a Villa da Ericeira ahi pintou muitas casas a fresco, e huma Capella de Nossa Senhora do Carmo, onde o vierão convidar para a Villa de Torres Vedras, na qual tambem fez varias Obras, e huma dellas foi hum painel do Senhor com a Cruz ás Costas, para os Paços da paixão daquella Villa, painel que estava fazendo quando eu, em 1796, fui para Mafra; do que elle tendo a noticia, e conhecendo o quanto precisava de saber, e estudar n'uma Arte, que apenas tinha principiado, veio-me fallar a Mafra, e gostando eu do seu comportamento, gravidade, e maneiras, o aconselhei que requeresse: com effeito o Superintendente Rapozo, com consentimento de Sua Magestade, lhe concedeo o lugar de meu Ajudante, que até ao fazer destas Memorias, em que muito me tem ajudado nas indagações, lhe tem sido conservado, com justiça ao seu trabalho, e desempenho com que sempre tem servido.

Forão meus Discipulos.

João Baptista, Portuguez, era bom Desenhador, e Mathematico, empregou-se alguns annos nas pinturas dos tectos que fiz ao Regedor, Conde de Val de Reis, e ao Duque de Alafões: tambem se occupou muito tempo nas Carruagens do Rei. Assentou praça de Soldado no Regimento da Brigada Real: o Marquez de Bellas o occupou finalmente em outras pinturas, e conseguio que lhe dessem baixa: elle tinha entrado em huma vida muito regular sendo confessado dos Padres da Congregação do Oratorio. Falleceo ainda moço nos principios deste Século.

Thomás Antonio de Bulhões [1], natural de Lisboa empregou-se alguns annos debaixo da minha direcção nas mesmas obras: casou depois com a filha do Cavalleiro Alberto Magno, que tambem dirigia obras de pintura: com elle foi a Evora para executar algumas cousas deste genero, o que fez muito a contento dos curiosos, e Senhores daquelle paiz, aonde tem feito grande numero de Obras: ultimamente fez o grande quadro que appareceo na Casa da Camera daquella Cidade no dia 13 de Maio deste anno de 1821. A discripção podem vê-la os curiosos em hum dos numeros da Mnemosyne.

Joaquim Manoel da Silva, natural da Villa de Monte-mór, o Novo, principiou a apprender o Desenho na Aula Regia desta Cidade, e alli estudou 2 annos, e depois passou a apprender a Pintura na minha escolla, e por meu Conselho transportou-se a Roma onde se applicou no espaço de 4 annos e meio na Academia de S. Lucas, na qual era Professor Gaspar Landi. No fim do dito tempo regressou a esta Capital, onde tem feito algumas obras com boa acceitação, e foi empregado nas obras do Palacio d'Ajuda.

Ensinei mais alguns que se empregarão depois em cousas diversas.

*

De outros muitos poderiamos fazer menção, se circunstancias imperiosas não nos obrigassem a dar por acabada a nossa tarefa; porêm nomearei sómente os nomes de

---

[1] Morreo a 9 de Março de 1822, em Badajos, onde jaz sepultado.

alguns, aplicados ao genero de ornatos, quradraturas, flores, &c. &c. que vivem com boa reputação do publico; e são os seguintes.

Mauricio de Oliveira, e seu filho João de Deos; José Botelho, Santa Martha, Narciso, Marcelo José, Luiz Antonio, Leones, Luiz de Aguiar, e outros mais, que não nomeio pelas sobreditas circunstancias.

Finalizarão as Memorias de Cyrillo Volkmar Machado, as quaes elle não pôde limar, nem aperfeiçoar como algumas vezes nos asseverou. Todavia ellas dão bem a conhecer a instrucção, e profnndo saber, que o Author possuio na sua Arte. O estillo, e linguagem corrente em que estão concebidas dão bem a conhecer, que ao Escriptor não lhe faltava a lição dos nossos bons classicos: defeito ordinario em muitos Litteratos, principalmente nos Artistas mais versados em saberem manejar com destreza o pincel, do que a penna.

Entre as muitas virtudes e qualidades, que formavão o excellente caracter deste Artista podemos accrescentar caber-lhe em sorte hum genio suavissimo, pois o trato politico, e cortezão unido a huma conversação judiciosa lhe grangeárão a estima de muitos Sabios, e de pessoas da mais alta Gerarchia. Com tudo a inveja sempre perseguidora do solido, e verdadeiro merecimento não deixou a de assestar contra elle os seus tiros. Inimigo jurado da lisonja e adulação nunca procurou adoptar aquellas maneiras estudadas para insinuar-se no animo daquelles, que acreditando artificios estão todavia muito longe da verdade; pois se a fama deste grande Artista não se estendeu, e vulgarisou tanto, como a de alguns seus contemporaneos: não era

porque estes lhe fossem superiores, mas porque a Arte da impostura sempre lhe foi desconhecida.

Sensivel aos gritos da indigencia repartia a terça parte de seus ordenados por familias pobres, honestas, e recolhidas, e se nos fosse licito rasgar o veo do silencio mostrariamos provas inegaveis desta verdade, e só podemos affirmar, que a sua ardente caridade era discreta, e bem ordenada. Depois, que foi assaltado da molestia a mais doloroza, os ultimos quatro annos, que mediarão até á sua morte forão hum continuado martyrio. A natural inclinação, que temos ás bellas Artes nos ligou por muitos annos á amizade deste Insigne Professor. Muitas vezes o visitamos em sua longa enfermidade, e recebiamos as mais edificantes lições de huma resignação, e paciencia verdadeiramente christã, e só a Religião bem gravada em seu coração he quem poderia vigorar o seu soffrimento em tão longo padecer. Rendido á força de huma molestia penozissima, que os soccorros da medicina não poderão atalhar, as Artes o perderão em 12 de Abril de 1823 contando setenta e quatro annos de idade, o seu Cadaver jáz sepultado na Parochial Igreja do Coração de Jesus, possuidora de huma das melhores Obras do seu pincel, qual he o grande painel da Capella Mór, que pela invenção, desenho, beleza, e graça do Collorido seria para a posteridade hum dos maiores monumentos do merecimento de seu Author, quando não deixasse outras Obras, que igualmente imortalizão a sua memoria. O Editor.

FIM.

NOTAS

NOTAS

Grão Vasco, de Viseu

A notícia que acêrca dêste pintor insere Volkmar Machado, compendia todas as vagas informações que, em seu tempo, corriam a respeito do artista, e enumera a vasta série de quadros, ainda no comêço do século XIX atribuídos a Grão Vasco, de Viseu. Crítico de arte de seguro juízo e gôsto, sentindo a impossibilidade de um só autor ter produzido as centenas de obras cuja paternidade pródigamente era concedida ao artista viziense, Cyrilo Volkmar Machado resolveu a dificuldade guindando-o à categoria de chefe de escola, e, sem mais preocupações, relacionou a produção do mestre gótico e seus discípulos. Tal enumeração teve a vantagem de nos indicar onde se encontravam numerosos quadros primitivos, dos quais, infelizmente, muitos desapareceram depois.

¿ Como se teria formado essa curiosa lenda de um Grão Vasco briaraico, enchendo igrejas, mosteiros e solares de Portugal de paineis sagrados, encarnando em si toda a pintura portuguesa primitiva ?

Ainda hoje o ignoro e me custa a compreender que os nomes dos pintores dos reis, das cidades, dos conventos e das ordens militares, se perdessem em tão completa obscuridade no silêncio dos arquivos, de onde agora lentamente e fadigosamente os estamos exumando. ¿ Porque não se examinavam os quadros ? ¿ Porque a medíocre cultura artística dos escritores contemporâneos não lhes permitia que se ocupassem das suas vidas e obras ?

Possivelmente. Por infelicidade o único historiógrafo da arte portuguesa do século XVI, Francisco de Olanda, com a sua preocupação

inovadora e exclusivista do Renascimento, apenas nos deixou a menção, aliás preciosa, do autor dos painéis de S. Vicente. Á sua parte os cronistas monásticos só incidental e imprecisamente se referem aos artistas que enriqueciam de perduráveis obras os edifícios das Ordens. O saùdoso comentador desta obra, o Dr. Teixeira de Carvalho, que na busca exaustiva de elementos utilisáveis nos seus estudos de história da arte, os *leu todos,* desolada e espirituosamente se queixava com freqùência, da improfiqùidade dêsse esfôrço.

Só ao século XIX havia de caber a glória de iniciar o estudo metódico da documentação referente aos artistas, único elemento seguro e completo em que pode firmar-se a atribuìção de autoria das obras de arte. Êsse estudo levou, entre outras, à descoberta da personalidade real e verdadeira sôbre que assentavam o qualificativo e a obra fabulosa de Grão Vasco. Foi o Dr. Maximiano de Aragão que após os ensaios de triagem de Raczinski, Justi e outros, definitivamente clausulou o período das hipóteses com a publicação de um livro onde se acumulam dezenas de documentos referentes à vida privada do pintor. Elementos valiosos, recolhidos por Sousa Viterbo e publicados na *Noticia de Alguns Pintores,* vieram por fim tornar possível a correlacionação da carreira e produção artistica do pintor de Viseu com os mestres de Lisboa, e, atravez dêles, com as escolas europeias. A beneficiação das tábuas quinhentistas existentes na capital da Beira, quási todas reùnidas hoje no *Museu Regional,* realizada pelo professor Luciano Freire, de Lisboa, tem concorrido igualmente para a identificação da obra do pintor.

Á face dos documentos a vida do artista pode traçar-se da seguinte maneira. Nasceu em Viseu ou nos arredores em época indeterminada, mas decerto anteriormente ao ano de 1490, visto que testemunhando já em 1515 como «pintor, morador em Viseu» num documento de emprazamento feito pelo convento de S. Domingos de Lisboa, a favor de Jorge Afonso, êle não devia ter menos de 25 anos de idade. Foi casado com Joana Rodrigues, da qual houve vários filhos, ainda imperfeitamente conhecidos. Segundo o sr. Dr. Maximiano de Aragão teve um filho de nome Gaspar, outro Miguel Vaz e uma filha, Beatriz, já mulher em 1540, pois que nesse ano vai pagar ao Cabido da Sé de Viseu o fôro devido pela casa onde morava com sua família. Essa

casa era situada na rua da Regueira e fôra emprazada em três vidas, a Afonso de Mansilha, no ano de 1427, e a Pero Vaz, lapidário e a Beatriz Lopes sua mulher, igualmente em três vidas, depois de 1489. Desde 1512 até 1543, nos *Livros de Recebimentos de Prazos*, do Cabido, figura sempre a seguinte verba: «Vco fẽz pyntor, traz as casas que andavam no to dafonso de mansilha com seu cortinhal e foram emprazadas novamente ao lapidayro e a beatriz lopes em tres vidas». Esta casa foi comprada, em Janeiro de 1572, por um Amadis Tavares, meirinho da correição. Nessa altura já Vasco Fernandes deixara a morada e a vida.

O nome de Joana Roiz «mulher que foi de Vasco fẽz, pintor» continua a figurar nas contas do Cabido, durante mais alguns anos. Em 1555 vai pagar o fôro da nova casa em que vive, seu filho, Miguel Vaz. Do filho Gaspar é que o sr. Dr. Aragão nada acrescenta, o que é de lamentar, porque poderia muito bem acontecer que êsse filho Gaspar houvesse, como Miguel, o apelido de Vaz. Esta hipótese de ser o pintor Gaspar Vaz filho de Vasco Fernandes, foi apresentada pela primeira vez pelo Dr. António Sardinha num interessante artigo intitulado *A Autenticidade de Grão Vasco*, publicado em 1906 (2 de Julho), na *Ilustração Portuguesa*.

O conhecimento das relações de parentesco entre os artistas vizienses da primeira metade do século XVI, apresenta um excepcional interêsse para o aclaramento do problema da *Escola de Viseu*, em cujas obras se pode notar um mesmo estilo e feição, que impressionou Robinson e o fez escrever, ao referir-se às pinturas então na casa do Capítulo e sacristia da Sé: «a não ser que me enganasse a imaginação, achei entre todas bastante parecença para poder supor que houve em Vizeu uma sucessão de artistas conhecedores das obras uns dos outros» (1). Seria curioso estabelecer em que relações de família se encontravam:

Pero Vaz, o lapidário, em cuja casa nos aparece, desde 1512, Vasco Fernandes;

Gaspar Vaz, o pintor que em 1515 figura como criado de Jorge Afonso ao lado de Vasco Fernandes no documento de emprazamento

(1) J. C. Robinson, *A Antiga Escola Portugueza de Pintura*. Lisboa 1868, p. 40.

do Convento de S. Domingos de Lisboa; o mesmo que em 1537 era proprietário de um terreno em Casal do Campo e Baçar, nos arredores de Viseu, e que desde 1539 a 1569 se encontra como arrendatário de uma casa do Cabido, sita na Rua Direita. Estas indicações com algum trabalho as exumei dos tombos velhos do Cabido, tanto os que estão no esbôço de Arquivo Distrital, como na Repartição de Finanças da capital da Beira Alta (1):

Manuel Vaz, pintor, que desde 1554 a 1578 figura no *Livro de Recebimentos* como morador na Rua da Regueira, a mesma rua em que viveu Vasco Fernandes;

António Vaz, pintor, que num contracto entre o bispo de Viseu, D. Miguel da Silva, e Martim Gonçalves, serralheiro, feito em 1537, é citado como testemunha;

Francisco Fernandes, pintor, de que dá fé êste assento de baptismo, de 1552, descoberto por Berardo e transcrito e comentado imperfeitamente desde Raczinski: «Aos 17 dias do mes de setembro de 1552 anos bautisei Vasco filho de frco frz pintor e de mª amriques sua molher. forã padrinhos e madrinhas .s. egaas velho e pº lopes filho de aº do reguo e rº aº. madrinhas mª lopes molher de Gaspar Vaz e cª f *(sic)* pays molher de Jeronimo Tavares, todos moradores nesta cidade...» (2). Ora se atendermos ao apelido Fernandes, dêste Francisco, à sua qualidade de pintor, ao nome de Vasco dado ao filho, não será muito arriscado considerar Francisco Fernandes filho de Vasco Fernandes — o que a data de 1552 (já em 1540 tem uma filha mulher, Beatriz) consente perfeitamente. O aparecerem filhos com o apelido Vaz e outros com o Fernandes, nada quer dizer. A minha prática de trabalhar com os nomes dos artistas do século de quinhentos ensinou-me que nessa época o apelido dos filhos não obedecia a regra fixa e que se uns guardavam os paternos, outros adoptavam os maternos e ainda outros os dos avós e dos padrinhos ou madrinhas. Se Vaz não provier dos avós, pode ser uma espécie de patronímico de Vasco, abreviatura de Vasques. No assento de baptismo acima transcrito figura

---

(1) Vergílio Correia, *A pintura quatrocentista e quinhentista em Portugal — Novos Documentos,* no *Boletim de Arte e Arqueologia,* n.º 1, Lisboa 1922, p. 70.

(2) Maximiano de Aragão, *Grão Vasco.* Viseu, 1900.

como madrinha, Maria Lopes, mulher de Gaspar Vaz, o pintor, note-se bem, o que nos permite estreitar mais a teia de relações familiares entre os artistas visienses. O mesmo Gaspar Vaz, pintor, serve em 1540, de padrinho a Manuel, filho de João Denis pintor e de Maria Correia. João Denis era, possivelmente seu oficial. Êste Manuel veiu a ser, na opinião de Sanchez Canton o talentoso e moço comentador da tradução castelhana do manuscrito *Da Pintura antiga,* de Olanda, o autor dessa versão (1).

*

Quanto à obra do pintor, o que até agora a meu ver, está assente, é o que segue. A sua actividade artística vai, pelo menos de 1512 a 1542, ou sejam 30 anos. Durante êsse espaço de tempo Vasco Fernandes trabalhou não só para as igrejas de Viseu, mas para terras distantes, como Coimbra e Tarouca. É seu, inegàvelmente, o S. Pedro da igreja do Mosteiro de S. João de Tarouca, atribuído por Emile Bertaux a um vago mestre de Tarouca que a sua imaginação creara. O S. Pedro da catedral de Viseu, que um assento de 1607, no *Livro das Contas,* da Confraria de S. Pedro, considera da mão de Vasco Fernandes — «que não mandei pintar de novo por ser feito por mão de Vasco frz», como reza textualmente a nota manuscrita (2), é uma réplica dêsse original.

Pertence-lhe com toda a certeza o *Pentecostes* da sacristia de Santa Cruz de Coimbra que está assinado *Velascus* e não *Velasco,* como Robinson e outros nas suas pègadas leram. *Velascus* é, sem possível contradição, a forma latina de Vasco. Em numerosos documentos do arquivo do Cabido de Viseu encontrei assinaturas de *Velascus Fernandes* personagens homónimos e contemporâneos do pintor. Só no século XVII nos aparece correntemente a forma erudita *Velascus* significando Vaz. A assinatura quer pois dizer Vasco e os documentos publicados pelo Dr. Reinaldo dos Santos veem, quanto a mim, tirar todas as dúvidas. Num livro de contas do convento de Santa Cruz

---

(1) *De la Pintura Antigua por Francisco de Holanda,* version castellana de Manuel Denis, 1563. Edição da Academia de S. Fernando, p. XXVIII do prefácio.

(2) Maximiano de Aragão, *Grão Vasco,* Viseu, 1900, p. 63.

que da Biblioteca, onde esteve largo tempo desconhecido e desaproveitado, passou para a Tôrre do Tombo com vários massos de títulos de aforamentos, encontra-se a nota de que Vasco Fernandes recebera em Junho de 1535 determinada importância pelo feitio de quatro painéis para o convento referido (1): — «pagou a Vasco Fernandez, pintor em parte de pago dos quatro retabolos que faz para o mosteiro tres mill rs.».

Aparece portanto um quadro assinado *Vasco*, e um documento que atribue a Vasco Fernandes, em época que condiz com a do quadro (2), a autoria de painéis para o mosteiro. Apezar disso opõem-se às lógicas conclusões que de tais factos se podem extrair, razões tiradas da técnica do quadro, que, na opinião do eminente artista e restaurador Luciano Freire, não é a mesma dos painéis até agora atribuídos ao pintor visiense.

Mas pode ter-se confiança absoluta nas chamadas razões técnicas — e digo isto sem desejar melindrar, ao de leve sequer, o professor Freire, laborioso e obscuro trabalhador, voluntáriamente enclausurado dentro do plano que se propôs de restituir ao seu facies primitivo os exemplares de pintura portuguesa antiga —, se a cada passo, quási a cada novo painel reintegrado, as opiniões variam, as atribuïções divergem?

Em minha modesta opinião na investigação e historiografia artística, a apreciação do documento é fundamental. Só quando êle não exista se deve recorrer à chamada *técnica*, palavra cujo sentido se alargou demasiadamente, porque, literalmente, a técnica não abrangeria a figuração nem o estilo, mas sòmente o processo da preparação das tábuas e das tintas e êsse, por assim dizer uniforme no século XVI, poucos elementos de interêsse e diferenciação apresenta.

Ora neste caso o documento existe, e não é justo nem razoável partir do incerto para o real, quando êsse real se patenteia tão claramente.

---

(1) Reinaldo dos Santos, *Os Grandes Artistas Portugueses*, no *Diario de Noticias* de 10 de Setembro de 1921.

(2) J. C. Robinson, em *A Antiga Escola Portuguesa de Pintura*, p. 45, aponta também para a factura dêste quadro o decénio 1530-1540.

Consignem-se agora, àcêrca do quadro, as opiniões concordantes de três notáveis críticos de arte, Robinson, Bertaux e o sr. Dr. José de Figueiredo, uma de 1865, as outras de entre 1910 e 1913.

Para Robinson, em seu tempo consideradíssimo crítico de arte, *art-referee* no Museu do South Kensington que ajudou a formar, o *Pentecostes* da sacristia de Santa Cruz de Coimbra era da mesma mão que havia pintado o *S. Pedro* e o *Baptismo* de Viseu (1).

Para Emílio Bertaux e para o sr. Dr. José de Figueiredo, o autor do *Pentecostes* de Coimbra é o mesmo do *S. Pedro* e do *S. Miguel* de S. João de Tarouca, sendo portanto *Velascus* o célebre *mestre de Tarouca*, que Vasco Fernandes imitou, segundo os mesmos críticos, no seu *S. Pedro* de Viseu (2). Êsse mestre fôra primeiro considerado pelo sr. Dr. José de Figueiredo, o pintor Gaspar Vaz (3). Posteriormente distribuiu-se, de acôrdo entre os dois ilustres críticos, o *políptico da Virgem* da igreja de S. João de Tarouca, para Gaspar Vaz, e o *S. Pedro* e o *S. Miguel* para *Velascus*. Na opinião do sr. Dr. Figueiredo, o *Pentecostes* de Coimbra era inferior ao de Viseu (4).

Ora estando hoje demonstrado que o *S. Pedro* de Viseu é de Vasco Fernandes, Robinson atribuíndo o *Pentecostes*, de *Velascus*, ao autor do *S. Pedro* de Viseu, atribuiu-o a Vasco Fernandes.

Ora estando hoje reconhecida — e pelo próprio sr. Dr. Figueiredo, a identidade do *mestre de Tarouca* e de Vasco Fernandes (5), lògicamente se conclue pela identidade de *Velascus* e Vasco Fernandes.

E não é necessário mais. A lição do documento foi plenamente confirmada pelos críticos

A Vasco Fernandes são também atribuídos com toda a verosimilhança, os quadros que compunham a série da sacristia da Sé de Viseu,

---

(1) J. C. Robinson, *Obra citada*, p. 42.

(2) Emile Bertaux *Histoire de l'Art* (Publicação André Michel), t. IV, p. 890 e Almeida Moreira, *Os quadros da Sé de Viseu*. Lisboa, 1916, p. 23 e 27.

(3) José de Figueiredo, *Comunicação à Academia de Belas Artes*, no *Século* de 2 de Março de 1910 e *Alguns esclarecimentos sôbre os quadros da Beira*, no *Século* de 14 de Março de 1910.

(4) *Artigo citado*.

(5) José de Figueiredo, *Introdução a um ensaio sôbre a pintura portuguesa do século* XVI, no *Boletim de Arte e Arqueologia*, n.º 1, p. 16.

hoje no Museu Regional Grão Vasco: o *Calvário, S. Sebastião, Baptismo, Pentecostes* e *S. Pedro* (1).

A obra do pintor, a sua influência sôbre o grupo escolhido de colaboradores e outros artistas locais que formaram a chamada Escola de Viseu, esperam ainda o seu monografista. Limito por isso estas notas ao que fica, sem pretender que com elas fizesse mais do que fixar alguns pontos essenciais para o estudo biográfico e artístico do pintor.

V. C.

Duarte D'armas

Taborda, abonando-se com a autoridade de Damião de Gois (*Chronica de D. Manoel*, Parte II, Cap. 27), diz apenas de *Duarte d'Armas* que florescera no reinado de D. Manuel, sendo *nesse tempo de grande* reputação e fôra mandado por êste *Soberano à Cidade de Azamor na Armada de D. João de Meneses, Camareiro mór do Principe D. João, com o intento de delinear as barras da mesma Cidade de Azamor, de Salé e de Larache* (p. 152).

A notícia de *Cirilo* acrescenta a estes dados biográficos e com a autoridade ainda de Damião de Gois *(Chronica do Principe D. João)* que fôra também mandado por D. Manuel à ilha do Corvo ou do Marco desenhar a estátua equestre que ali *fora achada..., quando a descobrimos.*

D. Francisco de S. Luís (Lista) citou os dois textos de Damião de Gois, arquivou a referência que Faria e Sousa faz (*Afr. Port.*, cap. 7, num. 31) à expedição de D. João de Meneses, mencionando entre os que o acompanhavam *Duarte D'armas, grande desenhador.*

Como observação original atribui ainda a Duarte Darmas o *livro das fortalezas* que vira na Tôrre do Tombo e de que é o primeiro a fazer uma detalhada descrição, gabando *exacção, desempenho, aceio e grande*

---

(1) Almeida Moreira, *O pintor Vasco Fernandes*, Viseu, 1921, p. 10 e *Catálogo e Guia Sumário do Museu Regional de Grão Vasco*, Pôrto, 1921, p. 43 e segg.

pericia do Artista e qualificando a obra de *digna de singular apreço, ou se considere com relação à história, ou com respeito à Arte* (p. 32).

Nem Raczinski, nem Sousa Vitervo, nem o sr. Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda acrescentaram nada à biografia que o Patriarca traçou de Duarte Darmas, nem as descrições minuciosas que fazem do manuscrito das fortalezas são superiores em exactidão à do benemérito D. Francisco de S. Luís.

O abade de Castro cita Duarte d'Armas como colaborador de Francisco Danzilla e Jorge Afonso na pintura da sala dos brasões no palácio de Sintra, sem mencionar documentos a favor da sua assersão.

No tempo de Raczinski, atribuía-se a Duarte d'Armas o *livro do armeiro* que se conserva ainda na Tôrre do Tombo, êrro que emendaram êle e Juromenha (*Lettres*, p. 231, 434, *Dict.*, p. 73).

Raczinski viu também o livro das fortalezas errando, como todos os biógrafos que se lhe seguiram, a lista (*Dict.*, p. 74) dos castelos desenhados.

Sousa Viterbo (*Dicc.*, vol. I, p. 45) nada acrescentou ao que disseram os biógrafos anteriores. Tentou uma descrição do livro das fortalezas que é confusa e errada.

O sr. Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda (*Historia do Exercito Portuguez*, vol. VIII, p. 273-355) que apresenta como novidade a confrontação do livro das fortalezas da Tôrre do Tombo com um códice análogo existente na *Biblioteca Nacional de Madrid* e descrito por o sr. M. Gonçalvez Simancas na *Revista de Archivos, Bibliothecas y Museos* (números de Maio e Junho de 1910 a Julho e Agosto de 1911), errou a relação das fortalezas (p. 274).

A sua descrição do códice da Tôrre do Tombo é bibliográficamente, apesar da sua extensão, um trabalho incompleto.

Analisemos as asserções dos biógrafos.

Expedição de D. João de Meneses. É admitida por todos os biógrafos, comquanto conste da ida e missão de *Duarte d'Armas* apenas pelo texto de Damião de Gois, sem até hoje se ter encontrado nos arquivos nacionais outra base documental.

A estátua da ilha do Corvo. A existência desta estátua têm sido negada por muitos autores, embora a meu ver, com pouco fundamento.

O texto de Damião de Gois (*Chronica do Prinçipe dom Ioam*, cap. ix) não pode oferecer dúvidas:

«Deſtas Ilhas ha q̃ mais ſtá aho norte he hà do Coruo, que terà hũa legoa de terra, hos marcãtes lhe chamam Ilha do marquo, porque com ella (por ter hũa ſerra alta) ſe demarquã, quando vẽ demandar qualquer das outras. No cume deſta ſerra, da ꝑte do noreſte, ſe achou hũa ſtatua de pedra poſta ſobre hũa lagea, q̃ era hũ homẽ ençima de hũ cauallo ẽ oſſo, & ho homẽ veſtido de hũa capa quomo bedem, ſem barrete, com hũa mão na coma do cauallo, & ho braço direito ſtendido, & hos dedos da mão encolhidos, ſaluo ho dedo segundo, a que hos Latinos chamam index, com que apontaua contra ho ponẽte. Eſta imagem q̃ toda ſaia maciça da meſma lugea (lágea) mãdou elrei por hum ſeu criado debuxador, que ſe chamaua Duarte darmas, & depois que vio ho debuxo mãdou hum homẽ engenhoſo, natural da çidade do Porto, q̃ andara muito em França, & Italia, q̃ foſſe a eſta Ilha pera cõ aparelhos q̃ leuou, tirar aq̃lla antigualha, ho qual quãdo della tornou dixe a elRei q̃ ha acham desfeita de hũa tormenta q̃ fezera ho inuerno paſſado. Mas ha verdade foi q̃ ha quebrarã per máo azo, & trouxerã pedaços della .ſ. a cabeça do homẽ, & ho braço direito cõ ha mão, & hũa perna, ho q̃ tudo ſteue na guarda roupa delRei algũs dias, mas ho que ſe depois fez deſtas couſas, ou onde se poſeram eu nam pude ſaber. Eſta Ilha do Coruo, & Sanctantam foram de Ioam dafonſeca ſcriuam da fazenda delRei dom Emanuel, & delle has herdou ſeu filho Pero dafonseca, ſcriuão da chançelaria do meſmo Rei, & delRei dom Ioam terçeiro ſeu filho, ho qual Pero dafonseca no Anno de Mil DXXIX, has foi ver, & ſoube dos moradores que na rocha, abaxo donde ſteuera ha ſtatua, ſtauã talhadas na meſma pedra da rocha hũas letras, & por ho lugar ſer perigoſo pera se poder ir onde ho letreiro ſta, fez abaxar algũs homẽs per cordas bem atadas, hos quaes imprimiram has letras, que ainda ha antiguidade de todo nam tinha çegas, em cera que pera iſſo leuaram: com tudo as que trouxeram impreſſas na çera era já muĩ gaſtadas, & quaſi ſem forma, aſsi que por ſerem taes, ou por vẽtura por na cõpanhia nã haver peſſoa que teueſſe conhecimẽto mais q̃ de letras Latinas, & eſte imperfecto nhũ dos q̃ ſe alli acharam preſentes ſoube dar rezã, nem do q̃ has letras diziã, nẽ ainda poderã conhecer q̃ letras foſſẽ».

O texto de Damião de Gois não pode sofrer contestações nem dar lugar a dúvidas. Damião de Gois foi *guarda-roupa* de D. Manuel, como o foi também seu irmão Frutuoso de Gois, era Cronista-mór do reino, escrevia para uma sociedade que tinha conhecimento dos factos e que procuraria verificá-los.

O seu artigo está de acôrdo com todos os factos de que ficaram documentos oficiais. Pero da Fonseca a que êle se refere, donatário das ilhas das Flores e do Corvo por carta de 6 de Agosto de 1528, visitou a ilha do Corvo, segundo o testemunho de outros cronistas.

As crónicas de Damião de Gois foram sempre muito discutidas e sujeitas à mais severa crítica. Como admitir que pudesse faltar à verdade, com tão pormenorizada narração um historiador que nunca sacrificou a verdade nem à adulação dos reis nem aos preconceitos da côrte (1)?

Todavia o facto foi negado pelo conde Vargas de Bedemar (1837), o Barão de Humboldt, António Homem da Costa Noronha e na esteira dêstes por o sr. Ernesto do Canto e últimamente num excelente livro por o sr. E. A. de Bethencourt.

Não há motivo para duvidar do texto de Góis que todos os documentos oficiais teem mostrado perfeitamente exacto. A estátua tem tão difícil explicação como as armas e moedas de ouro e prata ali encontradas e que remontam a épocas alguns séculos anteriores à descoberta daquela ilha pelos portugueses.

Deve por isso ficar como históricamente demonstrado, na biografia de Duarte d'Armas a ida à ilha do Corvo para desenhar a estátua que lá se encontrara (2).

O livro das Fortalezas. Foi a primeira vez descrito pelo Patriarca *(Lista)* e depois disso por todos os historiadores da Pintura Portuguesa, sempre com incorrecções.

---

(1) Edgar Prestage, *Crítica Contemporânea da Crónica de D. Manuel,* in *Arquivo Histórico,* tom. x.

(2) O Sr. António Ferreira de Serpa demonstra os erros de argumentação dos que negam a existência da estátua da Ilha do Corvo, num excelente artigo publicado no vol. 67 de *O Instituto* com título de *Dois inéditos acêrca das ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo.* É um artigo que merece ser lido pela originalidade da documentação e pelo alto e seguro critério histórico do seu autor.

Procuraremos dar uma idea exacta do notável códice da *Tôrre do Tombo.*

O livro das fortalezas abre por quatro fôlhas em branco. A seguir, numa fôlha sem numeração o título:

Este livro he das fortalezas que sam setuadas / no estremo de portugall e Castella feyto por / Duarte darmas escudeyro da casa do muyto / alto e poderoso e serenjsimo Rey e Sõr / dom manuell ho prymeyro Rey de / portugall e dos algarues daquem e / dallem maar em Afryca, senhor de / Guinee e da conquista e nauegaçaaom / e comercyo de Ethiopia, Arabia, Persia e da India, &tc.

Ao título segue-se, sem numeração de fôlhas, o índice.

Os desenhos das fortalezas ocupam as fls. 1 a 133 v, por esta ordem:

Castromarjm (*da banda do norte,* fl. 1, *da parte do sull,* fl. 2), Alcoutim (*da banda do sull,* fl. 3, *da banda do norte,* fl. 4), Mertolla (*da banda do sueste,* fl. 5, *da banda do nordeste,* fl. 6), Serpa (*da banda do oeste,* fl. 7, *da banda de leste,* fl. 8), Moura (*da banda do oeste,* fl. 9, *da banda de leste,* fl. 10), Noudell (*da banda do sull,* fl. 11, *da banda do norte,* fl. 12), Mourom (*da banda de leste,* fl. 13, *da banda do oeste,* fl. 14), Monsaraz (*da banda do oeste,* fl. 15, *da banda do leste,* fl. 16), Terena (*da banda do sueste,* fl. 17, *da banda do nordeste,* fl. 18), Alandroall (*da banda do sull,* fl. 19, *da banda do norte,* fl. 20), Julhamenha (*da banda do norte,* fl. 21, *da banda do sull,* fl. 22), Oliuença (*da banda do sull,* fl. 23, *da banda do norte,* fl. 24), Eluas (*da banda do sull,* fl. 25, *da banda do norte,* fl. 26), Campo mayor (*da banda do sull,* fl. 27, *da banda do norte,* fl. 28), Ougella (*da banda do sull,* fl. 29, *da banda do norte,* fl. 30), Arronches (*da banda de leste,* fl. 31, *da banda do oeste,* fl. 32), Monforte (*da banda de leste,* fl. 33, *da banda do oeste,* fl. 34), Açumar (*da banda do sueste,* fl. 35, *da banda do noroeste,* fl. 36).

Estão em branco as fôlhas 37, 38, 39, 40, continuando depois com as vistas de:

Alpalham (*da banda do sudueste,* fl. 41, *da banda do nordeste,* fl. 42), Castello de Vide (*da banda do nordeste,* fl. 43, *da banda do sueste,* fl. 44), em branco as fôlhas 45, 46, 47, Nisa (*da banda do sull,* fl. 48, *da banda do norte,* fl. 49), Monte aluaaom (*da banda do sull,* fl. 50, *da banda do norte,* fl. 51), Castello Branco (*da banda do sueste,* fl. 52, *da banda do noroeste,* fl. 53), Idanha a Nova (*da banda do norte,* fl. 54, *da*

banda do sull, fl. 55), Segura (*da banda do sull*, fl. 56, *da banda do norte*, fl. 56 *(sic)*, Saluaterra (*da banda do oeste*, fl. 57, *da banda do leste*, fl. 58), Penagarcya (*da banda do oeste*, fl. 59, *da banda de leste*, fl. 60), Monsanto (*da banda de leste*, fl. 61, *da banda do norte*, fl. 62), Penamacor (*da banda do sull*, fl. 63, *da banda do norte*, fl. 64), Sabugall (*da banda do oeste*, fl. 65, *da banda de leste*, fl. 66), Villar mayor (*da banda do sull*, fl. 67, *da banda do norte*, fl. 68), Castello mendo (*da banda de leste*, fl. 69, *da parte do norte*, fl. 70), Castello bõo (*da banda do hoeste*, fl. 71, *da parte de leste*, fl. 72), Almeyda (*da banda do sull*, fl. 73, *da banda do nordeste*, fl. 74), Castello Rodrigo (*da parte do sull*, fl. 75, *da banda do noroeste*, fl. 76), Freixo despadacynta (*da parte do sull*, fl. 77, *da parte do norte*, fl. 78), Mogadoyro (*da banda do oeste*, fl. 79, *da parte de leste*, fl. 80), Pena roya (*da parte do sull*, fl. 81, *da parte do norte*, fl. 82), Miranda do Doyro (*da parte do noroeste*, fl. 83, *da banda de leste*, fl. 84), Vimioso (*da parte do sueste*, fl. 85, *da banda do noroeste*, fl. 86), Outeyro (*da parte do oeste*, fl. 87, *de lesnordeste*, fl. 88), Bragança (*da parte de oeste*, fl. 89, *da banda de leste*, fl. 90), Vinhais (*da parte de noroeste*, fl. 91, *da banda de sueste*, fl. 92), Mõforte de rio liure (*da parte do sudueste*, fl. 93, *da parte de nordeste*, fl. 94), Chaues (*da parte de leste*, fl. 95, *da parte doeste*, fl. 96), Monte alegre (*da parte do sull*, fl. 97, *da banda do norte*, fl. 98), Portello (*da parte do sull*, fl. 99, *da banda do norte*, fl. 100), Piconha, (*da parte do norte*, fl. 101, *da banda do sull*, fl. 102), Crasto leboreyro (*da parte do norte*, fl. 103, *da banda do sull*, fl. 104), Melgaço (*da parte do leste*, fl. 105, *da banda doeste*, fl. 106), Monçaão (*da parte de leste*, fl. 107, *da parte do oeste*, fl. 108), Lapeella (*da parte do leste*, fl. 109, *da parte do oeste*, fl. 110), Valença do Minho (*da banda do norte*, fl. 111, *da parte do sull*, fl. 112), Vila noua de Cerueyra (*da parte de leste*, fl. 113, *da banda do este*, fl. 114), Caminha (*da parte de leste*, fl. 115, *da parte do sudoeste*, fl. 116), Barcellos (*da parte do sull*, fl. 117), Cintra (*da parte do sull*, fl. 118, *da parte de leste sueste*, fl. 120).

No verso da fl. 120 lê-se:

daqui se começa a prata-forma das / fortalezas atrras debuxadas com / suas alturas e larguras de muros, / e barreyras, etc.

Seguem-se as plantas das fortalezas *(prata-formas)*, duas em cada meia fôlha: *Castro marym* e *Alcoutim*, fl. 121, *Mertolla* e *Serpa*,

fl. 121 v.º, *Moura* e *Nondall*, fl. 122, *Mourom* e *Monsaraz*, fl. 122 v.º, *Terena* e o *Alandroall*, fl. 123, *Juramenha* e *Oliuẽça*, fl 123 v.º, *Eluas* e *Campo mayor*, fl. 124, *Ougela* e *Arronches*, fl. 124 v.º, *Monforte* e *Alpalhaõo*, fl. 125, *Castello de Vide* e *Nisa*, fl. 125 v.º, *Castello branco* e *Idanha a noua*, fl. 126, *Segura* e *Saluaterra*, fl. 126 v.º, *Pena garcya* e *Monsanto*, fl. 127, *Penamacor* e *No Sabugall*, fl. 127 v.º, *Villar Maior* e *Castello mendo*, fl. 128, *Castello boom* e *Almeyda*, fl. 128 v.º, *Castello Rodriguo* e *Freyxo de espada cynta*, fl. 129, *ho Mogadoyro* e *Pena roya*, fl. 129 v.º, *Miranda do Doyro* e *ho Vimioso*, fl. 130, *Outeiro* e *Bargança*, fl. 130 v.º, *Portello* e *Piconha*, fl. 132, *Castro Leboreiro e Melgaço*. fl. 132 v.º, *Monçavom* e *lapella*, fl. 133, *Caminha*, fl. 133 v.º

A fl. 136: *Tauoada das fortalezas do estremo / de purtugall e castella. /*

Duarte d'Armas parece não ter acabado a obra. Assim o dá a entender o índice que nêle anda e que marca duas vistas do castelo de Marvão para as fôlhas 45 e 46 que estão em branco.

As fôlhas 37, 38 e 39 foram cortadas e deveriam ter, segundo o mesmo índice, as vistas do Castelo de Alegrete (2 desenhos), do de Portalegre (2 desenhos) sem indicação do lado donde deveriam ser tiradas, como se dá também com o castelo de Marvão, o que nos leva a admitir a hipótese do sr. Cristóvão Aires que supõe tivessem sido arrancadas para se aproveitar o pergaminho por estar em branco.

Na Biblioteca Nacional de Madrid há um códice de Duarte d'Armas análogo ao da Tôrre do Tombo.

No códice madrileno faltam as vistas panorâmicas de *Castro Marim, Alcoutim, Mértola, Serpa, Moura, Nondar, Mourão, Monsaraz, Terena, Alandroal, Juromenha, Olivença, Elvas, Campo Maior, Ouguela, Arronches, Monforte, Assumar, Castelo de Vide* (metade direita), *Marvão, Niza, Montalvão, Castelo Branco, Idanha a Nova, Segura, Salvaterra, Pena Garcia, Monsanto, Pena Maior* (metade esquerda do sul), *Barcelos e Cintra.*

Alguns dos castelos são representados nos dois códices por desenhos tirados de pontos de vista diferentes.

Nos da Tôrre do Tombo o pavilhão português tem sempre borlas que lhe faltam no códice madrileno.

Há também no códice da Tôrre do Tombo detalhes pitorescos que faltam no códice madrileno, como as figuras de um cavaleiro e um peão armados de lanças que nunca aparecem no códice madrileno e se vêem muitas vezes nos desenhos do *Livro* da Tôrre do Tombo, um caçador acompanhado dos cães, a fôrca, armas e outros detalhes.

O livro de Duarte d'Armas é acompanhado de tais minúcias que o sr. Simancas pretende que êle foi feito para indicar ao inimigo, que não podia ser senão o castelhano, os pontos de ataque dos castelos.

A hipótese, já rebatida pelo sr. Cristóvão Aires, é absurda (1).

O que deve depreender-se do exame dos dois códices é que Duarte d'Armas fôra encarregado de inspeccionar os diversos castelos portugueses para indicar as reformas a fazer (2).

A pintura da Sala dos Brasões no Paço de Sintra

O abade de Castro foi o primeiro a atribuir a Duarte d'Armas de colaboração com Jorge Afonso e Francisco Danzilla (*Descripção do Palacio Real na Villa de Cintra*, p. 20). Esta asserção do abade de Castro não tem fundamento documental e é por tanto para pôr de lado.

É possível que do nome do nosso artista viesse a idea ao abade de Castro de lhe atribuir a pintura da sala dos brasões, como outros, ao tempo de Raczinski (*Lettres*, p. 231, 434; *Dict.*, p. 73) lhe atribuíram as iluminuras do livro do armeiro mór existente na *Tôrre do Tombo*

---

(1) O sr. Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda fez um estudo minucioso do *Livro* de Duarte d'Armas, comparando-o com o códice existente em Madrid. Cf. Cristóvão Aires de M. Sepúlveda, *Historia organica e politica do Exercito Portuguez*. Provas. Vol. VIII, p. 273-355. Neste estudo o autor menciona no número dos castelos representados o de *Marvão* que, como acima dissemos figura apenas no índice que o sr. Cristóvão Aires inadvertidamente copiou.

(2) O códice madrileno foi estudado por o sr. Gonçalvez Simancas na *Revista de Archivos, Bibliothecas e Museos* de Madrid (n.os de Maio e Junho de 1910 a Julho e Agosto de 1911).

O sr. Cristóvão Aires fez um estudo comparado dos dois códices, forçadamente incompleto pois não teve outra fonte de informação que não fôsse o artigo do sr. Gonçalvez Simancas que só reproduziu parte dos desenhos do códice madrileno, e não cotejou os dois códices.

e que é, como verificaram já Juromenha e Raczinski (*Dict.*, p. 113) uma cópia do livro do armeiro mor de *Arriet* feita por António Godinho.

No título dêste manuscrito feito em letras tão decoradas que o tornam quási ilegível, leu o autor da «História Genealógica» *Fernão das Minas* de que fez um iluminador do tempo de D. Manuel.

O que D. António Caetano de Sousa leu *Fernão das Minas* deve ler-se *perfeiçam das armas* e daí viria um novo êrro para alguém que lendo apenas a última parte da inscrição interpretasse a outra *Duarte* como Caetano de Sousa lera *Fernão.*

Como pontos bem seguros da biografia de Duarte d'Armas ficam a sua ida na expedição de D. João de Meneses, e a sua estada na ilha do Corvo para desenhar por ordem de D. Manuel a estátua que nela encontraram os primeiros navegadores portugueses.

Como obra sua conservam-se apenas os dois *livros das fortalezas.*

Contém as vistas panorâmicas de *Castro Marim, Alcoutim, Mertolla, Serpa, Moura, Noudall, Mourom, Monsaraz, Terena, Alandroall, Julhamenha, Oliuença, Eluas, Campo Mayor, Ougella, Arronches, Monforte, Açumar, Alpalham, Castello de Vide, Nisa, Monte aluaaom, Castello Branco, Idanha a Noua, Segura, Saluaterra, Peuagarcya, Monsanto, Penamacor, Sabugall, Villa mayor, Castello mendo, Castello bõo, Almeyda, Castello Rodrigo, Freyxo despadacynta, Mogadoyro, Pena roya, Miranda do Doyro, Vimioso, Outeyro, Bragança, Vinhaes, Mõforte de rio liure, Chaues, Monte alegre, Portello, Piconha, Crasto laboreyro, Melgaço, Monsaão, Lapeella, Valença do Minho, Villa noua de Cerueyra, Caminha, Barcellos, Sintra.*

Erraram esta lista de fortalezas: Raczinski (*Dict.*, p. 73-74), que menciona a mais *Alegrete*, *Portalegre* e *Marvão*, Sousa Viterbo (*Dic. dos Arch.*, vol. I, pág. 45-46), que cometeu o mesmo êrro, e o sr. Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda (*Hist. do Exerc. Port.*, vol. VII que inclui a mais apenas Marvão.

O êrro de Raczinski e Sousa Viterbo proveio de se terem regulado pelo índice ou *Tauoada das fortalezas do estremo de purtugall e castella* em que vem mencionados na verdade os castelos de *Alegrete*, *Portalegre* e *Marvão* que não existem no manuscrito e que provávelmente nunca existiram.

Campelo

Taborda deu uma redacção sua ao texto que encontrara no *Abcedario Pictorico* de Guarienti:

«Campello, cosi chiamato nelle memorie antiche di Portogallo, fu pittore nativo di quel Regno. Mandato a Roma negli anni di sua gioventù a studiar la pittura sotto Michelangelo Buonaroti, tai progressi fece nell'arte, che tornato alla patria fu dichiarato pittore del Re dom Giovanni III e servi ancora il Re dom Emanuelle. Nel claustro grande della chiesa Betlemme distante un miglio da Lisbona, dipinse varj misterj delle Passione di Cristo con buon disegno e stile grandioso, scorgendovisi in essi la maniera del Maestro. Vivea circa gli ani 1540».

Taborda falseou o texto de Guarienti traduzindo *fu dichiarato pittore del Re dom Giovanni III e servi ancora il Re dom Emanuele* por *teve a honra de ser nomeado Pintor do Senhor Rei D. João III, graça que lhe havia concedido já seu augusto pai.*

Servir D. Manuel não é o mesmo que *ser pintor* de D. Manuel. Todas as cartas de pintor d'el rei começam por alegar os bons *serviços anteriores* do pintor. *Servia-se* portanto o rei, sem para isso ser necessário ter carta *de pintor d'el rei.*

Guarienti não diz claramente qual o monarca que mandou Campelo à Itália, deve porém depreender-se que foi D. Manuel pois essa viagem se fez *negli anni di su gioventù* seria por isso verosímil que D. Manuel o nomeasse seu pintor se a causa da nomeação fôssem os *progressi nell'arte* feitos durante os seus estudos.

Se Campelo tivesse tido carta de pintor régio passada por D. Manuel, *seria confirmado* no mesmo lugar, segundo a prática então seguida, sem necessidade de outros serviços.

Assim se fez com Jorge Afonso que tendo sido nomeado pintor régio por D. Manuel em 9 de Agosto de 1508, *houve confirmação* do mesmo lugar por D. João III, em carta de 9 de Dezembro de 1529, e com Gregório Lopes que tivera um alvará de lembrança de D. Manuel

e *foi* confirmado no lugar de pintor régio por carta de D. João III, datada em 25 de Abril de 1522.

Quanto ao aprendizado com Michael Angelo que os autores dão a êste e a outros pintores do tempo, parece-me pouco provável, atendendo a que nos *Diálogos* do Holanda se não encontra referência a nenhum dêstes factos que tanta honra fariam aos soberanos.

Deve a confusão partir da viagem do próprio Holanda, generalizada por os autores a todos os artistas que a tradição dizia.

Bem avisadamente andou Cirilo em não fazer de Campelo um pintor régio.

Quanto ao nome próprio dêste artista estranha Taborda que Guarienti o ignorasse (p. 168) e afirma ser *Manuel*. Cirilo, na fé de Félix da Costa, crisma-o *António*. Ainda neste ponto nos parece preferível a opinião de Cirilo à de Taborda.

Quanto aos quadros que lhe são atribuídos: Guarienti escreve, *Nel claustro grande della chiesa Bethleumme distante um miglio de Lisbona, dipinse varj misterj della passio di Cristo con buon disegno e stile grandioso scorgendovisi in essi la maniera del Maestro.*

Taborda seguiu na atribuìção a forma vaga de Guarienti, acrescentando: ... *forão* (os quadros do claustro grande de Belém) *repintados, e muito mudados de sua fórma primitiva; e por isso já hoje em parte não encantão cabalmente a vista de um observador intelligente. Qual seria a sua graça, e a sua grandeza quando estavão na sua original conservação,* não pode conjecturar-se, porque não resta entre nós uma só *obra sua intacta, e sem alteração* (p. 167).

Cirilo atribui-lhe a *Coroação de Espinhos* e o *Senhor Ressuscitado* do *claustro grande* e a *Rua da Amargura,* que estava na escada do mesmo mosteiro, quadro em que julgou encontrar talvez *o precioso painel do Senhor com a Cruz às costas que,* segundo Félix da Costa, *merecia outro trato, e outro lugar.*

Taborda atribui porém o *Senhor Ressuscitado* a Gaspar Dias (p. 159).

A Gaspar Dias se deveria também atribuir a *Rua da Amargura* se diz a verdade o letreiro que lhe poseram no ângulo inferior, lado direito, quando o restauraram: GASPAR DIAS LUZITANO, | INVENTOU E PINTOU, NO SECULO XV | ESTE SINGULAR CHEFE D'OBRA, QUE, | MEIO DES-

TRUIDO PELO TEMPO, A IM | PERICIA DOS MAOS ARTISTAS | ACABOU DE PERDER. | PELA SOLICITUDE DO R.MO P.E F.E BER- | NARDO DO CARMO E S.A D.OR OPPOZITOR | EM THEOLOGIA, D. ABBADE PRELADO DES- | TE MOSTEIRO DE BELEM, E INSTAN- | CIAS DOS MAIS MONGES, AMADORES DAS | BELLAS ARTES | COM INCANSAVEL DESVELO RESTAU- | ROU NO ANNO DE 1819 | IGACIO DA S.A C. VALENTE. |

Taborda, citando a *Corografia* de Carvalho (Tômo III, p. 660) atribui o quadro da *Rua da Amargura* a Brás do Avelar ou ao Arrerino (p. 153).

Gaspar Dias

Todas as biografias de Gaspar Dias assentam sôbre êste texto de *Guarienti:*

Gasparo Dies *(sic)* celebre pittor porthoghese, inviato a Roma del re dom Emanuele per perfezionarsi nella pittura, nella scuola di Michelangelo fece grandi progressi. Ritornato in patria, d'ordine del re, operó ad oglio molte pitture nel chiostro della chiesa di Belem, ed in altri luoghi eretti da quel monarca. Nella chiesa della Misericordia, fece la famosa Tavola della Venuta dello Spirito Santo, segnata col suo nome, et coll'anno 1534, la qual tavola nel 1734 fu da me ristaurata.

Taborda cita Guarienti alterando-lhe o sentido: *Sabemos pelo testemunho de Guarienti, que vivia pelos annos de 1534; porque cita na Igreja da Misericordia o quadro da Tribuna, da vinda do Espirito, marcado com o seu proprio nome, e feito naquelle anno: dizendo igualmente, que elle o restaurara em 1734.*

Ora Guarienti não diz que a pintura em madeira que restaurara, estivesse na Tribuna e pelo texto parece referir-se a um quadro de pequenas dimensões.

Cirilo não reparou na alteração do texto de Guarienti, feita por Taborda, e escreveu: *Pedro Guarienti faz menção de outro painel seu da vinda do Espirito Santo pintado em 1534, que estava na tribuna da Antiga Misericordia.*

Raczinski que não conhecia o texto de Guarienti, por não ter podido encontrar a edição da obra de Orlandi, tendo sido informado pelo visconde de Balsemão de que o cónego Vilela da Silva afirmava que Guarienti ficara *frappé d'etonement à la vu d'un tableau représentant la descente du Saint-Esprit, par Gaspar Diaz qui se trouve dans la tribune de la chapelle principale de l'église de Saint Roch,* comenta: *Je dois dire relativement à ce tableau, qu'il est d'une composition sage, et qu'il n'est pas tout à fait dépourvu de style, mais aussi est-ce là tout ce que l'on peut en dire, car il a été repeint d'une maniere barbare; je ne sais pas si cela a jamais été un Gaspard Diaz et si cela a été bon, mais je sais que ce n'est plus qu'une croute* (*Lettres*, p. 193).

Vilela Machado repetira Cirilo, que repetira Taborda, que repetira Guarienti *alterando,* como na conhecida história de *A formiga e a neve.*

Vilela Machado nunca fez senão repetir Cirilo.

Raczinski, com vontade de achar em S. Roque o quadro da tribuna da *antiga Misericórdia,* deu com uma *Vinda do Espirito Santo qu'on voit à certains jours de fête au-dessus de maître-autel et qui est attribué a Gaspar Diaz,* torna a escrever (*Lettres*, p. 291): ... *n'a jamais pu avoir une grande valeur artistique. Le style de ce tableau n'a aucune analogie ni avec le* saint Roch *de cette église ni avec les tableaux de Belem du même auteur,* com o propósito evidente de corrigir o que escrevera irritado pelas opiniões de Vilela que ouvia citar muitas vezes e tinham o condão de o pôr de mau humor.

Quando, mais tarde Raczinski obteve o Guarienti e comunicou as opiniões dêste pintor à *Sociedade Artística e Scientífica de Berlim,* comentou em nota: *Malgré ce qu'en dit Guarienti, je ne puis retracter ce que je vous ai communiqué dans ma onzième lettre au sujet de la descente du Saint Esprit de l'église de Saint-Roch,* sem ver que o texto de Guarienti se não podia aplicar à pintura que êle estudara em S. Roque.

No artigo do *Dict.*, Raczinski parece ter notado as origens dos erros em que caíra e escreve: *ce tableau n'est peint sur toile, n'est pas signé, e c'est un bien faible ouvrage,* acabando por admitir que seja uma cópia e que o original tenha desaparecido (*Dict.*, p. 70).

A *Gazeta de Lisboa* de 17 de Fevereiro de 1735, noticiando a estada

de Pedro Guarienti em Lisboa cita entre os últimos trabalhos do pintor o restauro dos quadros da Misericórdia *especialmente o famoso Retabolo da capella da insigne Bemfeitora daquella Casa Dona Simoa Godinho, e ali tem achado admiraveis originaes de Pintores Portuguezes do glorioso seculo del Rei D. Manuel e de el Rei D. João III, nos quaes floreceram na arte da pintura Gaspar Dias, Christovam Lopes, Braz de Prado e tambem Fernando Gallegos, insigne pintor hespanhol, de que na Misericordia ha talvez tantos originaes como no Escurial.*

De tudo isto se conclui apenas que em 1734, havia na igreja da Misericórdia de Lisboa uma pintura em madeira, representando a *Descida do Espírito-Santo,* datado em 1534 e assinado por Gaspar Dias. Êste quadro foi restaurado por Guarienti que leu a assinatura e a data e a qualificou de famosa.

Êste quadro desapareceu, naturalmente destruído pelo terremoto, sendo por isso para regeitar a hipótese de Raczinski de ser cópia daquele uma pintura em tela que, ao seu tempo se punha na tribuna da igreja de S. Roque e que Taborda atribuíra a Gaspar Dias, por uma interpretação não justificada do texto de Guarienti.

Gregório Lopes

Taborda publicou a carta passada por D. João III a G. Lopes *filhando-o por seu pintor,* como o já tinha feito D. Manuel por um alvará de lembrança (p. 154-155).

Alude à sua nomeação com outros para pintar em obras régias e cita os documentos comprovativos que, ao tempo em que êle escrevia se encontravam na Tôrre do Tombo Gav. 20, Maço 13, Num. 73 (p. 154).

Os esclarecimentos que Cirilo dá neste artigo sôbre Álvaro Pires e Gaspar Cão encontrou-os em Taborda (p. 159-160).

A êste respeito escreve Cirilo: *Ao primeiro* (Álvaro Pires), *que falleceo em 1539, succedeo o segundo que era seu filho,*

Ora Taborda não diz que Álvaro Pires *tivesse morrido* em 1539, mas sim apenas *que D. João III lhe* (a Diogo Cão) *mandou passar em data de 19 de Fevereiro de 1559 Carta de seu Pintor em lugar de Alvaro Pires seu pai, a quem o Senhor D. Manoel tinha feito a mesma mercê.*

Sousa Viterbo publicou (*Noticia,* Primeira série, p. 40) a carta de Gaspar Cão datada em 19 de Fevereiro de 1539 onde se lê: *em lugar de Alvaro Pirez, seu pay, que ate ora foy meu pintor*, o que *parece* indicar a morte *recente* de Álvaro Pires.

Assim o entenderam Cirilo, Raczinski (*Dic.*, p. 175) e Sousa Viterbo.

É original também de Cirilo o lugar e a inscrição da sepultura de Gregório Lopes, que Raczinski não aproveitou para o seu dicionário.

O visconde de Juromenha encontrou e comunicou a Raczinski os documentos seguintes: extracto da *carta de nomeação* do pintor, já publicada por Taborda (25 de Abril de 1522, p. 175), concedendo um moio de trigo ao pintor, a título de pensão (26 de Junho de 1541), uma nota de que êste moio de trigo lhe fôra pago em 1541, nota de lhe haverem sido pagos 16.000 réis por um Santo António, um S. Bernardo, uma Madalena na charola e dois retávolos na capela de Nosso Senhor (p. 177).

Marcou também Juromenha a morte de Cristóvão Lopes em 1551, *année ou son fils lui fut substitué* (p. 177).

Juromenha forneceu também a Raczinski um longo extracto dum documento que se refere às obras de G. Lopes no *Armazem* (*Lettres,* p. 206). Sousa Viterbo publicou estes e outros documentos que permitem fazer a sua biografia.

Foi discípulo de Jorge Afonso e casou com uma filha dêste chamada Isabel Jorge (*Noticia*, Primeira série, p. 104), pintor de D. Manuel por alvará de lembrança que não ficou registado e de D. João III por carta de 25 de Abril de 1522 publicada por Taborda.

Em 7 de Julho de 1514 era já discípulo de Jorge Afonso e casado com Isabel Jorge filha dêste, e com êle vivia, pintando na oficina do sogro.

Em 1536 trabalhava no convento de Tomar e pintava na *charola: S. António, S. Sebastião, S. Bernardo* e a *Madalena,* além de dois quadros na capela de Nossa Senhora.

Pintou também para a capela de S. Quintino na igreja de Nossa Senhora do Monte-Agraço *um retavollo dos martirios do dito santo*.

Era já falecido em 19 de Outubro de 1550 pois nessa data D. João III mandou dar a Isabel Jorge sua mulher *pera ajuda de sua manutença e criação de suas filhas* o moio de trigo que recebia de sua tença *Gregorio Lopez que foy meu pintor*.

O filho Cristóvão Lopes sucedeu-lhe no lugar de pintor do rei em 18 de Agosto de 1551.

Vanegas

Taborda confessa (p. 166) conhecer dêste pintor apenas o nome — *Francisco Vanegas* e ter ido estudar à Itália no tempo de D. Manuel.

O nome está errado; é *Francisco Venegas*. Floresceu em tempo de D. Sebastião e Felipe II de Espanha, não podia por isso ter ido à Itália por conta de D. Manuel.

Cirilo, que parece não lhe ter conhecido o nome próprio, encostou-se à autoridade de Félix da Costa Meesen, não menciona a sua viagem à Itália por conta de D. Manuel e atribui-lhe o quadro do altar-mór da Luz.

O quadro é na verdade dêle e está assinado *Francisco Venegas Regius pictor* o que prova que já era pintor régio em tempo de D. Sebastião pois que as pinturas do altar-mór da Luz foram mandados fazer pela infanta D. Maria em 1575.

Foi também pintor de Felipe II de Espanha (Sousa Viterbo, *Noticia*, Primeira série, p. 153).

Cirilo, na impossibilidade de harmonizar a ida à Itália em tempo de D. Manuel, mencionada por Taborda com a atribuïção do quadro da Luz, escreveu prudentemente, falando do quadro da Luz: «*Este painel existe, ou copia delle, e he muito grande* (p. 48).

António e Francisco de Holanda

A biografia de António de Holanda é muito breve em todos os historiadores. A glória do filho prejudicou a memória do pai, apesar de

todo o encarecimento que Francisco de Holanda faz nas suas obras do talento de seu pai, pondo-o entre os artistas a quem pela sua celebridade dera o cognome de Águias.

Taborda não sabia de António de Holanda mais do que as referências de seu filho à invenção da iluminura a preto e branco, e ao retrato de Carlos V que encontrara no *Dicc. Hist.* de Bermudez e transcreveu em espanhol.

Cirilo seguiu Taborda, sem o citar, nem acrescentar nada de novo. O Patriarca não lhe dedicou artigo especial.

O artigo de Raczinski (*Dic.*, p. 134-136) devido à colaboração de Juromenha é quási uma biografia definitiva.

Sousa Viterbo não dedicou ao nosso artista artigo especial. O sr. Joaquim de Vasconcelos e Vieira Guimarães *(A Ordem de Cristo)* não acrescentaram documentos novos.

António de Holanda devia gozar já grande crédito no tempo de D. Manuel que o nomeou seu passavante, na vaga deixada por o pintor Francisco Henriques, morto de peste em 1518, apesar de haver prometido o lugar ao pintor Garcia Fernandes com a condição de casar com uma filha de Francisco Henriques. Continuou no mesmo lugar em tempo de D. João III.

D. João III por carta de 5 de Março de 1527 deu-lhe uma pensão anual de 10.000 reais.

Para o infante D. Fernando fez uns desenhos que foram iluminados por Simão de Bruges.

D. Isabel, a irmã de D. João III que casou com Carlos V mandou-o ir a Toledo de propósito para retratar o imperador. Nessa viagem, em que foi acompanhado por seu filho Francisco de Holanda fez as miniaturas do imperador Carlos V, da imperatriz D. Isabel e do infante que mais tarde devia ser Felipe II, ao colo de sua mãe. Deve por isso a viagem de Holanda ter sido depois de 21 de Maio de 1527, data do nascimento de Felipe II.

Em Novembro de 1533, 1534, 1535 e 1536 trabalhou para o convento de Tomar, para onde iluminou dois volumes de *Dominicaes* e um Psaltério.

Vivia ainda em 1551. Ignora-se a época da sua morte. Era porém já falecido em 1571.

Francisco de Holanda

Cirilo supôs erradamente que F. de Holanda fizera duas viagens à Itália uma na sua juventude sendo criado do infante D. Fernando e do Cardial D. Afonso, e outra por mandado de D. João III.

Êste êrro é uma má interpretação do texto de Holanda feito por monsenhor Guido.

«... eu fui o primeiro que neste Reino, escreve o iluminador, louvei e apregoei ser perfeita a Antiguidade, e não haver outro primor nas obras, e isto em tempo que todos quási querião zombar d'isso, sendo eu moço e servindo ao Ifante Dom Fernando e ao serenissimo Cardeal Dom Affonso, meu senhor. E o conhecer isto me fez desejar de ir ver Roma, e quando della tornei, não conhecia esta terra, como quer que não achei pedreiro nem pintor que não dixesse que o antigo (a que elles chamão modo de Italia) que esse levava a tudo; e achei-os a todos tão senhores disso, que não ficou nenhuma lembrança de mi».

Êste texto porém o que quer dizer é que, *antes da viagem à Itália*, já Francisco de Holanda estava convencido da excelência da arte antiga e isso lhe fizera *desde então* desejar uma viagem a Roma, e quando voltara encontrara já toda voltada para o antigo a opinião que deixara tão contrária a êle.

Antes dessa viagem, mostrara êle a André de Resende as inscrições romanas do jardim do Paço de Santos que o douto humanista e antiquário não conhecia.

O talento de Francisco de Holanda fôra muito precoce. André de Resende chamava-o *juvenis, admirabili ingenio, & Lusitanus Apelles.*

A mudança que se deu na opinião portuguesa sôbre o valor da antiguidade não se explicaria com uma viagem pequena, como não poderia deixar de ser a primeira, que teria àlém disso de pôr-se, sem probabilidades de acertar, antes dos seus 20 anos em que fez a sua viagem à Itália por mandado de D. João III.

Taborda tem várias citações que o sr. Joaquim de Vasconcelos qualifica de *originais* e me parecem muito sujeitas a contestação.

É de Taborda a atribuïção das iluminuras dos livros de côro do convento de Tomar a Francisco de Holanda.

Nos livros de despesa do convento não se acham referências senão a António de Holanda seu pai.

Parte dêsses livros pertencem ao sr. Joaquim de Vasconcelos que não publicou trabalho algum sôbre êles e os atribui aos dois Holandas numa citação acidental.

Atribui também Taborda a Francisco de Holanda um retrato da infanta D. Maria que mereceu um epigrama de Manuel da Costa, publicado com outros versos seus em Coimbra em 1552.

Os epigramas de Manuel da Costa fazem referência aos projectos anteriores de casamento da infanta *(scis ut consortem iam dudum fata laborant | Huic Mariæ, et dignum vix reperire queant?)*, o monarca a quem o retrato se destinava era D. Felipe II *(summi principis)*.

As negociações do casamento duraram de 1549 a 1552 época em que Francisco de Holanda estava em toda a celebridade da sua viagem recente a Itália.

Parece depreender-se do epigrama de Manuel da Costa que o retrato fôra pintado em madeira (tabula), mas não nos parece que tais versos possam excluir formalmente a hipótese de uma miniatura em pergaminho.

Cirilo, na fé de Taborda atribui ao pintor o Baptismo de Santo Agostinho que, no seu tempo possuía a família Saldanha.

Raczinski supõe que seja êste o único quadro que possa atribuir-se a Francisco de Holanda.

Este quadro é atribuído ao pintor pelo testemunho de D. Fernando Álvares de Castro (4 de Maio de 1641), e existia ainda no tempo de Raczinski que escreveu dêle: *Il faut aussi, je crois, ajouter foi à ce que le document* (testamento) *rapporte sur le* François de Hollande. *Je ne saurais en juger par analogie, car je ne connais aucun autre ouvrage de cet artiste, et je ne sache pas qu'il en ait faite d'autres, mais c'est d'un faire qui atteste le peu d'habitude qu'il avait de peindre à l'huile, et de traiter des sujets historiques; il montre clairement l'influence de l'Italie; il est en même temps évidemment l'œuvre d'un artiste qui a consacré sa vie à l'étude des arts, et qui avait les grands exemples de l'époque classique, présens à la memoire. Ce tableau représente* le

baptême de de saint Augustin, *par saint Ambroise, en présence de sainte Monique et d'autres saints. Les physionomies ne manquent pas d'expression* (*Lettres*, p. 277).

Numa nota e analizando o texto de Guarienti que diz de F. de Holanda *molto dipinse non meno né palagi reali, che nelle chiese,* escreveu Raczinski: *Un* enlumineur *peut avoir fait des tableaux à l'huile et des fresques dans de grandes dimensions, et d'enlumineur être devenu peintre d'histoire, mais cela n'est pas vraisemblable* (*Lettres*, p. 323).

Cirilo mantém sôbre as pinturas possíveis de Holanda, a mesma prudente reserva.

O sr. Joaquim de Vasconcelos atribui a Francisco de Holanda um quadro em que está representada toda a família de D. João III sob o manto de Nossa Senhora, existente no mosteiro de Belém e que reproduziu na última edição dos *Diálogos* (p. 240, f. 75) sem apresentar provas e não me parece que as possa ter concludentes.

INDICE ALFABETICO

DOS

Pintores, Architectos, Esculptores, e Gravadores mais insignes de que se faz menção nestas Memorias, notando-se cada hum delles com a letra inicial da sua Arte.

	Paginas
Affonso Sanches Coelho, P.	53
Alexandre Giusti, E.	208
Amaro do Valle, P.	56
André Reinozo, P.	59
André Gonsalves, P.	70
André Contucci Sansovino, E.	199
Antonio Campelo, P.	44 e 279
Antonio de Holanda, P.	48 e 285
Antonio Moro, P.	51
Antonio Machado Sapeiro, P.	69
Antonio Joaquim Padrão, P.	90
Antonio Francisco Roza, A.	195
Antonio Ferreira, E.	205
Antonio Fernandes Rodrigues, G.	230
Antonio Sesinando, G.	237
Abbade Apparicio, P.	87
Archangelo Foschini, P.	115
Bartholomeo Antonio Calisto, P.	»
Bartholomeo de Cardenas, P.	56

Paginas

Benjamin Comte, G. 231
Bento Coelho da Silveira, P. 67
Mr. Bernardo Foit, P. 174
Bruno José do Valle, P. 98
Carlos Mardel, A. 154
Christovão Lopes, P. 54
O Coxinho, G. 233
Cyrillo Volkmar, P. 243
Diogo Pereira, P. 60
Diogo Magina, P. 171
Diogo Teixeira, P. 54
Domingos Vieira Serrão, P. 57
Domingos da Cunha, P. 59
Domingos da Roza, P. 88
Domingos Peligrini, P. 109
Domingos Antonio de Sequeira, P. 118
Duarte d'Armas, P. . . . . 44 e 270
Eleuterio Manoel de Barros, G. 235
Eugenio dos Santos de Carvalho, A. 152
Faustino José Rodrigues, E. 239
Feliciano Narciza, P. 155
Feliciano de Almeida, P. 64
Abbade D. Filipe de Juvara, A. 142
Fernão Gomez, P. 54
Felis Salla, E. 217
Felis da Costa Meesen, P. 66
Felisberto Antonio Botelho, P. 110
Francisco de Holanda, P. . . . . 48 e 285
Francisco Vieira Lusitano, P. 79
Francisco Pinto Pereira, P. 86
Francisco de Setubal, P. 99
Francisco Vieira Portuense, P. 111
Francisco da Silva, P. 146
Francisco Xavier Lobo, P. 166
Francisco de Figueiredo, P. 169
Francisco Xavier Fabri, A. 182

Paginas
Francisco Bartolozzi, G. 231
Gaspar Dias, P. . . . . 46 e 281
Gaspar Froes Machado, G. 229
Gregorio de Barros Vasconcelos Amador das Bellas Artes . . . 159
Gregorio Francisco Queirós, G. 235
Gregorio Lopes, P.. . . . . 47 e 283
Germano Antonio Xavier de Magalhães, A. 195
Honorato José Correa de Macedo e Sá, A.. 196
Jacome Anzolini, A. 151
Jeronimo da Silva, P.. 76
Jeronimo de Barros Ferreira, P. 101
Jeronimo de Andrade, P.. 165
Jeronimo Gomes Teixeira, P. 172
Ignacio de Oliveira Bernardes, P. 73
Ignacio da Piedade e Vasconcelos, E. 202
Joanna do Salitre, P.. 106
João Pedro Volkmar, P. 83
João Gresbante, P. 63
João Clama Strabile, P. 107
João Castagnola, P. 121
João Frederico Ludovice, A. 140
João Nunes de Abreu, P.. 145
João Carlos Bibiena, A. 149
João Pillement, P. 168
João Thomaz da Fonseca, P.. 192
João de Deos Moreira, P. 196
João Antonio de Padua, E.. 201
O Padre João Chrisostomo Policarpo da Silva, E.. 206
João Grossi, E. 215
João José de Aguiar, E. 221
João Gomes Baptista, G. . . . . »
João de Figueiredo, G. 223
João Caetano Rivara, G. 236
João Teixeira Pinto, E. 240
Joaquim Machado de Castro, E.. 212
Joaquim José de Barros Laborão, E.. 219

Paginas

Joaquim Carneiro da Silva, G. 225
Joaquim Marques, P. 184
Joaquim Manoel da Rocha, P. 92
José de Avelar Rebello, P. 60
José da Costa Negreiros, P. 89
José Throno, P. 102
José da Cunha Taborda, P. 116
José Viale, P. 120
José Bernardes, P. 156
José Antonio Narciso, P. 175
José da Costa e Silva, A. 187
José Carlos Binheti, A. 190
José Manoel de Carvalho e Negreiros, A. 193
José Francisco Ferreira, P. 194
José de Almeida, E. 203
José Teixeira Barreto, G. 238
Josefa de Obidos, P. 61
Mr. Larre, A. 143
Lourenço da Cunha, P. 156
Luiz Alves de Andrade, P. 58
Luiz Baptista, P. 164
Luiz José Pereira Resende, P. 122
Manoel de Castro, P. 64
Manoel de Matos, P. 107
Manoel Caetano de Sousa, A. 177
Manoel da Costa, P. 179
Manoel Piolti, A. 190
Manoel Pereira, E. 200
Manoel Marques de Aguilar, G. 237
O Major Manoel da Costa Negreiros, A. 164
Marcos da Cruz, P. 63
Marquez de Monte Bello, P. 65
Matheus Vicente, A. 158
Maximo Paulino dos Reis, P. 122
Morgado de Setubal, P. 176
Nicoláo Luiz Alberto de la Riva, P. 178

Paginas

O Cav. Nicoláo Servandoni, P. 148
Pedro Alexandrino de Carvalho, P. 95
Pedro Antonio Quillard, P. 77
Pedro Guariente, P. 78
Perigrino Parodi, P. 85
Reynaldo Manoel, A. 160
Roque Vicente, P. 90
Mr. Rosa, P. 170
Simão Caetano Nunes, A. 161
Simão Francisco dos Santos, G. 224
Simão Rodrigues, P. 55
Os Serras, P. 147
Timotheo Verdier, P. 196
Throno pequeno, P. 108
Vanegas, P. . . . . 48 e 285
Gr. Vasco de Viseu, P. . . . . 39 e 263
Vicente Baccareli, P. 144
Vicente Tacquesi, E. 218

Paginas.	Erros.	Emendas.
2	dois	dous.
4	correto	correcto.
10	Salvagens	Selvagens.
10	Zeuis	Zeuxis.
11	despostos	dispostos.
13	compuserão	composerão.
16	Murilho	Murillo.
19	portuguezes	Portuguezes.
51	Utrectt	Utrecht.
67	Utrectt	Utrecht.
72	Guillard	Quillard.
74	Portugueza	Portuguezes.
75	Jacomo	Jacome.
86	se	he.
92	sen	seu.
102	Fuduresnoy	du Fresnoy.
105	Roulhs	Roulks.
112	Froes Jacome	Fernandes Jacome.
117	he	e.
117	e	he.
132	contanto	contento.
155	excetuados	executados.
158	bom Mestre	bons Mestres.
205	Feliz	Felis.
234	se lhe	lhe.
239	Nimfas	Ninfas.
246	erão fiz	fizerão.

Alguns outros descuidos de virgulas, pontos, faltas, ou trocas de letras supprirá o Leitor.

'OLKMAR
MACHADO

COLLECÇÃO
DE
MEMORIAS

1922

EDIÇÕES
DA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
(EXTRACTO DO CATÁLOGO)

Publicadas:

ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE — Livro primeiro dos Brasões da Sala de Sintra. vol. I.

Em papel Vergé . . . . . 25$00

DR. ANTONIO DE VASCONCELOS — Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão, esposa do rei lavrador D. Dims de Portugal. 2 vols. broch. 14$00.

COELHO DA ROCHA — Ensaio sobre a história do Govêrno e legislação de Portugal, para servir de introdução ao estudo do direito pátrio. 7.ª ed., 1 vol. broch. 1$50.

DR. ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA — Documentos para a história dos jesuitas em Portugal. 1 vol. broch. 2$50.

—— Antonio Homem e a inquisição. 1 vol. broch. 1$50.

MOTA VEIGA — Esboço histórico-literário da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra em comemoração do centenário, reforma e restauração da mesma Universidade efectuada pelos sabios Estatutos de 1772. 1872, 1 vol. broch. $90.

SIMÕES DE CARVALHO — Memória Histórica da Faculdade de Filosofia. 1872. 1 vol. broch. $90.

CASTRO FREIRE — Memória histórica da Faculdade de Matemática nos cem anos decorridos desde a reforma da Universidade em 1772 até o presente. 1872, 1 vol broch. $60.

MIRABEAU — Memória histórica e comemorativa da Faculdade de Medicina nos cem anos decorridos desde a reforma da Universidade até o presente. 1872, 1 vol. broch. $90.

CAVALEIRO DE OLIVEIRA — Discours pathétique au sujet des calamités présentes arrivées en Portugal. Em linho, 7$00; em papel de algodão. 2$50

A sair:

DAMIAM DE GOES — Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanvel. Conforme a ed. *princeps*, vols I e II.

—— Chronica do Principe Dom Ioam. Conforme a ed. *princeps*.

ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE — Livro Segundo dos Brasões da Sala de Sintra.

D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS — Estudos sobre a Lírica Camoniana. I — O Cancioneiro Fernandes Thomaz.

JOSE FELIX HENRIQUES NOGUEIRA — Estudos sobre a reforma em Portugal.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA — Historia do descobrimento, e conquista da India. Rev. pelo sr. Pedro d'Azevedo.

COMMENTARIOS DO GRANDE AFONSO D'ALBUQUERQUE. Conforme a 2.ª ed. Rev. e prefaciada pelo Dr. Antonio Baião.

BERNALDIM RIBEYRO — Hystoria de Menina e Moça. Conforme a ed. de Ferrara. Ed. prep. por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos.

ITINERÁRIOS QUINHENTISTAS DA INDIA A PORTUGAL POR TERRA — Rev. e prefaciados pelo Dr. Antonio Baião.

GUILHERME DE AZEVEDO — Alma Nova.

RIBEIRO SANCHES — Cartas sobre a educação da mocidade. Rev. e prefaciada pelo Dr. Maximiano de Lemos.

Pedidos à — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 0970